

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

Ivan Rocha da Silva

A ESTRUTURA ARGUMENTAL DA LÍNGUA KARITIANA:
DESAFIOS DESCRITIVOS E TEÓRICOS

versão corrigida

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

Ivan Rocha da Silva

A ESTRUTURA ARGUMENTAL DA LÍNGUA KARITIANA:
DESAFIOS DESCRITIVOS E TEÓRICOS

Dissertação de mestrado apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto

“de acordo”

versão corrigida

São Paulo
2011

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR: ROCHA, Ivan. (Ivan Rocha da Silva)

TÍTULO: A estrutura argumental da língua Karitiana: desafios descritivos e teóricos

Dissertação de mestrado apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto

Banca Examinadora

Aprovado em:

Profa. Dra. Luciana R. Storto – Presidente
Instituição: USP - Orientadora

Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão – Titular
Instituição: USP

Profa. Dra. Ana Vilacy Galucio – Titular
Instituição: Museu P. Emílio Goeldi - Externo

ESSA PESQUISA FOI APOIADA PELO CNPq – CONSELHO NACIONAL DE
DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
PROCESSO 134949/2009-9

OS TRABALHOS DE CAMPO REALIZADOS FORAM FINANCIADOS PELO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL/
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA – CAPES/PROEX

Dedicatória

À minha irmã Margarida (*in memoriam*).

Agradecimentos

Agradeço à professora Luciana Storto pela valiosa orientação desde os tempos de Iniciação Científica (2006) até o mestrado (2011), pelas valiosas aulas das disciplinas de “Fonética e Fonologia”, “Língua Não Indo-Européia I e II” e pela disciplina da pós-graduação: “Estrutura Argumental, Caso e Concordância à Luz das Línguas Indígenas Brasileiras: Avaliando as Teorias de Ken Hale”. Agradeço pelo estímulo nos momentos academicamente difíceis, pela compreensão perante as minhas falhas, por estar sempre presente nessa jornada de pesquisa e pela preocupação. A sua competência profissional e acadêmica somadas ao seu alinhamento ético, seu carisma, bom humor, dedicação e preocupação foram e são muito importantes para o desenvolvimento deste trabalho. Finalizo dizendo que a maior parte do conhecimento adquirido durante a minha jornada aqui devo, de certa forma, a ela.

Agradeço ao povo Karitiana sem o qual essa pesquisa não se realizaria. Em especial, agradeço ao Cacique Karitiana, à Associação Akot Pytim Adnipa do Povo Indígena Karitiana, aos meus amigos João Karitiana, Inácio Karitiana, Cláudio Karitiana, Luiz Karitiana, Geovaldo Karitiana, Marcelo Karitiana, “Toninho” Karitiana, e a todos os professores da escola indígena Karitiana.

Agradeço à professora Evani Viotti pelas valiosas contribuições dadas a essa pesquisa desde a avaliação e sugestões na banca de qualificação, passando pelos comentários nas apresentações do Enapol até o apoio sempre dado para os trabalhos de campo.

Agradeço à professora Esmeralda Negrão pelas contribuições dadas ao meu trabalho. Agradeço pelos valiosos comentários e sugestões no exame de qualificação. Agradeço ainda por ter aceitado participar da banca examinadora.

A Ana Vilacy Galucio por aceitar avaliar a minha dissertação. Em especial, agradeço-lhe pela leitura e valiosa arguição de meu trabalho e principalmente pelos comentários enriquecedores.

Agradeço à professora Ana Müller pelas contribuições a esse trabalho. Agradeço por acompanhar o nosso trabalho e por nos incentivar sempre. Aproveito para agradecer a todos do grupo de Semântica Formal e do Grupo de Línguas Indígenas.

Agradeço ao professor Jairo Nunes por ter lido o meu esboço sobre as construções passivas. Pelos seus comentários e contribuições, pelas sugestões bibliográficas.

Agradeço aos professores do departamento de Linguística da USP pelas contribuições a esse trabalho, seja elas direta ou indiretamente. Aos professores Alessandro Medeiros, Ana Paula Scher (e a todos do GREMD pela contribuição), Margarida Petter (ao GELA), Marcelo Ferreira (pelo maravilhoso minicurso de Semântica Formal na ABRALIN 2011), Raquel Santos, Elaine Grolla, Maria Aparecida, Maria Vicentina, Ronald Beline, Cristina Altman, Norma Discini, Paulo Chagas.

Agradeço à Coordenadoria da Pós-Graduação em Linguística (Prof. Dr. Waldir Beividas e o Prof. Dr. Marcelo Modesto) pelo apoio dado a esse projeto.

Agradeço ao CNPq e a CAPES pela bolsa e o apoio concedido a esse projeto durante o mestrado. Agradeço à Fundação Volkswagen do Brasil e a Volkswagen do Brasil pelas bolsas concedidas durante os 5 anos de graduação.

Agradeço aos Representantes Discentes Indaiá Bassani e Sueli Ramos pela atuação.

Agradeço aos colegas e amigos do Departamento de Linguística/USP (Grupo de Línguas Indígenas, Semântica Formal e GELA) Karin Vivanco, Jéssica, Lyvia Felix, Thiago Coutinho, Mariana Resenes, Letícia Nobrega, Andrea Carvalho, Bruno Okoudowa, Marcus Lunguinho, Paula Armelim, Indaiá Bassani, Julio Barbosa, Thaís Bolgueroni, Sonia Lindblom, Talita, Leonor Simioni, Rerisson Cavalcante, Roberlei Bertucci, Rafael Minussi, Maria de Fatima Baia, Lara Frutos, Luciana Sanchez, Aline Garcia Rodero, Fabiana Bonfim, Lívia Oushiro, Ivanete Belém, João Paulo Cyrino, Carol Petersen, Renata Carneiro, Daniel Peres, Lúcia da Silva, Mariana Persirani, Michel Navarro, Carolina Tomasi.

Aos secretários do Departamento de Linguística da USP, Érica, Robson e Ben Hur.

Em Porto Velho, ao Célio e sua esposa Helena e à Ludymilla e seu filho Breno, pelo apoio.

Agradeço a Angela Chagas (e Clemilson) e Maria Luiza Freitas pelas bons momentos, comentários, sugestões e também pelas agradáveis conversas.

Agradeço aos meus pais Antônio Alves e Cleusa Cruz e Carmosina Brito e a toda a minha família, incluindo irmãos, irmãos-primos, cunhados, sobrinhos: Carlos, Iara, Vando, Neide, Margarida, Antenor, Adelson, Maria Aparecida, Adeilton, Dudú e Luisa, Vitória e Isabela, Michaele e Ruan, Cristiane, Simone, Siana, Andrinho, Valmor, Bartô, Valdemir, Edvan, Rayelle, Sinho, Luis, Vivaldo, Luisete, Luizete, Lucinete, Edivaldo, Luiz, Rosilda.

Agradecimento super especial aos meus grandes amigos desde as eras de ouro da graduação: Péricles, A Mariane (incentivadora e parceira das corridas), Renata Callari (“Renatinha”, por todos os bons momentos), Paulo Pascale, Karol Pimentel (a “Karolzinha”, sempre presente e pelo imenso carinho), Anderson Costa, Jacqueline Brizida, Silvio D’Onofrio, Tatiana Capell (a do “meu Rei”, inesquecível companhia, sempre preocupada, estando longe ou perto), Patrícia Flores (a Florzinha), Cassia Land (pelas grandes risadas), Roberta Claro, Vivianne Gnutzmann, Bijú, Erica, Paulão, Letícia, Elis (pelos maravilhosos vinhos do Porto, por me dá tanto ‘trabalho’), Leylianne Ferreira, Dan e Priscila (por aqueles churrascos maravilhosos).

Aos grandes e super especiais amigos da era de ouro pós: (pela ordem de chegada) Samarone Marinho (o nosso querido poeta maranhense) e família, Paulo e família (meu irmão-intruso-ídolo 1, nosso poeta dos versos indecentemente malditos...) e Maracajaro (meu irmão-intruso-ídolo 2, fonte das minhas inspirações nas lidas femininas...), Odaléia (pelos maiores momentos mais descontraídos), Fernanda Nogueira e família (colega e amiga especial das longas e sofridas jornadas, por ter sido uma fonte de descobertas de grandes amigos), Gleidson (aos lanches e cafés madrugadeiros, esse é outro ídolo que está entrelaçado entre o 1 e o 2), Luciana Borges, Fiorela Ornellas, Nahim, Bia, Jane Roberta, Suzana, Joana Areas, Francisco, Gustavo, Thiago, Loukou Maurice, Bruno, Diego, Vitória Regia (que susto nos deu, menina!), Luara, Amauri, Eliane, Silmara, Ana, Sunamita, Cynthia Nogueira (a manipuladora 1,5), Fernanda Aires, Vinicius Bittencourt, Carmen.

Aos grandes e maravilhosos amigos de Belém: a querida Beth (a da Silva, pela agradável e inesquecível companhia), Izabel (recessiva aa, a manipuladora 2,1), Reinaldo (da Silva Pinto), Aood (o da Silva), dona. Graça, a seu Zé (pai da Fernanda), Fabiane e Denis, Fernanda ‘Wayoro’ e Fernanda ‘Karo’, Carol Alves, Léo, Adriano, Rafael, Dani, “Sukita”, César, Silvana, Renata Maria, Alan.

Às novas personagens Polly Annabel, Lorena Orjuela...

A Paula Lavieri pelas maravilhosas aulas de corrida e pelo grande incentivo. A todos que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente . A todos os frequentadores (desse ou de outros mundos) do famigerado 501, ex-509, e F-térreo.

Finalizo, oferecendo meu maior agradecimento a Fernanda Nogueira pelas imensas contribuições a essa dissertação, pelas discussões linguísticas, por ouvir sempre as minhas besteiras, a Paulo Jeferson pela parceria e contribuição, ao Maraca (o leigo, economista de

formação e linguista de essência) pela leitura e comentário de meu trabalho e discussão acerca dos dados e da teoria.

RESUMO

ROCHA, Ivan. **A estrutura argumental da língua Karitiana: desafios descritivos e teóricos**. 220 páginas. Orientadora: Profa. Dra. Luciana Storto. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

Esta dissertação tem por objetivo descrever a estrutura argumental da língua Karitiana (grupo Tupi, família Arikém, aproximadamente 400 falantes) em uma perspectiva descritiva e teórica. Nesse trabalho, buscou-se o desafio de descrever as classes verbais da língua com base em uma teoria formal: a teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002). O trabalho encontra-se dividido em duas partes. Na parte I, descreve-se a morfossintaxe das classes verbais. Na parte II, foram analisadas, em termos de estrutura argumental, as evidências morfossintáticas notadas no padrão verbal. A segunda parte, ainda, oferece uma análise preliminar para a estrutura passiva impessoal em Karitiana, dentro da teoria Gerativa. A transitivização, a passivização, a construção de cópula e o padrão de concordância funcionam como evidências morfossintáticas para descrever classes verbais na língua. Todos os verbos intransitivos podem ser afetados pela causativização sintética (transitivização) através de um morfema causativo {*m-*} que permite a adição de um argumento externo (o sujeito agente ou causa) a uma sentença intransitiva, tornando-a transitiva. Através do morfema de passiva impessoal em Karitiana, é possível transformar um verbo biargumental em monoargumental, apagando o sujeito original da sentença transitiva. O morfema de passiva é adicionado apenas a um verbo minimamente biargumental ou a um verbo intransitivo que tenha sido antes transitivizado via {*m-*}. A construção de cópula nesta língua apresenta uma estrutura bioracional (S Copula minioração) em que a cópula toma como complemento uma minioração. No núcleo desta minioração, pode entrar apenas um verbo intransitivo, um adjetivo ou um nome. O padrão de concordância ergativo-absolutiva é o último diagnóstico utilizado como evidência de valência na língua. Com base nestas evidências, foram descritas três classes verbais: uma classe de verbos intransitivos (formada por 3 subclasses: composta de intransitivos ‘comuns’, de intransitivos com objeto oblíquo e sujeito experienciador e, por último, a subclasse de intransitivos locativos), uma classe de verbos transitivos e uma terceira classe composta por verbos bitransitivos. Esta última tem um objeto direto com papel semântico ALVO e um objeto indireto, marcado obliquamente (com a posição *-ty*) com papel TEMA. Os verbos intransitivos com objeto oblíquo apresentam um comportamento especial, comportando-se, morfossintaticamente e em termos de alternância, como os demais intransitivos, mas projetando em sua estrutura um complemento oblíquo, o que leva a considerar que eles são sintaticamente intransitivos e semanticamente transitivos. Concluímos que todos os verbos intransitivos nesta língua têm o comportamento de verbos inacusativos do tipo alternante. Na proposta de Hale e Keyser, os verbos são formados, estrutural e hierarquicamente, a partir de duas estruturas básicas (*monádica* e *diádica*) nucleadas pelos núcleos verbais (V1 e V2). Deste modo, os verbos do Karitiana descritos como intransitivos são analisados como verbos *diádicos compostos*, em conformidade com suas propriedades alternantes. Os verbos intransitivos com objeto oblíquo e aqueles verbos intransitivos locativos foram analisados como verbos *diádicos compostos* com complemento oblíquo (P-complemento). Os verbos bitransitivos são analisados como *diádicos básicos*. Apenas os verbos transitivos em Karitiana podem ser analisados como *verbos monádicos*.

Palavras-chave: Karitiana; classes verbais; estrutura argumental; causativização; passivas

ABSTRACT

ROCHA, Ivan. **Argument structure in Karitiana: theoretical and descriptive challenges.** 220 f. Advisor: Luciana Storto, Ph.D. MA Thesis (Master's in Linguistics) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

This master's thesis aims to describe the argument structure in Karitiana (Tupi branch, Arikém family, about 400 speakers) both in a theoretical and in a descriptive perspective. In this work, the challenge is to describe the verb classes identified in Karitiana in the formal theory of argument structure proposed by Hale and Keyser (2002). The work is divided in two parts. In Part I, the morphosyntax of the verb classes is described. In Part II, the verb patterns were analyzed in terms of their argument structure. Still in this part, a preliminary analysis of the structure of the impersonal passive is presented, inside the Generativist framework. All intransitive verbs may be affected by the synthetic causativization (transitivization) in which a causative morpheme {*m-*} allows the addition of an external argument (the subject) to an intransitive sentence, transitivizing it. By the use of the impersonal passive in Karitiana it is possible to turn a bi-argumental verb into a mono-argumental one, causing the demotion of the initial subject and the promotion of the initial object to subject of the passive. The passive morpheme is added only to a transitive verb or to an intransitive verb which has been first transitivized via {*m-*}. The copular construction in Karitiana presents a biclausal structure (Subject + copular verb + small clause) in which the copular verb selects a small clause as its complement. Copular verbs can only select complements headed by nouns, adjectives or intransitive verbs. If a transitive verb is added to the head of the small clause, the sentence is ungrammatical. However, if a transitive verb has undergone a passivization process via {*a-*}, that verb may be the head of the small clause. The ergative-absolutive agreement pattern is also used as evidence of valency in Karitiana. Based on this evidence, three verbal classes were described: a large class of intransitive verbs (with three subclasses, one of 'common' intransitive verbs, another of intransitive verbs with oblique objects and experiencer subjects, and one of intransitive locatives), a class of transitive verbs, and a third class of ditransitive verbs. The latter presents a direct object with the semantic role GOAL, whereas the indirect object is a THEME, marked as oblique (with the postposition *-ty*). These intransitive verbs with an oblique object are part of a special subclass of intransitives because they behave, in terms of morphosyntax and valency, as other intransitive verbs, but they also project in their structure an oblique complement; it seems to be the case that they are syntactically intransitive and semantically transitive. We conclude that all intransitive verbs in Karitiana have the behavior of unaccusative verbs that may alternate. In Hale and Keyser's proposal, verbs are formed, in structural and hierarchical terms, from two basic structures (monadic and dyadic) headed by the verbal heads (V1 and V2). Thus, the Karitiana verbs described as common intransitives are analyzed as dyadic because of their alternation properties. The intransitives with oblique objects and the locative intransitives were analyzed as composite dyadic with oblique complements (P-complements). The ditransitive verbs are analyzed as basic dyadic, and only the transitive verbs in Karitiana may be analyzed as projecting monadic argument structures.

Keywords: Karitiana; verb classes; argument structure; causativization; passives

Lista de tabelas

Tabela 1 -	Protocolo de elicitación de verbos intransitivos.....	20
Tabela 2 -	Protocolo de elicitación de verbos transitivos.....	23
Tabela 3 -	Protocolo de elicitación de verbos bitransitivos.....	25
Tabela 4 -	Descrição detalhada de cada trabalho de campo realizado.....	29
Tabela 5 -	Disposição dos exemplos.....	31
Tabela 6 -	Lista geral de verbos.....	32
Tabela 7 -	Lista de verbos intransitivos que seguem o mesmo padrão dos paradigmas verbais de 1 a 4.....	73
Tabela 8 -	Lista de verbos intransitivos com objeto oblíquo.....	90
Tabela 9 -	Morfema de causativização e mudança de valência nas línguas da família Tuparí.....	94
Tabela 10 -	Lista de verbos transitivos.....	98
Tabela 11 -	Lista de verbos bitransitivos.....	103
Tabela 12 -	(a) Lista de verbos <i>location</i> do inglês.....	148
Tabela 13 -	(b) Lista de verbos <i>locatum</i> do inglês.....	149

Glosas

<v>	vogal epentética
1	marca de concordância de 1ª. pessoa
1s	pronome livre de 1ª. pessoa singular
2	marca de concordância de 2ª. pessoa
2s	pronome livre de 2ª. pessoa singular
3	marca de concordância de 3ª. pessoa
3s	pronome livre de 3ª. pessoa singular
ACC	acusativo
ADJVZR	adjetivizador
AFET	afetado
ANAF	pronome anafórico
ASSERT	assertivo (modo)
CAUS	causativizador
CFO	construção de foco do objeto
CFOD	construção de foco do objeto declarativo
CONC.ABS.COP	concordância absoluta
COP	cópula (partícula auxiliar)
COREF	partícula correferencial
DECL	declarativo (modo)
DUPL	duplicação de raiz
FUT	marca de futuro (tempo)
HAB	Habitual
IRR	irrealis
NFUT	não-futuro (tempo)
NMZ	nominalizador
O	objeto
Oexp	objeto experienciador
Onulo	objeto nulo
Oobl	objeto oblíquo
PASV	marca de passiva
POSS	pronome possessivo
PP	sintagma preposicional
S	sujeito
SC	minioração (Small clause)
Sexp	sujeito experienciador
Snulo	sujeito nulo
V	verbo
VP	sintagma verbal
vt	vogal temática

Sumário	Páginas
Introdução	15
Apresentação.....	15
Objetivo e hipóteses.....	17
Material e métodos.....	17
Trabalho de campo.....	28
Organização dos dados.....	31
Corpus.....	32
Parte I – Descrição das classes verbais	39
Introdução à parte I.....	40
Capítulo I – As evidências morfossintáticas	41
1 Critérios morfossintáticos para definir classes verbais na língua Karitiana	41
1.1 As evidências sintáticas e morfossintáticas.....	42
1.1.1 Padrão de concordância ergativo-absolutiva.....	42
1.1.2 Transitivização com o morfema causativo {m-}.....	47
1.1.3 Passivização com o morfema de passiva impessoal {a-}.....	50
1.1.3.1 Passiva do ‘tipo 1’ – com verbos transitivos e bitransitivos.....	50
1.1.3.2 Passiva do ‘tipo 2’ – com verbos transitivizados com {m-}.....	53
1.1.4 Construção de cópula.....	55
1.1.4.1 Breve introdução sobre a construção de cópula em Karitiana.....	55
1.1.4.2 A possibilidade de ocorrência de um verbo intransitivo em construções de cópula.....	56
Capítulo II – As classes verbais	59
2.0 Introdução ao capítulo.....	59
2.1 Verbos intransitivos.....	59
2.1.1 Verbos intransitivos com sujeito experienciador e objeto oblíquo.....	76
2.1.2 Considerações sobre a classe dos intransitivos.....	91
2.2 Verbos transitivos.....	95
2.3 Verbos bitransitivos.....	100
2.4 Algumas (pseudo-)irregularidades no padrão.....	103
2.4.1 O caso dos verbos <i>’obm, atat e eem</i>	103
2.4.2 Homofonia.....	112
2.4.3 Bloqueio lexical.....	115
2.4.4 Outros casos.....	120
Capítulo III – Transitivização e causativização na língua Karitiana	125
3.0 Introdução ao capítulo.....	125
3.1 Transitivização.....	125
3.2 Causativização de verbos transitivos.....	126
3.3 Causativização de verbos intransitivos transitivizados.....	131

Parte II – Análise teórica.....	134
Capítulo IV – Modelo teórico e análise dos dados da língua Karitiana.....	135
4.1 Teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002).....	135
4.1.1 Instrumental teórico.....	141
4.1.2 Núcleos verbalizadores V1 e V2 e a raiz R.....	142
4.1.3 A operação chamada de ‘conflation’.....	143
4.1.4 Discussão a respeito dos verbos locativos alternantes e não- alternantes.....	151
4.1.5 A teoria à luz dos dados das línguas.....	154
4.2 Os dados da língua Karitiana à luz da teoria.....	158
4.2.1 Estrutura da construção de cópula em Karitiana.....	160
4.2.2 Estrutura alternante responsável pela transitivização de verbo intransitivos.....	162
4.2.2.1 Os verbos com a estrutura diádica composta.....	163
4.2.2.2 Os verbos diádicos complexos <i>com projeção de um complemento</i> oblíquo.....	166
4.2.3 Proposta para verbos transitivos e bitransitivos.....	170
4.2.3.1 Verbos de estrutura monádica.....	170
4.2.3.2 Verbos de estrutura diádica básica.....	171
4.2.4 Verbo locativo alternante.....	174
Capítulo V – Sintaxe e estrutura argumental.....	177
5.0 Introdução ao capítulo.....	177
5.1 Breve nota sobre a sintaxe da língua Karitiana.....	177
5.2 Estrutura para verbos transitivos e intransitivos.....	180
5.3 Proposta para a construção passiva.....	185
3.3.0 Introdução à subseção.....	185
5.3.1 A construção passiva e a estrutura argumental.....	188
Considerações finais.....	197
Referências bibliográficas.....	200
Anexo.....	205
“Léxico verbal da língua Karitiana”.....	206

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO

Nesse trabalho, faremos um estudo das estruturas argumentais da língua Karitiana. Esta língua é falada pelo povo de etnia homônima (família Arikem, Tupi, sob o código ISO 639-3: Ktn, conforme Unesco), que habita a área indígena Karitiana localizada a 95 Km ao sul de Porto Velho. Seu último censo demográfico apontava para aproximadamente 320 habitantes (ISA, 2005). No entanto, em informação pessoal, Cláudio Karitiana faz uma estimativa de mais de 400 pessoas habitando a aldeia central e outra pequena comunidade¹. A língua é falada por todos os Karitiana como primeira língua, sendo que é falada como única língua pela maioria das crianças. As crianças Karitiana aprendem o português como segunda língua na escola indígena Karitiana (Cláudio Karitiana, informação pessoal)². Grande parte dos Karitiana adultos fala português como segunda língua. Os colaboradores que participaram dessa pesquisa são professores indígenas na aldeia e proficientes em português. Trabalhamos com 6 colaboradores, 3 dos quais estão matriculados no curso de “Licenciatura em educação básica intercultural” na Universidade de Rondônia, campus Ji-Paraná.

Optamos por organizar convencionalmente nossa dissertação em 3 partes. A seguir, descreveremos a estrutura do trabalho e mais à frente justificaremos a nossa escolha: na primeira parte descrevemos as classes verbais da língua Karitiana. Nessa primeira parte, fazemos uma descrição das classes verbais a partir de critérios morfossintáticos. Podemos dizer que existe uma classe de verbos intransitivos, uma classe de verbos transitivos e uma classe de verbos bitransitivos na língua. Os verbos intransitivos estão subdivididos em duas classes, uma que rotulamos de classe de verbos intransitivos ‘simples’ e uma segunda que separamos dos demais intransitivos por apresentarem um objeto oblíquo opcional e sujeito experienciador. Nesta primeira parte, são explicitados os testes sintáticos que evidenciam tais classes verbais.

Na parte II, expomos uma análise teórica dos dados que foram apresentados descritivamente na parte I. A análise fundamenta-se na teoria de estrutura argumental de Hale

¹ Apenas a aldeia central faz parte da terra demarcada pela FUNAI. A outra aldeia, ocupada recentemente, com o apoio da FUNAI, está em processo de demarcação.

² Cláudio Karitiana é um dos colaboradores indígenas que participaram desta pesquisa.

e Keyser (2002). Na parte II, capítulo V, discutimos, de modo preliminar, as estruturas sintáticas propostas para a construção passiva.

Entendemos que haja a necessidade de se fazer uma descrição do fenômeno linguístico estudado antes de propor qualquer análise teórica. Por outro lado, não podemos negar que por trás de nossa descrição haja pressupostos e consequências teóricas, e por isso surge a necessidade de correlacionar descrição e análise teórica neste trabalho. Na parte descritiva da dissertação, tomamos emprestados os termos utilizados na tradição gramatical, a saber, os rótulos *transitivo*, *intransitivo* e *bitransitivo*, que subsequentemente correlacionamos aos termos da teoria adotada, descritos brevemente abaixo.

Na parte II, analisamos as classes de verbos descritas acima, conforme a proposta teórica de Hale e Keyser (2002), de acordo com a natureza de sua configuração sintática, em termos de projeção argumental, levando em conta seu comportamento em alternâncias verbais. Os verbos transitivos se comportam como verbos ‘monádicos’, pois sua projeção lexical *monádica* (monoargumental) se resume ao verbo e seu complemento (o sujeito causa ou agente projeta-se apenas na sintaxe). Os bitransitivos se comportam como ‘diádicos básicos’ pelo fato de se comportarem como os verbos que projetam uma estrutura lexical *diádica básica* (dois argumentos) e os intransitivos, que sofrem a alternância causativo-incoativa, chamaremos de ‘verbos diádicos complexos’, pois, de acordo com a teoria, projetam uma estrutura lexical *diádica complexa*. Para os verbos intransitivos com objeto oblíquo e sujeito experienciador apresentaremos a proposta de uma estrutura derivada da diádica complexa. Portanto, chama-los-emos de ‘verbos diádicos complexos com complemento opcional oblíquo’.

A vantagem que encontramos na disposição estrutural da dissertação tal como está apresentada é a possibilidade de mostrar um conjunto de dados significativos, que reflita ao máximo o funcionamento das classes verbais e que também possibilite a exposição representativa do nosso método de elicitação de dados, além de proporcionar o uso do nosso trabalho como base para outros materiais para fins didático aos Karitiana e dentro do campo acadêmico proporcionar uma fonte de pesquisa a pesquisadores que não tenham interesses em ler o trabalho através da teoria adotada ou a pesquisadores que tenham interesses mais voltados para linhas formais.

A língua Karitiana foi estudada inicialmente por David Landin (1983; 1984; 1988), Rachel Landin (1982; 1987; 1989), Landin e Landin (1973) e subsequentemente por Storto (1999; 2000; 2001; 2002; 2003; 2008; 2009; 2010), Everett (2006), Coutinho-Silva (2008),

Müller (2009), Müller; Negrão (a sair)³, Müller; Sanchez-Mendes (a sair)⁴ Sanchez-Mendes (2009), Carvalho (2010).

OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo geral da nossa pesquisa é, portanto, fazer uma descrição das classes verbais da língua Karitiana, analisando os fatos através da teoria de Estrutura Argumental de Hale e Keyser (2002). Desta forma, visamos a oferecer uma análise formal e falsificável dos verbos descritos. A nossa hipótese descritiva é que há três classes de verbos na língua –intransitivos, transitivos e bitransitivos - uma das quais divide-se em duas subclasses (intransitivos simples e intransitivos com sujeito experienciador e objeto oblíquo).

Esperamos que o estudo da estrutura argumental da língua Karitiana apresentado aqui, à luz da teoria de Hale & Keyser (2002), contribua para o avanço do conhecimento sobre as línguas indígenas e para o desenvolvimento das teorias formais sobre a sintaxe e semântica verbal. A pesquisa apresentada nesta dissertação pretende colaborar com os estudos lingüísticos da seguinte maneira: utilizando-se de teorias formais para analisar os dados lingüísticos e ao mesmo tempo testar essas teorias, verificando se seus pressupostos e hipóteses dão conta dos dados observados.

Em nossa pesquisa, observamos um comportamento padrão nas classes verbais, ainda que existam algumas irregularidades. Assim, vamos trabalhar respondendo às seguintes questões: Quais foram os parâmetros utilizados para identificar a existência de um padrão nas classes verbais da língua analisada? Quais foram as irregularidades encontradas? E uma vez apontadas tais irregularidades, como resolvê-las?

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada em nossa pesquisa é a elicitación de paradigmas verbais organizados em um questionário de 14 sentenças. Essa elicitación busca encontrar primeiramente mecanismos morfossintáticos da língua. A elicitación de dados é baseada na

³ Müller, A; Negrão, E. V. On distributivity in Karitiana. Acesso em 22 de junho de 2011. http://www.fflch.usp.br/dl/anamuller/pdf/Distributive_Numerals.pdf

⁴ Müller, A; Sanchez-Mendes, L. O significado da pluracionalidade em Karitiana. Acesso em 22 de junho de 2011. http://www.fflch.usp.br/dl/anamuller/pdf/Pluracionalidade_para_Alfa.pdf

construção de contexto linguístico para se obter uma sentença na ‘língua-objeto’, doravante LO. Dessa forma, fornecemos aos consultores uma sentença em português, que é a metalíngua, doravante ML, a partir disso, oferecemos um contexto situacional e solicitamos a tradução a eles a fim de encontrar evidências morfossintáticas que nos permitam observar padrões, nesse caso, nas classes verbais.

As sentenças testadas são elaboradas em português com os verbos que pretendemos testar para obtermos os verbos correspondentes em Karitiana, a LO. Ou seja, primeiramente selecionamos conjuntos de verbos na ML, por exemplo, o conjunto 1, subdividido em dois subconjuntos: o dos verbos que são tradicionalmente conhecidos como inergativos (ou ativos) e aqueles dos verbos que são tipicamente conhecidos como inacusativos (ou estativos). O conjunto 2 é composto por verbos transitivos e o conjunto 3 é formado pelos verbos bitransitivos. Após uma primeira fase da elicitación, que foi uma fase basicamente de tradução de sentenças, notamos a possibilidade de haver 3 classes verbais na língua, e nenhuma diferença estrutural entre inergativos inacusativos.

Conjunto 1 – testes de verbos intransitivos

No conjunto 1, procuramos observar o comportamento sintático dos verbos intransitivos. Para isso, selecionamos basicamente 2 tipos de verbos intransitivos: inergativos (com sujeito agente ou controle do agente sobre o evento) e inacusativos (com sujeito paciente). O teste aplicado a estes verbos – a alternância causativo-incoativa - tem como objetivo checar se as duas classes de verbos intransitivos apresentam comportamentos sintáticos diferentes. Segue abaixo o teste proposto:

Subconjunto (a) – inergativos

- 1) X dançou/andou/correu/trabalhou
- 2) Y fez X dançar/andar/correr/trabaha ou Y dançou/andou/correu/trabalhou X
- 3) X foi dançado
- 4) fizeram X dançar

Subconjunto (b) – inacusativos

- 1) X chegou/morreu/amarelou

- 2) Y fez X chegar/morrer/amarelar ou Y chegou/morreu/amarelou X
- 3) X foi chegado
- 4) fizeram X chegar

Note que procuramos eliciar a sentença default para verbos monoargumentais em (1a) e em (1b). Em seguida, procuramos transitivizá-la adicionando a ela um segundo argumento ((2a) e (2b)). Feito isso, procuramos deixar implícito o agente ou a causa (ou seja, o sujeito lógico) como representado em ((3a) e (3b)), com o intuito de testar a construção passiva em verbos intransitivos. A representação em ((4a) e (4b)) visa a testar a construção passiva impessoal.

Conjunto 2 – teste de verbo transitivo

Aqui, atentamos para um teste que descreve os verbos transitivos, eis as representações abaixo:

- 1) X comeu/cortou/matou Y
- 2) X comeu/cortou/matou
- 3) Comeu/cortou/matou Y
- 4) Y foi comido/cortado/morto

Em (1), apresentamos a estrutura de uma sentença default SVO para o português. Em alguns casos, procuramos alternar a ordem dos constituintes. Em (2), procuramos observar se há possibilidade de se apagar o objeto. Já em (3), atentamos para o apagamento do sujeito. A representação em (4) foi elicitada para checar a existência ou não de passivas.

Conjunto 3 – Verbos bitransitivos

Para os verbos bitransitivos fizemos a representação de testes usando dois verbos prototipicamente bitransitivos. Observe o paradigma abaixo:

- 1) X deu/presenteou Y para/com Z
- 2) X deu/presenteou Y
- 3) X deu/presentou para/com Z
- 4) Y foi dado/presentado para/com Z

Em (1), apresentamos a representação de uma sentença bitransitiva em sua estrutura default, ou seja, na qual dois complementos são selecionados pelo verbo. O verbo, nesse caso, seleciona como complemento argumentos [TEMA; ALVO]. Em (2), o teste refere-se ao apagamento do argumento alvo ou fonte. Em (3), testamos a possibilidade de apagamento do tema. Já em (4), a representação procura testar a possibilidade de ocorrência da voz passiva com verbos bitransitivos.

Os testes descritos acima foram aplicados através de um questionário contendo 14 sentenças. Observamos as evidências morfossintáticas (cf. Cap. 1) que foram manifestadas com o teste de alternância sintática, ou seja, de mudança de valência. A partir de então, a elicitación passou a ser feita com sentenças na LO, controlada por contexto linguístico, ao invés de sentenças na ML. Essas sentenças foram submetidas ao julgamento dos nossos colaboradores indígenas que as avaliaram como gramaticais ou agramaticais.

Vale ressaltar que a noção de alternância é de grande importância para o entendimento das informações contidas nas projeções estruturais das raízes verbais. É através dos testes de alternância apresentados que identificamos as diferentes classes verbais.

Voltemos, portanto, ao protocolo de elicitación. A tabela 1 refere-se aos testes elaborados na LO. Tais testes foram aplicados em vários contextos sintáticos da língua. Salientamos que foi seguido criteriosamente esse protocolo na elicitación dos paradigmas verbais analisados na pesquisa referente a este projeto. O protocolo de elicitación foi subdividido em 3 partes específicas, a saber: na tabela (1), temos o protocolo utilizado para elicitación verbos intransitivos, na tabela (2) e (3) os protocolos para elicitación verbos transitivos e bitransitivos, respectivamente.

Tabela 1 – Protocolo de elicitación de verbos intransitivos

PROTOCOLO DE ELICITAÇÃO DE VERBOS INTRANSITIVOS PARA TESTE DE ALTERNÂNCIA NA LÍNGUA KARITIANA				
SEQUÊNCIA	ESTRUTURA VERBAL			DESCRIÇÃO
1	Py(ry)-V-T	S		default (VS)
2	py(ry)-a-V-T	S		passiva (VS)
3	py(ry)-m-V-T	O	S	transitivizado (VOS)
4	py(ry)-a-m-V-T	S		passiva de v. transitivizado (VS)
5	S	na(ka)-V-T		ordem (SV)
6		na(ka)-V-T	S	ordem (VS)

7	S	na(ka)-m-V-T	O	transitivizado em decl. (SVO)
8		na-a-V-T	S	passiva no modo decl. (VS)
9		na-a-m-V-T	S	passiva v. transitivizado no modo decl. (VS)
10	S	na-aka-T	i-V-t/∅	cópula (S+AUX+SC)
11	S	na-aka-T	i-a-V-t/∅	passiva em cópula (S+AUX+SC)
12	S	na-aka-T	i-a-m-V-t/∅	passiva em cópula transitivizada
13	S	na-aka-T	i-m-V-t/∅	cópula transitivizada
14	S ARG-OBL	na-m-V-T	O AUX	estrutura causativa de verbos transitivizados (SVO+AUX+ARG-OBL)

Py(ry) – modo assertivo; *na(ka)* – modo declarativo; *V* – raiz verbal; *T* – marca de tempo em assertivo; *t/∅* - marca de tempo no modo declativo; *aka* – cópula, *a-* marca de passiva; *m-* marca de causativo; *S* – sujeito; *AUX-* auxiliar *typoong* para verbos transitivizados; *i-* nominalizador; *O* – objeto; *ARG* – argumento; *OBL* – oblíquo.

A tabela 1 reflete o paradigma verbal exemplificado abaixo:

Verbo *se’y* ‘beber’ no modo assertivo

- 1) y-pyry-se’y-dn yn
1-ASSERT-beber-NFUT eu
eu bebi
- 2) *∅-pyr-a-se’y-dn kytopo
3-ASSERT-PASV-beber-NFUT chicha
- 3) ∅-pyry-m-se’y-dn taso ãonso
3-ASSERT-CAUS-beber-NFUT homem mulher
‘a mulher fez o homem beber’
- 4) ∅-pyr-a-m-se’y-dn taso
3-ASSERT-PASV-CAUS-beber-NFUT homem
‘fizeram o homem beber’

Verbo *se’y* ‘beber’ no modo declarativo – mono-oracional

- 5) *taso ∅-na-se’y-t
homem 3-DECL-beber-NFUT
o homem bebeu

- 6) Ø-nase'y-t taso
3-DECL-beber-NFUT homem
'o homem bebeu'
- 7) taso Ø-na-m-se'y-t ãonso
homem 3-DECL-CAUS-beber-NFUT mulher
'o homem fez a mulher beber'
- 8) *Ø-na-a-se'y-t ese/taso
3-DECL-PASV-beber-NFUT água/homem
- 9) Ø-na-a-m-se'y-t ãonso
3-DECL-PASV-CAUS-beber-NFUT mulher
'fizeram a mulher beber'

Verbo se'y 'beber' no modo declarativo – construção cópula

- 10) ãonso Ø-na-aka-t i-se'y-t
mulher 3-DECL-COP-NFUT NMZ-beber-CONC.ABS.COP
'a mulher bebeu'
- 11) *kytopo Ø-na-aka-t i-a-se'y-t
chicha 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-beber-CONC.ABS.COP
- 12) *taso Ø-na-aka-t i-m-se'y-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-beber-CONC.ABS.COP
- 13) taso Ø-na-aka-t i-a-m-se'y-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-beber-CONC.ABS.COP
'fizeram o homem beber'

Construção causativa derivada de uma construção transitivizada

- 14) taso Ø-na-m-se'y-t typoong õwã ãonso-ty
homem 3-DECL-CAUS-beber-NFUT aux criança mulher-OBL
'o homem fez/mandou a mulher fazer a criança beber'

O teste em que a construção causativa é derivada de uma construção transitivizada (14) é utilizado para mostrar a existência de dois processos de formação de sentenças de estruturas causativas a partir de um verbo intransitivo: um processo é a transitivização via

adição do morfema *{m-}* e o segundo é a causativização pelo auxiliar *typoong*. Este processo será detalhado e analisado em capítulos específicos (cf. cap. 3).

A seguir apresentaremos a tabela 2 referente à elicitación de verbos transitivos.

Tabela 2 – Protocolo de elicitación de verbos transitivos

PROTOCOLO DE ELICITAÇÃO DE VERBOS TRANSITIVOS PARA TESTE DE ALTERNÂNCIA NA LÍNGUA KARITIANA					
SEQUÊNCIA	ESTRUTURA VERBAL				DESCRIÇÃO
1		py(ry)-V-T	O	S	default (VOS)
2		py(ry)-a-V-T	S		passiva (VS)
3		py(ry)-m-V-T	O	S	com morfema transitivizador (VOS)
4		py(ry)-a-m-V-T		S	passiva e transitivizador (VS)
5	S	na(ka)-V-T		O	default em decl. (SVO)
6	(S)	na(ka)-V-T		(O)	default em decl. (S _{nulo} V(O _{nulo}))
7	S	na(ka)-m-V-T		O	transitivizado em decl. (SVO)
8		na-a-V-T		S	passiva no modo decl. (VS)
9		na-a-m-V-T		S	passiva v. transitivizado no modo decl. (VS)
10	S	na-aka-T	i-V-t/∅		cópula (S+AUX+SC)
11	S	na-aka-T	i-a-V-t/∅		passiva em cópula (S+AUX+SC)
12	S	na-aka-T	i-a-m-V-t/∅		passiva em cópula transitivizada
13	S	na-aka-T	i-m-V-t/∅		cópula transitivizada
14	S	na-V-T	O	AUX	estrutura causativa de verbos transitivos (SVO+ARG-OBL)
		ARG-OBL			

Py(ry) – modo assertivo; *na(ka)* – modo declarativo; *V* – raiz verbal; *T* – marca de tempo em assertivo; *t/∅* – marca de tempo no modo declativo; *aka* – cópula, *a-* marca de passiva; *m-* marca de causativo; *S* – sujeito; *AUX* – auxiliar *typoong* para verbos transitivizados; *O* – objeto; *i-* nominalizador

Os dados expostos abaixo foram obtidos via aplicação da tabela 2:

Verbo *tak* ‘pilar’ no modo assertivo

- 1) ∅-pyry-tak-yn gijo taso
 3-ASSERT-pilar-NFUT milho homem
 ‘o homem pilou o milho’
- 2) ∅-pyr-a-tak-yn gijo

3-ASSERT-PASV-pilar-NFUT milho
'pilaram o milho'

3) *Ø-pyry-m-tak-yn gijo taso
3-ASSERT-CAUS-pilar-NFUT milho homem

4) *Ø-pyr-a-m-tak-yn gijo
3-ASSERT-PASV-CAUS-pilar-NFUT milho

Verbo *tak* 'pilar' no modo declarativo

5) taso Ø-naka-tak-Ø gijo
homem 3-DECL-tak-NFUT milho
'o homem pilou o milho'

6) taso Ø-naka-tak-Ø / Ø-naka-tak-Ø gijo
homem 3-DECL-pilar-NFUT (algo) / (ele) 3-DECL-pilar-NFUT milho
'o homem pilou (algo)/ (ele) pilou o milho'

7) *taso Ø-naka-m-tak-Ø gijo
homem 3-DECL-CAUS-pilar-NFUT milho

8) Ø-na-a-tak-Ø gijo
3-DECL-PASV-pilar-NFUT milho
'pilaram o milho'

9) *Ø-na-a-m-tak-Ø gijo
3-DECL-PASV-CAUS-pilar-NFUT milho

Verbo *tak* 'pilar' em construção de cópula

10) *gijo Ø-na-aka-t i-tak-Ø
milho 3-DECL-COP-NFUT NMZ-pilar-CONC.ABS.COP

11) gijo Ø-na-aka-t i-a-tak-Ø
milho 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-pilar-CONC.ABS.COP
'o milho foi pilado'

12) *gijo Ø-na-aka-t i-m-tak-Ø
milho 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-CONC.ABS.COP

13) *gijo Ø-na-aka-t i-a-m-tak-Ø

Verbo *tak* ‘pilar’ em construção causativa

- 14) taso Ø-naka-tak-Ø typoong gijosepo jonso-ty
 homem 3-DECL-pilar-NFUT aux milho mulher-OBL
 ‘o homem fez a mulher pilar o milho’

Tabela 3 – Protocolo de elicitación de verbos bitransitivos

PROTOCOLO DE ELICITAÇÃO DE VERBOS BITRANSITIVOS PARA TESTE DE ALTERNÂNCIA NA LÍNGUA KARITIANA					
SEQUÊNCIA	ESTRUTURA VERBAL			DESCRIÇÃO	
1		py(ry)-V-T	O S		default (VOSOobl)
		O-OBL			
2		py(ry)-a-V-T	S O-OBL		passiva (VSOobl)
3		py(ry)-m-V-T	O S		com morfema transitivizador (VOSOobl)
		O-OBL			
4		py(ry)-a-m-V-T	S		passiva e transitivizador (VSOobl)
		O-OBL			
5	S	na(ka)-V-T	O		default em decl. (SVOOobl)
		O-OBL			
6		na(ka)-V-T	(O)		default em decl. (S _{nulo} V(O _{nulo})Oobl)
		O-OBL			
7	S	na(ka)-m-V-T	O		transitivizado em decl. (SVOOobl)
		O-OBL			
8		na-a-V-T	S		passiva no modo decl. (VS)
9		na-a-m-V-T	S		passiva v. transitivizado no modo decl. (VS)
10	S	na-aka-T	i-V-t/ø		cópula (S+AUX+SC+Oobl)
		O-OBL			
11	S	na-aka-T	i-a-V-t/ø		passiva em cópula (S+AUX+SC)
		O-OBL			
12	S	na-aka-T	i-a-m-V-t/ø		passiva em cópula com transitivizador
		O-OBL			
13	S	na-aka-T	i-m-V-t/ø		cópula com transitivizador
		O-OBL			
14	S	na-V-T	O AUX		estrutura causativa de verbos bitransitivos (SVO+ARG-OBL)
		O-OBL	ARG-OBL		

Verbo *hit'it* 'emprestar' em construção assertiva

- 1) y-pyry-hit'it-yn boete-ty taso
1-ASSERT-emprestar-NFUT colar-OBL homem
'o homem me emprestou colar'
- 2) Ø-pyr-a-hit'it-yn boete-ty taso
3-ASSERT-PASV-emprestar-NFUT colar-OBL homem
'emprestaram colar para o homem'
- 3) *Ø-py(ry)-m-hit'it-yn boete-ty taso
3-ASSERT-CAUS-emprestar-NFUT colar-OBL homem
- 4) *Ø-pyr-a-m-hit'it-yn boete-ty taso
3-ASSERT-PASV-emprestar-NFUT colar-OBL homem

Verbo *hit'it* em declarativa – mono-oracional

- 5) taso Ø-naka-hit'it-Ø ãonso boete-ty
homem 3-DECL-emprestar-NFUT mulher colar-OBL
'o homem emprestou colar para a mulher'
- 6) Sem exemplo.
- 7) *taso Ø-naka-m-hit'it-Ø õwã boete-ty
homem 3-DECL-CAUS-emprestar-NFUT criança colar-OBL
- 8) Sem exemplo.
- 9) Sem exemplo.

Verbo *hit'it* em construção de cópula

- 10) *taso Ø-na-aka-t i-hit'it-Ø (*boete-ty)
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-emprestar-CONC.ABS.COP (colar-OBL)
- 11) taso Ø-na-aka-t i-a-hit'it-Ø boete-ty
homem 3-DECL-COP-NFUT nmz-PASV-emprestar-CONC.ABS.cop colar-OBL
'foi emprestado colar para o homem ou emprestaram colar para o homem'

- 12) *taso Ø-na-aka-t i-m-hit'it-Ø (*boete-ty)
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-emprestar-CONC.ABS.COP (colar-OBL)
- 13) *taso Ø-na-aka-t i-a-m-hit'it-Ø (*boete-ty)
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-emprestar-CONC.ABS.COP (colar-OBL)

Verbo *hit'it* em construção causativa

- 14) João Ø-naka-hit'it-Ø typoong i-ot'epe-ty ta-ota taso-ty
 J. 3-DECL-emprestar-NFUT aux 3POSS-flecha-OBL 3POSS-amigo homem-OBL
 'João fez o homem prestar a flecha (dele) para seu amigo'

Nas tabelas (1), (2) e (3), foram usados 2 tipos sentenciais, a saber: o modo assertivo e o modo declarativo. Ressaltamos que a construção sintática no modo assertivo sempre apresenta a ordem verbo-inicial (STORTO, 1999, p. 147), sem nenhuma exceção. A construção sintática no modo declarativo apresenta o efeito V-2 (verbo na segunda posição), de acordo com Storto (1999, p. 149). Sentenças declarativas são as mais frequentes na língua, pois ocorrem como o modo default em narrativas e na fala cotidiana. Existem outros tipos sentenciais em Karitiana, contudo em contextos modais mais específicos e por isso não as utilizamos em nossos testes.

A construção assertiva, marcada pelo prefixo *pyry-* e seus alomorfes é analisada por Landin (1984) e por Storto (1999) como tendo polaridade positiva, ou seja, sentenças assertivas são usadas como respostas afirmativas a perguntas sim-não. Este tipo sentencial foi analisado por Everett (2006) como foco verbal. Na literatura de semântica formal este tipo de sentença é chamada de “*verum focus*” (ROMERO; HAN, 2002; LEONETTI; VIDAL, 2008; HÖHLE, 1992).

A construção com *ta(ka)-* e *na(ka)-* é analisada por Storto (1999) como declarativa e Landin (1984) a analisa como afirmativa. Everett (2006) analisa os mesmos morfemas como voz: uma construção SAP (Speech Act Participant) para o prefixo *ta(ka)-* e NSAP (non-speech act participants) para o prefixo *na(ka)-*. Adotamos, em nosso trabalho, a análise proposta por Storto (1999), que apresenta evidências para analisar esses dois prefixos como alomorfes do mesmo morfema, sendo que *ta(ka)-* é usado quando há marca de pessoa (1ª. e 2ª.) no verbo, já *na(ka)-*, que se encontra em distribuição complementar com *ta(ka)-*, é usado quando o verbo concorda com uma terceira pessoa e a marca de concordância é um morfema zero {Ø-} (STORTO, 1999).

“No modo declarativo temos concordância com o objeto nos verbos transitivos e com o sujeito nos verbos intransitivos. A glosa *declarativo*, proposta por Storto (1999) não descreve a função exata deste modo, já que o modo assertivo também é usado para declarações. No entanto, qualquer outro rótulo, como *indicativo* ou *realis*, sofrerá da mesma deficiência. O importante é saber que o modo declarativo é o modo default na língua Karitiana, sendo o assertivo usado com uma semântica adicional de polaridade afirmativa – por exemplo, como resposta afirmativa a perguntas polares (STORTO, 1999, 2002). Uma outra diferença entre eles é que as sentenças assertivas sempre se iniciam pelo verbo, enquanto as declarativas podem ser verbos iniciais (VSO ou VOS) ou ter o verbo na segunda posição com relação aos outros argumentos (OVS ou SVO).” (STORTO, 2008)

Outro fator interessante para ser observado é a distribuição da ordem dos constituintes na língua. Storto (1999, 2008) apresenta uma análise sobre esse assunto, e mostra que a ordem dos constituintes está em distribuição complementar nas sentenças principais (SVO, OVS, VSO e VOS) e nas sentenças subordinadas (SOV ou OSV) em Karitiana. A autora aponta que as sentenças principais apresentam morfologia de concordância de pessoa e tempo no verbo, e as subordinadas têm o verbo nu. As mudanças de ordem testadas no questionário são para checar possíveis restrições às ordens estabelecidas tais como VS ou SV para verbos intransitivos, etc.

TRABALHO DE CAMPO

Os dados analisados neste trabalho foram elicitados em 6 períodos diferentes. Na elicitación, foram feitos os testes com 7 diferentes colaboradores para que pudéssemos testar pelo menos a maioria dos verbos com todos os falantes envolvidos na pesquisa. Para tanto fizemos um trabalho de checagem das sentenças com todos os consultores envolvidos, voltando a checar os dados, em um momento posterior, com os mesmos consultores com os quais elicitamos tais dados.

Vale lembrar que existiram outros trabalhos de campo em fases anteriores à pesquisa de mestrado, durante o período de iniciação científica (entre 2006 e 2008) quando começamos a sistematizar as classes verbais. Naquele período, foram feitos pequenos trabalhos de campo. Nessa fase, não explicitamos sistematicamente com os quais colaboradores elicitamos determinados dados, nem as datas de cada trabalho. Contudo, é importante dizer que

utilizamos todos os dados elicitados entre 2006 e 2008, retestando-os no decorrer da pesquisa de mestrado.

Em fevereiro de 2009, aplicamos os testes a dois colaboradores indígenas⁵ (A, B), e em agosto de 2009 voltamos a fazer testes com um conjunto de mais dois colaboradores (B, C). Em novembro/dezembro de 2009 trabalhamos com um conjunto de quatro colaboradores (A, D, E, F), e em fevereiro/março de 2010 com 6 (A, B, C, D, E, G). Neste último trabalho de campo trabalhamos nas duas primeiras semanas com 3 colaboradores em sessões individuais. Na terceira semana, testes foram feitos com mais 2 colaboradores indígenas, além dos 3 anteriores, e no retorno a São Paulo convidamos o colaborador (B) a vir conosco para continuar o trabalho por mais dez dias, com o intuito de checar os dados já elicitados sob supervisão da coordenadora deste projeto, a saber, a profa. Luciana Storto, e também para poder elicitar mais dados com o objetivo de aumentar o corpus. Em setembro de 2010, após o exame de qualificação realizamos novo trabalho de campo a fim de testar a causativização de verbos transitivos, bitransitivos e de construções transitivizadas. Este último campo foi feito com o consultor (B).

A tabela 4 explicita as datas, a duração, a descrição e o local dos trabalhos de campo realizados durante a pesquisa no mestrado:

Tabela 4 - Descrição detalhada de cada trabalho de campo realizado

Descrição dos trabalhos de campo			
Ano/mes	Duração	Descrição	Local
2009/ fevereiro	5 dias	Elicitação de verbos transitivos, bitransitivos, intransitivos (aplicação de testes de alternâncias sintáticas). Os testes foram feitos com 2 colaboradores indígenas.	São Paulo/USP.
2009/ agosto	7 dias	Elicitação de verbos intransitivos, transitivos, bitransitivos, Corrigiu-se dados dos trabalhos de campo anteriores. Buscou-se, nesse período, completar paradigmas já existentes, principalmente checar as	São Paulo

⁵ Optamos por preservar a identidade de nossos colaboradores, por isso, não informaremos os nomes de nossos colaboradores indígenas. Convencionalmente atribuímos uma letra do alfabeto para distinguir nossos consultores.

		hipóteses propostas anteriormente. Os testes foram feitos com 2 colaboradores indígenas.	
2009/ out/nov.	10 dias	Elicitação de dados dos verbos intransitivos com sujeitos experienciadores e objeto oblíquo (verbos psicológicos). Checar se todos esses verbos psicológicos alternam. Foram testados também verbos que alternavam sem auxílio de morfologia transitivadora. Novos verbos transitivos e os verbos intransitivos foram elicitados, no intuito de aumentar o corpus. Foram feitos testes de alternâncias, tais como passivização (intransitivização), e causativização (transitivização). Os Testes foram feitos com 4 colaboradores indígenas.	São Paulo
2010/ fev/març	22 dias	Trabalho extensivo para checar os verbos elicitados em trabalhos anteriores, observando mais detalhadamente as traduções das sentenças. Buscamos, nesse trabalho, corroborar as hipóteses propostas em trabalhos anteriores para as classes verbais da língua, fazendo testes e revisando-os quando necessário. Os testes foram feitos com 6 colaboradores.	Porto Velho – RO
2010/ març	11 dias	Continuação do trabalho iniciado em Porto Velho com 1 colaborador indígena convidado para vir a São Paulo para realização de testes linguísticos sob supervisão da coordenadora desse projeto, a profa. Dra. Luciana R. Storto. Os testes foram feitos com 1 colaborador.	São Paulo
2010/ setembro	4 dias	Testes de causativização de verbos transitivos, testes de causativização de verbos transitivizados.	Porto Velho

Na etapa seguinte, passaremos à apresentação da organização dos dados expostos em nosso trabalho.

ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Cada exemplo é apresentado em uma tabela, onde colocamos cada constituinte da sentença com sua segmentação morfológica alinhada com sua glosa. Na primeira linha, transcrevemos a sentença em Karitiana de forma completa e sem segmentação. Na segunda linha, fazemos as segmentações dos morfemas e na terceira linha seguem suas respectivas glosas. Na quarta linha é apresentada a tradução ou o contexto da sentença. Caso a sentença seja agramatical, não apresentamos uma tradução.

Tabela 5 – Disposição dos exemplos

(Num) Transcrição ortográfica (sentença sem segmentação)
Segmentação morfológica
Glosas morfema a morfema
“Tradução/contexto” [não utilizaremos tradução para as sentenças agramaticais]

Abaixo, apresentaremos um exemplo conforme o modelo na tabela 5 acima. O exemplo (a) em questão é do verbo *se 'y* ‘beber’.

Exemplo (a) – gramatical

- (01) *pyrymse'ydn taso ñonso*
Ø-pyry-m-se'y-n taso ñonso
3-ASSERT-CAUS-beber-NFUT homem mulher
'a mulher fez o homem beber'

Um segundo exemplo do modelo acima é o verbo *tak* ‘pilar’.

Exemplo (b) – agramatical

- (02) **pyrymtakyn gijo taso*
Ø-pyry-m-tak-n gijo taso
3-ASSERT-CAUS-pilar-NFUT milho homem

CORPUS

Apresentaremos a tabela 6, contendo uma lista de todos os verbos que foram analisados.

Tabela 6 – Lista geral de verbos

Numero	Verbo	tradução/ significado da raiz
1	(a)so'y	'ter relação sexual'
2	'a	'fazer'
3	'edn	'engravidar'
4	'ok	'incomodar', 'ter preguiça'
5	'y	'comer'
6	'y	'gastar'
7	'ywyn	'desaparecer'
8	'obm	'furar'
9	a'ak	'gostar sexualmente' 'fazer amor', 'desejar sexualmente'
10	ahoj	'rir'
11	ahy	'beber'
12	aka	'cópula (ser , estar, ficar – singular ou plural; cf. <i>ki</i>)'
13	aky	'estourar'
14	ambo	'deitar', 'subir', 'deitar para dormir'
15	amy	'vestir'
16	andyj	'sorrir'
17	angat	'levantar'
18	anin	'acender'
19	atat	'quebrar' 'arrebentar'
20	atik	'jogar fora'
21	boit	'enfeitar (com pintura e adereços)'
22	boryt	'sair'
23	boryt	'nascer (plantas – inanimados)'

24	botit	‘abandonar’
25	by´a	‘fazer’
26	byjyt	‘amassar’
27	dibmin	‘passar mal’, ‘piorar’
28	eem	‘sujar’
29	eng	‘vomitar’
30	geryt	‘sangrar’
31	haadn	‘falar’
32	haap	‘amanhecer’
33	hadn okoki	‘emudecer’
34	hãrajxa	‘enfeitar (consertar objetos, arrumar a casa)’
35	hee	‘assoprar (fogo etc)’
36	hej	‘ir embora’, ‘deixar’, ‘abandonar’
37	heren	‘aparecer’
38	hey	‘assoprar’
39	hibmin	‘assar’
40	hip	‘cozinhar comida em geral’
41	hit	‘dar’, ‘emprestar’
42	hit´it	‘emprestar’
43	hop	‘quebrar (1 objeto - em vários pedaços)’
44	hop hop	‘quebrar (1 ou mais objetos – em vários pedaços)’
45	hõroj	‘mentir’
46	hy´yt	‘envelhecer’
47	hydryn sara´it	‘cheirar mal’
48	hyrygnim	‘engasgar’
49	hÿryj	‘cantar’
50	hyryp	‘chorar’
51	hyt	‘cheirar bem’
52	hywa	‘brilhar’
53	indo	‘ficar pronto’, ‘aprontar’
54	je´yn	‘roncar’

55	ĩy	‘estar’ (algo ou alguém está em algum lugar ou com alguém)’
56	jyng	‘ficar’
57	kaj	‘sonhar’
58	kapidyp	‘perguntar’, ‘procurar’
59	kārã	‘ter ciúme’
60	karan	‘virar’
61	ke´on	‘esfriar’
62	kerep	‘criar (adotar)’
63	kerep	‘crescer’
64	ki	‘cópula (ser, estar, ficar – plural)’
65	kĩkin	‘gritar’
66	kim	‘torrar (carne, milho etc)’
67	kirigng	‘assustar’
68	ko	‘quebrar’
69	koro'op pasap	‘ter saudade’
70	kynõ	‘fechar’
71	kyrot	‘responder’
72	kyrysir	‘amarelar’
73	kysep	‘pular (de cima de algum lugar)’
74	kyyt	‘derramar’
75	man	‘casar (sujeito feminino)’
76	mĩ	‘bater em alguém
77	moĩ	‘anoitecer’
78	moĩ tyĩ	‘entardecer’
79	nam	‘feder’
80	neng	‘deitar’
81	non	‘contorcer’, ‘entortar’, ‘ficar torto’
82	nyryĩ	‘acordar’
83	õgon	‘engrossar’
84	ohit	‘pescar’
85	ohok	‘descascar’

86	oingng	‘presentear’
87	okop	‘quebrar’
88	oky	‘morrer’, ‘apagar’
89	oky	‘matar’/’machucar’
90	ongowot	‘entristecer’
91	opi´owop	‘ensurdecer’
92	opihok	‘escutar’
93	opipydn	‘ter fome’
94	opiso	‘ouvir’
95	opyj	‘deixar’
96	osoposiik	‘pentear cabelo’
97	ot	‘pegar (singular)’
98	otet	‘cozinhar’
99	otidn	‘doer’
100	otidn	‘arder’
101	owi	‘morrer (plural)’
102	pa´it	‘brigar’
103	paket	‘ter nojo’
104	pakōrong	‘endurecer’, ‘criar crosta’
105	pakybm	‘suar’
106	pasadn	‘amar’
107	pesek	‘apertar’
108	pi	‘mentir’
109	pii	‘pegar (plural – muitas coisas)’
110	pikowogng	‘deslizar’
111	pinir(i/a)	‘beliscar com a unha’
112	pipāram	‘costurar’
113	pipogon(a)	‘clarear’
114	pipop	‘queimar (lenha, etc.)’
115	pitik	‘esvaziar’
116	pok	‘secar’
117	pom	‘beijar’

118	pon	‘atirar’, ‘caçar’
119	poom	‘brincar’
120	pop	‘apagar (fogo)’
121	pot	‘quebrar (objeto em 2 pedaços)’
122	potpot	‘ferver’
123	py´ej	‘estudar’, ‘ler’, ‘escrever’
124	py´ywyt	‘desmaiar’
125	pyh̄iriwa	‘apontar’, ‘mirar’
126	pyke	‘buscar’
127	pyki	‘buscar (variante de pyke)’
128	pymyn	‘ficar ocupado’
129	pyndak	‘pilar (milho)’
130	pyotagng	‘ajudar’
131	pyp	‘tecer’
132	pypyyt	‘saber’, ‘ter habilidade’
133	pyso	‘pegar, tocar’
134	pyt´y	‘comer’
135	pyting	‘querer’
136	pyting okokit	‘enjoar’
137	pyyk	‘acabar’
138	sara´it	‘cansar’
139	se´adn	‘ser bonito’, ‘ficar bonito’, ‘ser bom’
140	se´ak	‘ter sede’
141	se´y	‘beber’ (verbo ´y ‘comer’ + objeto se ´água incorporado)
142	seka	‘espremer’
143	sembok	‘molhar’
144	seng	‘ficar de cócora’
145	signg	‘vencer’
146	siik	‘pentear’, ‘alisar’
147	sikirip	‘enlouquecer’
148	so	‘ficar’

149	soko'ĩ	‘apertar o nó’
150	som	‘avermelhar’ / ‘amadurecer’
151	sondyp	‘saber’
152	sooǰ	‘casar (sujeito masculino)’
153	so'oot	‘ver’
154	so'oot hāraǰ	‘amar’, ‘gostar’
155	so'oot sara'it	‘odiar’
156	sooxa	‘casar’
157	syk	‘azedar’
158	syypowop	‘cegar’
159	tak	‘pilar (milho e outros grãos)’
160	taktagn	‘nadar’
161	tam	‘voar’
162	tarak	‘andar’
163	tat	‘ir’, ‘ir embora’
164	tej	‘puxar’, ‘esticar’ (esticar o arco antes de atirar a flecha)
165	tepyk	‘mergulhar’
166	terekteregn	‘dançar’
167	tintim(a)	‘tossir’
168	ting	‘bater timbó’
169	titira	‘tremar de frio, medo ou raiva’
170	top	‘soltar (ex. algum animal de criação)’
171	yryt	‘chegar’, ‘vir’, trazer’
172	yt	‘nascer (pessoas e animais – animados)’
173	yt	‘cavar’
174	oty	banhar
175	(a)kinda otidn	adoecer

A tabela 6 é composta por 175 linhas numeradas de acordo com cada raiz verbal expressa na segunda coluna da tabela. Na terceira coluna, disponibilizamos a tradução. Logo, partimos da análise dessas 175 ‘formas’ verbais, após análise alguns verbos poderão ser

dissociados por apresentar homofonia ou algum tipo de variação e com isso a nossa lista poderá ter alterações em termos de quantidade.

PARTE I

DESCRIÇÃO DAS CLASSES VERBAIS

INTRODUÇÃO À PARTE I

Apresentaremos, aqui, os critérios morfossintáticos que nos possibilitam descrever classes verbais conforme padrões observados nos paradigmas da língua Karitiana. Nesta parte da dissertação, que consiste dos capítulos 1 a 3, descreveremos detalhadamente cada um dos critérios considerados, apresentaremos os testes através dos quais classificamos os verbos nesta língua, discutiremos as irregularidades identificadas e, por fim, analisaremos a construção causativa. No capítulo 1, destacaremos as características morfossintáticas dos paradigmas verbais. No capítulo 2, explicitaremos e sistematizaremos as classes verbais descritas até então. No capítulo 3, descreveremos a estratégia de mudança de valência e a construção de cópula.

CAPÍTULO I – AS EVIDÊNCIAS MORFOSSINTÁTICAS

1 CRITÉRIOS MORFOSSINTÁTICOS PARA DEFINIR CLASSES VERBAIS NA LÍNGUA KARITIANA

As classes verbais descritas neste trabalho são analisadas conforme evidências morfossintáticas. A partir desses critérios morfossintáticos, podemos identificar duas classes de verbos intransitivos, uma classe de verbos transitivos e uma classe de verbos bitransitivos. Os verbos intransitivos subdividem-se em: (i) a subclasse dos intransitivos com sujeito experienciador e com objeto com marca de oblíquo $\{-ty\}$; (ii) a subclasse dos intransitivos comuns.

Existem, em Karitiana, dois morfemas que estão relacionados a informações de valência verbal. Os morfemas em questão são os prefixos $\{m-\}$ e $\{a-\}$. O morfema $\{a-\}$ é adicionado a verbos transitivos e bitransitivos para formar a construção de passiva impessoal, enquanto que o morfema causativizador $\{m-\}$ só pode ser adicionado aos verbos intransitivos para transitivizá-los (LANDIN, 1984; STORTO, 2001; 2002; 2008; EVERETT, 2006).

Assim como os morfemas de valência, a construção de cópula e a marca de concordância ergativo-absolutiva estão relacionadas também à valência verbal, pois no núcleo do complemento da cópula só podem ocorrer verbos intransitivos e a concordância reflete o sujeito da sentença intransitiva ou o objeto da transitiva (STORTO, 1999; 2001; 2005; 2008). Na próxima seção, serão detalhadas todas as evidências morfossintáticas. A seguir, discriminaremos de modo resumido as classes verbais (I) – (III):

(I) Na classe dos intransitivos há:

a) Verbos intransitivos que se transitivizam através da morfologia causativizadora $\{m-\}$ e ocorrem como núcleo do complemento da cópula. Eles não ocorrem na construção passiva, a não ser que sejam antes causativizados via $\{m-\}$;

b) Verbos intransitivos que aparecem com objeto oblíquo, que são verbos psicológicos com sujeito experienciador. Esses verbos aceitam o morfema causativo $\{m-\}$ e ocorrem como núcleo do complemento da cópula. Como outros intransitivos, eles só são passivizados após serem causativizados.

- (II) Há uma classe de verbos transitivos, que são verbos que aceitam a passivização via morfema *{a-}*. Estes verbos não aceitam a adição do morfema causativo *{m-}*, tampouco a coocorrência de *{m-}* e *{a-}*.
- (III) Há uma classe de verbos bitransitivos. Eles aceitam a adição do morfema de passiva *{a-}* e não permitem o morfema *{m-}*.

Há alguns verbos que apresentam desvios ao padrão acima descrito. Ressaltamos, ainda, a existência de um verbo que apresenta características sintáticas dos intransitivos, podendo, portanto, ser causativizado via morfema *{m-}*, mas que, diferentemente dos outros verbos intransitivos, não aceita a subsequente passivização após ter sido causativizado. O verbo em questão é *pynbot* ‘por’, ‘colocar’, ‘deixar’ e ‘largar’. A discussão preliminar acerca desse verbo será apresentada no capítulo sobre irregularidades no padrão verbal (cf. 2.4.4).

1.1 AS EVIDÊNCIAS SINTÁTICAS E MORFOSSINTÁTICAS

Os testes morfofossintáticos utilizados para a definição das classes verbais descritas neste trabalho são o padrão de concordância, que é ergativo-absolutiva (cf. 1.1.1), a causativização (um tipo de transitivização) de verbos intransitivos - tanto os comuns como os pertencentes à subclasse de intransitivos com sujeito experienciador e objeto oblíquo (subseção 1.1.2) -, a passivização (subseção 1.1.3), através do morfema *{a-}*, de verbos transitivos e bitransitivos (subseção 1.1.3.1), e a passivização de verbos intransitivos que já tenham sido transitivizado pelo morfema causativo, gerando a coocorrência dos prefixos *{a-}* e *{m-}*, nesta ordem (subseção 1.1.3.2). Por fim, confirmaremos que a ocorrência de verbos no núcleo do complemento da cópula está retribuída à classe dos intransitivos (subseção 1.1.4) conforme Storto (1999; 2001; 2008); Storto e Rocha (2011); Rocha (2010); e Everett (2006).

1.1.1 PADRÃO DE CONCORDÂNCIA ERGATIVA-ABSOLUTIVA

O sistema de caso em Karitiana é ergativo-absolutivo (STORTO, 1999; 2008; 2009), pois a marca de concordância no verbo marca sempre o argumento absoluto: o objeto do transitivo (1) e (2) ou o sujeito do intransitivo (3) e (4). Esse sistema de concordância

absolutiva, explicitado nos exemplos abaixo, pode ser observado nos paradigmas verbais nos modos declarativo (1) e (3) e assertivo (2) e (4).

Storto (2008) mostra que os morfemas de primeira pessoa (y-, yta-, yj-) e de segunda pessoa (a-, aj-)⁶ antecedem o alomorfe de modo declarativo *ta(ka)-*. A marca de terceira pessoa é \emptyset -, ocorrendo apenas com o alomorfe de modo declarativo *na(ka)-*. No modo assertivo, os mesmos prefixos de pessoa ocorrem no verbo⁷, mas no imperativo dos verbos transitivos o prefixo de terceira pessoa é *i-*.

⁶ Pronomes de pessoa e concordância absolutiva

Função	Pronomes	Concordância	
		Declarativas	Não Declarativas
1ª. pessoa singular	yn	y-	y-
2ª. pessoa singular	na	a-	a-
1ª. pessoa plural inclusiva	yjxa	yj-	yj-
1ª. pessoa plural exclusiva	yta	yta-	yta-
2ª. pessoa plural	ajxa	aj-	aj-
3ª. singular e plural	i	zero	i-

Segmentação e identificação do significado dos morfemas de pessoas (Storto 1999):

y-	1ª. pessoa
a-	2ª pessoa
i-	outro(s)
n-	interlocutor
ta-	plural ou 3ª. pessoa correferencial
y+i	(yj-) primeira pessoa + outro
y+ta	(yta) primeira pessoa + plural/3correferencial (eu e outros “como eu”)
y+i+ta	(yjxa) primeira pessoa + outro + plural/3correferencial
a+i	(aj-) segunda pessoa + outro
a+i+ta	(ajxa) segunda pessoa + outro + plural/3correferencial

Um prefixo de terceira pessoa anafórico *ta-* ocorre em sentenças subordinadas, que Storto analisa como um pronome anafórico cliticizado ao verbo (Storto 2007). Todos os prefixos de concordância listados acima (com exceção de zero) também ocorrem como possessivos em sintagmas nominais (Storto 1999).

⁷ Prefixo de Modo

MODO	FORMA
Declarativo	na(ka)- /ta(ka)-
Assertivo	pyt<y>
Citativo	iri-
Deontico	pyn-
Condicional	ĩy-
Imperativo	-a/zero

Storto (1999) identifica 6 prefixos de modo: declarativo, assertivo, citativo, deontico, condicional e imperativo. Neste trabalho destacaremos os dois primeiros.

Paradigma de verbo transitivo no modo declarativo

- (01) yn ytaahoj yn
yn y-ta-ahoj-∅ yn
eu 1-DECL-rir-NFUT eu
'Eu ri de mim'
- (02) yn ataahoj an
yn a-ta-ahoj-∅ an
eu 2-DECL-rir-NFUT você
'Eu ri de você'
- (03) yn naahoj i
yn ∅-na-ahoj-∅ i
eu 3-DECL-rir-NFUT ele(a)
'Eu ri dele'
- (04) yn ytaahoj yta
yn yta-ahoj-∅ yta
eu 1p-DECL-rir-NFUT nós (excl.)
'Eu ri de nós'
- (05) yn yjtaahoj yjxa
yn yj-ta-ahoj-∅ yjxa
eu 1p-DECL-rir-NFUT nós(incl.)
'Eu ri de todos nós'
- (06) yn ajtaahoj ajxa
yn aj-ta-ahoj-∅ ajxa
eu 2p-DECL-rir-NFUT vocês
'Eu ri de vocês'
- (07) yn naahoj i
yn ∅-na-ahoj-∅ i
eu 3p-DECL-rir-NFUT eles
'Eu ri deles'

(STORTO, 2008)

Paradigma de verbo transitivo no modo assertivo⁸

⁸ Storto (1999) mostrou que o morfema de modo assertivo tem os seguintes alomorfes : py-/__raiz[CV.CV...]; pyr-/__raiz[V.CV...] e pyry-/__raiz[CV...].

- (08) ypyrahojon ãwã
y-pyr-ahoj-<o>n ãwã
1-ASSERT-rir-<ve>NFUT criança
'A criança riu de mim'
- (09) apyrahojon ãwã
a-pyrahoj-<o>n ãwã
2-ASSERT-rir-<ve>NFUT criança
'A criança riu de você'
- (10) pyrahojon ãwã
Ø-pyr-ahoj-<o>n ãwã
3-ASSERT-rir-<ve>NFUT criança
'A criança riu dele'
- (11) ytapyrahojon ãwã
yta-pyr-ahoj-<o>n ãwã
1p-ASSERT-rir-<ve>NFUT criança
'A criança riu de nós'
- (12) yjpyrahojon ãwã
yj-pyr-ahoj-<o>n ãwã
1p-ASSERT-rir-<ve>NFUT criança
'A criança riu de todos nós'
- (13) ajpyrahojon ãwã
aj-pyr-ahoj-<o>n ãwã
2p-ASSERT-rir-<ve>NFUT criança
'A criança riu de vocês'
- (14) pyrahojon ãwã
Ø-pyr-ahoj-<o>n ãwã
3p-ASSERT-rir-<ve>NFUT criança
'A criança riu deles'

(STORTO, 2008)

Paradigma de verbo intransitivo no modo declarativo

- (15) ytaahyt yn
y-ta-ahy-t yn
1-DECL-beber-NFUT eu
'Eu bebi'
- (16) ataahyt an
a-ta-ahy-t an
2-DECL-beber-NFUT você

‘Você bebeu’

- (17) naahyt i
Ø-na-ahy-t i
3-DECL-beber-NFUT ele(a)
‘Ele bebeu’
- (18) ytaahyt yta
y-ta-ahy-t yta
1p-DECL-beber-NFUT nós(excl.)
‘Nós bebemos’
- (19) yjtaahyt yjxa
yj-ta-ahy-t yjxa
1p-DECL-beber-NFUT nós(incl.)
‘Nós todos bebemos’
- (20) ajtaahyt ajxa
aj-ta-ahy-t ajxa
2p-DECL-beber-NFUT vocês
‘Vocês beberam’
- (21) naahyt i
Ø-na-ahy-t i
3p-DECL-beber-NFUT ele(a)s
‘Eles beberam’

(STORTO, 2008)

Paradigma de verbo intransitivo no modo assertivo

- (22) ypyrahydn yn
y-pyr-ahy-dn yn
1-ASSERT-beber-NFUT eu
‘Eu bebi’
- (23) apyrahydn an
a-pyr-ahy-dn an
2-ASSERT-beber-NFUT você
‘Você bebeu’
- (24) pyrahydn i
Ø-pyr-ahy-dn i
3-ASSERT-beber-NFUT ele(a)
‘Ele bebeu’
- (25) ytapyrahydn yta

- | | | |
|------|--|--------------------|
| | yta-pyr-ahy-dn
1p-ASSERT-beber-NFUT
'Nós bebemos' | yta
nós(excl.) |
| (26) | ajpyrahyd n yjxa
yj-pyr-ahy-dn
1p-ASSERT-beber-NFUT
'Nós todos bebemos' | yjxa
nós(incl.) |
| (27) | ajpyrahyd n ajxa
aj-pyr-ahy-dn
2p-ASSERT-rirbeber-NFUT
'Vocês beberam' | ajxa
vocês |
| (28) | pyrahyd n i
Ø-pyr-ahy-dn i
3-ASSERT-beber-NFUT eles
'Eles beberam' | |

(STORTO, 2008)

Storto (2008) mostra, ainda, que, no tempo futuro, o padrão de concordância é o mesmo. No modo imperativo, a concordância também é absoluta, e as marcas de pessoa são as mesmas, exceto para a terceira pessoa, que é *{i-}*.

1.1.2 TRANSITIVIZAÇÃO COM O MORFEMA CAUSATIVO *{m-}*

O morfema *{m-}*, morfema causativo identificado por Landin (1984) e descrito posteriormente por Storto (2001), é utilizado na língua Karitiana para transitivizar verbos intransitivos, ou seja, serve para adicionar um argumento a uma sentença intransitiva. Este processo de causativização é, de certa forma, um tipo de transitivização e ocorre apenas com os verbos intransitivos, aumentando-lhes a valência verbal. Ao adicioná-lo a um verbo transitivo ou bitransitivo, obtemos uma construção agramatical. Este processo de transitivização nos permite identificar, na língua, se um verbo é inerentemente intransitivo ou não. Assim como o padrão de concordância já apresentado, a transitivização funciona, também, como evidência morfossintática que nos permite fazer uma classificação dos verbos em Karitiana (STORTO, 1999; 2001; 2008; 2009). Observe os exemplos de (29) a (48).

Verbos intransitivos sendo transitivizados pelo morfema *{m-}* no modo assertivo

(29) pyke'onyn ti'y
 ø-py-ke'on-<y>n ti'y
 3-ASSERT-esfriar-NFUT comida
 'A comida esfriou'

(30) pymke'onyn ti'y ãonso
 ø-py-m-ke'on-<y>n ti'y ãonso
 3-ASSERT-CAUS-esfriar-NFUT comida mulher
 'A mulher fez a comida esfriar' / 'a mulher deixou a comida esfriar'

Observe agora o par de exemplos (29) e (30) apresentado acima e os pares de exemplos (31) e (32); (33) e (34); (35) e (36); e (37) e (38), listados abaixo. Todos os verbos presentes nestas construções são intransitivos, pois, além de possuírem apenas um argumento, permitem a transitivização por meio do morfema {*m-*}, como ilustrado nos exemplos (30), (32), (34), (36) e (38).

(31) pypikowogngan õwã
 ø-py-pikowogng-a-n õwã
 3-ASSERT-deslizar-vt-NFUT criança
 'A criança deslizou'

(32) pypikowogngan õwã taso
 ø-py-m-pikowogng-a-n õwã taso
 3-ASSERT-CAUS-deslizar-vt-NFUT criança homem
 'O homem fez a criança deslizar' / 'o h. deslizou a criança'⁹

(33) pyrysomyn asyryty
 ø-pyry-som-<y>n asyryty
 3-ASSERT-avermelhar-NFUT banana
 'A banana avermelhou/amadureceu'

(34) pyrymsomyn asyryty taso
 ø-pyry-m-som-<y>n asyryty taso
 3-ASSERT-CAUS-avermelhar-NFUT banana homem
 'O homem fez a banana avermelhar' / 'h. avermelhou/amadureceu a banana'¹⁰

(35) pypipopyn song
 ø-py-pipop-<y>n song
 3-ASSERT-queimar-NFUT lenha

⁹ Contexto: 'o homem empurrou a criança de modo que ela deslizou'

¹⁰ Contexto: 'o homem avermelhou a banana fazendo-a amadurecer', ou seja, o homem causou o amadurecimento da banana usando de certa forma alguma técnica do tipo, por exemplo, aumentando o calor do ambiente para a banana amadurecer mais rápido.

- (42) taso ytamso'oot pikomty
 taso y-ta-m-so'oot-ø pikom-ty
 homem 1-DECL-CAUS-ver-NFUT macaco-OBL
 'O homem me fez ver o macaco'

Observe os exemplos abaixo (43) a (46):

Verbos transitivos com morfema {m-} ficam agramaticais

- (43) pyry'ydn ti'y taso
 ø-pyry-'y-dn ti'y taso
 3-ASSERT-comer-NFUT comida homem
 'O homem comeu a comida'

- (44) *pyrym'ydn ti'y taso
 ø-pyry-m-'y-dn ti'y taso
 3-ASSERT-CAUS-comer-NFUT comida homem

- (45) pyrokydn boroja taso
 ø-pyr-oky-dn boroja taso
 3-ASSERT-matar-NFUT cobra homem
 'O homem matou a cobra'

- (46) *pymbokydn boroja taso
 ø-py-m-oky-dn boroja taso
 3-ASSERT-CAUS-matar-NFUT cobra homem

Verbos bitransitivos com o morfema causativo {m-} ficam agramaticais

- (47) ypyryhityn boetety taso
 y-pyry-hit-<y>n boet-<e>ty taso
 1-ASSERT-dar-NFUT colar-OBL homem
 'O homem deu o colar para mim'

- (48) *ypyrymhityn boetety taso
 ø-pyry-m-hit-<y>n boet-<e>ty taso
 3-ASSERT-CAUS-dar-NFUT colar-OBL homem

Os dados descritos nos exemplos de (43) a (48) são sentenças com verbos transitivos (43) a (46) e com verbos bitransitivos (47) e (48). Elas ilustram a impossibilidade de coocorrência destes verbos com o morfema {m-}. Este comportamento morfossintático pode ser usado como evidência para distinguirmos verbos intransitivos de verbos transitivos e bitransitivos.

1.1.3 PASSIVIZAÇÃO COM O MORFEMA DE PASSIVA IMPESSOAL {a-}

A terceira evidência morfossintática que identificamos para classificação verbal é o fato de todos os verbos transitivos e bitransitivos ocorrerem com o morfema {a-} de passiva impessoal (do tipo 1 – ver subseção 1.1.3.1). O morfema {a-} possibilita a impessoalização do sujeito das construções com verbos transitivos e bitransitivos. Ao adicionarmos o morfema {a-} a qualquer verbo intransitivo a construção fica agramatical como podemos ver nos exemplos (63) a (67). Esses fatos, somados às demais evidências, dão-nos parâmetros para identificar e distinguir verbos transitivos de intransitivos. Este morfema também é usado para deixar implícito o segundo argumento que foi adicionado a uma construção intransitiva via morfema {m-}. A coocorrência dos morfemas {m-} e {a-} nas sentenças deste tipo, chamaremos de passivas do tipo 2 (ver subseção 1.1.3.2).

1.1.3.1 PASSIVA DO ‘TIPO 1’ – COM VERBOS TRANSITIVOS E BITRANSITIVOS

Verbos transitivos sendo passivizados pelo morfema {a-} no modo assertivo

(49) pyry’ydn ti’y taso
Ø-pyry-’y-dn ti’y taso
3-ASSERT-comer-NFUT comida homem
‘O homem comeu comida’

(50) pyra’ydn ti’y
ø-pyr-a-y-dn ti’y
3-ASSERT-PASV-comer-NFUT comida
‘Comeram a comida’

(51) pyrokydn taso yn
Ø-pyr-oky-dn taso yn
3-ASSERT-matar-NFUT homem eu
‘Eu matei o homem’

(52) pyraokydn taso
ø-pyr-a-oky-dn taso
3-ASSERT-PASV-matar-NFUT homem
‘Mataram o homem / o homem foi morto’

(53) pyrysekadn kind’o yn
Ø-pyry-seka-dn kind’o yn

3-ASSERT-espremer-NFUT fruta eu
 ‘Eu espremi a fruta’

- (54) pyrasekadn kinda´o
 ø-pyr-a-sek-a-dn kinda´o
 3-ASSERT-PASV-espremer-vt-NFUT fruta
 ‘Espremeram a fruta / a fruta foi espremida’

Verbos transitivos passivizados pelo morfema {a-} no modo declarativo

- (55) yn nakamĩt João
 yn ø-naka-mĩ-t João
 eu 3-DECL-bater-NFUT João
 ‘Eu bati no João’
- (56) naamĩt João
 ø-na-a-mĩ-t João
 3-DECL-PASV-bater-NFUT João
 ‘Bateram no João’
- (57) yn naheyt iiso
 yn ø-na-hey-t iiso
 eu 3-DECL-assoprar-NFUT fogo
 ‘Eu assoprei o fogo’
- (58) naaheyt iiso
 ø-na-a-hey-t iiso
 3-DECL-PASV-assoprar-NFUT fogo
 ‘assopraram o fogo / o fogo foi assoprado’

Verbos transitivos passivizados pelo morfema {a-} na construção de cópula

- (59) *ese naakat itingat
 ese ø-na-aka-t i-ting-a-t
 água 3-DECL-cop-NFUT NMZ-bater.timbo-vt-CONC.ABS.COP
- (60) ese naakat iatingat
 ese ø-na-aka-t i-a-ting-a-t
 água 3-DECL-cop-NFUT nmz-PASV-bater timbo-vt-CONC.ABS.COP
 ‘bateram timbo na água’
- (61) *bypan naakat iokop
 bypan ø-na-aka-t i-okop-ø
 flecha 3-DECL-cop-NFUT NMZ-quebrar-CONC.ABS.COP
- (62) bypan naakat iaokop

bypan	∅-na-aka-t	i-a-okop-∅
flecha	3-DECL-cop-NFUT	nmz-PASV-quebrar-CONC.ABS.COP
‘quebraram a flecha’		

A ocorrência de verbos intransitivos com o morfema *{a-}* fica agramatical, conforme mostram os dados em (63 a 67).

Verbos intransitivos sendo passivizados com o morfema de passiva *{a-}*

- (63) *pyrasomyn gokyp
 ∅-pyr-a-som<y>n gokyp/asyryty
 3-ASSERT-PASV-avermelhar-NFUT sol/banana
- (64) *pyrapipopyn song
 ∅-pyr-a-pipop<y>-n song
 3-ASSERT-PASV-queimar-NFUT lenha
- (65) *pyratarakadn taso
 ∅-pyr-a-tarak-a-dn taso
 3-ASSERT-PASV-andar-vt-NFUT homem

Verbos intransitivos com objeto oblíquo ficam agramaticais com o morfema *{a-}*, como é mostrado nos exemplos (66) e (67).

Verbo intransitivo com objeto oblíquo sendo passivizado com o morfema de passiva *{a-}*

- (66) *pyrasondypyn taso
 ∅-pyr-a-sondyp-<y>n taso
 3-ASSERT-PASV-saber-NFUT homem
- (67) *pyraso'ootyn õwã boetety
 ∅-pyr-a-so'oot-<y>n õwã boet-<e>ty
 3-ASSERT-PASV-ver-NFUT criança colar-OBL

1.1.3.2 PASSIVA DO ‘TIPO 2’ – COM VERBOS TRANSITIVIZADOS COM *{m-}*

Todos os verbos intransitivos como em (68) podem ser transitivizados pelo morfema *{m-}*, por exemplo, em (69) e depois podem sofrer um processo de passivização através do morfema *{a-}* como podemos ver no exemplo (70). O mesmo processo ocorre com os verbos psicológicos com objeto oblíquo, conforme mostra o paradigma em (71) a (73). No exemplo (76) adicionamos o morfema *{m-}* e *{a-}* em um verbo transitivo, o que torna a sentença

agramatical. Essa restrição ocorre com todos os verbos transitivos, possibilitando-nos, junto com as demais evidências, identificar classes verbais.

Construção intransitiva no modo assertivo

- (68) pyke'onyn tí'y
 Ø-py-ke'on-<y>n tí'y
 3-ASSERT-esfriar-NFUT comida
 'A comida esfriou'

Contraparte transitivizada pelo morfema {m-} no modo assertivo

- (69) pymke'onyn tí'y ãonso
 Ø-py-m-ke'on-<y>n tí'y ãonso
 3-ASSERT-CAUS-esfriar-NFUT comida mulher
 'A mulher fez a comida esfriar' / 'a mulher deixou a comida esfriar'

Contraparte transitivizada via {m-} como em (69) e depois passivizada com {a-}

- (70) pyranke'onyn tí'y
 Ø-pyr-a-m-ke'on-<y>n tí'y
 3-ASSERT-pasv-CAUS-esfriar-NFUT comida
 'Esfriaram a comida'

Verbos intransitivo com objeto oblíquo

- (71) ypyrysondypyn yn banheiroty
 y-pyry-sondyp-<y>n yn banheiro-ty
 1-ASSERT-saber-NFUT eu banheiro-OBL
 'Eu sei do banheiro'

Verbo intransitivo com objeto oblíquo transitivizado pelo {m-}

- (72) ypyrymsondypyn taso banheiroty
 y-pyry-m-sondyp-<y>n taso banheiro-ty
 1-ASSERT-CAUS-saber-NFUT homem banheiro-OBL
 'O homem me fez saber do banheiro'

Verbo transitivizado e depois passivizado pelo morfema {a-}

- (73) ypyramsondypyn banheiroty
 y-pyry-a-m-sondyp-<y>n banheiro-ty
 1-ASSERT-pasv-CAUS-saber-NFUT banheiro-OBL
 'Me fizeram saber do banheiro' (literal: foi feito eu saber do banheiro)

Construção transitiva com o verbo 'y "comer"

- (74) pyry'ydñ asyryty taso
 Ø-pyry-'y-dñ asyryty taso

3-ASSERT-comer-NFUT banana homem
 ‘O homem comeu a banana’

Agramaticalidade do morfema {*m-*} com verbo transitivo

(75) *pyrym´ydn asyryty taso
 ø-pyry-*m-*´y-dn asyryty taso
 3-ASSERT-CAUS-comer-NFUT banana homem

Agramaticalidade da coocorrência de {*m-*} e {*a-*} em um verbo transitivo

(76) *pyram´ydn ti´y taso
 ø-pyr-*a-**m-*´y-dn asyryty taso
 3-ASSERT-pasv-CAUS-comer-NFUT banana homem

Na seção (1.1.4), mostraremos a construção de cópula usada como evidência para descrever verbos, diferenciando transitivos de intransitivos.

1.1.4 CONSTRUÇÃO DE CÓPULA

Neste item, atentamos para a quarta evidência morfossintática a ser apresentada, que é a construção de cópula na língua. Em (1.1.4.1) apontamos as características dessa construção sintática, que prevê a ocorrência apenas de verbos intransitivos, adjetivos e nomes como núcleos dos complementos da cópula.

A análise de Everett (2006) também aponta que no núcleo do complemento das construções de cópula podem ocorrer verbos intransitivos, nomes ou adjetivos. No entanto, Everett entende que o verbo intransitivo que ocorre no núcleo do complemento da cópula é um verbo semanticamente intransitivo, enquanto Storto (1999; 2009; 2010) o analisa como sintaticamente intransitivo. Por este motivo, optamos pela análise de Storto. Assim, a autora consegue explicar a ocorrência de verbos transitivos intransitivizados (passivizados) sintaticamente nucleando o complemento da cópula, tal como mostramos evidências no presente trabalho (cf. ex. 236 (seção 2.2)).

1.1.4.1 BREVE INTRODUÇÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE CÓPULA EM KARITIANA

Segundo Storto (2002), as sentenças chamadas declarativas são marcadas pelos prefixos verbais *na(ka)-* quando o prefixo de concordância é zero (3ª. pessoa) e *ta(ka)-* nos demais ambientes, por exemplo, com prefixos de primeira e segunda pessoas (*y-ta(ka)-*, *a-*

ta(ka)-, etc). Observa-se também a presença do alomorfe *na-* prefixado à cópula *aka* nas construções de cópula (STORTO, 1999), que sempre concordam com seu complemento, uma mini-oração nominalizada (portanto, uma 3ª. pessoa). X é o núcleo da minioração nominalizada (NMZ) que funciona como complemento da cópula.

S_i na-aka-t [NMZ [SC t_i X]-conc.abs]

Storto (2002) assume que as sentenças copulares são bioracionais em Karitiana, já que a cópula *aka* seleciona um complemento oracional na forma de uma minioração (Small Clause) que tem como núcleo um nome (N) como em (i), um adjetivo (A) nominalizado como em (ii) ou um verbo (V) intransitivo nominalizado como em (iii) (STORTO, 2008; 2009; 2010).

i.	byty mamão 'Mamão é uma fruta'	Ø-na- aka -t 3-DECL-COP-NFUT	[kinda´o]-t [fruta]-CONC.ABS.COP
ii.	taso homem 'O homem é bonito'	Ø-na- aka -t 3-DECL-COP-NFUT	[i-se´a]-t [NMZ-bonito]-CONC.ABS.COP
iii.	taso homem 'O homem dormiu'	Ø-na- aka -t 3-DECL-COP-NFUT	[i-kat]-Ø [NMZ-dormir]-CONC.ABS.COP

(STORTO, 2008)

1.1.4.2 A POSSIBILIDADE DA OCORRÊNCIA DE UM VERBO INTRANSITIVO EM CONSTRUÇÕES DE CÓPULA

Storto (2010) afirma que, ao utilizarmos a raiz de um verbo transitivo no núcleo do complemento da cópula, a construção ficará agramatical (fato exemplificado em (88) a (90)). Portanto, essa restrição da construção de cópula também nos dá subsídios, como as demais evidências, para testarmos a valência dos verbos nessa língua. Daremos, a seguir, exemplos dessa construção com verbos intransitivos (80) a (85), intransitivos com objeto oblíquo (86) e (87), transitivos (88) a (90) e com verbos bitransitivos (91).

Verbos intransitivos na construção de cópula

- (80) ti'y naakat ike'on
ti'y Ø-na-aka-t i-ke'on-Ø
comida 3-DECL-COP-NFUT NMZ-esfriar-CONC.ABS.COP
'A comida esfriou'
- (81) taso naakat ipikowogngat
taso Ø-na-aka-t i-pikowogng-a-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-deslizar-vt-CONC.ABS.COP
'O homem deslizou'
- (82) asyryty naakat isōwōrāt
asyryty Ø-na-aka-t i-sōw-ōrã-t
banana 3-DECL-COP-NFUT NMZ-vermelho-adjvzr-CONC.ABS.COP
'As bananas amadureceram/avermelharam'
- (83) song naakat ipipop
song Ø-na-aka-t i-pipop-Ø
lenha 3-DECL-COP-NFUT NMZ-queimar-CONC.ABS.COP
'A lenha queimou'
- (84) taso naakat itarakat
taso Ø-na-aka-t i-tarak-a-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-andar-vt-CONC.ABS.COP
'O homem andou'
- (85) taso naakat iterekteregngat
taso Ø-na-aka-t i-terekteregng-a-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-dançar-vt-CONC.ABS.COP
'O homem dançou'

Verbos intransitivos com objeto oblíquo na construção de cópula

- (86) taso naakat isondyp pikomty
taso Ø-na-aka-t i-sondyp-Ø pikom-ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-saber-CONC.ABS.COP macaco-OBL
'O homem sabe do macaco'
- (87) taso naakat iso'oot boetety
taso Ø-na-aka-t i-so'oot-Ø boet<e>-ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-ver-CONC.ABS.COP colar-OBL
'O homem viu o colar'

Verbos transitivos na construção de cópula ficam agramaticais

- (88) *taso naakat i'yt

tasó Ø-na-aka-t i-´y-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-comer-CONC.ABS.COP

(89) *tasó naakat iokyt

tasó Ø-na-aka-t i-oky-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-matar-CONC.ABS.COP

(90) *tasó/*kinda´o naakat isekat

*tasó/*kinda´o Ø-na-aka-t i-seka-t
homem/fruta 3-DECL-COP-NFUT NMZ-espremer-CONC.ABS.COP

Verbos bitransitivos na construção de cópula ficam agramaticais

(91) *tasó naakat ioingat

tasó Ø-na-aka-t i-oing-a-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-presentear-vt-CONC.ABS.COP

Neste capítulo (cf. cap. I), apresentamos fatos linguísticos que possibilitam descrever classes verbais na língua. Estes fatos são utilizados como evidências para classificar os verbos conforme eles estão descritos no capítulo seguinte (cf. cap. II).

CAPÍTULO II – AS CLASSES VERBAIS

2.0 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

Neste capítulo, sistematizaremos de modo descritivo as classes verbais conforme os parâmetros morfossintáticos já descritos no capítulo I. Na seção 2.1, apresentaremos a classe verbal intransitiva. Logo em seguida, na seção 2.1.1, abordaremos a subclasse verbal intransitiva que apresenta um objeto oblíquo opcional e tem sujeito experienciador. Na seção 2.2 será descrita a classe verbal transitiva, e por fim, na seção 2.3, o objetivo é descrever os verbos bitransitivos. Finalmente, em (2.4), as (pseudo-)irregularidades serão discutidas.

2.1 VERBOS INTRANSITIVOS

O corpus apresentado conta com 4 paradigmas completos¹¹, onde testamos todas as alternâncias em três contextos sintáticos na língua: (i) no modo assertivo, com o prefixo verbal *py(ry)-* (STORTO, 2002; 2001); (ii) no modo declarativo, que se apresenta com os prefixos verbais *na(ka)-/ta(ka)-*; (iii) na construção de cópula. Como discutido anteriormente, quando há a marca de concordância zero (3ª pessoa) no verbo declarativo, usa-se o alomorfe *na(ka)-* e o alomorfe *ta(ka)-* ocorre nos demais ambientes. Observa-se, ainda, a presença do prefixo *na(ka)-* na cópula *na-aka-t*. A concordância nas construções de cópula é sempre de terceira pessoa, pois a cópula concorda com seu complemento, uma minioração nominalizada (cf. 1.1.4.1) (STORTO, 2010).

Na língua Karitiana, os verbos intransitivos concordam com o sujeito (marca de concordância absoluta) e sempre permitem a alternância causativo-incoativa do tipo *o dia clareou* e *o sol clareou o dia*. Há, em Karitiana, um morfema causativo que desencadeia a transitivização dessa classe de verbos, e apenas dela (o morfema *m-*, já apresentado no capítulo I). Assim, podemos dizer que a língua não faz uma distinção morfossintática entre intransitivos inergativos e inacusativos, como havia sido proposto em Storto (2001), já que um dos testes principais para a inclusão de verbos na categoria dos inacusativos é a alternância causativo-incoativa. Conforme as evidências mencionadas (capítulo I), apresentaremos os seguintes verbos para representar esta classe: *otam* ‘chegar’ (paradigma 1),

¹¹ Vale ressaltar que para os verbos intransitivos ‘comuns’ testamos 113 paradigmas verbais completos como apresentados nos exemplos dados e mais 36 paradigmas verbais para os intransitivos com objeto oblíquo.

(a) *kinda otidn* ‘adoecer’ (paradigma 2), *oty* ‘banhar’ (paradigma 3), *terekterek* ‘dançar’ (paradigma 4), entre outros descritos na língua (*ewet* ‘emagrecer’, *esybm* ‘espirrar’, *tat* ‘ir’, *pok* ‘secar’, *andyj* ‘rir’ etc), apresentados na tabela (7) no final dessa seção.

Considere o paradigma verbal 1, exemplificado de (92) a (104), do verbo chegar (*otam*):

Paradigma verbal 1 – verbo *otam* ‘chegar’

Verbo intransitivo no modo assertivo (VS)

- (92) *pyryotamyn* João
 Ø-pyry-otam-<y>n João
 3-DECL-chegar-NFUT João
 ‘João chegou’

Verbo intransitivo com morfema de passiva {*a-*} no modo assertivo (VS)

- (93) **pyraotamyn* João
 Ø-pyr-a-otam-<y>n João
 3-asser-PASV-chegar-NFUT João

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {*m-*} no modo assertivo (VOS)

- (94) *pyrymbotamyn* Ivan João
 Ø-pyry-m-otam-<y>n Ivan João
 3-ASSERT-CAUS-chegar-NFUT Ivan João
 ‘João fez Ivan chegar’

Na sentença (94), assim como na (95), estão refletidos os seguintes contextos:

Contexto 1 - ‘Ivan’ estava na aldeia quando ‘João’ ordenou-lhe que fosse para Porto Velho, então *João fez Ivan chegar* (em Porto Velho);

Contexto 2 - ‘Ivan’, estando na aldeia, queria ir para Porto Velho e conseqüentemente João indo para lá de carro deu-lhe uma carona, então, neste caso, também, *João o fez chegar* (em Porto Velho);

Contexto 3 – Seria possível também no caso de ‘João’ estando em Porto Velho e ‘Ivan’ na aldeia, João mandasse alguém buscá-lo na aldeia e traze-lo até Porto Velho, então podemos ter como um dos resultados que *João o fez chegar* (em Porto Velho);

Verbo intransitivo transitivizado via {*m-*} no modo assertivo VOS

- (95) *pyrymbotamyn* João Ivan
 Ø-pyry-m-otam-<y>n João Ivan
 3-ASSERT-CAUS-chegar-NFUT João Ivan

‘Ivan fez João chegar’

Verbo intransitivo transitivizado via {*m-*} e passivizado via {*a-*} no modo assertivo (VS)

- (96) pyrambotamyn Ivan
Ø-pyr-a-m-otam-<y>n Ivan
3-ASSERT-PASV-CAUS-chegar-NFUT Ivan
‘Fizeram Ivan chegar’¹²

Nos exemplos (92) a (96), exemplificamos o verbo *otam* no modo assertivo. Em (92), apresentamos a construção intransitiva ‘simples’, sem nenhuma morfologia de aumento de valência. No exemplo (93), adicionamos o morfema de passiva {*a-*}, o que tornou a construção agramatical, já que se trata de um verbo intransitivo. Em (94), acrescentamos à construção intransitiva (do tipo *X chegou*) um argumento do tipo agente ou causa do evento e obtemos uma estrutura do tipo (*Y fez X chegar*) via adição do morfema causativo {*m-*}. Se em português fosse possível uma construção do tipo “*Y chegou X*”, esta seria a maneira de parafrasear o que acontece em Karitiana.

Verbo intransitivo no modo declarativo (AdvVS)

- (97) atykiri naotam João
atykiri Ø-na-otam-Ø João
então 3-DECL-chegar-NFUT João
‘Então João chegou’

Vimos que um verbo intransitivo (92) em Karitiana após transitivizado (94) pelo morfema {*m-*} pode ser passivizado (96) via morfema {*a-*}. Abaixo, explicitamos, passo a passo, o que acontece nestes casos:

- (i) *João chegou* (não implica nenhum agente iniciador)
- (ii) Em ‘*Pedro fez o João chegar*’ (implica um agente causador ‘Pedro’ e o argumento afetado é ‘João’)
- (iii) *fizeram João chegar* (João é o argumento afetado; a construção implica um agente ou causa que iniciou a ação de ‘*João ter chegado*’, mas, por alguma

¹² Tradução literal: “foi feito Ivan chegar”. Todas as sentenças de passiva impessoal derivada de verbo intransitivo são traduzidas pela estrutura do tipo apresentada em (96) e a tradução literal que reflete melhor a estrutura da passiva impessoal foi dada nesta nota. A partir de agora, não explicitaremos mais a tradução literal, pois fica subentendido que esta é a estrutura.

No modo declarativo examinamos dois contextos sintáticos: um monooracional e outro bioracional. O último é a construção de cópula, onde temos a cópula *aka* com o morfema prefixal de modo, a concordância de 3ª. pessoa e a marca sufixal de tempo. Esta cópula toma como complemento uma minioração, que, no caso, é o que nos interessa aqui, pelo fato de o núcleo desse complemento estar restrito apenas a verbos intransitivos, adjetivos, ou nomes (neste último caso sem o prefixo nominalizador). Consideremos, deste modo, o exemplo (101) em que a raiz verbal presente no núcleo do complemento é a raiz do verbo *otam*, um verbo monoargumental. Em (102), adicionamos o morfema de passiva *{a-}* à raiz *otam* no núcleo do complemento da cópula e, como era previsto, a construção tornou-se agramatical, assim como ocorreu nos exemplos (93) e (99), já que em nenhum contexto a raiz de um verbo intransitivo pode ser passivizada diretamente.

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula

- (101) João naakat iotam
 João Ø-na-aka-t i-otam-Ø
 João 3-DECL-COP-NFUT NMZ-chegar-CONC.ABS.COP
 ‘João chegou’

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula com o morfema *{a-}* de passiva

- (102) *João naakat iaotam
 João Ø-na-aka-t i-a-otam-Ø
 João 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-chegar-CONC.ABS.COP

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula com o morfema *{m-}*

- (103) *João naakat imbotam
 João Ø-na-aka-t i-m-otam-Ø
 João 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-chegar-CONC.ABS.COP

Verbo intransitivo no núcleo da cópula com os morfemas *{m-}* e *{a-}* coocorrendo

- (104) João naakat iambotam
 João Ø-na-aka-t i-a-m-otam-Ø
 João 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-chegar-CONC.ABS.COP
 ‘Fizeram o João chegar’

No exemplo (103), testamos a ocorrência do morfema *{m-}* adicionado a um verbo intransitivo no ambiente de núcleo do complemento da cópula e o resultado foi a agramaticalidade. Podemos apontar dois motivos para tal ocorrência: (i) nesse ambiente são possíveis apenas verbos sintaticamente intransitivos, logo não é aceitável um verbo

transitivizado, já que sabemos que o verbo em questão transitiviza-se via *{m-}*, como atestado em outros contextos sintáticos; (ii) o uso do morfema *{m-}* projeta necessariamente um agente (um argumento externo) e nesse ambiente da construção de cópula não há licenciamento para outro argumento. Estas hipóteses podem ser corroboradas pelo exemplo (104), onde temos no núcleo do complemento da cópula a coocorrência dos morfemas de passiva *{a-}* e de causativa *{m-}*. Neste caso, a morfologia de passiva licencia a ocorrência do morfema causativo nesse ambiente justamente pelo fato de fazer o verbo intransitivo que tinha sido transitivizado tornar-se intransitivo outra vez ao eliminar o agente da grade de argumentos.

Abaixo segue outro paradigma verbal de um verbo intransitivo, *(a)kinda otidn* ‘adoecer’. Vale ressaltar que este verbo segue o mesmo padrão do paradigma anterior:

Paradigma verbal 2 – *(a)kinda otidn* ‘adoecer’

Verbo intransitivo no modo assertivo (VS)

- (105) *pyrykinda otidnan taso*
 Ø-pyry-kinda otidn-a-n taso
 3-ASSERT-adoecer-VT-NFUT homem
 ‘O homem adoeceu’

Verbo intransitivo no modo assertivo (VS)

- (106) *pyrkinda otidnan taso*
 Ø-pyr-akinda otidn-a-n taso
 3-ASSERT-adoecer-VT-NFUT homem
 ‘o homem adoeceu’

Verbo intransitivo com morfema de passiva *{a-}* no modo assertivo

- (107) **pyra’akinda otidnan taso*
 Ø-pyr-a-akinda otidn-a-n taso
 3-ASSERT-PASV-adoecer-VT-NFUT homem

Verbo intransitivo sendo transitivizado via *{m-}* no modo assertivo (VOS)

- (108) *pymkinda otidnan õwã taso*
 Ø-py-m-kinda otidn-a-n õwã taso
 3-ASSERT-CAUS-adoecer-VT-NFUT criança homem
 ‘o homem fez a criança adoeecer’

Verbo intransitivo transitivizado via *{m-}* no modo assertivo (VOS)

- (109) *pymbakinda otidnan õwã taso*
 Ø-py-m-akinda otidn-a-n õwã taso

3-ASSERT-CAUS-adoecer-VT-NFUT criança homem
 ‘o homem fez a criança adoecer’

Verbo intransitivo transitivizado via {*m-*} e depois passivizado via {*a-*} no modo assertivo (VS)

(110) *pyramkinda otidnan õwã*
 Ø-pyr-a-m-kinda otidn-a-n õwã
 3-ASSERT-PASV-CAUS-adoecer-VT-NFUT criança
 ‘fizeram a criança adoecer’

O verbo (*a*)*kinda otidn* descrito no paradigma 2, nos exemplos de (105) a (116), apresenta a mesma configuração do paradigma 1 no que diz respeito ao processo de alternância transitivo-incoativa. Este verbo torna-se agramatical se adicionarmos o morfema de passiva e aceita o morfema causativo para o processo de transitivização, seguindo o padrão típico dos intransitivos.

Nos exemplos acima que aparecem no modo assertivo podemos perceber um falso problema devido à existência de uma homofonia entre a vogal inicial /*a*/ de uma das versões desse verbo (*akinda otidn* ~ *kinda otidn*) com o morfema de passiva {*a-*}. Isso fez com que Storto (2001) analisasse este verbo como suscetível de passivização. Naquele artigo, a autora apontou que esse verbo aceitava o morfema de passiva {*a-*}, quando na verdade aquele /*a*/ presente na construção fazia parte da raiz verbal. Nos exemplos (105) e (106), mostramos a ocorrência da raiz verbal sem a vogal /*a*/ em (105) e com essa vogal /*a*/ em (106). Não parece haver diferença semântica ou sintática entre as duas versões da raiz. Em (107), adicionamos o morfema de passiva à raiz *akinda otidn* para mostrar a agramaticalidade da construção e o comportamento foi exatamente o esperado (**pyra'akinda otidnan*). O teste que confirma a análise de homofonia está nos exemplos (109), onde temos a ocorrência do morfema causativo antecedendo essa vogal /*a*/ dessa contraparte da raiz (*py-mb-akinda otidnan*) e (116), onde a raiz *akinda*, no núcleo do complemento da cópula, está sob o processo de passivização e causativização, ou seja, a coocorrência de {*a-*} e {*m-*} e nesse caso, obtemos o seguinte resultado: (*õwã naakat i-a-mb-akinda otidnat*). Note que o morfema causativo {*m-*} ocorre entre o morfema de passiva {*a-*} e a vogal /*a*/ inicial da raiz (ex. 116).

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {*m-*} no modo declarativo (SVO)

(111) *taso nambakinda otidnat õwã*
 taso Ø-na-m-akinda otidn-a-t õwã
 homem 3-DECL-CAUS-adoecer-VT-NFUT criança
 ‘O homem fez a criança adoecer’

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula

- (112) òwã naakat ikinda otidnat
òwã Ø-na-aka-t i-kinda otidn-a-t
criança 3-DECL-COP-NFUT NMZ-adoecer-VT-CONC.ABS.COP
'A criança adoeceu'

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula

- (113) òwã naakat iakinda otidnat
òwã Ø-na-aka-t i-akinda otidn-a-t
criança 3-DECL-COP-NFUT NMZ-adoecer-VT-CONC.ABS.COP
'A criança adoeceu'

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula com o morfema de passiva {a-}

- (114) *òwã naakat ia'akinda otidnat
òwã Ø-na-aka-t i-a-akinda otidn-a-t
criança 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-adoecer-VT-CONC.ABS.COP

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula com o morfema {m-}

- (115) *òwã naakat imb(a)kinda otidnat
òwã Ø-na-aka-t i-m-(a)kinda otidn-a-t
criança 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-adoecer-VT-CONC.ABS.COP

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula com os morfemas {a-} e {m-}

- (116) òwã naakat iambakinda otidnat
òwã Ø-na-aka-t i-a-m-akinda otidn-a-t
criança 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-adoecer-VT-CONC.ABS.COP
'Fizeram a criança adoeecer'

Apresentamos abaixo o paradigma do verbo *oty* 'banhar'. Os exemplos que fazem referência às alternâncias desse paradigma estão dispostos a partir dos dados exemplificados de (117) a (127).

Paradigma verbal 3 – *oty* 'banhar'

Verbo intransitivo no modo assertivo (VS)

- (117) pyrotydn João
Ø-pyr-oty-dn João
3-ASSERT-banhar-NFUT João
'O João banhou'

Verbo intransitivo com o morfema de passiva $\{a-\}$ no modo assertivo (VS)

- (118) *pyraotydn taso
Ø-pyr-a-oty-dn taso
3-ASSERT-PASV-banhar-NFUT homem

Verbo intransitivo sendo transitivizado via $\{m-\}$ no modo assertivo (VOS)

- (119) pymbotydn òwã taso
Ø-py-m-oty-dn òwã taso
3-ASSERT-CAUS-banhar-NFUT criança homem
'O homem deu banho na criança' / 'o homem banhou a criança'

Verbo intransitivo sendo transitivizado via $\{m-\}$ e depois passivizado via $\{a-\}$ no modo assertivo (VS)

- (120) pyrambotydn taso
Ø-pyr-a-m-oty-dn taso
3-ASSERT-PASV-CAUS-banhar-NFUT homem
'O homem foi banhado'

Podemos ver a transitivização via morfema $\{m-\}$ em (119) e em (122). Em (120) e (127), há coocorrência de $\{a-\}$ e $\{m-\}$, onde tivemos primeiro uma transitivização e passivização. Assim, como os demais paradigmas, esse está dividido em dois modos sentenciais, o assertivo, exemplos de (117) a (120), e o declarativo, exemplos de (121) a (127). O último subdivide-se em dois contextos sintáticos: declarativa mono-oracional e em declarativa na construção de cópula, exemplos de (124) a (127), do tipo bioracional.

Verbo intransitivo com adição de um segundo argumento sem $\{m-\}$ no modo declarativo (SVO)

- (121) #yn naoty y'et¹³
yn Ø-na-oty-t y'et
eu 3-DECL-banhar-nfut 1POSS-filho

Verbo intransitivo sendo transitivizado via $\{m-\}$ no modo declarativo (SVO)

- (122) yn namboty y'et
yn Ø-na-m-oty-t y'et
eu 3-DECL-CAUS-banhar-NFUT 1POSS-filho
'Eu dei banho no meu filho'

Verbo intransitivo no modo declarativo (VS)

¹³ O símbolo (#) é utilizado para informar que o dado é agramatical neste contexto (banhar intransitivo). No entanto, seria boa se fosse 'banhar (transitivo) com osipo'. Neste caso, a tradução seria: 'eu banhei meu filho com osipo'.

- (123) naotyt João esepip
 Ø-na-oty-t João ese-pip
 3-DECL-banhar-NFUT João água-LOC
 ‘O João banhou no rio’

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula

- (124) yn naakat iotyt
 yn Ø-na-aka-t i-oty-t
 eu 3-DECL-COP-NFUT NMZ-banhar-CONC.ABS.COP
 ‘Eu me banhei’

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula com o morfema de passiva {a-}

- (125) #yn naakat iaotyt (só para banhar com osiipo)
 yn Ø-na-aka-t i-a-oty-t
 eu 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-banhar-CONC.ABS.COP
 (contexto. ‘eu fui banhado’)

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula com o morfema {m-}

- (126) *yn naakat imbotyt
 yn Ø-na-aka-t i-m-oty-t
 eu 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-banhar-CONC.ABS.COP

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula com os morfemas {m-} e {a-}

- (127) yn naakat iambotyt
 yn Ø-na-aka-t i-a-m-oty-t
 eu 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-banhar-CONC.ABS.COP
 ‘Eu fui banhado’

Existe na língua outra raiz verbal *oty* transitiva com sentido semelhante à primeira ‘banhar com osipo’. Ela é usada para descrever uma situação específica em que se banha uma pessoa com caldos medicinais em rituais. Observamos a ocorrência dessa raiz verbal com o morfema de passiva {a-}, o que gerou um erro de análise em Storto (2001). A autora considerou que o verbo *oty* intransitivo poderia ser intransitivizado, quando, na verdade, apenas a raiz transitiva homófona pode passar por este processo.

A seguir, apresentaremos o paradigma do verbo intransitivo *terekterek* ‘dançar’ (paradigma verbal 4, exemplos de (128) a (140)). Este verbo, junto com outros verbos intransitivos como andar, rir, e correr, em muitas línguas, faz parte da classe dos intransitivos inergativos. Línguas como o português, o inglês e o Juruna (família Juruna, tronco Tupi), entre outras, apresentam verbos inergativos (ativos) que são distintos dos inacusativos

(estativos) sintaticamente. No entanto, em Karitiana, não temos evidências para distinguir as duas classes:

Paradigma verbal 4 – verbo *terekterek* ‘dançar’

Verbo intransitivo no modo assertivo (VS)

- (128) pyterekteregngan taso
Ø-py-terekterek-a-n taso
3-ASSERT-dançar-VT-NFUT homem
‘O homem dançou’

Verbo intransitivo com morfema de passiva {*a-*} no modo assertivo

- (129) *pyraterekteregngan taso
Ø-pyr-a-terekterek-a-n taso
3-ASSERT-dançar-VT-NFUT homem

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {*m-*} no modo assertivo (VOS)

- (130) ypyterekteregngan (yn) taso
y-py-m-terekterek-a-n yn taso
1-ASSERT-CAUS-dançar-VT-NFUT eu homem
‘O homem me fez dançar’ / contx. ‘o homem me dançou’

Verbo intransitivo transitivizado via {*m-*} no modo assertivo (VOS)

- (131) ypyterekteregngan hyryjã hãrajã
y-py-m-terekterek-a-n hyryjã hãrajã
1-ASSERT-CAUS-dançar-VT-NFUT música boa
‘A boa música me fez dançar’

Verbo intransitivo transitivizado via {*m-*} e depois passivizado via {*a-*} no modo assertivo

(VS)

- (132) pyramterekteregngan taso
Ø-pyr-a-m-terekterek-a-n taso
3-ASSERT-PASV-CAUS-dançar-VT-NFUT homem
‘Fizeram o homem dançar’/ contx. ‘dançaram o homem’

Verbo intransitivo no modo declarativo (SV)

- (133) *taso naterekteregngat
taso Ø-na-terekterek-a-t
homem 3-DECL-dançar-VT-NFUT

Verbo intransitivo no modo declarativo (VS)

- (134) naterekteregngat taso
 Ø-na-terektetek-a-t taso
 3-DECL-dançar-VT-NFUT homem
 ‘O homem dançou’

Verbo intransitivo no modo declarativo com adição de um segundo argumento sem uso da morfologia transitivizadora {*m-*} (SVO)

- (135) *taso naterekteregngat ãonso
 taso Ø-na-terektetek-a-t ãonso
 homem 3-DECL-dançar-VT-NFUT mulher

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {*m-*} no modo declarativo (SVO)

- (136) taso namterekteregngat ãonso
 taso Ø-na-m-terektetek-a-t ãonso
 homem 3-DECL-CAUS-dançar-VT-NFUT mulher
 ‘O homem fez a mulher dançar’ / contx. ‘o homem dançou a mulher’

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula

- (137) taso naakat iterekteregngat
 taso Ø-na-aka-t i-terektetek-a-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-dançar-VT-CONC.ABS.COP
 ‘O homem dançou’

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula passivizado via {*a-*}

- (138) *taso naakat iaterekteregngat
 taso Ø-na-aka-t i-a-terektetek-a-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-dançar-VT-CONC.ABS.COP

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {*m-*} no núcleo do complemento da cópula

- (139) *taso naakat imterekteregngat
 taso Ø-na-aka-t i-m-terektetek-a-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-dançar-VT-CONC.ABS.COP

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula com coocorrências dos morfemas causativo {*m-*} e passiva {*a-*}

- (140) taso naakat iamterekteregngat
 taso Ø-na-aka-t i-a-m-terektetek-a-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-dançar-VT-CONC.ABS.COP
 ‘Fizeram o homem dançar’

Voltando à discussão iniciada antes da apresentação do paradigma acima, reiteramos que não temos evidências morfossintáticas para dizer que há verbos inergativos nessa língua,

pois como acabamos de ver, em Karitiana, verbos como *dançar*, que em muitas línguas são inergativos, e apresentam comportamento sintático diferente dos inacusativos, não são diferentes de verbos como *chegar*, *escurecer*, *amarelar*, *anoitecer* etc. nesta língua. Mostramos no decorrer do nosso trabalho que todos os intransitivos comportam-se como verbos inacusativos em Karitiana, não apresentando, portanto, nenhuma distinção no que diz respeito à alternância e ao comportamento morfossintático em geral (concordância, ordem de constituintes, etc).

Em Juruna, língua Tupi da família Juruna, por exemplo, Lima (2008, p. 25) mostra que há distinção sintática entre os inacusativos e os inergativos via morfologia. Lima (2008, p. 25) utiliza critérios morfossintáticos para diferenciar verbos intransitivos de verbos transitivos, que são os morfemas de valência. Há em Juruna um morfema {l-} e {e-} que estão associados à intransitividade e há os morfemas {a-}, {ma-} (cognato ao {m-} em Karitiana e reconstruído no Proto Tupi), e {ũ-}, associados à transitividade.

“É importante dizer que os verbos intransitivos podem ser divididos em duas classes a partir de dois fatos [em Juruna]: 1) os verbos que realizam causativização com {ma-} são diferentes dos verbos que são causativizados por {ũ-} – uma vez que estes morfemas estão em distribuição complementar; 2) há verbos intransitivos que realizam alternância simples (o vaso quebrou / João quebrou o vaso) – e, logo, são inacusativos – e há outro grupo que não realiza esta alternância (inergativos). É possível observar que verbos inacusativos são causativizados com o morfema {ma-} e os verbos inergativos com o morfema {ũ-}” (LIMA, 2008, p. 25).

Considere os quatro exemplos da língua Juruna a seguir, retirados de Lima (2008; p. 124, exs. (59.a), (59.b), (60.a) e (60.b)):

(i) tahu apĩ
 correr cachorro
 ‘Cachorro correu’ (Fargetti 2001: 186 apud LIMA, 2008, p. 124)

(ii) una apĩ y-ũ-tahu anu
 1s cachorro 3s-CAUS-correr ASP
 ‘Eu fiz cachorro correr’ (Fargetti 2001: 186 apud LIMA, 2008, p. 124)

(iii) ani iyu
 3s dormir
 ‘Ele dormiu’ (Fargetti 2001; 190 apud LIMA, 2008, p. 124)

- (iv) Sewaki i-ma-iyu he anu
 Sewaki 3s-CAUS-dormir 3s ASP
 ‘Sewaki o fez dormir (Sewaki o dormiu)’ (Fargetti 2001; 190 apud LIMA, 2008, p.124)

Os exemplos dados refletem a distinção inergativo-inacusativa atestada pela seleção do auxiliar $\{\tilde{u}-\}$ para causativizar inergativos e $\{ma^{-14}\}$ para causativizar inacusativos. Isso não acontece em Karitiana, pois há nesta língua apenas um tipo de verbo intransitivo, do tipo inacusativo que alterna, via adição do morfema causativo $\{m-\}$ na versão transitiva.

Podemos apresentar outros diagnósticos que podem ser elaborados para diferenciar verbos inacusativos de inergativos, por exemplo, a seleção do auxiliar em algumas línguas românicas e germânicas que utilizam o auxiliar *ser* em sentenças inacusativas enquanto que em sentenças inergativas, o auxiliar utilizado é o *ter*. Por exemplo, podemos ver este processo em (i) e em (ii) no Francês:

- (i) Marie *est* arrivé en retard
 Marie é chegada atrasada
 “Marie *chegou* atrasada”
- (ii) Marie *a* dansé
 Marie tem dançado
 “Marie *dançou*”

O que nos motivou a trazer análises de outras línguas para nossa discussão foi mostrar que muitas línguas conhecidas e bem descritas apresentam alguma forma de se fazer a distinção entre as subclasses de intransitivos (inergativos e inacusativos). Em Karitiana, propomos que todos os verbos intransitivos têm um comportamento de verbo inacusativo alternante, pois, além de transitivizarem-se via causativizador $\{m-\}$ sem nenhuma exceção, eles podem também ocorrer em um ambiente sintático que nesta língua é um ambiente reservado a adjetivos e verbos intransitivos nominalizados, ou seja, no núcleo do complemento da cópula.

A seguir, apresentamos uma tabela com um conjunto de verbos intransitivos que segue o mesmo padrão dos paradigmas apresentados nos exemplos anteriores.

¹⁴ Lima (2008) demonstra que $\{u-\}$ e $\{ma-\}$ não são alomorfes do mesmo morfema, mas são auxiliares diferentes.

Tabela 7 - Verbos intransitivos que seguem o mesmo padrão dos paradigmas verbais 1 a 4 apresentados acima

Numero	Raiz intransitiva	tradução/ significado da raiz
1	(a)so'y	'transar', 'ter relação sexual'
2	'a	'fazer'
3	'edn	'engravidar'
4	'ok	'incomodar', 'ter preguiça'
5	'ywyn	'desaparecer'
6	ahy	'beber'
7	aka	'cópula (ser, estar, ficar – singular ou plural; ver <i>ki</i>)'
8	aky	'estourar'
9	ambo	'deitar', 'subir', 'deitar para dormir'
10	amy	'vestir'
11	andyj	'sorrir'
12	angat	'levantar (-se)'
13	anin	'acender'
14	boryt	'sair'
15	boryt	'nascer (plantas – inanimados)'
16	botit	'abandonar'
17	by'a	'fazer'
18	dibmin	'passar mal', 'piorar'
19	eng	'vomitar'
20	geryt	'sangrar'
21	haadn	'falar'
22	haap	'amanhecer'
23	hadn okoki	'emudecer'
24	hej	'ir embora', 'deixar', 'abandonar'
25	heren	'aparecer'
26	hibmin	'assar'
27	hip	'cozinhar comida em geral'
28	hop	'quebrar (1 objeto - em vários pedaços)'

29	hop hop	‘quebrar (1 ou mais objetos – em vários pedaços)’
30	hy´yt	‘envelhecer’
31	hydnyñ sara´it	‘cheirar mal’
32	hyrygnim	‘engasgar’
33	hÿryj	‘cantar’
34	hyryp	‘chorar’
35	hyt	‘cheirar bem’
36	hywa	‘brilhar’
37	indo	‘ficar pronto’, ‘aprontar’
38	ÿe´yn	‘roncar’
39	jyng	‘ficar’
40	kaj	‘sonhar’
41	karan	‘virar’
42	ke´on	‘esfriar (-se)’
43	kerep	‘criar (adotar)’
44	kerep	‘crescer’
45	ki	‘cópula (ser, estar, ficar – plural)’
46	kÿkin	‘gritar’
47	kirigng	‘assustar’
48	kyrysir	‘amarelar’
49	kysep	‘pular (de cima de algum lugar)’
50	kyyt	‘derramar’
51	man	‘casar (sujeito feminino)’
52	moj	‘anoitecer’
53	moj tyj	‘entardecer’
54	nam	‘feder’
55	neng	‘deitar (-se)’
56	non	‘contorcer’, ‘entortar’, ‘ficar torto’
57	nyryj	‘acordar (-se)’
58	õgon	‘engrossar’
59	ohit	‘pescar’
60	oky	‘morrer’, ‘apagar’

61	ongowot	‘entristecer’
62	opi´owop	‘ensurdecer’
63	opipydn	‘ter fome’
64	osoposiik	‘pentear cabelo’
65	otidn	‘doer’
66	otidn	‘arder’
67	owi	‘morrer (plural)’
68	pa´it	‘brigar’
69	pakōrong	‘endurecer’, ‘criar crosta’
70	pakybm	‘suar’
71	pikowogng	‘deslisar’
72	pipogon(a)	‘clarear’
73	pipop	‘queimar (lenha, etc.)’
74	pok	‘secar’
75	pom	‘beijar’
76	pon	‘atirar’, ‘caçar’
77	poom	‘brincar’
78	pop	‘apagar (fogo)’, ‘morrer’
79	pot	‘quebrar (objeto em 2 pedaços)’
80	potpot	‘ferver’
81	py´ej	‘estudar’, ‘ler’, ‘escrever’
82	py´ywyt	‘desmaiar’
83	pyhīriwa	‘apontar’, ‘mirar’
84	pyke	‘buscar’
85	pyki	‘buscar (variante de <i>pyke</i>)’
86	pymyn	‘ficar ocupado’
87	pyndak	‘pilar (milho)’
88	pyt´y	‘comer’
89	pyyk	‘acabar’
90	sara´it	‘cansar’
91	se´adn	‘ser bonito’, ‘ficar bonito’, ‘ser bom’
92	se´ak	‘ter sede’

93	se'y	'beber'
94	sembok	'molhar'
95	seng	'ficar de cócora'
96	signg	'vencer'
97	siik	'pentear', 'alisar'
98	sikirip	'enlouquecer'
99	so	'ficar'
100	som	'avermelhar' / 'amadurecer'
101	sooĵ	'casar (sujeito masculino)'
102	syk	'azedar'
103	syypowop	'cegar'
104	taktagng	'nadar'
105	tam	'voar'
106	tarak	'andar'
107	tat	'ir', 'ir embora'
108	tej	'puxar', 'esticar' (esticar o arco antes de atirar a flecha)
109	tepyk	'mergulhar'
110	terekteregng	'dançar'
111	tintim(a)	'tossir'
112	yryt	'chegar', 'vir', 'trazer'
113	yt	'nascer (pessoas e animais – animados)'

Na próxima seção, descreveremos os verbos pertencentes à classe de intransitivos com objeto oblíquo e sujeito experienciador.

2.1.1 VERBOS INTRANSITIVOS COM SUJEITO EXPERIENCIADOR E OBJETO OBLÍQUO

Nesta seção, descrevemos uma classe de verbos intransitivos que passa pelos mesmos testes de alternância submetidos aqueles intransitivos apresentados na seção (2.1) do presente capítulo. Os testes aos quais nos referimos são (i) o padrão de concordância ergativo-absolutiva; (ii) transitivização via *{m-}*; (iii) agramaticalidade quando submetidos à passivização via *{a-}*; (iv) ocorrência no núcleo do complemento da construção de cópula; e

(v) coocorrência dos morfemas *{m-}* e *{a-}*, gerando transitivização e passivização, respectivamente. Apesar de esta classe ser formada por verbos intransitivos, temos evidências morfossintáticas para a considerarmos como uma subclasse especial, distinta daquela apresentada na seção (2.1), por dois motivos, a saber: (a) por apresentar semântica que exige um sujeito experienciador (doravante, S_{exp}) e (b) por projetar estruturalmente um complemento com uma marca de argumento oblíquo *{-ty}*, ao qual nos referimos como objeto oblíquo (doravante, O_{obl}). Estes verbos pertencem a uma classe de verbos psicológicos, que, na literatura linguística, têm sido analisados como verbos transitivos. No decorrer desta seção, apresentaremos fortes evidências para analisá-los como intransitivos em Karitiana, mas seria possível dizer que eles são sintaticamente intransitivos e semanticamente transitivos (STORTO, 2009; 2010). Uma análise original para capturar a estrutura argumental destes verbos será oferecida no capítulo 4 (cf. 4.2.2.2) deste trabalho.

Nosso objetivo daqui para a frente é apresentar os paradigmas referentes aos verbos intransitivos com sujeito experienciador e objeto oblíquo (doravante, VI $S_{exp} \cdot O_{obl}$). Os verbos analisados nessa classe até o momento são: *a'ak* ‘gostar sexualmente’, ‘fazer amor’, ‘desejar sexualmente’; *hõroĵ* ‘mentir’; *kãrã* ‘ter ciume’; *koro'op pasap* ‘ter saudade’; *opihok* ‘escutar’; *opiso* ‘ouvir’; *paket* ‘ter nojo’; *pasadn* ‘amar’; *pi* ‘temer (ter medo de)’; *pypyyt* ‘saber (ter a habilidade de saber algo, por exemplo, inglês, matemática, etc.)’; *pysso* ‘pegar com a mão’; *pytim okokit* ‘enjoar’; *pyting* ‘querer, desejar algo’; *so'oot* ‘ver’; *so'oot hãraĵ* ‘gostar amar (literalmente: ver bem)’; *so'oot sara'it* ‘odiar (literalmente: ver mal)’; *sondyp* ‘saber (de algo)’; e *tirira* ‘tremor (de frio, de febre, de medo)’. A seguir, listamos o primeiro paradigma, referente ao verbo *so'oot* ‘ver’, acompanhado de uma análise e de uma discussão:

Paradigma verbal 5 – verbo *so'oot* ‘ver’

VI $S_{exp} \cdot O_{obl}$ no modo assertivo ($VO_{obl}S$)

- (141) *pyso'ootyn* (*pikomty*) *õwã*
 Ø-py-so'oot-<y>n (pikom-ty) *õwã*
 3-ASSERT-ver-NFUT macaco-OBL criança
 ‘A criança viu o macaco’

VI $S_{exp} \cdot O_{obl}$ com morfema de passiva *{a-}* no modo assertivo (VSO_{obl})

- (142) **pyraso'ootyn* *õwã* (*boetety*)
 Ø-pyr-a-so'oot-<y>n *õwã* (boet-<e>ty)
 3-ASSERT-PASV-ver-<v>NFUT criança (colar-OBL)

Consideraremos para análise os exemplos (141) e (142). Na primeira sentença, apresentamos o verbo em sua construção inerentemente intransitiva, ou seja, sem a presença de morfologia auxiliar de aumento de valência. Em (142), há a morfologia de passiva *{a-}*. O teste foi utilizado para atestarmos a restrição ao processo de passivização com verbos desta classe, que explicamos pelo fato de serem intransitivos. Como já mostramos em outros exemplos, verbos intransitivos nunca são diretamente passivizados.

Quando analisamos os dados dessa classe de verbos procuramos observar a possibilidade de apagamento fonológico desse objeto oblíquo para entendermos qual sua função para essa classe, ou seja, se o seu valor é argumental ou se se trata apenas de um adjunto. Sempre que elicitamos sentenças com esses verbos o falante/colaborador nos dá o dado com o objeto oblíquo. No entanto, esse objeto pode não ser realizado. Todavia, semanticamente, ele está contido na estrutura, fazendo parte, portanto, da projeção argumental desse verbo. O que temos entendido, neste caso, é que “se eu vejo”, tem que haver algo que eu vejo, por exemplo, não importando se esse algo foi explicitado ou não. O objeto oblíquo está “previsto” estruturalmente, não sendo, portanto, apenas um adjunto, que está fora da estrutura argumental e, por isso, assumimos que esse verbo é semanticamente transitivo e sintaticamente intransitivo. Essa questão será melhor discutida quando apresentarmos nossa proposta teórica para essa classe de verbos (cf. 4.2.2.2), mas, por enquanto, deve ficar claro que, na nossa opinião, verbos podem ser intransitivos na sintaxe e, ao mesmo tempo, ter dois argumentos na estrutura argumental.

VI S_{exp.O_{obl.}} sendo transitivizado via *{m-}* no modo assertivo (VSO_{obl})

(143) *ypymso'ootyn ãwã pikomty*
y-py-m-so'oot-<y>NFUT *ãwã* *pikom-ty*
 1-ASSERT-CAUS-ver-<v>NFUT criança macaco-OBL
 ‘A criança me fez ver o macaco’ / ‘a criança me mostrou o macaco’

VI S_{exp.O_{obl.}} sendo transitivizado via *{m-}* e depois sendo passivizado via *{a-}* no modo assertivo (VO_{obl}O)

(144) *ypyramso'ootyn boetety*
y-pyr-a-m-so'oot-<y>n *boet-<e>ty*
 1-ASSERT-PASV-CAUS-ver-<v>NFUT colar-OBL
 ‘Me fizeram ver o colar’

Em (143), podemos ver que ao adicionar um agente ou uma causa a uma construção como (141), o verbo será prefixado por uma morfologia causativizadora *{m-}*, que tratamos

teoricamente como uma transitivização - a transitivização automática que afeta os inacusativos na teoria de Hale e Keyser (2002). Em (144), notamos a ocorrência de uma passivização via *{a-}*, de uma construção transitivizada pelo morfema *{m-}*. Como vimos na subseção (1.1.3.2) do capítulo 1, a possibilidade de coocorrência de *{a-}* e *{m-}* caracteriza os verbos intransitivos.

Aproveitaremos os exemplos apresentados para ressaltarmos algo que expusemos em nossa metodologia como evidência morfossintática para classificar a valência dos verbos na língua. Referimo-nos ao padrão de concordância ergativo-absolutiva: em Karitiana a concordância dos verbos é feita com o sujeito de um verbo intransitivo ou com o objeto de um verbo transitivo. O exemplo (143) é derivado de uma construção do tipo (**y-pyso’ootyn yn** pikomty = *eu vi o macaco*). Notamos que o sujeito da intransitiva ‘yn’ concorda com a marca ‘y-’ prefixada ao verbo. Quando é adicionado um agente via morfologia *{m-}*, podemos ver que o verbo passa a concordar com o objeto, que em (143) é um pronome de primeira pessoa (yn) – que nesse caso pode ser apagado, ao invés de ser com o sujeito ‘ōwã’ (sujeito da versão transitivizada – **y-pymso’ootyn (yn)** ōwã pikomty – ‘a criança me fez ver o macaco’).

VI S_{exp.O_{obl.}} transitivizado via *{m-}* no modo declarativo (SVOO_{obl})

(145) João namso’oot ōwã pikomty
 João Ø-na-m-so’oot-Ø ōwã pikom-ty
 João 3-DECL-CAUS-ver-NFUT criança macaco-OBL
 ‘João fez a criança ver o macaco’

VI S_{exp.O_{obl.}} no modo declarativo (SVO_{obl})

(146) *Claudio naso’oot (boetety)
 Claudio Ø-na-so’oot-Ø (boet-<e>ty)
 Claudio 3-DECL-ver-NFUT (colar-OBL)

Em (145), temos o mesmo tipo de alternância sintática apresentada em (143). O que os diferencia é o modo sentencial. No exemplo (146), o que está tornando a sentença agramatical é a disposição dos constituintes, no caso, o sujeito está na primeira posição, o que, para os verbos intransitivos, é bloqueado na língua em contextos default.

VI S_{exp.O_{obl.}} no modo declarativo (VSO_{obl})

(147) atykiri naso’oot Claudio (boetety)
 atykiri Ø-na-so’oot-Ø Claudio (boet-<e>ty)
 então 3-DECL-ver-NFUT Claudio (colar-OBL)

‘Então Claudio viu (o colar)’

VI S_{exp}.O_{obl}. transitivizado via {*m-*} e passivizado via {*a-*} no modo declarativo (VO_{obl}O)

- (148) naamso’oot boetety Claudio
Ø-na-a-m-so’oot-Ø boet-<e>ty Claudio
3-DECL-PASV-CAUS-ver-NFUT colar-OBL Claudio
‘Fizeram o Claudio ver o colar’

VI S_{exp}.O_{obl}. com morfema de passiva {*a-*} no modo declarativo (VO_{obl})

- (149) *naaso’oot boetety
Ø-na-a-so’oot-Ø boet-<e>ty
3-DECL-PASV-ver-NFUT colar-OBL

No modo declarativo, esse tipo de verbo mantém o mesmo padrão recorrente nos subparadigmas (141 – 144), que é o padrão de alternância do tipo transitivização via {*m-*}, como em (145), coocorrência de {*a-*} e {*m-*} para passivizar, e agramaticalidade quando o morfema passivizador {*a-*} prefixa a raiz verbal diretamente como atestado nos exemplos (142), (149) e (160).

A seguir, analisaremos o comportamento desse verbo na construção de cópula. Para isso, consideremos os exemplos (150 – 153):

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula

- (150) ãwã naakat iso’oot pikomty
ãwã Ø-na-aka-t i-so’oot-Ø pikom-ty
criança3-DECL-COP-NFUT NMZ-ver-CONC.ABS.COP macaco-OBL
‘A criança viu o macaco’

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {*a-*}

- (151) *ãwã naakat iaso’oot (pikomty)
ãwã Ø-na-aka-t i-a-so’oot-Ø (pikom-ty)
criança3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-ver-CONC.ABS.COP (macaco-OBL)

Nos pares de exemplos (150) e (151), podemos ver o verbo *so’oot* ocorrendo no núcleo do complemento da cópula. Em (151), adicionamos o morfema de passiva {*a-*} no ambiente sintático em questão para testar a agramaticalidade. O resultado foi aquele mesmo obtido com os exemplos (142) e (149), ou seja, há restrição contra a ocorrência da passiva.

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula com morfema de transitivização {*m-*}

- (152) *ãwã naakat imso’oot (pikomty)

õwã Ø-na-aka-t i-m-so'oot-Ø (pikom-ty)
 criança 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-ver-CONC.ABS.COP (macaco-OBL)

VI S_{exp.Obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {*a-*} e de transativização {*m-*} coocorrendo

(153) õwã naakat iamso'oot (pikomty)
 õwã Ø-na-aka-t i-a-m-so'oot-Ø (pikom-ty)
 criança 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-ver-CONC.ABS.COP (macaco-OBL)
 'Fizeram a criança ver o macaco'

Observemos a construção em (152) do verbo *so'oot* quando submetido à causativização no ambiente de cópula. O resultado é a agramaticalidade, devido a restrições sintáticas da construção de cópula, que admite, como complemento da cópula, apenas verbos intransitivos. Uma possível explicação para isso é hipotetizar que uma construção com o morfema {*m-*} obrigatoriamente tem de projetar um argumento agente ou causa. Apontamos, em outro momento neste capítulo, que no ambiente de construção de cópula não há um lugar para esse tipo de projeção sintática. Para que ocorra um {*m-*} no ambiente em questão é necessário que haja também a presença de um morfema de passiva {*a-*}, que apaga sintaticamente o agente da construção, deixando, no entanto, traços semânticos de que há um agente ou causa implícita, como visto em (153). A seguir, apresentamos 7 paradigmas de verbos da classe em discussão, que apresentam o mesmo padrão do paradigma 5 analisado nessa seção.

Paradigma verbal 6 - verbo *so'oot hãraj* 'gostar' (literalmente: ver bem)

VI S_{exp.Obl.} no modo assertivo (VSO_{obl})

(154) pyso'oot hãrajyn õwã (asyryty/ ta'tity)
 Ø-py-so'oot hãraj-<y>NFUT õwã (asyryty-ty/ta-'ti-ty)
 3-ASSERT-gostar-<v>NFUT criança (banana-OBL/3POSS-mãe-OBL)
 'A criança gosta (de banana/ de sua mãe)'

VI S_{exp.Obl.} com morfema de passiva {*a-*} no modo assertivo

(155) *pyraso'oot hãrajyn
 Ø-pyr-a-so'oot hãraj-<y>n
 3-ASSERT-PASV-gostar-<v>NFUT

VI S_{exp.Obl.} transativizado via {*m-*} no modo assertivo (VO_{oblS})

- (156) ypymso'oot hãrajyn takiity ãonso
 y-py-m-so'oot hãraj-<y>n ta-kii-ty ãonso
 1-ASSERT-CAUS-gostar-<v>NFUT 3POSS-jeito-OBL mulher
 'A mulher me fez gostar de seu jeito'

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {m-} e passivizado via {a-} no modo assertivo (VOO_{obl.})

- (157) ypyramso'oot hãrajyn hÿryãaty
 y-pyr-a-m-so'oot hãraj-<y>NFUT hÿryãa-ty
 1-ASSERT-PASV-CAUS-gostar-<v>NFUT música-OBL
 'Me fizeram gostar de música'

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {m-} no modo declarativo (SVO_{obl.}O)

- (158) taso namso'oot hãraj (asyrytyty) õwã
 taso Ø-na-m-so'oot hãraj-Ø (asyryty-ty) õwã
 homem 3-DECL-CAUS-gostar-NFUT (banana-OBL) criança
 'O homem fez a criança gostar (de banana)'

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo declarativo (SV)

- (159) *taso naso'oot hãraj
 taso Ø-na-so'oot hãraj-Ø
 homem 3-DECL-gostar-NFUT

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo declarativo (VS)

- (160) naso'oot hãraj taso
 Ø-na-so'oot hãraj-Ø taso
 3-DECL-gostar-NFUT homem
 'O homem gostou'

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula

- (161) yn naakat iso'oot hãraj (akanty)
 yn Ø-na-aka-t i-so'oot hãraj-<y> (akan-ty)
 eu 3-DECL-COP-NFUT NMZ-gostar-CONC.ABS.COP (aldeia-OBL)
 'eu gostei (da aldeia)'

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {a-}

- (162) *yn naakat iaso'oot hãraj
 yn Ø-na-aka-t i-a-so'oot hãraj-Ø
 eu 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-gostar-CONC.ABS.COP

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de transitivização {m-}

- (163) *taso naakat imso'oot hãraj (akanty)

taso Ø-na-aka-t i-m-so'oot hãraj̃-Ø (akan-ty)
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-gostar-CONC.ABS.COP (aldeia-OBL)

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópuala com morfema de passiva {a-} e de transativização {m-} coocorrendo

(164) yn naakat iamso'oot hãraj̃ (akanty)
 yn Ø-na-aka-t i-a-m-so'oot hãraj̃-t (akan-ty)
 eu 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-gostar-con.abs.cop (aldeia-OBL)
 'Me fizeram gostar da aldeia'

Paradigma verbal 7 – verbo *so'oot sara'it* 'odiar' (literalmente: ver mal)

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo assertivo (VSO_{obl.})

(165) pyso'oot sara'ityn taso (borojaty)
 Ø-py-so'oot sara'it-<y>n taso (boroja-ty)
 3-ASSERT-odiar-NFUT homem (cobra-OBL)
 'O homem odeia (cobra)'

VI S_{exp.}O_{obl.} com morfema de passiva {a-} no modo assertivo

(166) *pyraso'oot sara'ityn taso
 Ø-py-a-so'oot sara'it-<yn>n taso
 3-ASSERT-PASV-odiar-NFUT homem

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {m-} no modo assertivo (VOSO_{obl.})

(168) pymso'oot sara'ityn õwã taso (borojaty)
 Ø-py-m-so'oot sara'it-<y>n õwã taso (boroja-ty)
 3-ASSERT-CAUS-odiar-NFUT criança homem (cobra-OBL)
 'O homem fez a criança odiar (a cobra)'

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {m-} e passivizado via {a-} no modo assertivo (VOO_{obl.})

(169) pyramso'oot sara'ityn taso (borojaty)
 Ø-pyr-a-m-so'oot sara'it-<y>n taso (boroja-ty)
 3-ASSERT-PASV-CAUS-odiar-NFUT homem (cobra-OBL)
 'Fizeram o homem odiar (a cobra)'

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo declarativo (SV)

(170) *taso naso'oot sara'it
 taso Ø-na-so'oot sara'it-Ø
 homem 3-DECL-odiar-NFUT

VI S_{exp}.O_{obl}. no modo declarativo (VSO_{obl})

- (171) naso'oot sara'it taso mejehyngty
Ø-na-so'oot sara'it-Ø taso mejehyng-ty
3-DECL-odiar-NFUT homem rato-OBL
'O homem odeia o rato'

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula

- (172) taso naakat iso'oot sara'it obakyby'ednaty
taso Ø-na-aka-t i-so'oot sara'it-Ø obakyby'edna-ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-odiar-CONC.ABS.COP cachorro-OBL
'O homem odeia cachorro'

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {a-}

- (173) *taso naakat iaso'oot sara'it obakyby'ednaty
taso Ø-na-aka-t i-a-so'oot sara'it-Ø obakyby'edna-ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-odiar-CONC.ABS.COP cachorro-OBL

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula com morfema de transitivização {m-}

- (174) *taso naakat imso'oot sara'it
taso Ø-na-aka-t i-m-so'oot sara'it-Ø
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-odiar-CONC.ABS.COP

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {a-} e de transitivização {m-} coocorrendo

- (175) taso naakat iamso'oot sara'it obakyby'ednaty
taso Ø-na-aka-t i-a-m-so'oot sara'it-Ø obakyby'edna-ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-odiar-CONC.ABS.COP cachorro-OBL
'Fizeram o homem odiar o cachorro'

Paradigma verbal 8 – verbo *pasadn* 'amar, gostar (ter sentimento por alguém)'

VI S_{exp}.O_{obl}. no modo assertivo (VSO_{obl})

- (176) pypasadnan taso tasoojoty
Ø-py-pasadn-a-n taso ta-sooj-<o>ty
3-ASSERT-amar-VT-NFUT homem 3POSS-esposa-OBL
'O homem ama a sua esposa'

VI S_{exp}.O_{obl}. com morfema de passiva {a-} no modo assertivo (VS)

- (177) *pyrapasadnan taso
Ø-pyr-a-pasadn-a-n taso
3-ASSERT-PASV-amar-VT-NFUT homem

VI S_{exp}.O_{obl}. transitivizado via {*m-*} no modo assertivo (VOO_{obl}S)

- (178) pympasadnan tasooj õwãty taso
Ø-py-m-pasadn-a-n ta-sooj õwã-ty taso
3-ASSERT-CAUS-amar-VT-NFUT 3POSS-esposa criança-OBL homem
'O homem fez a sua esposa amar a criança'

VI S_{exp}.O_{obl}. transitivizado via {*m-*} e passivizado via {*a-*} no modo assertivo (VSO_{obl})

- (179) pyrampasadnan taso isoojoty
Ø-pyr-a-m-pasadn-a-n taso i-sooj-<o>ty
3-ASSERT-PASV-CAUS-amar-VT-NFUT homem 3POSS-esposa-OBL
'Fizeram o homem amar a mulher dele'

VI S_{exp}.O_{obl}. transitivizado via {*m-*} no modo declarativo (SVOO_{obl})

- (180) taso nampasadnat tasooj õwãty
taso Ø-na-m-pasadn-a-t ta-sooj õwã-ty
homem 3-DECL-CAUS-amar-VT-NFUT 3POSS-esposa criança-OBL
'O homem fez a sua esposa amar a criança'

VI S_{exp}.O_{obl}. no modo declarativo (VSO_{obl})

- (181) napasadnat taso (tasoojoty)
Ø-na-pasadn-a-t taso (ta-sooj-<o>ty)
3-DECL-amar-VT-NFUT homem (3POSS-esposa-OBL)
'o homem ama (sua esposa)'

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula

- (182) taso naakat ipasadnat (tasoojoty)
taso Ø-na-aka-t i-pasadn-a-t (ta-sooj-<o>ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-amar-VT-CONC.ABS.COP (3POSS-esposa-OBL)
'o homem ama sua esposa'

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {*a-*}

- (183) *taso naakat iipasadnat
taso Ø-na-aka-t i-a-pasadn-a-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-amar-VT-CONC.ABS.COP

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula com morfema de transitivização {*m-*}

- (184) *taso naakat impasadnat
taso Ø-na-aka-t i-m-pasadn-a-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-amar-VT-CONC.ABS.COP

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {*a-*} e de transitivização {*m-*} coocorrendo

- (185) taso naakat iampasadnat (isoojoty)
 taso Ø-na-aka-t i-a-m-pasadn-a-t (i-sooj-<O>ty
 homem 3-DECL-COP- NMZ-PASV-CAUS-amar-VT- (3POSS-esposa-
 NFUT CONC.ABS.COP OBL)
 ‘Fizeram o homem amar (a esposa dele)’

Paradigma verbal 9 – verbo *pyting* ‘querer’

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo assertivo (VSO_{obl})

- (186) pypytingyn Fernanda (opity)
 Ø-py-pyting-<y>n Fernanda (opi-ty)
 3-ASSERT-querer-NFUT Fernanda (brinco-OBL)
 ‘Fernanda quer os brincos’

VI S_{exp.}O_{obl.} com morfema de passiva {*a-*} no modo assertivo (VS)

- (187) *pyrapytingyn Fernanda
 Ø-pyr-a-pyting-<y>n Fernanda
 3-ASSERT-PASV-querer-NFUT Fernanda

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {*m-*} no modo assertivo (VOSO_{obl})

- (188) ypympytingyn Fernanda (opity)
 y-py-m-pyting-<y>n Fernanda (opi-ty)
 1-ASSERT-CAUS-querer-NFUT Fernanda (brinco-OBL)
 ‘Fernanda me fez querer o brinco’

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {*m-*} e passivizado via {*a-*} no modo assertivo (VOO_{obl})

- (189) pyrampytingyn ãonso (opity)
 Ø-pyr-a-m-pyting-<y>n ãonso (opi-ty)
 3-ASSERT-PASV-CAUS-querer-NFUT mulher (brinco-OBL)
 ‘Fizeram a mulher querer brinco’

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {*m-*} no modo declarativo (SVO_{obl}O)

- (190) ãonso nampyting (opity) taso
 ãonso Ø-na-m-pyting-Ø (opi-ty) taso
 mulher 3-DECL-CAUS-brinco-NFUT (brinco-OBL) homem
 ‘A mulher fez o homem querer (brinco)’

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo declarativo (SV)

- (191) *ãonso napyting
 ãonso Ø-na-pyting-Ø

mulher 3-DECL-querer-NFUT

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo declarativo (VS)

- (192) napyting Claudio
Ø-na-pyting-Ø Claudio
3-DECL-querer-NFUT Claudio
'Claudio quer'

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula

- (193) Geovaldo naakat ipyting ãonso hãraãty
Geovaldo Ø-na-aka-t i-pyting-Ø ãonso hãraã-ty
Geovaldo 3-DECL-COP-NFUT NMZ-querer-CONC.ABS.COP mulher bonita-OBL
'Geovaldo quer uma mulher bonita'

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {a-}

- (194) *Geovaldo naakat iapyting
Geovaldo Ø-na-aka-t i-a-pyting-Ø
Geovaldo 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-querer-CONC.ABS.COP

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de transitivização {m-}

- (195) *Geovaldo naakat impyting
Geovaldo Ø-na-aka-t i-m-pyting-Ø
Geovaldo 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-querer-CONC.ABS.COP

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {a-} e de transitivização {m-} coocorrendo

- (196) Geovaldo naakat iampyting (ãonso hãraãty)
Geovaldo Ø-na-aka-t i-a-m-pyting-Ø (ãonso hãraã-ty)
Geovaldo 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-querer-CONC.ABS.COP (mulher bonita-OBL)
'Fizeram Geovaldo querer uma mulher bonita'

Paradigma verbal 10 – verbo *sondyp* 'saber'

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo assertivo (VO_{obl}S)

- (197) pysondypyn (pikomty) i
Ø-py-sondyp-<y>n (pikom-ty) I
3-ASSERT-saber-NFUT (macaco-OBL) ele(s)/ela(s)
'Ele sabe do macaco'

VI S_{exp.}O_{obl.} com morfema de passiva {a-} no modo assertivo

- (198) *pyrasondypyn taso
Ø-pyr-a-sondyp-<y>n taso
3-ASSERT-PASV-saber-NFUT homem

VI S_{exp}.O_{obl}. transitivizado via {m-} no modo assertivo (VOSO_{obl})

- (199) ypymsondypyn yn taso (banheiro-ty)
y-py-m-sondyp-<y>n yn taso (banheiro-ty)
1-ASSERT-CAUS-saber-NFUT eu homem (banheiro-OBL)
'O homem me fez saber do banheiro'

VI S_{exp}.O_{obl}. transitivizado via {m-} e passivizado via {a-} no modo assertivo (VO)

- (200) pyramsondypyn taso
Ø-pyr-a-m-sondyp-<y>n taso
3-ASSERT-PASV-CAUS-saber-NFUT homem
'Fizeram o homem saber do banheiro'

VI S_{exp}.O_{obl}. transitivizado via {m-} no modo declarativo (SVOO_{obl})

- (201) taso namsondyp õwã pikomty
taso Ø-na-m-sondyp-Ø õwã pikom-ty
homem 3-DECL-CAUS-saber-NFUT criança macaco-OBL
'O homem fez a criança saber do macaco'

VI S_{exp}.O_{obl}. no modo declarativo (AdvSV)

- (202) *atykiri taso nasondyp
atykiri taso Ø-na-sondyp-Ø
então homem 3-DECL-saber-NFUT

VI S_{exp}.O_{obl}. no modo declarativo (AdvVS)

- (203) atykiri nasondyp taso
atykiri Ø-na-sondyp-Ø taso
então 3-DECL-saber-NFUT homem
'Então o homem sabe'

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula

- (204) taso naakat isondyp pikomty
taso Ø-na-aka-t i-sondyp-Ø pikom-ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-saber-CONC.ABS.COP macaco-OBL
'O homem sabe do macaco'

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {a-}

- (205) *taso naakat iasondyp
taso Ø-na-aka-t i-a-sondyp-Ø
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-saber-CONC.ABS.COP

VI S_{exp}.O_{obl}. no complemento da construção de cópula com morfema de transitivização {m-}

- (206) *taso naakat imsondyp
 taso Ø-na-aka-t i-m-sondyp-Ø
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-saber-CONC.ABS.COP

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {*a-*} e de transitivização {*m-*} coocorrendo

- (207) taso naakat iamsondyp (pikomty)
 taso Ø-na-aka-t i-a-m-sondyp-Ø (pikom-ty)
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-saber-CONC.ABS.COP (macaco-OBL)
 ‘fizeram o homem saber (do macaco)’

Paradigma verbal 11 – verbo *pypytyt* ‘saber (ter habilidade)’

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo assertivo (VO_{obl}S)

- (208) pypypydnan matematicaty Claudio
 Ø-py-pypydn-na matematica-ty Claudio
 3-ASSERT-saber-NFUT matemática- OBL Cláudio
 ‘Claudio sabe matemática’

VI S_{exp.}O_{obl.} com morfema de passiva {*a-*} no modo assertivo (VS)

- (209) *pyrapypydnan Claudio
 Ø-pyr-a-pypydn-na Claudio
 3-ASSERT-PASV-saber-NFUT Claudio

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {*m-*} no modo assertivo (VOO_{obl}S)

- (210) pypypydnan òwã matematicaty Claudio
 Ø-py-m-pypydn-na òwã matematica-ty Claudio
 3-ASSERT-saber-NFUT criança matemática-OBL Claudio
 ‘Claudio fez a criança saber (ensinou) matemática’

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {*m-*} e passivizado via {*a-*} no modo assertivo (VOO_{obl})

- (211) pyrapypydnan Claudio matematicaty
 Ø-pyr-a-m-pypydn-na Claudio matematica-ty
 3-ASSERT-PASV-CAUS-saber-NFUT Claudio matemática-OBL
 ‘fizeram Claudio saber matemática’

VI S_{exp.}O_{obl.} transitivizado via {*m-*} no modo declarativo (SVOO_{obl})

- (212) Claudio nampypytyt òwã matematicaty
 Claudio Ø-na-m-pypytyt-Ø òwã matematica-ty
 Claudio 3-DECL-CAUS-saber-NFUT criança matemática-OBL
 ‘Claudio fez a criança saber matemática’

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo declarativo

- (213) *Claudio napypyyt
 Claudio Ø-na-pypyyt-Ø
 Claudio 3-DECL-saber-NFUT

VI S_{exp.}O_{obl.} no modo declarativo (VS)

- (214) napypyyt Claudio
 Ø-na-pypyyt-Ø Claudio
 3-DECL-saber-NFUT Claudio
 ‘Claudio sabe’

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula

- (215) Claudio naakat ipypyyt matematicaty
 Claudio Ø-na-aka-t i-pypyyt-Ø matematica-ty
 Claudio 3-DECL-COP-NFUT NMZ-saber-CONC.ABS.COP matemática-OBL
 ‘Claudio sabe matemática’

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {*a-*}

- (216) *Claudio naakat iapypyyt
 Claudio Ø-na-aka-t i-a-pypyyt-Ø
 Claudio 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-saber-CONC.ABS.COP

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de transitivização {*m-*}

- (217) *Claudio naakat impypyyt
 Claudio Ø-na-aka-t i-m-pypyyt-Ø
 Claudio 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-saber-NFUT

VI S_{exp.}O_{obl.} no complemento da construção de cópula com morfema de passiva {*a-*}

transitivização {*m-*}

coocorrendo

- (218) Claudio naakat iampypyyt matematicaty
 Claudio Ø-na-aka-t i-a-m-pypyyt-Ø matematica-ty
 Claudio 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-saber-CONC.ABS.COP matematica-OBL
 ‘Fizeram o Claudio saber matemática’

A seguir listamos em uma tabela os 18 verbos intransitivos descritos nesta seção:

Tabela 8 – Lista de verbos intransitivos com objeto oblíquo

Número	Verbo em Karitiana	Significado em português
1	so'oot	‘ver’
2	so'oot hãraj̃	‘gostar’, ‘amar’ (lit. ver bem)
3	so'oot sara'it	‘odiar’ (lit. ver mal)

4	pasadn	‘amar’
5	pyting	‘querer’
6	sondyp	‘saber’, ‘conhecer’
7	pypytyt	‘saber’, ‘ter habilidade em algo’
8	a'ak	‘gostar sexualmente’, ‘fazer amor’, ‘desejar sexualmente’
9	hõroj	‘mentir’
10	kãrã	‘ter ciúme’
11	koro'op pasap	‘ter saudade’
12	opihok	‘escutar’
13	opiso	‘ouvir’
14	paket	‘ter nojo’
15	pi	‘temer’
16	pyting okokit	‘enjoar’
17	tirira	‘tremor de frio, medo ou raiva’
18	pyso	‘tocar, pegar com a mão’

2.1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CLASSE DE INTRANSITIVOS

Nesta seção, apresentamos a descrição da classe de intransitivos, mostrando que em termos morfossintáticos temos apenas um tipo de verbo monoargumental alternante. A fim de incrementar nossa análise, vamos considerar análises de outras línguas Tupi que apresentam verbos do tipo referido.

Nogueira (2010; p. 91) mostra que a língua Wayoro, família Tupari (Tupi), apresenta verbos intransitivos do tipo alternante assim como em Karitiana. A autora mostra através de operações morfossintáticas que este tipo de verbo pode ser transitivizado por meio do morfema causativizador {*mõ-*} para raízes iniciadas por vogal e {*õ-*} para raízes iniciadas por consoante. Lembrando que este morfema é, assim como em Juruna, cognato ao morfema causativo {*m-*} em Karitiana e reconstruído no Proto-Tupi.

“Em Wayoro, o fenômeno da causativização de verbos intransitivos se dá por meio de um processo de transivização, que é realizado através de morfemas explícitos. Os prefixos transitivizadores [*mõ-*] e [*õ-*] antecedem imediatamente uma raiz monoargumental, adicionando um argumento a mesma, ou seja, tornando-a

biargumental. Trata-se, portanto, de um processo de mudança de valência. Somente é possível acrescentar um argumento a um verbo intransitivo através destes prefixos. (NOGUEIRA 2010; p. 91)”

Os exemplos de (219) a (228) são retirados de Nogueira (2010; p. 92).

Dançar, monoargumental:

- (219) mbogop te-ãmõj-ã-n
criança 3s-dançar-v.t-PASS
“A criança dançou”

Dançar, causativizado:

- (220) arãmĩrã mbogop mõi-ãmõj-ã-n
mulher criança CAUS-dançar-v.t-PASS
“A mulher fez a criança dançar”

- (221) *arãmĩrã mbogop ãmõj-ã-n
mulher criança dançar-v.t-PASS

Conforme descrito por Nogueira (2010; p. 92), a inserção de um argumento a um verbo monoargumental para essa classe de verbo em Wayoro sem o prefixo causativo é agramatical, como atestado nos exemplos (221) e (224). O mesmo processo ocorre em Karitiana.

Dormir, monoargumental:

- (222) mbogop te-er-a-t
criança 3s-dormir-v.t-PASS
“A criança dormiu”

Dormir, causativizado:

- (223) arãmĩra mbogop mõi-ẽr-ã-n
mulher criança CAUS-dormir-v.t-PASS
“A mulher fez a criança dormir”

- (224) *arãmĩrã mbogop er-a-t
mulher criança dormir-v.t-PASS

Nogueira (2010, p. 155) mostra, em seu trabalho, uma lista de verbos que apresentam uma versão transitiva e outra versão intransitiva sem que esteja envolvido o operador morfológico {mõ- ~õ-}, responsável pela transitivização de verbos intransitivos.

Transitiva

- (225) ndeat koiro pō-ηg-a-t
 3p mãmão partir-ηg-v.t-PASS
 ‘Eles partiram o mãmão’

Intransitiva

- (226) koiro te-pō-ηg-a-t
 mamão 3-partir-ηg-v.t-pass
 ‘O mamão partiu’

Transitiva

- (227) ãñape pãrãñ-ã-n ãn
 colher quebrar-v.t-pass 1s
 ‘Eu quebrei a colher’

Intransitiva

- (228) ãñape te-pãrãñ-ã-n
 colher 3-quebrar-v.t-PASS
 ‘A colher quebrou’

Outros exemplos, tais como *ηgiri:ra* ‘rasgar’, *itoaga* ‘chorar’, *tĩmηgat* ‘pingar’, *ñõrã* ‘assoviar’, *ηgwaja* ‘rir’ e *tĩñã* ‘apagar’, pertencem ao conjunto de verbos com a propriedade de alternar sem o morfema causativo em Wayoro, como visto nos exemplos (225) a (228) (NOGUEIRA 2010; p. 155). Em Karitiana, há algo que poderia ser parecido no que diz respeito ao comportamento dos verbos ‘*obm* ‘furar’, *atat* ‘arrebentar’ e *eem* ‘sujar’, que pareciam alternar-se sem o prefixo {*m-*}, causativo. No entanto, notamos, em trabalho subsequente à nossa primeira análise sobre tais verbos, que se tratava de caso de homofonia (ROCHA, 2010). Talvez fosse interessante levantar a hipótese de uma possível homofonia e ou supleção de valência no caso de verbos do tipo (225 a 228) em Nogueira (2010). Em Nogueira (2011, a sair), ela mostra exemplos em que não há possibilidade de causativizar verbos desse tipo via morfema {*mõ-* ~*õ-*}, pois ao adicionar tal morfema, o resultado é a agramaticalidade. A autora analisa os verbos citados em (225 a 228) como intransitivização de verbos transitivos via morfema {*e-*}, morfema intransitivizador em Wayoro.

Tabela 9 – Morfema de causativização e mudança de valência nas línguas da família Tuparí.

Wayoro	<p>(i) {mõ- ~õ-} em Wayoro é cognato com os morfemas causativos das demais línguas da família. “causativização/transitivização”: todos os verbos intransitivos podem coocorrer com o morfema causativo {mõ- ~ õ-}, porém, é agramatical o uso deste morfema com verbos biargumentais. O morfema causativo acrescenta um argumento agente ou causa à estrutura monoargumental do verbo, mudando sua valência para transitivo.</p> <p>(ii) {e-} “intransitivizador”: os verbos transitivos podem ser intransitivizados pelo prefixo vocálico {e-}. Uma evidência de que tais verbos foram intransitivizados é a coocorrência com o morfema transitivizador causativo {mõ- ~ õ-}. A causativização ocorre após os verbos terem sido intransitivizados.</p>
Makurap	<p>(i) {mõ-} ‘causativo’: introduz um agente ou uma causa a um verbo intransitivo ou intransitivizado.</p> <p>(ii) {et} ‘reflexivo’: cria predicados intransitivos a partir de verbos transitivos.</p>
Mekens	<p>(i) {mo- ~õ-} ‘causativo’: ocorre com verbos intransitivos, adicionando um argumento. Pode ocorrer ainda com verbo intransitivizado e com verbos de percepção (trans.).</p> <p>(ii) {e-} ‘intransitivizador’: afixa-se a um verbo transitivo, tornando-o intransitivo.</p>
Tupari	<p>{m- ~ õ-} ‘causativo’: é afixado a verbo intransitivo tornando-o transitivo.</p>
Akuntsú	<p>{mo-}: forma verbos transitivos a partir de verbos intransitivos.</p>

(Tabela adaptada de NOGUEIRA, 2010; p. 24; (ver também GALUCIO, 2001))

Vale retomar, aqui, que a língua Juruna utiliza o morfema {ma-}, que é cognato ao morfema {m-} em Karitiana e cognato aos morfemas causativizadores das demais línguas da família Tupari citadas na tabela acima, para realizar a alternância de valência dos verbos

inacusativos (LIMA 2008). O morfema causativo em Karitiana, Juruna e nas línguas Tupari é utilizado para aumento de valência, ou seja, é adicionado a verbos intransitivos para formar predicados verbais transitivos (ver STORTO; ROCHA, 2011; NOGUEIRA, 2010; LIMA, 2008; ROCHA, 2010).

2.2 VERBOS TRANSITIVOS

Nesta seção, apresentaremos e descreveremos a classe dos verbos transitivos e o seu padrão configuracional adotando a descrição e análise de Storto (1999, 2001, 2010).

Verbos transitivos podem ser passivizados através do prefixo *{a-}* em Karitiana. Estas passivas são sentenças intransitivas que têm um sujeito afetado como único argumento obrigatório, com papel temático de paciente ou tema. O papel temático de agente ou causa exigido pelo verbo transitivo é sintaticamente removido da construção passiva, mas permanece semanticamente, já que o prefixo *{a-}* denota uma causa impessoal implícita (STORTO, 2001, 2008).

Verbos transitivos não podem ser causativizados pelo morfema causativizador sintético *{m-}*, como atestado em (231), (234) e (236). Para se adicionar mais um argumento a uma construção transitiva, utiliza-se um auxiliar (*typoong*). Estudaremos este tipo de construção em uma seção específica mais adiante (cf. 3.2).

Consideremos, portanto, o paradigma dos verbos transitivos abaixo a fim de mostrar que as construções de cópula com raízes de verbos transitivos no núcleo de seu complemento ficam agramaticais, como atestado em (235). Contudo, quando um verbo transitivo no núcleo do complemento da cópula ocorre com o prefixo de passiva, a construção é licenciada, como atestado em (236). Isso ocorre pelo fato de que a construção de cópula, em Karitiana, além de aceitar no complemento de seu núcleo nomes e adjetivos, ocorre frequentemente com verbos sintaticamente intransitivos. Tal processo é possível, pois um verbo transitivo quando submetido a uma passivização passa de uma construção transitiva para uma construção intransitiva, resultando portanto uma sentença monorgumental.

Paradigma verbal 12 – verbo *íy* ‘comer’

Verbo transitivo no modo assertivo (VSO)

(229) *pyry'ydñ taso ti 'y*
Ø-pyry-'y-dñ taso ti 'y

3-ASSERT-comer-NFUT homem comida
'O homem comeu a comida'

Verbo transitivo sendo passivizado via {a-} no modo assertivo (VS)

(230) pyra'ydn ti'y
Ø-pyr-a-'y-dn ti'y
3-ASSERT-PASV-comer-NFUT comida
'comeram a comida'

Verbo transitivo com o morfema {m-} no modo assertivo

(231) *pyrym'ydn (ti'y) taso
Ø-pyry-m-'y-dn (ti'y) taso
3-ASSERT-CAUS-comer-NFUT (comida) homem

Devemos, também, observar que, diferentemente do que ocorre com todos os verbos intransitivos, a coocorrência dos prefixos de passiva {a-} e o causativo {m-} não é permitida com os transitivos, como atestado em (232) e (238).

Verbo transitivo com a coocorrência dos morfemas {a-} e {m} de passiva e causativa, respectivamente, atestando sua agramaticalidade

(232) *pyram'ydn ti'y
Ø-pyr-a-m-'y-dn ti'y
3-ASSERT-PASV-CAUS-comer-NFUT comida

Verbo transitivo no modo declarativo (SVO)

(233) taso naka'yt ti'y
taso Ø-naka-'y-t ti'y
homem 3-DECL-comer-NFUT Comida
'O homem comeu a comida'

Verbo transitivo no modo declarativo com o morfema causativo {m-}

(234) *taso nakam'yt ti'y
taso Ø-naka-'y-t ti'y
homem 3-DECL-comer-NFUT comida

Construção de cópula com verbo transitivo no núcleo do complemento

(235) *ti'y naakat i'yt
ti'y Ø-na-aka-t i-'y-t
comida 3-DECL-COP-NFUT NMZ-comer-CONC.ABS.COP

Construção de cópula com verbo transitivo sintaticamente intransitivizado via morfema de passiva {a-}

- (236) ti'y naakat ia'y-t
 ti'y Ø-na-aka-t i-a-'y-t
 comida 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-comer-CONC.ABS.COP
 'Comeram a comida'

Construção de cópula com verbo transitivo com o morfema causativo {m-}

- (237) *ti'y naakat im'y-t
 ti'y Ø-na-aka-t i-m-'y-t
 comida 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-comer-CONC.ABS.COP

Construção de cópula com verbo transitivo no núcleo do complemento da cópula e a coocorrência dos morfemas {a-} e {m-}

- (238) *ti'y naakat iam'y-t
 ti'y Ø-na-aka-t i-a-m-'y-t
 comida 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-comer-CONC.ABS.COP

Paradigma verbal 13 – verbo *oky* 'matar'

- (239) pyrokydn taso pat
 Ø-pyry-oky-dn taso pat
 3-ASSERT-matar-NFUT homem arara
 'O homem matou a arara'
- (240) pyraokydn pat
 Ø-pyr-a-oky-dn pat
 3-ASSERT-PASV-matar-NFUT arara
 'A arara foi morta' ou 'mataram a arara'
- (241) #pymbokydn õwã/pat taso
 Ø-py-m-oky-dn õwã/pat taso
 3-ASSERT-CAUS-matar-NFUT criança/arara homem
 ((cf. 2.4.2) pode no contexto em que "o homem fez a criança se machucar")
- (242) #pyrambokydn taso
 Ø-pyr-a-m-oky-dn taso
 3-ASSERT-PASV-CAUS-matar-NFUT homem
 ((cf. 2.4.2) pode no contexto em que "fizeram o homem se machucar")
- (243) taso naokyt pat
 taso Ø-na-oky-t boroja

homem 3-DECL-matar-NFUT cobra
 ‘O homem matou a cobra’

(244) na’ aokyt boroja
 Ø-na-a-oky-t boroja
 3-DECL-PASV-matar-NFUT cobra
 ‘A cobra foi morta’ ou ‘mataram a cobra’

(245) *taso naakat iokyt
 taso Ø-na-aka-t i-oky-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-matar-CONC.ABS.COP
 (possível apenas no contexto de ‘o homem se machucou’)

(246) taso naakat iaokyt
 taso Ø-na-aka-t i-a-oky-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-matar-CONC.ABS.COP
 ‘o homem foi morto’

(247) *taso naakat imbokyt
 taso Ø-na-aka-t i-m-oky-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-matar-CONC.ABS.COP

(248) *taso naakat iambokyt
 taso Ø-na-aka-t i-a-m-oky-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-matar-CONC.ABS.COP

A seguir, apresentamos uma tabela com verbos transitivos que se comportam exatamente como exemplificado no paradigma acima.

Tabela 10 – Lista de verbos transitivos

1.	’y	‘comer’
2.	’y	‘gastar’
3.	ahoj	‘rir (de alguém)’
4.	atik	‘jogar fora’
5.	boit	‘enfeitar (com pintura e adereços)’
6.	byjyt	‘amassar’
7.	hãrajxa	‘enfeitar (consertar objetos (tv, rádio, etc.), arrumar a casa)’
8.	hee	‘assoprar (fogo etc)’
9.	hey	‘assoprar’

10.	ĩy	‘estar’ (algo ou alguém está em algum lugar ou com alguém)’
11.	kapidy	‘perguntar’, ‘procurar’
12.	kim	‘torrar (carne, milho etc)’
13.	ko	‘quebrar’
14.	kynõ	‘fechar’
15.	kyrot	‘responder’
16.	mĩ	‘bater em alguém
17.	ohok	‘descascar’
18.	okop	‘quebrar’
19.	oky	‘matar’/’machucar’
20.	opyj	‘deixar’
21.	ot	‘pegar (singular)’
22.	otet	‘cozinhar’
23.	pesek	‘apertar’
24.	pii	‘pegar (plural – muitas coisas)’
25.	pinir(i/a)	‘beliscar com a unha’
26.	pipãram	‘costurar’
27.	pitik	‘esvaziar’
28.	pyotagng	‘ajudar’
29.	pyp	‘tecer’
30.	seka	‘espremer’
31.	soko’ĩ	‘apertar o nó’
32.	sooxa	‘casar’
33.	tak	‘pilar (milho e outros grãos)
34.	ting	‘bater timbó’
35.	top	‘soltar (ex. algum animal de criação)’
36.	yt	‘cavar’

Nesta seção, apresentamos evidências morfossintáticas para estabelecer a existência de uma classe de verbos transitivos. Esse padrão de comportamento dos verbos transitivos já foi apresentado em trabalhos anteriores, que foram descritos em Storto (2010; 2009; 2008; 2001; 1999). A nossa contribuição referente a essa classe verbal foi a de checarmos a análise feita anteriormente, e ampliarmos o corpus via elicitación de paradigmas verbais que atestassem a

existência de dois modos, e dois morfemas de valência, além de confirmar a impossibilidade de certas ordens de constituintes, a partir do formulário de elicitación apresentado na metodologia.

2.3 VERBOS BITRANSITIVOS

A classe de verbos bitransitivos, até o presente momento, é formada por apenas 3 verbos, a saber: *hit* ‘dar’, *oigng* ‘presentear’ e *hit’it* ‘emprestar’. Os bitransitivos em Karitiana apresentam um de seus argumentos com marca de oblíquo {-ty}, que é a mesma posposição encontrada nos objetos oblíquos dos verbos intransitivos psicológicos (seção 2.1.1). Em Karitiana, o argumento oblíquo de “*oigng*”, ‘*hit*’ ou ‘*hit’it*’ é o tema, e o argumento alvo/destinatário é o objeto direto (comportam-se como ‘presentear’ em português, ex., *presenteou a filha* (alvo/destinatário) *com um colar* (tema)). Podemos dizer, analogamente aqueles intransitivos com objeto oblíquo, que a classe de verbos bitransitivos é semanticamente bitransitiva e sintaticamente transitiva (STORTO, 2008).

Os verbos bitransitivos apresentam um comportamento sintático semelhante ao dos transitivos em termo de alternâncias de valência. A classe de verbos bitransitivos permite a passivização via {*a-*} (exemplos 250 e 256), fica agramatical quando submetida à causativização com o morfema {*m-*} (exemplos 251, 254 e 257), e não permite a coocorrência de {*a-*} e {*m-*} (exemplos 252 e 258), além de ser agramatical como complemento do núcleo da cópula (exemplo 256). O padrão de concordância é ergativo-absolutivo, como visto em (249), onde a marca de concordância reflete os traços do objeto.

Paradigma verbal 14 – verbo *oigng* ‘presentear’

Verbo bitransitivo no modo assertivo (VOSO_{obl})

- (249) *ypyroigngan õwã boetety*
y-pyr-oigng-<a>n *õwã* *boet-<e>ty*
 1-ASSERT-presentear-NFUT criança colar-OBL
 ‘A criança me presenteou com um colar’

Verbo bitransitivo no modo assertivo passivizado via {*a-*} (VOO_{obl})

- (250) *pyraoigngan õwã boetety*
Ø-pyr-a-oigng-<a>n *õwã* *boet-<e>ty*
 3-ASSERT-PASV-presentear-NFUT criança colar-OBL
 ‘Presentearam a criança com um colar’

Verbo bitransitivo no modo assertivo com o morfema causativo *{m-}* (VSOO_{obl})

- (251) *ypymboingnan òwã boetety
1-py-m-oingng-<a>n òwã boet-<e>ty
3-ASSERT-CAUS-presentear-NFUT criança colar-OBL

Verbo bitransitivo no modo assertivo com os morfemas *{a-}* e *{m-}*

- (252) *pyramboingnan òwã boetety
Ø-pyr-a-m-oingng-<a>n òwã boet-<e>ty
3-ASSERT-PASV-CAUS-presentear-NFUT criança colar-OBL

Verbo bitransitivo no modo declarativo (SVOO_{obl})

- (253) taso naoingnat òwã boetety
taso Ø-na-oingng-<a>t òwã boet-<e>ty
homem 3-DECL-presentear-NFUT criança colar-OBL
'O homem presenteou a criança com colar'

Verbo bitransitivo no modo declarativo com o morfema *{m-}* (SVOO_{obl})

- (254) *taso namboingnat òwã boetety
taso Ø-na-mb-oingng-<a>t òwã boet-<e>ty
homem 3-DECL-CAUS-presentear-NFUT criança colar-OBL

Construção de cópula com verbo bitransitivo ocorrendo no núcleo do complemento da cópula

- (255) *taso naakat ioingnat boetety
taso Ø-na-aka-t i-oingng-<a>t boet-<e>ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-presentear-CONC.ABS.COP colar-OBL

Construção de cópula com verbo bitransitivo no núcleo da cópula passivizado via *{a-}*

- (256) taso naakat iaoingnat boetety
taso Ø-na-aka-t i-a-oingng-<a>t boet-<e>ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-presentear-CONC.ABS.COP colar-OBL
'O homem foi presenteado com colar'

Construção de cópula com verbo bitransitivo com o morfema *{m-}*

- (257) *taso naakat imboingnat boetety
taso Ø-na-aka-t i-m-oingng-<a>t boet-<e>ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-presentear-CONC.ABS.COP colar-OBL

Construção de cópula com verbo bitransitivo com os morfemas *{m-}* e *{a-}*

- (258) *taso naakat iamboingnat boetety
taso Ø-na-aka-t i-a-mb-oingng-<a>t boet-<e>ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-presentear-CONC.ABS.COP colar-OBL

Paradigma 15 – verbo *hit* ‘dar’

- (259) ypyryhityn boetety taso
y-pyry-hit-<y>n boet-<e>ty taso
1-ASSERT-dar-NFUT colar-OBL homem
‘O homem deu o colar para mim’
- (260) pyrahityn boetety taso
∅-pyr-a-hit-<y>n boet-<e>ty taso
3-ASSERT-dar-NFUT colar-OBL homem
‘Deram colar para o homem’
- (261) *pyrymhityn ãonso boetety taso
∅-pyry-m-hit-<y>n ãonso boet-<e>ty taso
3-ASSERT-CAUS-dar-NFUT mulher colar-OBL homem
- (262) *pyramhityn ãonso boetety taso
∅-pyr-a-m-hit-<y>n boet-<e>ty taso
3-ASSERT-PASV-CAUS-dar-NFUT colar-OBL homem
- (263) taso nakahit õwã boetety
taso ∅-naka-hit-∅ õwã boet-<e>ty
homem 3-DECL-dar-NFUT criança colar-OBL
‘o homem deu colar para a criança’
- (264) *taso naakat ihit boetety
taso ∅-na-aka-t i-hit-∅ boet-<e>ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-dar-CONC.ABS.COP colar-OBL
- (265) taso naakat i-a-hit boetety
taso ∅-na-aka-t i-a-hit-∅ boet-<e>ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-dar-CONC.ABS.COP colar-OBL
‘Deram colar para o homem’
- (266) *taso naakat imhit boetety
taso ∅-na-aka-t i-m-hit-∅ boet-<e>ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-dar-CONC.ABS.COP colar-OBL
- (264) *taso naakat iamhit boetety
taso ∅-na-aka-t i-a-m-hit-∅ boet-<e>ty
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-dar-CONC.ABS.COP colar-OBL

A tabela abaixo mostra os 3 exemplos de verbos pertencentes a essa classe dos bitransitivos. Esses verbos seguem o mesmo padrão do paradigma apresentado acima.

Tabela 11 – Lista de verbos bitransitivos

oigng	‘presentear’
hit	‘dar’, ‘emprestar’
hit´it	‘emprestar’

A classe de verbos descrita no paradigma acima já tinha sido identificada por Storto (1999, 2008), mas, assim como no caso dos transitivos, nós a ampliamos, encontrando mais dois verbos pertencentes à classe dos bitransitivos, e completando o paradigma investigado pela autora conforme o protocolo de elicitaco de dados, que foi apresentado na seo de metodologia. Storto, em seus trabalhos, apresentou apenas o verbo *hit* ‘dar, presentear, oferecer, emprestar’ como representante dessa classe. Podemos dizer ainda que *hit´it* ‘emprestar’ é derivado da raiz de *hit* ‘dar’.

2.4 ALGUMAS (PSEUDO-) IRREGULARIDADES NO PADRO

Nesta seo, discutiremos os verbos que supostamente apresentam algum tipo de irregularidade. Conforme o padro apresentado pelos verbos descritos na língua podemos transitivizar um verbo intransitivo via o morfema *{m-}*, podemos usar um verbo intransitivo no núcleo do complemento da construo de cpula, e podemos passivizar verbos intransitivos aps causativiz-los. Veremos que os verbos que apresentam irregularidades so passíveis de explicao como casos de homofonia, bloqueio lexical, ou supleo de valência.

Os verbos estudados so *obm* ‘furar’, *atat* ‘arrebentar, quebrar’, *eem* ‘sujar’, *oty_{trans.}* ‘banhar com remédio’ versus *oty_{intrans.}* ‘banhar, tomar banho’, *kinda otidna* versus *akinda otidna* ‘adoecer’, *oky* ‘matar’, *pop* ‘morrer’, *oky* ‘apagar’ e *pop* ‘apagar’ (ROCHA, 2010).

2.4.1 O CASO DOS VERBOS ‘*obm*, *atat* E *eem*’

O caso em questo seria transitivizao via zero {Ø-} ou também algum tipo de homofonia?

Nossa primeira análise a respeito desses verbos foi propor que essas três raízes verbais são basicamente intransitivas, hipotetizando um morfema {Ø-} transitivizador de mesma função do morfema {m-}, já que tínhamos ocorrência de construções transitivas e intransitivas com essas raízes. Nosso questionamento sempre foi o porquê de esse morfema zero ocorrer apenas com essas três raízes. Novos testes foram feitos e percebemos a ocorrência desses verbos com o morfema {m-} em suas versões transitivizadas, lançando, portanto, mais uma nova questão: serão esses verbos transitivizados por {Ø-} ou estamos tratando de um caso de homofonia e teríamos, neste caso, duas raízes verbais de valências diferentes para cada um dos verbos listados? Abaixo destacamos paradigmas desses verbos considerando as evidências morfossintáticas mencionadas acima.

Em trabalhos de campos posteriores à primeira análise, testamos esses verbos novamente a fim de corrigir e refinar suas traduções e também verificar se houve algum erro metodológico. Trabalhamos com dois falantes e eles aceitam como gramatical a transitivização via {m-} para esses verbos, além da coocorrência entre {m-} e {a-}. Apresentaremos os paradigmas para os verbos *’obm*, *atat* e *eem*.

Paradigma verbal 16 - Verbo ‘obm ‘furar’

Construção transitiva sem {m-} VOS

- (265) pyry’obman ’ep taso
 Ø-pyry-’obm-a-n ’ep taso
 3-ASSERT-furar-VT-NFUT árvore homem
 ‘O homem furou a árvore’

Construção intransitiva (incoativa) VS

- (266) pyry’obman ’ep
 Ø-pyry-’obm-a-n ’ep
 3-ASSERT-furar-VT-NFUT árvore
 ‘A árvore furou’

Construção com o morfema de passiva {a-} VS

- (267) pyra’obman ’ep
 Ø-pyr-a-’obm-a-n ’ep
 3-ASSERT-PASV-furar-VT-NFUT árvore
 ‘Furaram a árvore’

Construção sendo transitivizada com {m-} derivada de um verbo intransitivo

- (268) pyrybm’obman ’ep taso

Ø-pyry-m-´obm-a-n ´ep taso
 3-ASSERT-CAUS-furar-VT-NFUT árvore homem
 ‘O homem fez a árvore furar’

Construção sendo passivizada por {a-} a partir de uma versão transitivizada com {m-} VS

(269) pyrabm´obman ´ep (intrans.)
 Ø-pyr-a-m-´obm-a-n ´ep
 3-ASSERT-PASV-CAUS-furar-VT-NFUT árvore
 ‘Fizeram a árvore furar’

Construção transitiva sem {m-} SVO

(270) taso naka´obmat ´ep
 taso Ø-naka-´obm-a-t ´ep
 homem 3-DECL-furar-VT-NFUT árvore
 ‘A homem furou a árvore’

Construção transitivizada com {m-} SVO

(271) taso nakabm´obmat ´ep
 taso Ø-naka-m-´obm-a-t ´ep
 homem 3-DECL-CAUS-furar-VT-NFUT árvore
 ‘O homem fez a árvore furar/ o homem furou a árvore’

(dado: outubro/novembro 2009 e fevereiro/março de 2010)

Construção transitivizada via {m-} agramatical para alguns consultores

(272) ??taso nakabm´obmat ´ep
 taso Ø-naka-m-´obm-a-t ´ep
 homem 3-DECL-CAUS-furar-VT-NFUT árvore
 ‘O homem fez a árvore furar/ o homem furou a árvore’

(dado: agosto de 2009)

Testamos esse tipo de sentença em (270) com 6 falantes nativos e todos eles interpretaram a sentença como gramatical. Por outro lado, a sentença (271) foi testada com os mesmos 6 consultores. O novo resultado obtido foi que 2 dos consultores interpretaram (271) como agramatical (tal como a sentença em (272)), e dois o interpretam como gramatical (cf. 271). Dois dos 6 consultores tiveram dúvidas acerca da gramaticalidade da sentença (271). Nosso objetivo aqui não é fazer um tratamento da variação, mas entender a estrutura argumental dos verbos e para isso analisaremos as evidências possíveis para entendê-la. Na sentença (271), para os consultores que a têm como gramatical, podemos ver pela tradução dois significados um de causa “*o homem fez a árvore furar*” e um segundo “*o homem furou a*

árvore”, o que nos motiva ter em (271) uma interpretação de que o verbo é basicamente intransitivo, já que aceita o morfema {*m-*}.

Se considerássemos que se trata de alternância e que o verbo seja basicamente intransitivo então a sentença em (270) seria transitivizada sem a morfologia causativizadora {*m-*}, e daí poderíamos de fato propor um morfema zero. No entanto, tal hipótese é menos interessante do que a nossa hipótese atual de homofonia, pois teríamos as ocorrências com {*m-*} como contra-exemplos. Para alguns falantes, verbos do tipo analisado podem ser transitivizados sem morfologia, enquanto para outros falantes podem ser transitivizados apenas via morfologia transitivizadora {*m-*}. Por outro lado, se considerássemos que há dois verbos homófonos com valência diferentes então em (270) teríamos o verbo transitivo em sua construção básica, enquanto em (271) teríamos, para os falantes que a aceitam como gramatical, a versão transitivizada via {*m-*}, ou seja, sua contraparte transitiva derivada da intransitiva.

Interpretação de uma construção transitiva SVO_{nulo}

- (273) taso naka´obmat
taso Ø-naka-´obm-a-t
homem 3-DECL-furar-VT-NFUT
‘O homem furou (alguma coisa)’

Construção transitiva sem {*m-*} S_{nulo}VO

- (274) naka´obmat taso
Ø-naka-obm-a-t taso
3-DECL-furar-VT-NFUT homem
‘(alguém) furou o homem’

Na língua Karitiana constatamos sujeitos e objetos nulos como podemos ver nas sentenças em (273) e em (274) respectivamente. Nos exemplos (275) e (276) podemos notar que há uma interpretação incoativa independente da ordem (VS ou SV) que sempre denota o sentido da “árvore furou”, contrariamente aos exemplos (273) e (274). Em (275) e em (276) o único argumento presente tem o traço [–animado]. Esses exemplos nos levam a crer que o verbo nos exemplos (273) e (274) seja transitivo, enquanto que no par em (275) e (276) temos a raiz homófona intransitiva.

Construção intransitiva SV

- (275) ´ep naka´obmat (SV)
´ep Ø-naka-´obm-a-t

árvore 3-DECL-furar-VT-NFUT
'A árvore furou'

Construção intransitiva VS

(276) naka'obmat 'ep (incoat.)
Ø-naka-'obm-a-t 'ep
3-DECL-furar-VT-NFUT árvore
'A árvore furou'

Construção com passiva {a-} a partir de uma construção transitivizada {m-} VS

(277) naam'obmat 'ep (intrans.)
Ø-na-a-m-'obm-a-t 'ep
3-DECL-PASV-CAUS-furar-VT-NFUT árvore
'Fizeram a árvore furar'

A presença do morfema {m-} coocorrendo com o morfema de passiva impessoal {a-} nos exemplos (277) e (281) também revela que se trata de um verbo intransitivo. Outra forte evidência para a nossa hipótese de que haja uma versão intransitiva deste verbo é a ocorrência da raiz verbal 'obm nucleando o complemento da construção de cópula no exemplo (279), que, como já apontamos, é um contexto sintático restrito aos verbos intransitivos.

Construção passiva com {a-} sem marca de {m-}

(278) na-a-'obm-a-t 'ep
Ø-na-a-'obm-a-t 'ep
3-DECL-PASV-furar-VT-NFUT árvore
'Furaram a árvore'

Ocorrência no núcleo do complemento da construção de cópula

(279) 'ep naakat i'obmat (intrans.)
'ep Ø-na-aka-t i-'obm-a-t
árvore 3-DECL-COP-NFUT NMZ-furar-VT-com.abs.cop.
'A árvore furou'

Ocorrência na construção de cópula com o morfema de passiva {a-}

(280) 'ep naakat ia'obmat (intrans.)
'ep Ø-na-aka-t i-a-'obm-a-t
árvore 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-furar-VT-CONC.ABS.COP
'Furaram a árvore'

Nos exemplos (278) e (280), temos fortes evidências para prever que a raiz 'obm seja transitiva, já que aceita o morfema de passiva impessoal sem antes ter sido

transitivizada pelo morfema *{m-}*. Como vimos anteriormente, apenas verbos transitivos, bitransitivos ou construções transitivizadas aceitam o morfema *{a-}* e apenas verbos intransitivos aceitam o morfema *{m-}*.

Coocorrência de *{a-}* e *{m-}* no núcleo do complemento da cópula

- (281) ´ep naakat iabm´obmat
 ´ep Ø-na-aka-t i-a-m-´obm-a-t
 árvore 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-furar-VT-CONC.ABS.COP.
 ‘Fizeram a árvore furar’

Paradigma verbal 17 – verbo *atat*_{trans. e intrans.} ‘arrebentar’

Construção transitiva VOS

- (282) pyratadn tepy taso (transitiva)
 Ø-pyr-atat-dn tepy taso
 3-ASSERT-arrebentar-NFUT cipó homem
 ‘O homem arrebentou o cipó’

Construção intransitiva VS

- (283) pyratadn tepy (incoativa)
 Ø-pyr-atat-dn tepy
 3-ASSERT-arrebentar-NFUT cipó
 ‘O cipó (se) arrebentou’

Construção passiva *{a-}* VS

- (284) pyra´atadn tepy (trans.)
 Ø-pyr-a-atat-dn tepy
 3-ASSERT-PASV-arrebentar-NFUT cipó
 ‘Arrebentaram o cipó’

Construção transitivizada com *{m-}* VOS

- (285) pyrymbatadn tepy taso (intrans.)
 Ø-pyry-m-atat-dn tepy taso
 3-ASSERT-CAUS-arrebentar-NFUT cipó homem
 ‘O homem fez o cipó (se) arrebentar’

Construção passiva *{a-}* a partir de uma construção transitivizada com *{m-}*

- (286) pyrambatadn tepy (intrans.)
 Ø-pyr-a-m-ata-dn tepy
 3-ASSERT-PASV-CAUS-arrebentar-NFUT cipó
 ‘Fizeram o cipó (se) arrebentar’

Construção transitiva sem morfologia {*m-*} SVO

- (287) taso na'atat tepy (trans.)
taso Ø-na-ata-t tepy
homem 3-DECL-arrebentar-NFUT cipó
'O homem arrebentou o cipó'

Construção transitivizada com {*m-*} SVO

- (288) taso na(m)batat tepy (intrans.)
taso Ø-na-m-ata-t tepy
homem 3-DECL-CAUS-arrebentar-NFUT cipó
'O homem fez o cipó (se) arrebentar'

Agramaticalidade na construção intransitiva na ordem SV

- (289) *tepy na'atat
tepy Ø-na-ata-t
cipó 3-DECL-arrebentar-NFUT

Construção intransitiva na ordem VS

- (290) na'atat tepy (raiz incoat.)
Ø-na-ata-t tepy
3-DECL-arrebentar-NFUT cipó
'O cipó (se) arrebentou'

Construção transitiva SVO_{nulo}

- (291) taso na'atat (raiz trans.)
taso Ø-na-atat-Ø
homem 3-DECL-arrebentar-NFUT
'O homem arrebentou (alguma coisa)'

Construção passiva {*a-*} VS

- (292) naa'atat tepy (raiz trans.)
Ø-na-a-atat-Ø tepy
3-DECL-PASV-arrebentar-NFUT cipó
'Arrebentaram o cipó'

Passivização {*a-*} derivada de uma construção transitivizada {*m-*}

- (293) naambatat tepy (raiz incoat.)
Ø-na-a-m-atat-Ø tepy
3-DECL-PASV-CAUS-arrebentar-NFUT cipó
'Fizeram o cipó arrebentar'

Ocorrência no núcleo do complemento da cópula

- (294) tepy naakat iatat

tepy Ø-na-aka-t i-atat-Ø
 cipó 3-DECL-COP-NFUT NMZ-arrebentar-CONC.ABS.COP
 ‘O cipó arrebentou’

(295) tepy naakat iatat (raiz intrans.)

tepy Ø-na-aka-t i-atat-Ø
 cipó 3-DECL-COP-NFUT NMZ-arrebentar-CONC.ABS.COP
 ‘O cipó arrebentou’

Ocorrência no núcleo do complemento da cópula com uma construção passiva {a-}

(296) tepy naakat ia´atat (raiz trans.)

tepy Ø-na-aka-t i-a-atat-Ø
 cipó 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-arrebentar-CONC.ABS.COP
 ‘Arrebentaram o cipó’

Paradigma verbal 18 – verbo *eem*_{trans e intrans} ‘sujar’

Verbo transitivo no modo assertivo VOS

(297) pyry´eemyn ypykyp taso (raiz trans.)
 Ø-pyry-eem-<y>n y-pykyp taso
 3-ASSERT-sujar-<v>NFUT 1POSS-roupa homem
 ‘O homem sujou minha roupa’

Verbo intransitivo no modo assertivo VS

(298) pyry´eemyn ypykyp (raiz incoat.)
 Ø-pyry-eem-<y>n y-pykyp
 3-ASSERT-sujar-<v>NFUT 1POSS-roupa
 ‘Minha roupa sujou’

Verbo transitivo sendo passivizado via {a-} no modo assertivo VS

(299) pyra´eemyn ypykyp (raiz trans.)
 Ø-pyr-a-eem-<y>n y-pykyp
 3-ASSERT-PASV-sujar-<v>NFUT 1POSS-roupa
 ‘Sujaram minha roupa’

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {m-} no modo assertivo VOS

(300) pyrym´eemyn ypykyp taso (raiz intrans.)
 Ø-pyry-m-eem-<y>n y-pykyp taso
 3-ASSERT-CAUS-sujar-<v>NFUT 1POSS-roupa homem
 ‘O homem fez a roupa sujar’

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {m-} e depois passivizado via {a} no modo assertivo VS

- (301) pyram´eemyn ypykyp (intrans.)
 Ø-pyr-a-m-eem-<y>n y-pykyp
 3-ASSERT-PASV-CAUS-sujar-<v>NFUT 1POSS-roupa
 ‘Fizeram minha roupa sujar’

Verbo transitivo no modo declarativo SVO

- (302) taso naka´eemat ypykyp (trans.)
 taso Ø-naka-eem-a-t y-pykyp
 homem 3-DECL-sujar-VT-NFUT 1POSS-roupa
 ‘O homem sujou minha roupa’

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {m-} no modo declarativo SVO

- (303) taso nakam´eemat ypykyp (intrans.)
 taso Ø-naka-m-eem-a-t y-pykyp
 homem 3-DECL-CAUS-sujar-VT-NFUT 1POSS-roupa
 ‘O homem fez minha roupa sujar’

Verbo intransitivo no modo declarativo SV

- (304) ypykyp naka´eemat (incoat.)
 y-pykyp Ø-naka-eem-a-t
 1POSS-roupa 3-DECL-sujar-VT-NFUT
 ‘Minha roupa sujou’

Verbo intransitivo VS / verbo transitivo (S)VO no modo declarativo

- (305) naka´eemat ypykyp (incoat. e trans.)
 Ø-naka-eem-a-t y-pykyp
 3-DECL-sujar-VT-NFUT 1POSS-roupa
 ‘Minha roupa sujou / (alguém) sujou minha roupa’

Verbo transitivo sendo passivizado via {a-} no modo declarativo

- (306) naa´eemat ypykyp (raiz trans.)
 Ø-na-a-eem-a-t y-pykyp
 3-DECL-PASV-sujar-VT-NFUT 1POSS-roupa
 ‘Sujaram a minha roupa’

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {m-} e depois passivizado via {a-}

- (307) naam´eemat ypykyp (raiz intrans.)
 Ø-na-a-m-eem-a-t y-pykyp
 3-DECL-PASV-CAUS-sujar-VT-NFUT 1POSS-roupa
 ‘Fizeram minha roupa sujar’

Verbo intransitivo ocorrendo no núcleo do complemento da cópula

- (308) ypykyp naakat i´eemat (raiz incoat.)

y-pykyp Ø-na-aka-t i-eem-a-t
 1POSS-roupa 3-DECL-COP-NFUT NMZ-sujar-VT-CONC.ABS.COP
 ‘Minha roupa sujou’

Verbo transitivo passivizado no núcleo do complemento da cópula

(309) ypykyp naakat ia´eemat (raiz trans.)
 y-pykyp Ø-na-aka-t i-a-eem-a-t
 1POSS-roupa 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-sujar-VT-CONC.ABS.COP
 ‘Sujaram minha roupa’

Verbo intransitivo transitivizado e passivizado no núcleo do complemento da cópula

(310) ypykyp naakat iam´eemat (intrans.)
 y-pykyp Ø-na-aka-t i-a-m´eem-a-t
 1POSS-roupa 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-sujar-VT-CONC.ABS.COP
 ‘Fizeram minha roupa sujar’

2.4.2 HOMOFONIA

Utilizaremos o termo homofonia para referir à relação de duas ou mais palavras (ou parte delas) idênticas, mas que apresentam significados e valência diferentes. Verificamos a presença da relação de homofonia entre *oty*_{transitivo} ‘banhar com remédio’ e *oty*_{intransitivo} ‘banhar’, que já fora mencionada na seção 2.1 desse capítulo juntamente com a variação entre *kinda otidn* e *akinda otidn*. O que faremos nesta seção é mostrar a versão transitiva dessas raízes homófonas.

Verbo *oty* ‘banhar com *osiipo* ‘remédio’’

Verbo transitivo SVO

(311) yn naotyt y´et
 yn Ø-na-oty-t y-´et
 eu 3-DECL-banhar-NFUT 1POSS-filho
 ‘eu banhei meu filho (com remédio)’

Verbo transitivo sendo passivizado via {a-}

(312) apyraotydn an
 a-pyr-a-oty-dn an
 2-ASSERT-PASV-banhar-NFUT você
 ‘Você foi banhado com remédio’

Ocorrência no núcleo da cópula com o morfema de passiva {a-}

- (313) yn naakat iaoty
 yn Ø-na-aka-t i-a-oty-t
 eu 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-banhar-CONC.ABS.COP.
 ‘Eu fui banhado com remédio’

(dados: STORTO, 2009)

Outra ocorrência de raízes que estão em relação de homofonia é *oky* ‘matar’, transitivo, e *oky* ‘machucar (-se)’, intransitivo. Acompanhe a descrição a seguir.

Verbo *oky* ‘matar’:

Verbo transitivo no modo assertivo VSO

- (314) pyrokydn taso boroja
 Ø-pyr-oky-dn taso boroja
 3-ASSERT-matar-NFUT homem cobra
 ‘o homem matou a cobra’

Verbo transitivo sendo passivizado no modo assertivo VS

- (315) pyraokydn taso
 Ø-pyr-a-oky-dn taso
 3-ASSERT-PASV-matar-NFUT homem
 ‘O homem foi morto’

Sabemos que na língua Karitiana o verbo *oky* ‘matar’ é transitivo (314), podemos constatar isso conforme as evidências morfossintáticas apresentadas. Um verbo transitivo fica agramatical com o morfema *{m-}*, pode ser passivizado via morfema *{a-}*, como nos exemplos (315) e (317) e não pode ocorrer diretamente, sem antes ter sido passivizado, no núcleo do complemento da cópula como atestado no exemplo (316) (# símbolo utilizado para dados agramaticais nesse contexto).

Verbo transitivo na construção de cópula

- (316) #taso naakat iokyt
 taso Ø-na-aka-t i-oky-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-matar-CONC.ABS.COP

Verbo transitivo sendo passivizado em construção de cópula

- (317) taso naakat iaokyt
 taso Ø-na-aka-t i-a-oky-t

homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-matar-CONC.ABS.COP
 ‘O homem foi morto’

Verbo *oky* ‘machucar (-se)’:

Verbo intransitivo no modo assertivo VS

(318) pyrokydn taso
 Ø-pyr-oky-dn taso
 3-ASSERT-machucar-NFUT homem
 ‘o homem (se) machcou’

Verbo intransitivo sendo transitivizado via *{m-}*, agramatical por restrição semântica

(319) *pymbokydn boroja taso
 Ø-py-m-oky-dn boroja taso
 3-ASSERT-CAUS-matar/machucar-NFUT cobra homem

Verbo intransitivo sendo transitivizado via *{m-}*

(320) pymbokydn õwã taso
 Ø-py-m-oky-dn õwã taso
 3-ASSERT-CAUS-machucar-NFUT criança homem
 ‘O homem fez a criança se machucar’

A versão homófona da raiz *oky* ‘machucar (-se)’ (318) é intransitiva conforme constatação morfossintática, como podemos ver no exemplo (320), em que ela está sendo transitivizada via *{m-}*. O que poderia evidenciar um contra-exemplo é o dado em (319) pela sua agramaticalidade com o morfema *{m-}*. Neste caso, a agramaticalidade não é motivada pela transitivização pelo morfema *{m-}*, mas pela natureza semântica do objeto *boroja* ‘cobra’, que por algum motivo fica pragmaticamente estranho com o sujeito *taso* ‘homem’, como se um homem não pudesse fazer uma cobra se machucar. Podemos traçar um paralelo com relação aos traços semânticos presentes nos dois argumentos (sujeito e objeto) da sentença em (320), já que nesse caso o ‘*homem pode fazer com que a criança se machuque*’, contrariamente ao que acontece em (319).

Verbo intransitivo na construção de cópula

(321) taso naakat iokyt
 taso Ø-na-aka-t i-oky-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-machucar-CONC.ABS.COP
 ‘O homem se machucou’

Verbo intransitivo na construção de copula com passiva {*a-*}

- (322) #taso naakat iaokyt
taso Ø-na-aka-t i-a-oky-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-machucar-CONC.ABS.COP

Verbo intransitivo sendo transitivizado e depois passivizado na construção de cópula

- (323) taso naakat iambokyt
taso Ø-na-aka-t i-a-m-oky-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-machucar-CONC.ABS.COP
'Fizeram o homem se machucar'

Em (321), temos um verbo nucleando o complemento da construção de cópula. Logo, sabemos que se trata de uma raiz intransitiva. Em (323), ocorre uma transitivização via {*m-*} seguida de passivização via {*a-*} nucleando o complemento da cópula, o que reforça a análise de que a raiz é intransitiva. Finalmente, a agramaticalidade do exemplo (322) pode ser explicada apenas se a raiz é intransitiva.

2.4.3 BLOQUEIO LEXICAL

Há verbos em Karitiana que não permitem a transitivização, como é o caso dos verbos *pop* 'morrer', *pot* 'quebrar (em 2 pedaços)' e *hop* ou sua forma duplicada *hop hop* 'quebrar (em vários pedaços)'. Explicaremos estes casos hipotetizando que eles estão submetidos a um bloqueio lexical devido à existência de outro item lexical com o mesmo sentido que denotaria o novo item criado. O bloqueio lexical, segundo Sandmann (1991, p.85), ocorre quando já existe um outro elemento na língua que impede a criação de determinado vocábulo.

Em Karitiana, a transitivização do verbo *pop* 'morrer' é bloqueada devido à ocorrência do verbo *oky*¹⁵ 'matar', transitivo. O mesmo caso dá-se com *pot* e *hop*, pois existem na língua as raízes verbais *okop* e *kop* 'quebrar', transitivas, respectivamente.

Verbo transitivo VSO

- (326) pyrokydn taso boroja
pyr-oky-dn taso boroja
2-ASSERT-matar-NFUT homem cobra

¹⁵ Encontramos mesma forma significando 'machucar-se'. A raiz *oky* encontrada em nossa base de dados em construção de cópula nos chamou a atenção, já que nesse ambiente não pode ocorrer verbos transitivos. Nos 2 exemplos que temos o significado está como 'machucar-se'. O fato de não testarmos todo o paradigma para ver transitivização, passivização etc. foi o que nos levou a não o discutir no item homofonia.

‘o homem matou a cobra’

pop ‘morrer’ (intransitivo)

- (327) pyrypopyn boroja
Ø-pyry-pop-<y>n boroja
3-ASSERT-morrer-NFUT cobra
‘a cobra morreu’

Agramaticalidade com o morfema {m-}

- (328) *pyrympopyn boroja taso
Ø-pyry-m-pop-<y>n boroja taso
3-ASSERT-CAUS-morrer-NFUT cobra taso
Contx. ‘o homem fez a cobra morrer’/ o homem matou a cobra’

Agramaticalidade com os morfemas {m-} e {a-}

- (329) *pyrampopyn boroja
Ø-pyry-a-m-pop-<y>n boroja
3-ASSERT-PASV-CAUS-morrer-NFUT cobra

Considerando-se os exemplos acima (326 – 329), em (326) temos ‘o homem matou a cobra’, onde foi usado *oky*, a raiz transitiva. Já em (327) para a sentença ‘a cobra morreu’, a língua utiliza-se da raiz *pop*, intransitiva. O fato de, na língua, ‘matar’ e ‘fazer morrer’ significar a mesma coisa, ou pelo menos implicar a mesma coisa, faz com que haja esse bloqueio léxico/semântico visto em (328).

Verbo transitivo VOS

- (330) pyrokydn iiso taso
Ø-pyr-oky-dn iiso taso
3-ASSERT-apagar-NFUT fogo homem
‘o homem apagou o fogo’

Verbo intransitivo

- (331) pyrypopyn iiso
Ø-pyr-pop-<y>n iiso
3-ASSERT-apagar-NFUT fogo
‘o fogo apagou’

A raiz *oky* também é utilizada com o significado de ‘apagar o fogo’ em sua versão transitiva (330), enquanto que *pop* é usada para significar ‘o fogo apagou’ em sua versão

intransitiva (331). Todavia, verificamos irregularidades no paradigma com este sentido. Vejamos:

oky ‘apagar’

1) usa-se na sua versão transitiva – biargumental – sem auxílio de morfologia *{m-}*, com adição deste morfema fica agramatical.

Ex:

- a. *taso na-oky-t iiso* ‘o homem apagou o fogo’
- b. **pyry-mb-okydn iiso taso* (com causativo **mb-** alomorfe de **m-**)
- c. **pyr-a-mb-okydn iiso*

Encontramos construções do tipo:

- d. *taso nambokyt iiso* ‘o homem apagou o fogo’

Assim como há ocorrência dessa raiz no núcleo da cópula:

- e. *iiso naakat iokyt* ‘apagaram o fogo’

2) usa-se com passiva *{a-}* tanto no assertivo quanto na cópula:

- f. *pyr-a-okydn iiso* ‘apagaram o fogo’
- g. *iiso naakat i-a-okyt* ‘apagaram o fogo’

Procuramos criar contextos para o entendimento dessas irregularidades, principalmente no que diz respeito a (d) e (e). O que parece explicar um dos casos problemáticos é que para a construção *taso naokyt iiso* (contexto: estava na hora de apagar o fogo, então o homem foi lá e apagou) temos o uso default do verbo, enquanto que para a construção *taso nambokyt iiso*, há um sentido especial. O consultor sugeriu que o falante, ao usar tal construção, talvez queira informar que houve culpa do homem pelo fato de ele apagar o fogo, já que não ‘era hora ainda de apagá-lo’. Salientamos que fica em aberto a questão entre *oky* ‘matar’ e *oky* ‘apagar’, tal como ocorre nos dados em (d) e (e). É necessário realizar novos testes para checar dados desse tipo e, assim, oferecer uma análise mais consistente.

A raiz verbal *pop* ‘apagar’ segue o padrão de sua raiz homófona *pop* ‘morrer’ obedecendo às restrições de transitivização via *{m-}*, ou seja, segue o bloqueio lexical visto acima. Um problema ainda não resolvido é a ocorrência do exemplo *taso nakampop iiso* (o homem fez o fogo apagar).

Considere os exemplos abaixo:

Verbo *pot* ‘quebrar (em 2 pedaços)’:

Verbo intransitivo no modo assertivo VS

- (332) *pyrypotyn bypan*
Ø-pyry-pot-<y>n bypan
3-ASSERT-quebrar-NFUT flecha
‘A flecha quebrou (em 2 pedaços)’

Agramaticalidade de um verbo intransitivo sendo passivizado

- (333) **pyrapotyn bypan*
Ø-pyry-a-pot-<y>n bypan
3-ASSERT-quebrar-NFUT flecha

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula

- (334) *bypan naakat ipot*
bypan Ø-na-aka-t i-pot-Ø
flecha 3-DECL-COP-NFUT NMZ-quebrar-CONC.ABS.COP
‘A flecha quebrou’

Adição de um argumento ao verbo intransitivo sem o morfema {*m-*}

- (335) **taso nakapot bypan*
taso Ø-naka-pot-Ø bypan
homem 3-DECL-quebrar-NFUT flecha

De acordo com os critérios morfossintáticos da língua, o comportamento do verbo *pot* ‘quebrar’ visto no exemplo (332) é típico de um verbo intransitivo, já que não aceita a passivação direta (333), ocorre como núcleo do complemento da cópula (334) e não pode ter dois argumentos (335). Em (336-337) fica claro que há um bloqueio para transitivizar este verbo.

Verbo intransitivo restringindo a transitivização via {*m-*}

- (336) **pyrympotyn bypan taso*
Ø-pyr-m-pot-<y>n bypan taso
3-ASSERT-CAUS-quebrar-NFUT flecha homem

Agramaticalidade de um verbo intransitivo sendo transitivizado e passivizado

- (337) **pyrampotyn bypan*

Ø-pyr-a-m-pot-<y>n bypan
 3-ASSERT-PASV-CAUS-quebrar-NFUT flecha

Sabemos que um verbo intransitivo só pode ser passivizado se antes for transitivizado, e considerando que há um bloqueio para a transitivização (336), não há possibilidade de passivização como visto em (337).

(338) *taso nakampot bypan
 taso Ø-naka-m-pot-Ø bypan
 homem 3-DECL-CAUS-quebrar-NFUT flecha

A questão é por que esse verbo *pot* ‘quebrar em 2 pedaços’ (intransitivo) não aceita o morfema causativizador {*m-*}? Nossa hipótese é que ocorra bloqueio lexical tal como ocorre na causativização de *pop* ‘morrer’ e *oky* ‘matar’. Pois, ao causativizar *pot* ‘quebrar em 2 pedaços’, temos como resultado a agramaticalidade (cf. 336-337). O uso biargumental de *pop* é agramatical também no caso da ausência da morfologia causativizadora. De modo análogo ao par *pot* e *oky*, o falante Karitiana quando quer dizer *X quebrou Y*, usa-se o verbo *okop/kop* ou *ko* ‘quebrar transitivo’ (339-342).

Considere os dois exemplos abaixo:

Verbo *okop* ‘quebrar’ transitivo:

Verbo transitivo no modo assertivo VOS

(339) pyrokopyn bypan taso
 Ø-pyr-okop-<y>n bypan taso
 3-ASSERT-quebrar-NFUT flecha homem
 ‘O homem quebrou a flecha’

Verbo *okop* ‘quebrar’ transitivo:

Verbo transitivo no modo declarativo SVO

(340) taso naokop bypan
 taso Ø-na-okop-Ø bypan
 homem 3-DECL-quebrar-NFUT flecha
 ‘O homem quebrou a flecha’

Verbo *ko* ‘quebrar’ transitivo:

Verbo transitivo no modo assertivo VOS

(341) pyrykodn kop õwã
 Ø-pyry-ko-dn kop õwã
 3-ASSERT-quebrar-NFUT copo criança

‘A criança quebrou o copo’

Verbo transitivo no modo declarativo

- (342) òwã nakakot kop
òwã Ø-naka-ko-t kop
criança3-DECL-quebrar-NFUT copo
‘A criança quebrou o copo’

Lima (2008; p.128) mostra que em Juruna há verbos que expressam fenômeno semelhante ao de Karitiana, a saber: os verbos *e’ã* ‘morrer’ e *txitxiku* ‘engatinhar’.

Exemplos retirados de Lima (2008; p. 128).

- (342) ba’i e’ã
paca morrer
‘paca morreu’ (Lima IV)

- (343) *apī ba’i ma-eá
cachorro paca caus-morrer
‘*Cachorro morreu paca’ (Lima IV)

2.4.4 OUTROS CASOS

Nesta subseção, o primeiro caso que merece destaque, é o caso do verbo *pynbo* ‘pôr, colocar, deixar, largar’, que tem o comportamento de um verbo intransitivo, mas ocorre opcionalmente com um objeto oblíquo. Considere o paradigma completo abaixo:

Paradigma Verbal 19 – verbo *pynbo* ‘por, colocar, deixar, largar’

Verbo intransitivo no modo assertivo

- (344) pypynbodn bypanty taso (ohynt)
Ø-py-pynbo-dn bypan-ty taso (ohynt)
3-ASSERT-pôr-NFUT flecha-OBL homem (em cima)
‘O homem pôs a flecha (em cima)’

Verbo intransitivo sendo passivizado via {a-} no modo assertivo

- (345) *pyrapynbodn bypanty/ *taso (ohynt)
Ø-pyr-a-pynbo-dn bypan-ty taso (ohynt)
3-ASSERT-PASV-pôr-NFUT flecha-OBL homem (em cima)

Verbo intransitivo sendo transitivizado via {m-} modo assertivo

- (346) ypypynbodn bypanty taso (ohynt)
 y-py-m-pynbo-dn bypan-ty taso (ohynt)
 1-ASSERT-CAUS-pôr-NFUT flecha-OBL homem (em cima)
 ‘O homem me fez pôr a flecha (em cima)’

Verbo intransitivo sendo transitivizado via *{m-}* e depois sendo passivizado via *{a-}* no modo assertivo

- (347) pyrampynbodn bypanty taso (ohynt)
 Ø-pyr-a-m-pynbo-dn bypan-ty taso (ohynt)
 3-ASSERT-PASV-CAUS-pôr-NFUT flecha-OBL homem (em cima)
 ‘Fizeram o homem pôr a flecha (em cima)’

Tomando os exemplos (344), no modo assertivo, e (348), no modo declarativo, e adicionando o morfema de passivização *{a-}* a construção fica agramatical, como atestado em (345). Portanto, este verbo comporta-se como intransitivo.

Verbo intransitivo no modo declarativo

- (348) taso napynbot bypanty (ohynt)
 taso Ø-na-pynbo-t bypan-ty (ohynt)
 homem 3-DECL-pôr-NFUT flecha-OBL (em cima)
 ‘O homem pôs a flecha (em cima)’

Verbo intransitivo sendo transitivizado via *{m-}* no modo declarativo

- (349) taso ytampynbodn bypanty (ohynt)
 taso y-ta-m-pynbo-dn bypan-ty (ohynt)
 homem 1-DECL-CAUS-pôr-NFUT flecha-OBL (em cima)
 ‘O homem me fez pôr a flecha (em cima)’

Nos exemplos (346) e (349), podemos checar a possibilidade de transitivização através do morfema *{m-}* e, nos exemplo (347) e (354), a coocorrência dos morfemas *{m-}* de transitivização e *{a-}* de passivização. Este comportamento, somado à possibilidade de ocorrência do verbo nucleando o complemento da construção de cópula, ratificam a análise do verbo como intransitivo. Todavia, trata-se de um verbo intransitivo diferente dos demais, já que coocorre opcionalmente com um objeto oblíquo, apesar de não fazer parte da classe dos verbos psicológicos.

Verbo intransitivo no núcleo do complemento da cópula

(350) ?¹⁶taso naakat ipynbot
 taso Ø-na-aka-t i-pynbo-t
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-pôr-CONC.ABS.COP
 ‘?O homem pôs’

(351) taso naakat ipynbot bypanty (ohynt)
 taso Ø-na-aka-t i-pynbo-t bypan-ty (ohynt)
 homem₃-DECL-COP-NFUT NMZ-pôr-CONC.ABS.COP flecha-OBL (em cima)
 ‘O homem pôs a flecha (em cima)’

Verbo intransitivo sendo passivizado no núcleo do complemento da cópula

(352) *bypan/*taso naakat iapynbot (*bypanty)
 bypan/taso Ø-na-aka-t i-a-pynbo-t (bypan-ty)
 flecha/homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-pôr-CONC.ABS.COP(flecha-OBL)

Verbo intransitivo sendo transitivizado no núcleo do complemento da cópula

(353) *taso naakat impynbot (*bypan-ty)
 taso Ø-na-aka-t i-m-pynbo-t (bypan-ty)
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-pôr-CONC.ABS.COP (flecha-OBL)

Verbo intransitivo sendo transitivizado e depois passivizado no núcleo do complemento da cópula

(354) taso naakat iampynbot bypanty
 taso Ø-na-aka-t i-a-m-pynbo-t bypan-ty
 homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-pôr-CONC.ABS.COP flecha-OBL
 ‘Fizeram o homem pôr a flecha’

O segundo caso excepcional a ser tratado aqui é a ocorrência do verbo *’adĵa* ‘ter, existir’, do qual faremos uma descrição abaixo (355 – 365):

Verbo impessoal VS

(355) pyry’adĵan taso ambi
 Ø-pyry-’adĵa-n taso ambi
 3-ASSERT-ter/existir-NFUT homem casa
 ‘Existe casa do homem’

Agramaticalidade com o morfema de passiva {a-}

(356) *pyra’adĵan taso ambi
 Ø-pyr-a-’adĵa-n taso ambi

¹⁶ O símbolo interrogação (?) é utilizado para informar que o falante tem dúvida em aceitar a sentença, mas que não a trata como agramatical.

3-ASSERT-PASV-ter/existir-NFUT homem casa

Agramaticalidade com o morfema {*m-*}

(357) *pyrym'adĵan taso ambi (*Botyĵ)
Ø-pyry-m-'adĵa-n taso ambi (Botyĵ)
3-ASSERT-CAUS-ter/existir-NFUT homem casa (ser mitológico: "deus")

Agramaticalidade com a coocorrência dos morfemas {*m-*} e {*a-*}

(358) *pyram'adĵan taso ambi
Ø-pyr-a-m-'adĵa-n taso ambi
3-ASSERT-PASV-CAUS-ter/existir-NFUT homem casa

Agramaticalidade com uma estrutura biargumental SVO

(359) *taso naka'adĵat ambi
taso Ø-naka-'adĵa-t ambi
homem 3-decl-existir-NFUT casa

Agramaticalidade com um sujeito agente na ordem SV

(360) *taso naka'adĵat
taso Ø-naka-'adĵa-t
homem 3-DECL-existir-NFUT

Verbo impessoal na ordem VS no modo declarativo

(361) naka'adĵat ambi
Ø-naka-'adĵa-t ambi
3-DECL-existir-nfur casa
'Existe casa / há casa'

Verbo nucleando o complemento da cópula, ambiente sintático de verbo intransitivo

(362) ambi naakat i'adĵat
ambi Ø-na-aka-t i-'adĵa-t
casa 3-DECL-COP-NFUT NMZ-existir-CONC.ABS.COP
'Existe casa'

Verbo sendo passivizado no núcleo do complemento da cópula

(363) *ambi naakat ia'adĵat
ambi Ø-na-aka-t i-a-'adĵa-t
casa 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-existir-CONC.ABS.COP

Agramaticalidade com o morfema {*m-*} no núcleo do complemento da cópula

(364) *ambi naakat i-m'adĵat
ambi Ø-na-aka-t i-m-'adĵa-t

casa 3-DECL-COP-NFUT NMZ-CAUS-existir-CONC.ABS.COP

Agramaticalidade com a coocorrência dos morfemas {*m-*} e {*a-*} no núcleo do complemento da cópula

- (365) *ambi naakat iam'adĵat
ambi Ø-na-aka-t i-a-m-'adĵa-t
casa 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-CAUS-existir-CONC.ABS.COP

Analisamos o verbo *'adĵa* 'existir' como um verbo existencial impessoal. O comportamento estrutural desse verbo é monoargumental a julgar por (355), (361) e (362), e ele não aceita, em hipótese alguma, a adição de um segundo argumento, seja via adição do morfema {*m-*} (357), ou sem auxílio de morfologia transitivizadora como em (359). Este verbo tampouco aceita a passivização como atestado nos exemplos (356) e (363), nem mesmo a coocorrência dos morfemas {*m-*} e {*a-*}.

Outra irregularidade foi encontrada em duas sentenças com o verbo *kynõ* 'fechar' com uma leitura incoativa: (366) e (367). Sabemos que esse verbo na língua é transitivo, pois aceita a passivização, e ao ser submetido à transitivização via {*m-*} fica agramatical. Todavia, temos uma ocorrência deste verbo sem a passivização em (366) e no núcleo do complemento da cópula com leitura semântica incoativa (367).

- (366) pyrykynon ambi karamã
Ø-pyry-kyno-n ambi karamã
3-ASSERT-fechar-NFUT porta
'A porta fechou' (sozinha)

- (367) ambi karamã naakat ikynõt
ambi karamã Ø-na-aka-t i-kynõ-t
porta 3-DECL-COP-NFUT NMZ-fechar-CONC.ABS.COP
'A porta fechou' (sozinha)

CAPÍTULO III – TRANSITIVIZAÇÃO E CAUSATIVIZAÇÃO NA LÍNGUA KARITIANA

3.0 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

No presente capítulo, nosso objetivo é descrever o processo de aumento de valência dos verbos intransitivos e a causativização analítica de verbos transitivos e bitransitivos. Estas são as duas estratégias que a língua Karitiana usa para adicionar um argumento à construção.

Existe um auxiliar *typoong*, que é utilizado para adicionar um argumento a uma construção transitiva, bitransitiva ou a uma construção com um verbo intransitivo transitivizado.

Vamos chamar a ‘causativização sintética’ que opera diretamente sobre a raiz, como por exemplo, em português, ‘*o pote quebrou*’ e ‘*o menino quebrou o pote*’ de transitivização, enquanto que a ‘causativização analítica’ como ‘*o menino quebrou o pote*’ e ‘*O pajé fez o menino quebrar o pote*’ chamaremos simplesmente de causativização.

3.1 TRANSITIVIZAÇÃO

Nesta seção, seremos breves no tratamento da transitivização, dado que já abordamos o processo quando falamos das evidências morfossintáticas para estabelecer classes verbais (cf. 1.1, especificamente 1.1.2) e quando tratamos dos verbos intransitivos (cf. 2.1). Retomaremos aqui o tema apenas para diferenciar os processos de causativização e transitivização.

A transitivização é um processo de aumento de valência verbal a partir da adição de um morfema transitivizador fonologicamente realizado ou não a uma raiz intransitiva, ou monoargumental, tornando-a biargumental. Este processo dá-se diretamente na raiz verbal. No caso da língua Karitiana, o aumento de valência ocorre apenas com os verbos intransitivos, e é realizado através de morfologia explícita - o morfema causativo *{m-}*.

Mostramos, também, que outras línguas nativas do Brasil realizam o processo de transitivização de maneira semelhante ao Karitiana, a saber, a língua Juruna (LIMA, 2008), a língua Wayoro (NOGUEIRA, 2010), o Ka’apor (LOPES, 2009), a língua Kuikuro (SANTOS, 2007) entre outras. Vale ressaltar que estas línguas podem apresentar mais de um tipo de morfema transitivizador conforme a natureza das raízes verbais, enquanto que, em Karitiana,

Considerando o exemplo dado, associando-o ao modelo visto, notamos que, para adicionar um argumento (causa), ‘Cláudio’, à sentença transitiva ‘*João naokyt boroja*’ (João matou a cobra), usa-se o auxiliar *typoong* logo após o verbo e o antigo sujeito da sentença ‘João’ recebe uma marca de oblíquo, que vem após o auxiliar, antes ou depois do objeto.

Sentença transitiva verbo *’y* ‘comer’

- (368) João naka’y t i’y
João Ø-naka-’y-t t i’y
 João 3-DECL-comer-NFUT comida
 ‘João comeu a comida’

Sentença transitiva causativizada via *typoong*, verbo *’y* ‘comer’

- (369) Claudio naka’y t *typoong* t i’y Joãoty
 Cláudio Ø-naka-’y-t **typoong** t i-’y **João-ty**
 Cláudio 3-DECL-comer-NFUT aux comida João-OBL
 ‘Claudio fez/mandou João comer a comida’

Causativizamos um verbo transitivo - dados (368), (370), (372), (374), (376) e (378) - adicionando-lhe um terceiro argumento, o sujeito da causativa, um agente, auxiliado pela partícula *typoong* - dados (369), (371), (373), (375), (377) e (379) - que permite a projeção sintática do argumento adicionado e que atribui ao antigo sujeito da versão transitiva não-causativizada uma marca de oblíquo, o qual chamaremos de objeto indireto da causativa.

Sentença transitiva verbo *ahoj* ‘rir’

- (370) ãwã naahoj ãonso
ãwã Ø-na-ahoj-Ø ãonso
 criança 3-DECL-rir-NFUT mulher
 ‘A criança riu da mulher’

Sentença transitiva causativizada via *typoong*, verbo *ahoj* ‘rir’

- (371) taso naahoj *typoong* ãonso ãwãty
 taso Ø-na-ahoj-Ø *typoong* ãonso **ãwã-ty**
 homem 3-DECL-rir-NFUT aux mulher criança-OBL
 ‘O homem fez a criança rir da mulher’

Sentença transitiva, verbo *atik* ‘jogar fora/lançar’

- (372) **ãwã** naatik bola
 ãwã Ø-na-atik-Ø bola
 criança 3-DECL-jogar-NFUT bola

‘A criança jogou a bola fora’

Sentença transitiva causativizada via *typoong*, verbo atik ‘jogar fora/lançar’

- (373) taso naatik typoong bola òwãty
taso Ø-na-atik-Ø typoong bola òwã-ty
homem 3-DECL-jogar-NFUT aux bola criança-OBL
‘O homem fez/mandou a criança jogar fora a bola’

Sentença transitiva, verbo *okop* ‘quebrar’

- (374) òwã naokop ot’ep
òwã Ø-na-okop-Ø ot’ep
criança 3-DECL-quebrar-NFUT arco
‘A criança quebrou o arco’

Sentença transitiva causativizada, verbo *okop* ‘quebrar’

- (375) taso naokop typoong ot’ep òwãty
taso Ø-na-okop-Ø typoong ot’ep òwã-ty
homem 3-DECL-quebrar-NFUT aux arco criança-OBL
‘O homem fez/mandou a criança quebrar o arco’

Sentença transitiva, verbo *kynõ* ‘fechar’

- (376) taso nakynõt karamãtom
taso Ø-na-kynõ-t karamãtom
homem 3-DECL-fechar-NFUT porta
‘o homem fechou a porta’

Sentença transitiva causativizada

- (377) João nakynõt typoong karamãtom tasoty
João Ø-na-kynõ-t typoong karamãtom taso-ty
João 3-DECL-fechar-NFUT aux porta homem-OBL
‘João fez/mandou o homem fechar a porta’

- (378) òwã napyotagng ãonso
òwã Ø-na-pyotagng-Ø ãonso
criança 3-DECL-ajudar-NFUT mulher
‘A criança ajudou a mulher’

- (379) taso napyotagng typoong ãonso òwã-ty
taso Ø-na-pyotagng-Ø typoong ãonso òwã-ty
homem 3-DECL-ajudar-NFUT aux mulher criança-OBL
‘o homem fez/mandou a criança ajudar a mulher’

Procuremos relacionar a causativização em Karitiana com processos de aumento de valência em outras línguas indígenas do Brasil, tais como Juruna, Wayoro e Ka'apor.

Primeiramente, recorremos a Lima (2008), que trata a causativização dos verbos transitivos em Juruna da mesma forma que a causativização dos verbos intransitivos inergativos e inacusativos. Como mostra a autora, a língua Juruna apresenta um verbo auxiliar causativizador 'ada' que não está prefixado ao verbo, mas sempre aparece diante do objeto da transitiva original.

“Para discutirmos a estruturação das sentenças causativas é importante ressaltar que o processo em todos os três casos (causativização com {ũ}, {ma} ou com o verbo ada) tem a mesma estrutura (LIMA, 2008) p. 129).”

Lima (2008) argumenta, a partir de evidências da língua, que o objeto do verbo transitivo foi incorporado ao verbo e que o causativizador ocorre prefixado ao composto resultante da incorporação (objeto+verbo) e não à raiz verbal. A autora sustenta que esta incorporação é explicada por questões de exigências dos núcleos verbais. Ela aponta que o núcleo *ada* exige apenas um objeto e sugere ainda que o objeto do verbo transitivo original não compete com este outro objeto porque já foi incorporado pelo verbo (ver exemplo, 381) e logo o verbo passaria a ter comportamento sintático de intransitivo. Por isso, a autora diz que é possível equiparar o processo de causativização em verbos transitivos e intransitivos.

(380) ali [ba'ĩ uatxukaha]
criança [paca perseguir]
'Menino perseguiu paca' (LIMA, 2008, p. 129)

(381) Pedro ali ada [ba'ĩ uatxukaha]
Pedro criança caus. [objeto verbo]
'Pedro fez menino perseguir paca' (LIMA, 2008, p. 129)

Concluimos que não temos evidência para dizer que em Karitiana ocorra um processo de incorporação como em Juruna e com isso a causativização de verbos transitivos é diferente em Karitiana e em Juruna.

Observemos, portanto, se podemos comparar a causativização em Karitiana com o que ocorre em Wayoro:

Nogueira (2010) aponta que verbos biargumentais são prefixados por um morfema {mõen-}, que gera a adição de um terceiro argumento. O terceiro argumento inserido pode

ocorrer como sintagma nominal oblíquo (282), e é marcado pela posposição *mẽ*, ou pode não ser realizado fonologicamente (383). Este terceiro argumento inserido pode ser um Agente ou uma Causa.

(382) *mõ-e-n-pĩtga*: “furar” causativizado com terceiro argumento não realizado fonologicamente (NOGUEIRA, 2010, p. 120)

(382) *mõ-e-tĩñã*: ‘apagar’ (transitivo) causativizado com terceiro argumento

- a. mbogop agopkap tiã-n
 criança fogo apagar-v.t-pass
 ‘a criança apagou o fogo’
- b. ãrãmĩrã mbogop mẽ agopkap mõ-e-tĩñ-ã-n
 mulher criança posp fogo caus-intr-apagar-v.t-pass
 ‘a mulher fez a criança apagar o fogo’

(383) *mõ-e-tĩñã*: ‘apagar’ (transitivo) causativizado com terceiro argumento não realizado fonologicamente

- ãrãmĩrã agopkap mõ-e-tĩñ-ã-n
 mulher fogo caus-intr-apagar-v.t-pass
 ‘a mulher fez (alguém) apagar o fogo’

Em Karitiana assim como em Wayoro, ao adicionarmos um terceiro argumento, o agente ou causa, o antigo sujeito passa a ser realizado como oblíquo, em Karitiana, por um auxiliar não-presos à raiz verbal. Já em Wayoro, o processo ocorre via adição de um morfema prefixado à raiz verbal intransitivizado. Nas duas línguas sob comparação, o papel temático do objeto se mantém inalterado após a causativização.

Lopes (2009, p. 101) aponta para o Ka’apor que o processo de causativização de verbos transitivos distingue-se da causativização dos verbos intransitivos, apesar de a língua usar a mesma forma {*mu-*} para ambos, visto que o sujeito de um transitivo passa a ser objeto indireto do verbo causativizado, um argumento com marca de oblíquo. Ademais, o objeto direto não altera a sua função sintática no predicado transitivo causativizado.

(384) i-mũ ta uʔi kε Ø-mu-pĩtar i-ŋi

NCT-irmão Q flecha AFET 3-CAUS-querer NCT-de¹⁷
 ‘Os irmãos (de Arakakãĩ) queriam a flecha dele (Arakakãĩ)’
 (LOPES, 2009, p. 101)

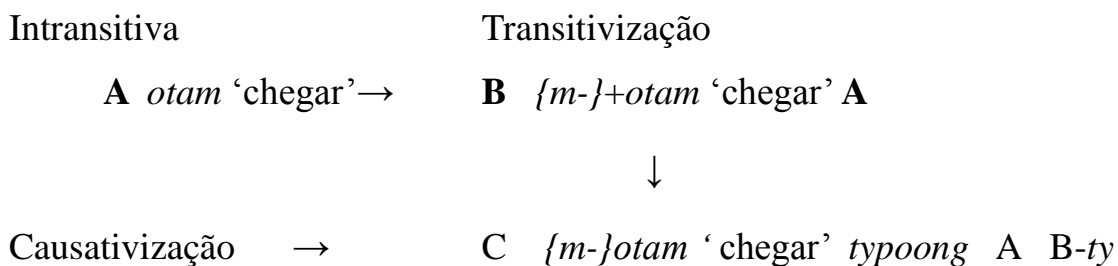
Compete, aqui, a comparação do processo de causativização em Ka’apor com Karitiana. Ao adicionar um terceiro argumento à estrutura, o antigo sujeito é realizado como oblíquo em ambas as línguas. Nas duas línguas, ainda, o objeto se mantém inalterado, ou seja, continua com a marca *kɛ* em Ka’apor, sendo que no caso do Karitiana não há marca morfológica nessa posição.

Nos três casos, tanto em Karitiana quanto em Wayoro e Ka’apor, o terceiro argumento, ao ser adicionado, afeta o antigo sujeito, que é promovido a oblíquo, mas permanece como causador ou realizador da ação sobre o argumento afetado, ou seja, o objeto da sentença.

3.3 CAUSATIVIZAÇÃO DE VERBOS INTRANSITIVOS TRANSITIVIZADOS

Em Karitiana, um verbo intransitivo pode ser transitivizado pelo morfema causativo *{m-}* e depois pode ser causativizado pelo auxiliar causativizador *typoong*, dado que um verbo intransitivo após transitivizado tem um comportamento sintático de transitivo. O auxiliar tem escopo sobre todo o composto (CAUS+VERBO_{intransitivo}), que, neste caso, funciona como um verbo transitivo e, por isso, pode ser causativizado pelo auxiliar *typoong*.

MODELO 2



Leitura 1:

¹⁷ NCT – Não-contiguidade; AFET – afetado; Q - quantificador

C fez /mandou/causou B fazer A chegar

Leitura 2:

C fez A chegar através de B

Exemplo:

Jonso nambyhyt õwã

Taso nambyhyt typoong **jonsoty** õwã

A seguir, descreveremos o processo ilustrado no modelo 2 relativo à causativização de verbos intransitivos transitivizados. Retomando, o morfema $\{m-\}$ pode ser adicionado a qualquer verbo intransitivo para transitivizá-lo. Tal processo pode ser considerado como um tipo de causativização sintética. Em nosso trabalho, tratamos este processo como transitivização automática.

(385) Ø-na-otam-Ø João
3-DECL-chegar-NFUT João
'João chegou'

(386) **taso** Ø-na-m-otam-Ø João PVH pip
homem 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT João PVH=loc
'O homem fez João chegar em Porto Velho'

(387) Renato Ø-na-m-otam-Ø typoong João **taso-ty**
Renato 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT aux João homem-OBL
'Renato fez/mandou/causou o homem fazer João chegar'

Observe que a um verbo intransitivo (385) adicionamos um segundo argumento através do morfema causativo $\{m-\}$, obtendo uma sentença transitivizada e, portanto, biargumental (386), em seguida, causativizamos esta sentença adicionando-lhe um terceiro argumento em (387). A adição deste terceiro argumento é possível apenas via a utilização do auxiliar *typoong*. Vale ressaltar que o processo é equivalente ao que acontece com a causativização dos verbos transitivos, pois o antigo sujeito do verbo transitivo passa a objeto indireto da causativa na sentença derivada.

Os exemplos dados abaixo são submetidos ao mesmo processo do verbo *otam* ‘chegar’ visto nas sentenças (385-387).

(388) napyting ãwã esety
 Ø-na-pyting-Ø ãwã ese-ty
 3-DECL-querer-NFUT criançaágua-OBL
 ‘A criança quer água’

(389) Claudio nampyting ãwã esety
 Claudio Ø-na-m-pyting-Ø ãwã ese-ty
 Claudio 3-DECL-CAUS-querer-NFUT criançaágua-OBL
 ‘Cláudio fez a criança querer água’

(390) João nampyting typoong esety ãwã Claudioty
 João Ø-na-m-pyting-Ø typoong esse-ty ãwã Claudio-ty
 João 3-DECL-CAUS-querer-NFUT aux água-OBL criançaClaudio-OBL
 ‘João fez/mandou Claudio fazer a criança querer água’

As sentenças (388 – 390) exemplificam transitivização seguida se causativização de verbos intransitivos com objeto oblíquo e sujeito experienciador, que, por pertencerem à classe dos intransitivos, também podem ser causativizados após terem sido transitivizados como qualquer verbo intransitivo.

Concluimos que o fato de haver 2 processos sintáticos diferentes para adicionar argumentos às sentenças em Karitiana nos mostra que a transitivização é um processo diferente da causativização. A transitivização dá-se, ainda, na estrutura argumental, ou seja, está associada à estrutura interna do verbo, enquanto a causativização é um processo que acontece fora da estrutura argumental, no módulo da sintaxe, ou seja, ocorre acima do VP, pois pressupõe a existência de um agente ou causa.

PARTE II

ANÁLISE TEÓRICA

CAPÍTULO IV – MODELO TEÓRICO E A ANÁLISE DOS DADOS DA LÍNGUA KARITIANA

4.1 TEORIA DE ESTRUTURA ARGUMENTAL DE HALE E KEYSER (2002)

De acordo com Hale e Keyser (2002), a estrutura argumental de um determinado verbo diz respeito à sua configuração arbórea e à sua seleção argumental em um nível pré-sintático. Estes autores apontam que há muito mais envolvido na composição de um item lexical verbal do que sua valência e os papéis temáticos dos seus argumentos como, por exemplo, outros núcleos (tais como nomes, adjetivos, preposições, e verbalizadores) e estruturas sintáticas projetadas por cada núcleo separadamente ou pela composição destes núcleos (V1 e V2).

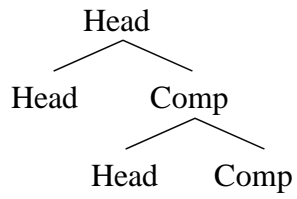
Ao adotarmos o modelo de teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002), assumimos com eles que existe um módulo chamado “estrutura argumental” que é, portanto, um módulo da gramática independente da sintaxe que lida com a projeção sintática de núcleos, seus especificadores e complementos, os quais eles consideram ser argumentos internos à projeção lexical. É crucial entender que argumentos externos não fazem parte deste módulo na visão dos autores. Para eles, argumentos externos são introduzidos na sintaxe através da adjunção de um argumento causa ou agente ao sintagma verbal¹⁸. Hale e Keyser (2002) propõem, em sua teoria, quatro tipos de projeções argumentais universais para os verbos: monádica (*lp-monadic*), duas estruturas do tipo diádica (*lp-dyadic*), a diádica composta ou complexa (*composite dyadic*) e a diádica básica (*basic dyadic*) e uma estrutura simples, a mononuclear (“*atomic*”).

Hale e Keyser argumentam que a possibilidade ou impossibilidade de ocorrência do processo de alternância deve-se ao fato de uma raiz verbal ser ou não predicativa - em outras palavras, se essa raiz exige ou não um argumento interno. Desta forma, o comportamento de um verbo no que diz respeito à transitivização é definido pelas propriedades dos elementos dos quais ele é composto em sua estrutura. As raízes (R) predicativas projetam um argumento interno à estrutura, cuja posição dá-se no especificador de V2 em estruturas de verbos do tipo inacusativo.

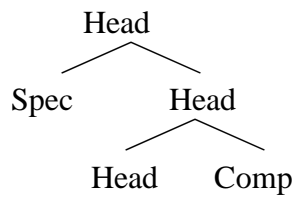
(01) Tipos de projeção lexical

¹⁸ Discutiremos mais adiante a operação que permite a introdução do argumento externo e discutiremos outros autores que também vão assumir esse procedimento.

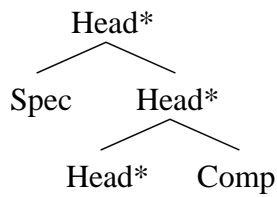
(a) Projeção lexical monádica



(b) Projeção lexical diádica composta



(c) Projeção lexical diádica básica



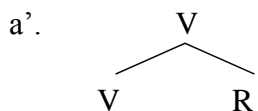
(d) Estrutura atômica

Head

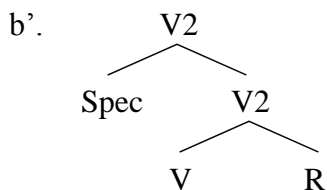
(HALE; KEYSER, 2002, ex. (22), p. 13)

Simplificando:

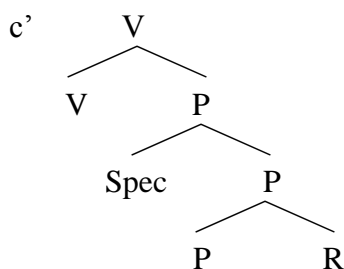
Considere (a') como a representação de (a), ou seja, a estrutura monádica



Considere (b') como a representação de (b), ou seja, a estrutura diádica composta



Considere (c') como a representação de (c), ou seja, a estrutura diádica básica



As representações estruturais, em (1), dizem respeito às relações entre núcleos, especificadores e complementos definidas formalmente em (2). São essas relações que permitem compor certas estruturas lexicais (HALE; KEYSER, 2002, ex. (23), p. 12).

(02) As relações fundamentais de estrutura argumental (HALE; KEYSER, ex. (23), p. 12)¹⁹

- a. Núcleo-complemento: se X é o *complemento* de um núcleo H , então X é o único irmão de H (X e H c-comandam um ao outro);
- b. Especificador-núcleo: se X é o *especificador* de um núcleo H , e P_1 é a primeira projeção de H (i.e., H' necessariamente não é vácuo), então X é o único irmão de P_1 .

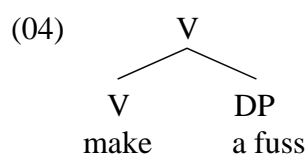
a. ¹⁹ *Head-complement: if X is the complement of a head H , then X is the unique sister of H (X and H c-command one another).*

b. *Specifier-head: if X is the specifier of a head H , and P_1 is the first projection of H (i.e., H' , necessarily nonvacuous), then X is the unique sister of P_1 .*

Em (1a), o núcleo toma um complemento, mas não projeta um especificador em sua estrutura, ou seja, trata-se de uma estrutura monádica na qual o núcleo (*Head*) é um verbo, cujo complemento (*Comp*) pode ser outro núcleo apenas ou um sintagma nominal. Esta última possibilidade está representada em (1a), onde o complemento tem um núcleo e outro complemento, ou seja, um sintagma nominal livre, como em “*construir uma casa*”. Quando o complemento é um núcleo, ele pode ser, por exemplo, um nome que vai, juntamente com o verbo, formar um único núcleo complexo. Verbos inergativos, em inglês, como “dançar” e “espirrar”, caberiam dentro desta categoria. Os verbos “*to dance*” (dançar) e “*to sneeze*” (espirrar) seriam, na visão de Hale e Keyser, verbalizações (via morfologia zero) dos nomes “*dance*” e “*sneeze*”. A noção é que verbos do tipo inergativo têm suas raízes como seus complementos. Neste caso, a raiz (R), que é também o complemento do núcleo, funde-se ao núcleo verbal V via operação de *conflation*, formando, portanto, o verbo conforme mostrado em (3):



Como ilustrado no exemplo (3b), o verbo do tipo *to dance* ‘dançar’, em inglês, é composto por dois elementos: a raiz e o núcleo verbal (HALE; KEYSER, 2002).



Considere (4), a projeção de verbos como *make* ‘fazer’ de valência transitiva. Verbos desse tipo compartilham de certas características estruturais: eles pegam um complemento (o objeto DP em (4)) e a estrutura na qual são projetados não inclui um especificador. Verbos inergativos também compartilham com os transitivos a propriedade de não projetar um especificador por não alternarem (HALE; KEYSER, 2002).

Todavia, devemos ressaltar que os autores relatam algumas questões e problemas referentes ao ponto de vista adotado por eles sobre a essência gramatical dos núcleos verbais. Para tanto, eles apontam uma lista de autores que as discutem: Ackema e Schoorlemmer (1995), Condoravdi (1989), Fagan (1992; 1988), Kemmer (1993), Keyser e Roeper (1984).

Levin (1993), Rapoport (1997). Dentro dessa linha de pensamento, relatamos algumas das questões (ou problemas) discutidas por Hale e Keyser (2002) a seguir:

- (i) O primeiro problema é o fato de a matriz fonológica estar associada com raiz nominal *cough*, *dance* e *sneeze* e ser realizada no verbo, por exemplo, como em (3b), e não em seu complemento;
- (ii) O segundo problema é de natureza semântica, a saber, o fato de traços semânticos do componente da raiz de um verbo, muitas vezes, estarem associados a um argumento interno (objeto ou especificador) e outras vezes estarem associados ao argumento externo (o sujeito sintático sentencial).

Em (1b), estabelece-se a relação de um núcleo que projeta um especificador e um complemento, formando uma estrutura complexa na qual o especificador é projetado por exigência semântica do complemento, pois, neste caso, a raiz (R), que forma verbos pertencentes a esta estrutura, é uma raiz predicativa. Esse núcleo pode ser gerado apenas por composição, resultando em um composto que é viabilizado por uma operação chamada *conflation*, ou fusão entre núcleos sintáticos ou, ainda, fusão entre um núcleo e seu complemento. Exemplos dados por Hale e Keyser (2002) para esta categoria de verbos, incluem, portanto, os verbos inacusativos que alternam com uma versão transitiva, a saber: “*clear*” e “*break*”. As paráfrases destas estruturas são “*X clareou*” e “*X quebrou*”, respectivamente, tendo como contraparte transitiva “*Y clareou X*” e “*Y quebrou X*”. Como veremos adiante, o argumento representado por X vai tornar-se o objeto da versão transitiva do verbo.

Em (1c), temos a estrutura diádica básica na qual um núcleo projeta uma estrutura com especificador (*Spec*) e complemento. Na teoria de Hale e Keyser (2002), o núcleo que, por si só, projeta, tipicamente, um especificador e um complemento é a preposição (P). Portanto, os verbos que têm estas estruturas argumentais são considerados depreposicionais. Exemplos de verbos com estrutura diádica básica em inglês são “*to shelf*” e “*to saddle*” que podem ser traduzidos como ‘emprateleirar’ e ‘selar’, respectivamente. Paráfrases possíveis destas estruturas seriam “*colocar X em prateleira*”, “*fazer X ficar com sela*”.

Em (1d), temos a estrutura argumental de um núcleo que não toma um complemento e não projeta um especificador, formando uma estrutura mononuclear.

Segundo Hale e Keyser (2002), em inglês, as realizações predominantes relacionadas com as estruturas apresentadas são as categorias: (1a) V, (1b) A, (1c) P e N (1d). Com isso, eles querem dizer que itens lexicais com a categoria V(erbo) tendem a se realizar como núcleos na estrutura apresentada em (1a), já itens com a categoria A(djetivo) tendem a ser os

núcleos da estrutura em (1b), núcleos P(reposicionais) projetam a estrutura em (1c) como complementos do núcleo, por fim, núcleos N(ominais) tendem a projetar a estrutura em (1d). Todavia, não há na teoria de Hale e Keyser (2002, contrário de HALE; KEYSER, 1993) uma relação necessária entre as estruturas e as categorias gramaticais acima mencionadas.

Conforme mencionamos anteriormente, na teoria de Hale e Keyser (2002), o agente ou causa está fora da estrutura argumental. Ressaltamos que, para estes autores, o argumento externo é adicionado ao verbo na sintaxe via adjunção ao VP. Este posicionamento é adotado por vários autores formalistas. Uma visão compatível com a de Hale e Keyser (2002) aparece em Chomsky (1995) que, em sua proposta Minimalista, considera que o agente se liga ao VP via um núcleo funcional *v* (“vezinho”).

Em Kratzer (1996), por exemplo, todos os argumentos externos dos verbos são introduzidos na sintaxe numa visão neo-davidsoniana. Para a autora, o argumento externo de um verbo não é um argumento do verbo, mas o argumento do VP como um todo. Kratzer (1996), assumindo Marantz (1984), argumenta que o objeto de um verbo é, nesta visão, o seu verdadeiro argumento. Kratzer aponta que é este argumento que recebe um papel semântico do verbo. Kratzer e Marantz concordam que o argumento externo é introduzido posteriormente na derivação estrutural do sintagma verbal. Contudo, esses dois autores discordam sobre a forma através da qual esses argumentos são introduzidos (não cabe aqui entrar nessa questão, pois o interesse é apontar que outros autores assumem essa postura de que o argumento externo está fora da estrutura argumental, conforme Hale e Keyser (2002)). Na concepção de Kratzer, o argumento externo é introduzido por um núcleo *Voice* e este núcleo é adicionado por uma operação conhecida na literatura de semântica formal como *Identificação de Eventos*. Esta operação ocorre somente se dois predicados, que estão sendo identificados ou relacionados, têm *Aktionsarten* compatíveis (KRATZER; 1996, p. 109 – 132).

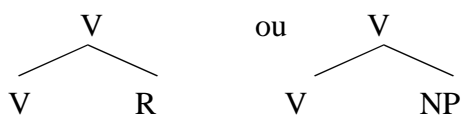
Pylkkänen (1999) também assume que o núcleo que introduz o argumento externo será interpretado como a relação temática que existe entre o indivíduo que ocupa a posição de especificador e o evento descrito pelo complemento. O argumento externo para esta autora é introduzido por um núcleo funcional acima do VP que Pylkkänen assume ser *v*(ezinho). A combinação do argumento externo com seu complemento sintático dá-se, como na proposta de Kratzer (1996), por *Identificação de Eventos* (PYLKKÄNEN; 1999, p. 161 – 181).

4.1.1 INSTRUMENTAL TEÓRICO

Nesta seção, discutiremos o instrumental teórico apresentado por Hale e Keyser (2002) para as estruturas argumentais (cf. (1a)-(1c)) à luz dos dados do inglês.

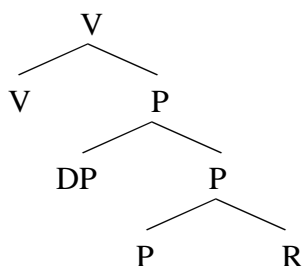
A projeção lexical monádica (cf. (5)) é uma configuração estrutural definida por um núcleo que projeta apenas um argumento, no caso, o complemento. A projeção lexical diádica básica é a configuração estrutural definida por um núcleo que projeta dois argumentos, no caso, o especificador e o complemento. Neste caso, são os verbos com a estrutura argumental dos locativos (*locatum* e *location*) (6) que participam da alternância média. Estes tipos de verbos são basicamente transitivos, visto que a projeção da preposição é diádica, tornando-se um verbo apenas quando é tomada por uma estrutura verbal monádica. A estrutura diádica complexa (ou composta) (cf. (7)) projeta dois argumentos e representa a estrutura de verbos que participam da alternância transitivo-incoativa (transitivização automática ou derivação zero) cuja ocorrência limita-se apenas aos verbos inacusativos (em especial aqueles com semântica de mudança de estado). Esta estrutura, apesar de ser diádica, nem sempre representa verbos transitivos, pois o complemento do verbo mais baixo na estrutura pode formar um núcleo intransitivo composto (via operação chamada de “*conflation*”, que discutiremos na seção (cf. 4.1.3) (HALE; KEYSER, 2002).

(05) Representação da estrutura monádica



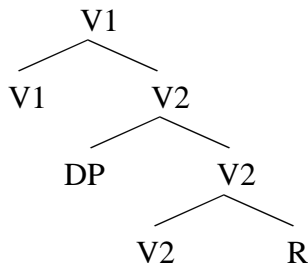
- (a) *O João deu um espirro* (verbo analítico)
- (b) *O João espirrou* (verbo sintético)
- (c) *O Pedro comprou um livro* (transitivo)

(06) Representação da estrutura diádica básica



- (a) *O João pôs o livro na prateleira* (verbo analítico)
- (b) *O João emprateleirou o livro* (verbo sintético)

(07) Representação da estrutura diádica composta



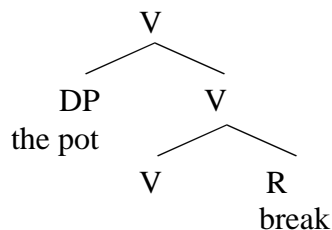
Ex:

- (a) *O céu clareou* (intransitivo)
- (b) *O sol clareou o céu* (transitivo)

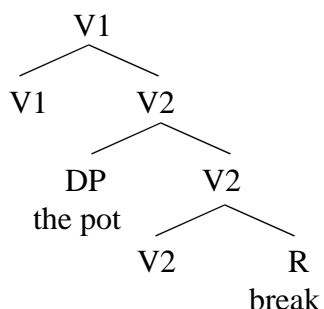
4.1.2 NÚCLEOS VERBALIZADORES V1 E V2 E A RAIZ R

Na perspectiva teórica de Hale e Keyser (2002), um verbo é formado a partir de uma raiz (R) e de um ou mais núcleos verbais (V1 e V2). A raiz carrega os traços semânticos e fonológicos do verbo. As propriedades de uma raiz, associadas às propriedades dos núcleos verbais V1 e V2, vão projetar as estruturas de um verbo alternante. São essas propriedades que irão determinar se um verbo realizará alternância de transitividade ou não (contra Hale e Keyser 1993, que afirmava que a propriedade de um verbo alternar ou não tinha a ver com a categoria das raízes a partir das quais era formado). Estes núcleos verbais e as estruturas em que eles ocorrem estão diretamente relacionados à valência dos verbos e ao seu comportamento sintático (HALE; KEYSER, 2002).

(08) Exemplo (HALE; KEYSER, 2002: ex. 6: p. 02)



(09) Exemplo (HALE; KEYSER, 2002: ex. 8: p. 03)



Em conformidade com o que apontamos nos exemplos (8) e (9), as propriedades dos dois tipos de estrutura consistem em dois elementos estruturais, que são uma raiz (R) e um núcleo verbal (V), sendo que o componente verbal pega um complemento, cujo núcleo é realizado como a raiz (R). Essa raiz, que é predicativa, denota um estado e exige um especificador, e quando associada ao núcleo V2 vai projetar uma estrutura com um especificador interno, formando um verbo intransitivo. Quando as propriedades da raiz (R) são associadas ao núcleo V2, tem-se um verbo que denota mudança de estado e, portanto, resulta em uma estrutura do tipo inacusativa. Quando as propriedades dessa raiz (R) são associadas ao núcleo V2 e V1, tem-se uma estrutura transitiva na qual um agente inicia uma mudança de estado no elemento que está na posição de especificador interno.

Verbos inergativos e transitivos comuns têm a mesma estrutura (*monádica*) para Hale e Keyser (2002), sendo que a diferença é que os primeiros têm um verbo leve e uma raiz frequentemente nominal (*dar um espirro*), enquanto os transitivos têm um verbo pleno e um sintagma como complemento (*construir uma casa*). O principal argumento que corrobora esta hipótese é o fato de os verbos inergativos não realizarem alternâncias de valência, uma vez que eles não projetam um especificador interno na estrutura.

4.1.3 A OPERAÇÃO CHAMADA DE “CONFLATION”

Conflation é um processo proposto por Hale e Keyser (2002), semelhante ao processo de incorporação de Baker (1988). A operação de *conflation* pode ser resumida como um processo de fusão entre dois núcleos em c-comando mútuo ou entre um núcleo e seu complemento. O núcleo no qual o complemento se ‘incorpora’, mais especificamente se funde, deve ser vazio ou fonologicamente defectivo (afixal). Este processo é utilizado tanto para a derivação de um verbo a partir de uma raiz (R) como para o processo de aumento de

valência de um verbo. Para uma definição literal do processo mencionado, retirado de Hale e Keyser, segue-se o trecho, *conflation* é:

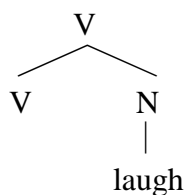
(10) Definição (HALE; KEYSER, 2002, p. 13)

“O processo conforme o qual a matriz fonológica do núcleo de um complemento C é introduzida na matriz fonológica vazia do núcleo que seleciona (e é conseqüentemente irmão de) C”²⁰.

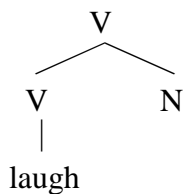
Para Hale e Keyser (2002), *conflation* é uma operação que consiste em um processo de fusão do tipo “merge” entre dois núcleos lexicais ou entre um núcleo e seu complemento (HALE; KEYSER, 2002: pp. 21; 47; 60; 61 e 63). Deve-se deixar claro que, para estes autores, *conflation* não é movimento e, portanto, não deixa vestígio (*trace*). Esses autores dizem que *conflation* é uma fusão de núcleos sintáticos semelhante à incorporação, mas com propriedades próprias, assim definidas: a matriz fonológica do núcleo de um complemento é inserida no núcleo, vazio ou afixal, que o governa, dando origem a uma única palavra.

É possível observar nos exemplos (11) e (12) que a formação de um verbo inergativo do inglês é derivado a partir de um nome (HALE; KEYSER, 2002, exs. (01) e (02) do original, p.47):

(11) Exemplo:



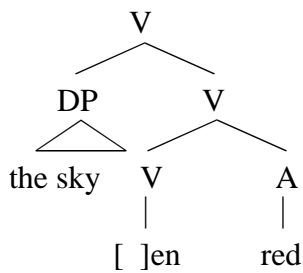
(12) Exemplo:



²⁰ “the process according to which the phonological matrix of the head of a complement C is introduced into the empty phonological matrix of the head that selects (and is accordingly sister to) C”.

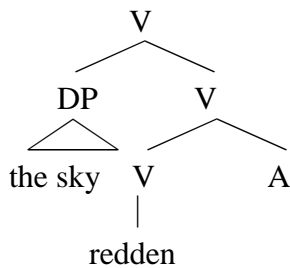
Em verbos deadjetivais (inacusativos), em inglês, ocorrem duas operações de *conflation* para formar verbos a partir do núcleo A (13). A operação de *conflation* ocorre uma vez para derivar a versão intransitiva de um verbo alternante (cf. (14)) e mais uma segunda vez para criar a versão transitiva (15). A estrutura diádica complexa é usada para descrever o processo mencionado.

(13) Exemplo



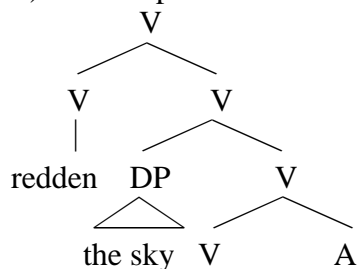
Hale e Keyser (2002) mostram que os verbos deadjetivais do inglês sempre implicam uma morfologia verbal {-en} sufixal como em (13) acima.

(14) Estrutura (diádica complexa)



Em (14), os autores mostram a formação do verbo *reddden* a partir de um núcleo A por meio de uma operação de *conflation*, formando, portanto, um verbo inacusativo. Em outras palavras, o núcleo A (*red*), complemento de V, funde-se a este V, formando, deste modo, uma única palavra, o verbo *reddden*.

(15) Exemplo

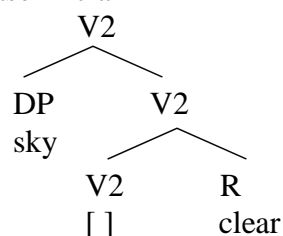


Em (15), a estrutura representa as 2 operações de *conflation* para formar a versão transitiva de *redden* (*the sunset reddened the sky*), que se traduz por (*o sol avermelhou o céu*). Assim, pode ser visto que o núcleo A funde-se ao V mais baixo, formando um único núcleo, e novamente este núcleo primário funde-se ao V mais alto via *conflation*, formando, portanto, outro núcleo verbal V, cujas propriedades são as de um verbo transitivo.

Em (16), podem ser vistas as estruturas de formação de verbos inacusativos da fase pré-*conflation* à fase pós-*conflation*.

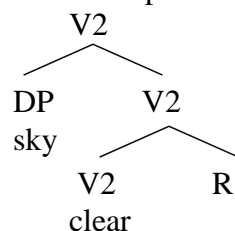
(16) Estrutura diádica composta

(a) fase inicial



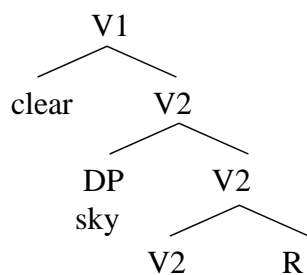
(adjetivo, ‘claro’)

(b) fase final da primeira *conflation* para formar o verbo intransitivo



(verbo , ‘clarear’)

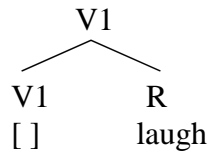
(c) fase final da segunda *conflation* para formar o verbo transitivo



(verbo , ‘clarear’)

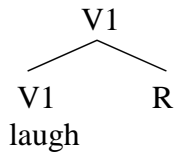
(17) Estrutura monádica

(a) fase inicial - antes da operação de conflation



(nome, 'riso')

(b) fase final – após operação de conflation



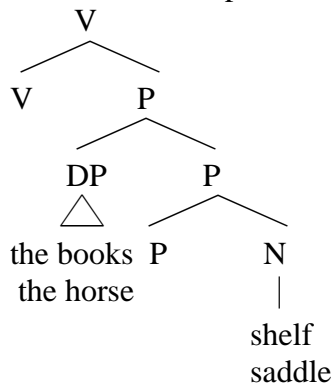
(verbo, 'rir')

Os verbos do tipo *location* e *locatum* são também formados por composição 'complexa', visto que envolvem *conflation* de um N com P, e do resultado disso com a matriz V, pois para tornar-se verbo é necessário ser tomado como complemento de um núcleo verbal. Esses verbos projetam a estrutura do tipo diádica básica.

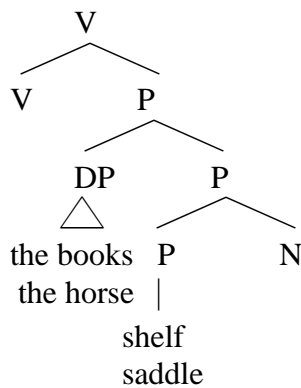
Os verbos *location* estão relacionados com uma semântica locativa, onde verbos desse tipo projetam núcleos preposicionais locativos (por exemplo, em inglês, *at*, *in*, *on*, etc.), enquanto verbos *locatum* estão associados a verbos com semântica de posse e, por isso, o uso de preposições relacionadas a posse (por exemplo, em inglês, *with*), conforme Hale e Keyser (2002, p. 19).

(18) Estrutura diádica básica (*location* e *locatum*) (HALE; KEYSER, 2002, adaptado do ex. (34), p. 18)

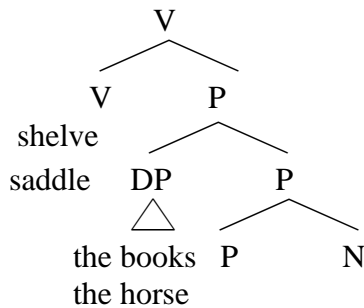
(a) fase inicial – antes da primeira operação de *conflation*



(b) fase intermediária – fim da primeira operação de conflation, formando “*the books shelf e the horse saddle*”



(c) fase final – fim da segunda operação de conflation, formando “*shelved the books e saddled the horse*”



(19) a. I shelved the books (*location*).
 eu emprateleirar os livros
 ‘Eu emprateleirei os livros (lit. fazer livro ficar em prateleira)’

b. She saddled the horse (*locatum*).
 ela selar o cavalo
 ‘Ela selou o cavalo’

(20) Lista de verbos *location* (HALE;KEYSER, 2002, ex. (33a), p. 18) e *locatum* do inglês (HALE; KEYSER, 2002, ex. (33b), p. 18), respectivamente.

Tabela 12 – (a) Lista de verbos *location*

Verbos	Tradução/paráfrase ²¹
<i>bag</i>	‘ <i>pôr coisas na sacola (empacotar)</i> ’,

²¹ O método utilizado para traduzir os verbos listados por Hale e Keyser (2002) foi através de busca cruzada entre os dicionários Logman dictionary of contemporary English (monolíngue), Logman dicionário escolar (bilíngue) e o dicionário português (brasileiro) Houaiss 3.0.

<i>bank</i>	<i>'pôr dinheiro em banco (depositar)'</i> ,
<i>bootle</i>	<i>'engarrafar'</i>
<i>box</i>	<i>'encaixotar'</i> ,
<i>cage</i>	<i>'engaiolar'</i> ,
<i>can</i>	<i>'pôr alimentos dentro de um container de metal para preservar'</i> ,
<i>corral</i>	<i>'meter/prender animais no curral (encurrular)'</i> ,
<i>crate</i>	<i>'pôr garrafas ou frutas em caixote (encaixotar)'</i> ,
<i>floor (opponent)</i>	<i>'sem tradução'</i> ,
<i>garage</i>	<i>'pôr um veículo na garagem'</i> ,
<i>jail</i>	<i>'encarcerar, enjaular'</i>
<i>kennel</i>	<i>'pôr cachorros em 'casinha de cachorro''</i>
<i>package</i>	<i>'embalar, empacotar'</i>
<i>pasture</i>	<i>'pôr animais em um pasto para comer o capim (pastar)'</i>
<i>pen</i>	<i>'rabiscar com caneta'</i>
<i>photograph</i>	<i>'fotografar'</i>
<i>pocket</i>	<i>'embolsar'</i>
<i>pot</i>	<i>'pôr uma planta em um pote preenchido com terra (plantar em ponte ou vaso)'</i>
<i>shelve</i>	<i>'emprateleirar'</i>
<i>ship (the oars)</i>	<i>'pôr algo em navio para transportá-lo (embarcar)'</i>
<i>shoulder</i>	<i>'enfrentar, peitar' (por exemplo, peitar o inimigo)</i>
<i>tree</i>	<i>(cultivar árvore?; arborizar?)</i>

Tabela 13 – (b) Lista de verbos *lacatum*

Verbos	Tradução/paráfrase ²²
<i>bandage</i>	<i>'cobrir parte do corpo com faixa, gaze ou atadura, (enfaixar)'</i>
<i>bar</i>	<i>'barrar, bloquear'</i>
<i>bell</i>	<i>'tocar campainha'</i>
<i>blindfold</i>	<i>'vendar (os olhos)'</i>
<i>bread</i>	<i>'cobrir com farinha de pão (empanar)'</i>

²² O método utilizado foi o mesmo da tabela anterior.

<i>butter</i>	' <i>amanteigar</i> '
<i>clothe</i>	' <i>vestir</i> '
<i>curtain</i>	' <i>pôr cortina em (cortinar, acortinar)</i> '
<i>dress</i>	' <i>vestir, trajar, fantasiar</i> '
<i>fund</i>	' <i>prover com fundos (dinheiro)</i> '
<i>gas</i>	' <i>envenenar, matar (alguém) ou poluir com gás</i> '
<i>grease</i>	' <i>engraxar, engordurar, untar</i> '
<i>harness</i>	' <i>arrear</i> '
<i>hook</i>	' <i>enganchar</i> '
<i>house</i>	' <i>prover alguém com um lugar para viver</i> '
<i>ink</i>	' <i>pôr tinta em algo</i> '
<i>oil</i>	' <i>lubrificar</i> '
<i>paint</i>	' <i>pintar</i> '
<i>paper</i>	' <i>revestir (com papel de parede)</i> '
<i>powder</i>	' <i>passar pó-de-arroz/maquiagem na pele/rosto/nariz</i> '
<i>saddle</i>	' <i>selar</i> '
<i>salt</i>	' <i>temperar com sal</i> '
<i>seed</i>	' <i>semear</i> '
<i>shoe</i>	' <i>ferrar (um cavalo)</i> '
<i>spice</i>	' <i>pôr tempero/condimento na comida (temperar/condimentar)</i> '
<i>water</i>	' <i>aguar, regar</i> '
<i>word</i>	' <i>redigir</i> '

Segundo Hale e Keyser (2002), os verbos apresentados nas listas acima (12 e 13) são paráfrases do verbo *put*, cuja estrutura argumental foi representada em (18).

Conforme o que foi visto até o momento, percebe-se que a noção de *conflation* tem um papel muito importante na proposta teórica de Hale e Keyser (2002). Contudo, algumas questões relevantes sobre a natureza do processo de *conflation* ainda parecem-nos problemáticas. Dentre essas questões mencionadas, duas delas podem ser apontadas aqui: (1) a natureza gramatical de *conflation*, posto que a proposta engloba fonologia, sintaxe e semântica em uma mesma operação; (2) uma análise das assim chamadas construções de objetos cognatos (exs. 8 – do original-, p. 49). Se verbos que deveriam ser denominais

aparecem com um sintagma nominal como objeto da sentença, há um problema, pois o nome, uma vez incorporado, não deveria ter autonomia.

4.1.4 DISCUSSÃO SOBRE OS VERBOS LOCATIVOS ALTERNANTES E NÃO-ALTERNANTES

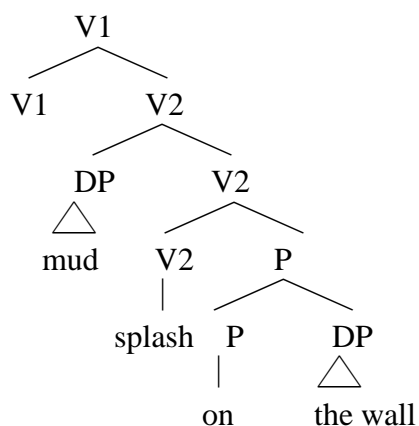
Nesta seção, faremos uma breve discussão acerca dos dois tipos de verbos locativos identificados em inglês por Hale e Keyser (2002), cujo comportamento distingue-se pela possibilidade de admitirem ou não alternância entre uma versão transitiva e outra versão intransitiva. Os autores oferecem uma análise destas duas classes que discutiremos adiante.

Considere os verbos *splash* ‘espirrar’ e *drip* ‘pingar’ ilustrados nos exemplos (21a-d), cujas estruturas são de locativos que alternam. Para verbos locativos que alternam, Hale e Keyser (2002) apresentam a estrutura em (22):

- (21a) Mud splashed on the wall.
 lama espirrar em a parede
 ‘A lama espirrou na parede’
- (b) The cars splashed mud on the wall.
 Os carros espirrar lama em a parede
 ‘Os carros espirram lama na parede’
- (c) Ice=cream dripped on the sidewalk.
 sorvete pingou em a calçada
 ‘O sorvete pingou na calçada’
- (d) The child dripped ice=cream on the sidewalk.
 a criança pingou sorvete em a calçada
 ‘A criança pingou sorvete na calçada’

(adaptado de HALE; KEYSER, 2002, ex. (12) do original, p. 35)

(22) Proposta de estrutura para os locativos que alternam



Considere a seguinte leitura para a estrutura em (22): V1 (parte transitiva) toma um V2 (parte intransitiva) como complemento; esta, por sua vez, toma um P (p-complement) como seu complemento (parte locativa).

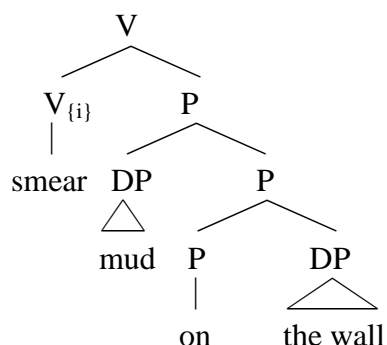
Com a estrutura em (22), os autores procuram dar conta de verbos do tipo *splash*. Eles apontam que estes verbos locativos do tipo alternante são basicamente como verbos com complementos adjetivais, pelo menos em inglês. Contudo, eles estão conscientes de que essa decisão de análise cria um outro problema, que é a existência de verbos não alternantes com complemento-p (*p-complement*), como *smear* ‘espalhar/manchar’ e *stamp* ‘estampar’. Coloque-se a seguinte questão: por que verbos do tipo *splash* alternam, enquanto verbos do tipo *smear* não alternam? (HALE; KEYSER, 2002).

- (23a) *Mud_{i} smeared_{i} on the wall
 lama espalhar em o muro
 ‘A lama espalhou no muro’
- (b) They_{i} smeared_{i} mud on the wall
 Eles espalhar lama em o muro
 ‘Eles espalharam a lama no muro’
- (c) *Quarter moons_{i} stamped_{i} on the leather
 “Quartos de lua” estamparam em o couro
- (d) The saddle maker_{i} stamped_{i} quarter moons on the leather
 O selador estampar o ‘quarto de lua’ em o couro
 ‘O selador estampou quartos de lua no couro’

(adaptado de HALE; KEYSER, 2002, ex.(13) do original, p. 35)

Considere os verbos *smear* ‘espalhar/manchar’ e *stamp* ‘estampar’ mostrados no exemplo (23a-d), cujas estruturas são de locativos que não alternam. Para os verbos locativos que não alternam, os autores se valem da seguinte proposta:

(24) Proposta de estrutura para os locativos que não alternam



Os autores assumem que a solução para o problema seria dizer que para os verbos do tipo *smear* (não-alternantes) existe um traço adverbial que descreve a ação de entidades denotadas pelo argumento externo, por exemplo, *smear X on Y*, que requer um “agente” que execute os traços que são necessários na ação, ou seja, o modo da ação executada pelo agente. O traço adverbial sugerido pelos autores está associado com o item lexical por um “index” tal como usado em expressão de correferência e ligação de anáfora, por exemplo, {i} (HALE; KEYSER, 2002, p. 35-36)

Em outras palavras, quando esses traços adverbiais estão associados ao argumento externo de verbos do tipo *smear* em uma configuração estrutural transitiva, tem-se uma estrutura “bem-formada”. Todavia, quando temos uma configuração estrutural intransitiva, tendo, portanto, apenas o argumento interno na posição de sujeito, a estrutura é ‘mal-formada’ porque esse traço adverbial não pode estar associado ao argumento interno, conforme apontaram Hale e Keyser (2002).

Outra possibilidade de análise, sugerida pelos autores, é dizer que verbos do tipo alternante, como em (21), podem ser chamados de verbos *patient-manner* (modo de paciente) porque eles incluem um traço semântico adverbial que identifica o movimento físico, distribuição, dispersão ou atitude da entidade denotada pelo argumento paciente, ocupando a posição de especificador da projeção-p (p-complement) que funciona como seu complemento. Por outro lado, verbos com complemento-p, como em (23), cuja estrutura foi apresentada em (24), do tipo transitivo, podem ser chamados de verbos *agent-manner* (modo de agente) pelo fato de os traços semânticos adverbiais estarem associados ao argumento externo e não ao argumento interno (HALE; KEYSER, 2002, p. 35).

4.1.5 A TEORIA À LUZ DOS DADOS DAS LÍNGUAS

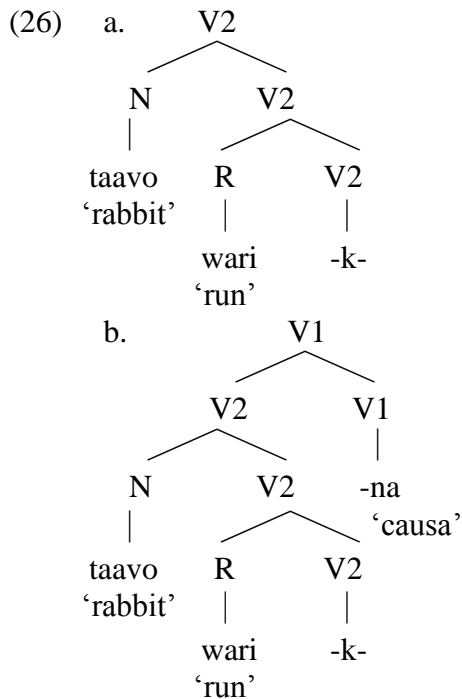
A respeito disso, os autores vão dizer que o processo de *conflation* é semelhante à incorporação, mas que as línguas mostram que estas são duas operações diferentes. Para Hale e Keyser, há uma diferença clara entre esses dois processos: *conflation* não pode ocorrer a partir de um especificador de tal forma que, em estrutura diádicas como em (25a) e (25b), a operação é impossível, enquanto a incorporação pode ocorrer a partir de um especificador de modo que seja possível que os exemplos da língua Hopi sejam bem formados.

- (25) a. Itam tap-wari-k-na
 1p cottontail-run-K-NA
 ‘We flushed a cottontail rabbit out (of hiding)’
 ‘Nós expulsamos (lit. corremos) um coelho-de-cauda-de-algodão²³ do esconderijo’

(cf. Hopi Dictionary Project (HDP) 1998, 578 apud HALE; KEYSER, 2002, P. 52)

- b. Itam pu-t taavo-t wari-k-na
 1p that-ACC cottontail-ACC run-K-NA
 ‘We flushed that cottontail rabbit out (of hiding)’
 ‘Nós expulsamos (lit. corremos) aquele coelho-de-cauda-de-algodão do esconderijo’

(HDP, 1998, 729 apud HALE; KEYSER, 2002, P. 52)



²³ Coelho do gênero *Sylvilagus*.

As estruturas, apresentadas em (26a) e em (26b) e que representam os exemplos expostos em (25a) e em (25b), respectivamente, mostram uma alternância transitiva prototípica que é possível quando o núcleo (V2) projeta um especificador interno à estrutura (funcionando como o objeto derivado de uma alternante transitiva) (HALE; KEYSER, 2002, p. 53).

A fusão sintática (via *conflation*) de nomes que nucleiam especificadores não é possível em nenhuma das estruturas diádicas propostas por Hale e Keyser. Conforme a explicação apresentada na teoria, não é possível formar um verbo denominal ou depreposicional (que inclui um nome, além de uma preposição) a partir de um nome contido em um especificador. Assim, podemos explicar a má formação dos exemplos como em (27a-c) em inglês.

- (27)a. *apple in the box ‘maçãzar na caixa’
- (b). *calf in the corral ‘bezerrar no curral’
- (c). *house with a roof ‘abrigar com um teto’

No entanto, em Hopi, uma estrutura como em (27) pode ser bem formada. Considerando o exemplo (28) (HALE; KEYSER, 2002, ex. (14) do original, p. 52), um adjetivo ocorre no núcleo da projeção. Em (28b), tem-se um verbo transitivo derivado com estrutura em (29) (HALE; KEYSER, 2002, ex. 19, p. 55). Em (28a), há um verbo intransitivo “domar cavalo” no qual o nome cavalo está incorporado no V que o governa.

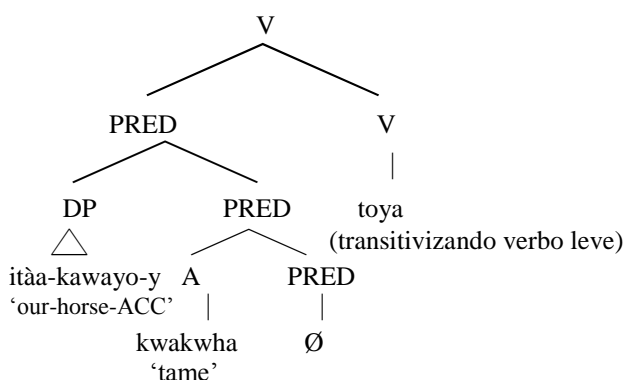
- (28) a. pam inu-ngem kaway-kwakwha-Ø-ta.
 3sg 1s-for horse-tame-Ø-TOYA:PERF
 ‘he broke a horse for me’
 ‘Ele domou (lit. quebrar) um cavalo para mim’

(HDP, 1998, 136 apud HALE; KEYSER, 2002, p. 52)

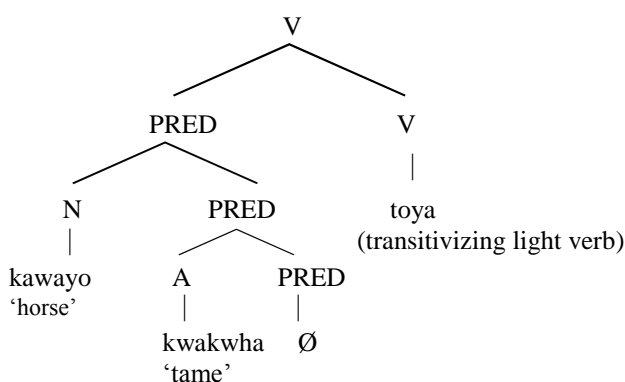
- b. nu’ pay naap itaa-kawayo-y kwakwha-Ø-ta.
 1s now unaided our-horse-ACC tame-Ø-TOYA:PERF
 ‘I tamed our horse on my own’
 ‘Eu domei nosso cavalo por conta própria’

(HDP, 1998, 169 apud HALE; KEYSER, 2002, p. 52)

(29) Estrutura (HALE; KEYSER, 2002, ex. 19, p. 55)



(30) Estrutura (HALE; KEYSER, 2002, ex. 20, p. 55)

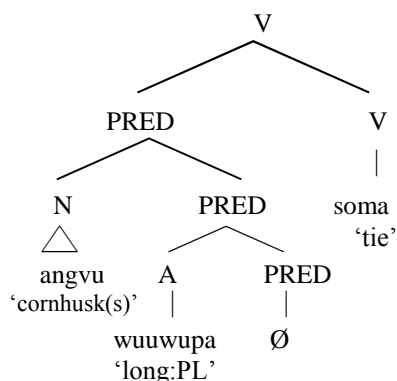


Uma outra característica da incorporação em Hopi é que o nome incorporado está construído com determinantes e modificadores que são deixados para trás como resíduo após a incorporação, como em (31), na estrutura (32). Se este tipo de incorporação fosse possível em inglês, as sentenças ((**Japanangka spears straight.* (cf. *Japanangka straightens spears*)) e ((**the north wind skies clear.* (cf. *the north wind clears the sky*))) seriam gramaticais, mas elas não são possíveis porque não é permitido *conflation* a partir de especificadores e, em Hopi, o que ocorre não é *conflation*, mas sim incorporação.

(31) pas wuuwupa-t angap-soma.
 very long:PL-ACC husk-tie:PERF
 ‘She bundled up really long cornhusks
 ‘Ela agrupou palhas de milho realmente longas’

(HALE; KEYSER, 2002, ex. 21, p. 56).’

(32) Estrutura (Hale & Keyser 2002, fig. 22, pg. 57)



Dessa forma, pode-se dizer que *conflation* é uma operação mais exigente do que incorporação, posto que a primeira exige complementos estritos, ou seja, uma relação de c-comando mútuo entre o elemento que se funde e o núcleo ao qual ele se funde, como em (33). A questão que ainda persiste é: Por que a operação de *conflation* - e não a de incorporação - tem esta restrição?

(33) Complementação estrita (*Strict Complementation*) (HALE; KEYSER, 2002, ex. 28, pg. 59)

“Um núcleo X é o complemento estrito de um núcleo Y se Y estiver em uma relação de c-comando mútuo (i.e., irmão) com a projeção categorial máxima de X²⁴.”

Existe, neste caso, uma diferença entre *conflation* em inglês e os casos de incorporação em Hopi. Na operação de *conflation*, a relação sintática entre o núcleo incorporado e o incorporador é de núcleo e complemento estrito.

Outra questão relevante é por que *conflation* é uma operação mais restrita do que *merge*? Os autores sugerem que *conflation* seja uma operação concomitante a *merge*, isto é, *conflation* é um tipo de *merge*. Assim, *conflation* não é uma operação de movimento, como incorporação, mas uma operação formadora de núcleos complexos, um tipo de seleção que tem a ver com *Labels* (rótulos categoriais, definidos em (34)), e não com projeções máximas.

(34) Label (HALE; KEYSER, 2002, ex. 33, p. 62)

²⁴ “A head X is the strict complement of head Y iff Y is in a mutual c-command (i.e., sister) relation with the maximal categorial projection of X.”

“O rótulo de um objeto sintático *X* é um conjunto de traços [*F*, *H*], onde [*F*, *H*] é o complemento inteiro de traços fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos de *H*, o núcleo de *X*.²⁵”

Assumindo que *conflation* só tem acesso a *Labels*, a operação pode ser definida como em (35). Esta é a segunda definição de *conflation* oferecida pelos autores no capítulo III do original. Ela diz que *conflation* é uma cópia de *Label*. Além disso, ela ocorre apenas em casos de derivação zero (*laugh*, *sneeze*) ou derivação afixal (*redde*), nunca quando itens lexicais inteiros são incorporados, como nos casos de incorporação discutidos em Hopi. Os autores oferecem vários exemplos para ser discutidos no capítulo sobre *conflation*.

(35) *Conflation* (HALE; KEYSER, 2002, ex. 34, p. 63)

“*Conflation* consiste no processo de copiar a assinatura-*p* do complemento na assinatura-*p* do núcleo, onde o último é ‘defectivo’²⁶”.

Conclui-se, portanto, que *conflation* não é movimento e não deixa vestígio (*trace*), mas deixa toda a estrutura intacta em termos de sintaxe e semântica. Esta questão é importante para resolver o problema dos objetos cognatos, que, no entanto, não nos cabe discutir aqui.

4.2 OS DADOS DA LÍNGUA KARITIANA À LUZ DA TEORIA

Conforme mostramos no capítulo I, sobre as evidências morfossintáticas, e no capítulo II, sobre verbos intransitivos, transitivos e bitransitivos, é possível dizer que em Karitiana há classes verbais bem definidas. Os fatos comprovaram que todos os intransitivos participam da alternância transitivo-incoativa e que ocorrem no núcleo do complemento da cópula, inclusive os verbos intransitivos representantes daquela subclasse que tem um objeto oblíquo projetado pela sua estrutura. Esses verbos intransitivos após transitivizados através do morfema {*m*-} podem ser passivizados via adição do morfema {*a*-}, como se verificou no capítulo I e II.

²⁵ “The label of a syntactic object *X* is the feature set [*F*, *H*], where [*F*, *H*] is the entire complement of phonological, morphological, syntactic, and semantic features of *H*, the head of *X*.”

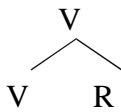
²⁶ “*Conflation* consists in the process of copying the *p*-signature of the complement into the *p*-signature of the head, where latter is ‘defectivo’”.

Nosso objetivo, nesta seção, é apresentar uma proposta de análise para cada uma das classes descritas com base na teoria adotada. Lembramos que estamos adotando uma teoria na qual estrutura argumental é um módulo independente da gramática, presente entre o léxico e a sintaxe.

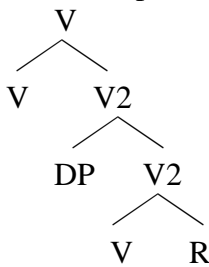
Retomando, brevemente, a teoria já apresentada, Hale e Keyser (2002) apontam para quatro estruturas argumentais possíveis. Três delas serão discutidas aqui.

Representação das estruturas:

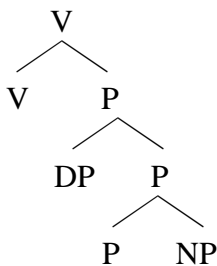
(i) monádica



(ii) diádica composta



(iii) diádica básica



A partir dessas três estruturas apresentadas em (i - iii), analisaremos os nossos dados, mostrando que os verbos transitivos em Karitiana apresentam a estrutura monádica (i), os intransitivos têm a estrutura diádica complexa (ii) e os verbos bitransitivos têm a estrutura da diádica básica (iii). Os fatos linguísticos em Karitiana corroboram estas três configurações propostas por Hale e Keyser (2002) em sua teoria de estrutura argumental. No entanto, os verbos intransitivos com objeto oblíquo têm algumas características peculiares que nenhuma destas três estruturas é capaz de expressar, que é o fato de eles participarem da alternância transitivo-incoativa e projetarem um objeto com marca de oblíquo. Propomos uma estrutura derivada a partir da configuração *diádica complexa* (ii) para dar conta das peculiaridades da

classe de intransitivos com objeto oblíquo, adotamos a solução sugerida por Hale e Keyser (2002) para explicar os verbos locativos que alternam no inglês. Conforme os autores, vamos projetar um *p-complemento* na posição do R (raiz) na estrutura em (ii).

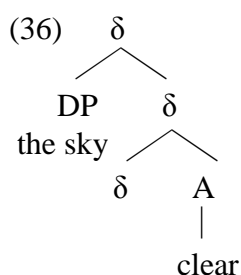
Para explicitar nossa análise, discutiremos cada classe de verbo em uma seção específica. Antes disso, no entanto, apresentaremos a proposta de análise para a construção de cópula em Karitiana, elaborada por Storto (2010).

4.2.1 ESTRUTURA DA CONSTRUÇÃO DE CÓPULA EM KARITIANA

Storto (2010) propõe uma estrutura para explicar os fatos linguísticos associados à construção de cópula em Karitiana. Segundo a autora, a construção de cópula em Karitiana tem uma estrutura que se assemelha à estrutura dos verbos inacusativos (diádica composta) dentro da teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002). Os autores propõem um núcleo funcional de grau δ (degree) nas miniorações de núcleo adjetival que Storto (2010) considera ser responsável pela concordância absoluta que aparece sufixada obrigatoriamente ao complemento da cópula:

S_i na-aka-t [_{NMZ} [_{SC} t_i X] conc.abs.cop]
 onde X = N, A ou V_{sintaticamente intransitivo}

Consideramos, primeiramente, a estrutura proposta por Hale e Keyser (2002, p.207 [ex.4 do original]):



A estrutura apresentada em (36) tem a categoria funcional δ , que permite a projeção estendida de A, em que os autores sugerem que o adjetivo A é responsável pela posição de especificador requerida para completar o licenciamento do adjetivo. Os elementos que ocorrem na posição do núcleo δ em inglês são $-\phi$, o núcleo indireto do grau absoluto (37), ou os núcleos afixais de grau comparativo *-er* ou superlativo *-est*. Além destes, os *núcleos so, as, too, very* também ocorreriam nesta posição sintática, de acordo com Hale e Keyser (2002). A projeção- δ , apresentada em (36), aparece como complemento de um verbo tal como

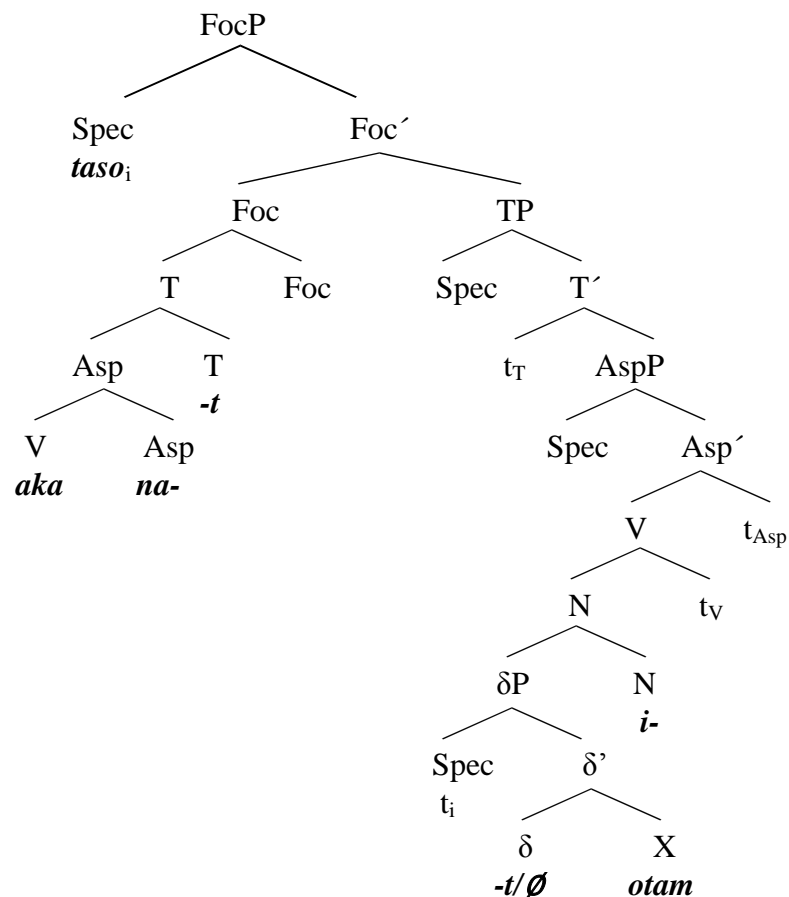
exemplificado em (*we found [the Sky clear]*) e (*We consider [our students brilliant]*) e como o complemento de uma preposição como em (*with [the sky clear], we can fly today*) e (*with [my clothers wet], Mom wouldn't let me in the house*). (HALE; KEYSER, 2002:, pp. 206-207)

- (37) a. The sky seems [t \emptyset clear].
 b. The sky is [t as clear (as glass)].
 c. The sky is [t clearer (than glass)]

O adjetivo, nesse caso, funde-se (via *conflation*) com o núcleo vazio fonologicamente, como em (37a). Em (37c), o grau comparativo é realizado fonologicamente pelo sufixo *-er*. (HALE; KEYSER. 2002:, p. 207).

A seguir, apresentamos a estrutura arbórea proposta por Storto (2010) para dar conta das características sintáticas das sentenças de cópula:

(38) Estrutura da construção de cópula em Karitiana (STORTO, 2010)



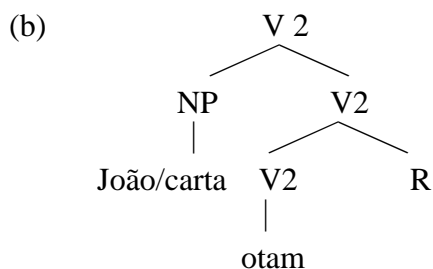
Considera-se a seguinte sentença em Karitiana:

taso ø-na-aka-t i-otam-ø
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-chegar-CONC.ABS.COP
‘O homem chegou’

Para Storto (2010), a minioração nominalizada (*iotam*) serve como complemento da cópula e tem uma estrutura semelhante àquela de verbo inacusativo na teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002), na qual o núcleo funcional (δ) é o responsável pela concordância absoluta de cópula, que em Karitiana pode ser $-\emptyset$ quando a raiz verbal é terminada em uma consoante ou $-t$ quando a raiz verbal termina em vogal. No lugar do X, pode entrar uma raiz nominal, adjetival ou um verbo sintaticamente intransitivo. O especificador de δP , que em Karitiana é sujeito da minioração, sobe para posição de Spec de foco (FocP) não para receber caso, mas para receber foco, já que caso absoluto em Karitiana é assinalado in-situ. O N em Karitiana é instanciado pelo prefixo nominalizador ($\{i-\}$) que aparece na minioração. A cópula *aka* sobe do V mais baixo para o V na posição de Foc’, passando pelos núcleos Asp para adquirir aspecto ($\{na-\}$) e T para adquirir tempo ($\{-t\}$), formando um núcleo complexo com estes núcleos funcionais em uma segunda posição estrutural da sentença, que é projetada por Foco, mas abriga tempo, concordância e modo (STORTO, 2010). O alvo do movimento feito pelo verbo neste caso é o núcleo Foco, conforme descrito por Storto (2010), enquanto Storto (1999) apontava como alvo de todo movimento verbal nas sentenças principais do Karitiana o núcleo C. Em ambos os casos, o verbo passa por todos os núcleos funcionais da sentença.

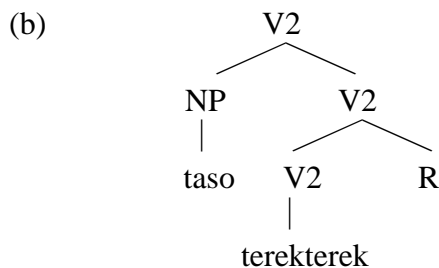
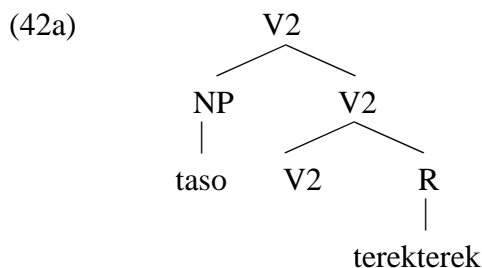
4.2.2 ESTRUTURA ALTERNANTE RESPONSÁVEL PELA TRANSITIVIZAÇÃO DE VERBOS INTRANSITIVOS

Nesta seção, faremos uma discussão acerca dos fatos linguísticos apresentados nos capítulos I e II. Esta seção será subdividida em duas partes. Na primeira parte, trataremos dos verbos com estrutura diádica complexa (4.2.2.1). Na segunda parte, (seção 4.2.2.2), trataremos daqueles verbos intransitivos com objeto oblíquo para os quais propomos uma estrutura parecida com a *diádica complexa* para dar conta do seu caráter alternante. No entanto, como essa classe de verbos prevê a projeção de um objeto oblíquo em sua estrutura, precisamos representar este argumento na estrutura. Assim, adotamos uma representação derivada da estrutura diádica *complexa*. Trata-se daquela estrutura que Hale e Keyser (2002)

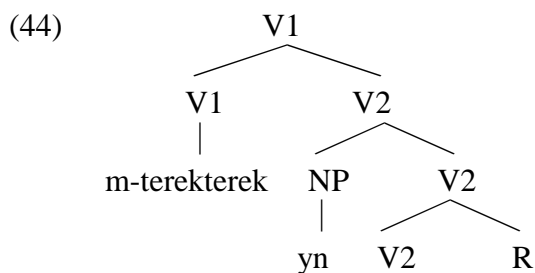
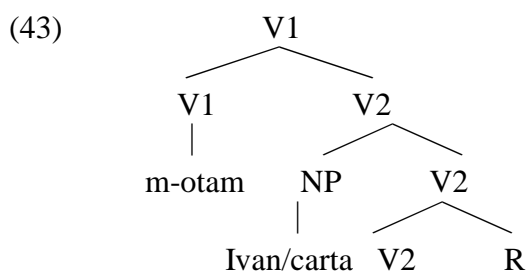


(*otam*, verbo – João/carta naotam ‘João/carta chegou’)

Observando (41a) e (41b), vemos que o verbo formado em V2 tem uma composição complexa que se formou através da operação de *conflation*, que fundiu o complemento de V2, ou seja, a raiz (R), com o núcleo verbalizador V2. O mesmo processo acontece em (42a-b).



Nas duas estruturas (41) e (42), temos um núcleo V2 (núcleo verbalizador para verbos intransitivos) que projeta um especificador e um complemento R. A raiz R e o verbalizador V2 estão em c-comando mútuo de modo que cada uma das raízes (R), nos dois casos, *otam* e *terekterek*, adjungem-se a V2 em cada estrutura via a operação de *conflation*, ou seja, uma fusão de raízes e núcleos verbais, formando os verbos intransitivos *otam* e *terekterek*, ‘chegar’ e ‘dançar’, respectivamente. Ambos apresentam comportamento sintático de verbos inacusativos, pois submetem-se à alternância transitivo-incoativa. A versão transitivizada nos dois casos anteriores será apresentada pelas estruturas (43) e (44).



Em (43), temos a projeção que representa a versão transitivizada de (41) e, em (44), a versão transitivizada de (42). Nos dois casos, ocorre uma segunda operação de *conflation*, ou seja, a fusão entre dois núcleos sintáticos V2 (versão intransitiva) e V1 (versão transitiva) para realizar o processo de transitivização, nesse caso, quando adicionamos um ‘agente’ (João em 39b e *tasó* em 40b) ou uma ‘causa’ como em (40c, por exemplo, ‘*hyryja hãraã*’). Em Spec de V2, temos o que Hale e Keyser (2002) tratam como um especificador interno. Em (43), o sintagma é ‘Ivan/carta’ e, em (44), o sintagma é o pronome de primeira pessoa do singular ‘yn’. O elemento linguístico que ocupa a posição de especificador interno funciona como o sujeito da versão intransitiva e como objeto da versão transitiva.

Sabemos que em Karitiana temos o padrão de concordância ergativo-absolutivo, onde a marca de concordância no verbo reflete os traços do objeto do verbo transitivo e do sujeito do verbo intransitivo. Não é diferente quando se trata da transitivização, já que um verbo intransitivo que sofre alternância mantém o padrão de concordância absolutivo, onde a marca de concordância no verbo reflete o argumento que, na estrutura, ocupa a posição de especificador interno, sendo um sujeito da intransitiva quando se trata de uma sentença intransitiva e um objeto no caso da versão transitiva, como podemos ver nos exemplos a seguir:

(45) ahoj ‘rir de’ (transitivo)

(i) **y**-pyrahojyn tasó_{suj} **yn**_{obj}

‘o homem riu de mim’

(ii) **∅**-pyrahojyn **i**_{obj} ãwã_{suj}

‘a criança riu dele’

- (46) andyj ‘sorrir, rir’ (intransitivo)
- (iii) \emptyset -pyrandyjyn **tas**_{especificador interno} ‘o homeu sorriu’
- (iv) \emptyset -py-*m*-andyjyn **tas**_{especificador interno} $\tilde{o}\tilde{w}\tilde{a}$ _{agente} ‘a criança fez o homem sorrir’
- (v) **y**-pyrandyjyn **yn**_{especificador interno} ‘eu sorri/ri’
- (vi) **y**-py-*m*-andyjyn (**yn**)_{especificador interno} **tas**_{agente} ‘o homem me fez sorrir’

Em (i) e (ii), subexemplos de (45), mostramos, em grifo, os argumentos que concordam com o verbo transitivo. Em (iii) e (v), nos exemplos em (46), mostramos duas construções intransitivas marcando o sujeito do verbo intransitivo. No caso das suas respectivas versões transitivizadas, temos a marca de concordância com o objeto da sentença derivada, o argumento interno do verbo.

É válido lembrar que na teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser o sujeito (argumento externo) não está previsto na estrutura argumental e será adicionado na sintaxe para satisfazer o Princípio da Projeção Estendida (EPP), ou seja, é uma condição sintática sentencial independente da estrutura argumental.

4.2.2.2 VERBOS DIÁDICOS COMPLEXOS COM PROJEÇÃO DE UM OBJETO OBLÍQUO

A nossa proposta para esta subclasse de intransitivos segue a mesma linha proposta para os verbos intransitivos vistos na subseção (4.2.2.1) no que diz respeito à transitivização. Temos a versão intransitiva da alternância no verbalizador V2 e, por meio da operação de *conflation*, este núcleo V2 funde-se a V1, representado pelo morfema *{m-}*, tornando-se transitivo. Os intransitivos com objeto oblíquo projetam um sintagma posposicionado como complemento, que está previsto semanticamente. Assim, capturamos o fato de que esses verbos são semanticamente transitivos, pois frequentemente ocorrem com objetos, mas são sintaticamente intransitivos, pois seus objetos são oblíquos, eles permitem a alternância transitivo-incoativa, e podem ocorrer no núcleo do complemento da cópula, ambiente típico de verbos intransitivos. Além disso, no que diz respeito à mudança de valência, eles tornam-se agramaticais quando lhes adicionamos o morfema de passiva, cuja distribuição é limitada aos verbos transitivos.

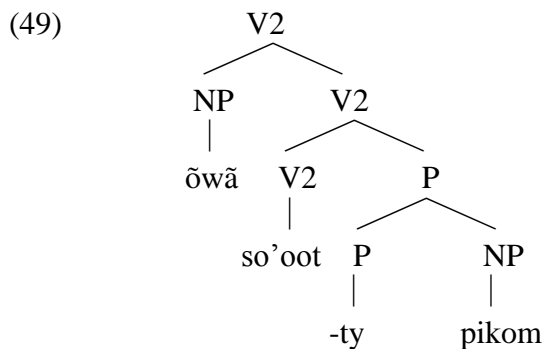
Utilizaremos como exemplo o verbo *so’oot* ‘ver’ para representar essa classe, lembrando que todos os intransitivos com objeto oblíquo apresentados na seção (2.1.1) comportam-se, sintaticamente, como o verbo em (47):

- (47) so'oot 'ver' – parte intransitiva
- (i) pyso'ootyn ðwã [∅] 'a criança viu [alguma coisa]'
- (ii) pyso'ootyn ðwã pikomty 'a criança viu o macaco'
- (iii) pyso'ootyn pikomty ðwã 'a criança viu o macaco'

Hipoteticamente, poderíamos apontar duas paráfrases em português para captar o significado das sentenças em (47): (i) 'a criança está no estado de ver' ou 'a criança viu [através de]' e (ii) e (iii) 'a criança está no estado de ver o macaco' ou 'a criança viu algo envolvendo o macaco'. Sabemos que um núcleo P (pre-/posposicional) projeta um complemento, mas caso esse complemento seja fonologicamente vazio o núcleo P não é realizado, ficando, portanto, o núcleo como um todo vazio. Contudo, existe algum tipo de traço semântico que projeta esse núcleo na estrutura, como veremos em (49).

- (48) so'oot 'ver' – parte transitivizada
- (iv) pymso'ootyn ðwã taso [∅] 'o homem fez a criança ver [alguma coisa]'
- (v) pymso'ootyn ðwã taso pikomty 'o homem fez a criança ver o macaco'
- (vi) pymso'ootyn ðwã pikomty taso 'o homem fez a criança ver o macaco'
- (vii) pymso'ootyn pikomty ðwã taso 'o homem fez a criança ver o macaco'
- (viii) pymso'ootyn taso ðwã pikomty 'a criança fez o homem ver o macaco'

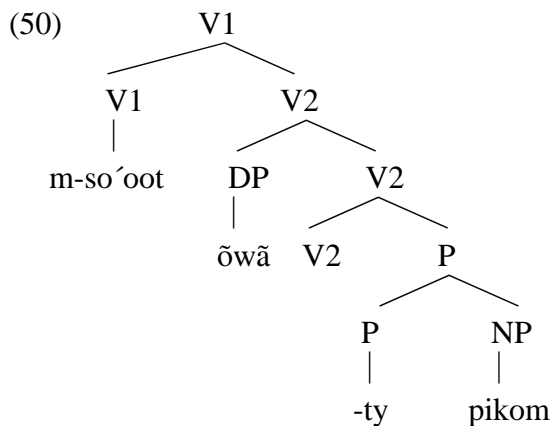
Proposta de uma estrutura para os exemplos em (47):



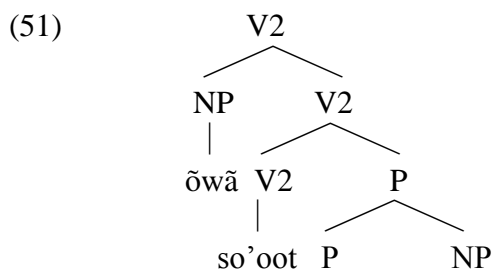
A estrutura apresentada em (49) é a projeção diádica composta que capta a propriedade alternante deste tipo de verbo em Karitiana. Essa estrutura, ao invés de projetar como complemento um R, projeta um complemento nucelado por P para dar conta desse

complemento posposicional, que apesar de opcional é previsto na estrutura. Esta projeção-P requer um especificador, mas não tem a capacidade de projetá-lo por não ser um verbo. Nesse caso, o especificador requerido na estrutura, e que permite o caráter alternante do verbo, é introduzido pela projeção de um verbo V (V2). A estrutura apresentada em (49) satisfaz a propriedade de um verbo inacusativo do tipo alternante por disponibilizar um especificador interno [NP[õwã]], que é projetado por exigência do núcleo P, e portanto permitir a alternância transitivo-incoativa.

Proposta de uma estrutura para os exemplos em (48):



Em (50), a estrutura representa a versão transitivizada de verbos do tipo *so'oot* via a operação de *conflation* do núcleo V2 para V1. Como foi apresentada na parte dedicada à descrição, a operação de transitivização é auxiliada pelo morfema {*m-*} que aparece na estrutura possibilitando a adição do argumento externo.



Na estrutura em (51), representamos a versão na qual o complemento-P é realizado como fonologicamente vazio, representando o exemplo (47i).

Considerando os exemplos (48) a (51), podemos perceber algumas características no que diz respeito à ordem dos constituintes. No modo assertivo, temos para as sentenças intransitivas as ordens VS_{exp} , $VS_{exp}O_{obl}$, ou $VO_{obl}S_{exp}$. Para a construção transitivizada, temos

as ordens VO_{exp}S, VO_{exp}SO_{obl}, VO_{exp}O_{obl}S, ou VO_{obl}O_{exp}S. Verificamos, contudo, que aquele argumento com marca de oblíquo {-ty} se move livremente, podendo, deste modo, aparecer nos contextos entre o verbo e O_{exp}, entre o O_{exp} e o S ou na periferia direita da sentença, o que evidencia que esse argumento não tem o mesmo estatuto de um objeto não-oblíquo, ou seja, esse objeto oblíquo pode mover-se mais livremente na sentença.

Aproveitamos este momento para iniciar uma discussão sobre os verbos intransitivos com sujeito de papel temático Experienciador em Karitiana. Lembramos que o sujeito experienciador desses verbos, na proposta apresentada, é projetado na posição de especificador interno. Na alternância transitivo-incoativa, o sujeito da intransitiva passa a ser objeto da transitiva, mas a posição de especificador interno é fixa, e, portanto, o traço [+experienciador] permanece inalterado, pois a causativização não afeta os traços de Experienciador do argumento. O que muda, de fato, é a função sintática exercida pelo argumento que ocupa a posição de especificador interno. Dessa maneira, observamos que a estrutura proposta dá conta dos fatos observados.

Na literatura sobre os verbos psicológicos, os autores costumam subdividi-los em 2 grupos: o grupo de verbos que apresentam um sujeito com papel temático de Experienciador e o grupo de verbos que apresentam um objeto com papel temático de Experienciador. Os verbos psicológicos denotam um estado emocional. Esses verbos possuem um comportamento particular em relação a outros verbos intransitivos, conforme discute Cançado (1996; 1995). A autora faz uma análise das redes temáticas e das propriedades sintáticas dos verbos psicológicos e, observando diferentes comportamentos para estes verbos, ela sugere uma reclassificação para os verbos deste tipo.

Em Karitiana, os verbos intransitivos com sujeito experienciador e objeto oblíquo não foram estudados profundamente a ponto de mapearmos suas redes temáticas, mas o que sabemos deles é que o sujeito com papel temático de Experienciador na versão intransitiva torna-se objeto da versão transitiva. Este objeto, que era o antigo sujeito da sentença intransitiva, parece preservar as propriedades de papel temático de Experienciador.

Concluimos essa seção respondendo a pergunta que nos colocamos no final da seção anterior sobre os verbos intransitivos: o objeto oblíquo de um verbo psicológico é, portanto, diferente, em termos semânticos e sintáticos, do adjunto que pode ser adicionado opcionalmente a verbos intransitivos ou a verbos transitivos, conforme evidências apresentadas no capítulo 1 (cf. 1.1) e os fatos observados no capítulo 2 (cf. 2.1.1),.

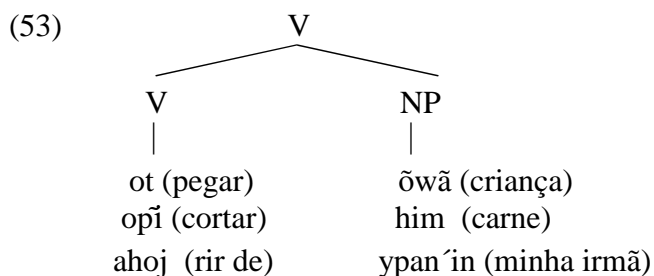
4.2.3 PROPOSTA PARA OS VERBOS TRANSITIVOS E BITRANSITIVOS

4.2.3.1 VERBOS DE ESTRUTURA MONÁDICA

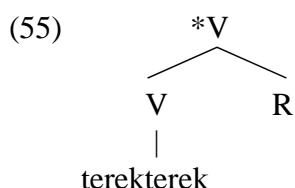
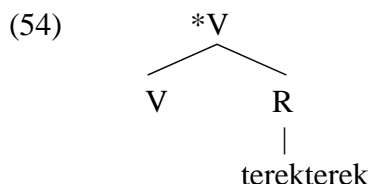
Um verbo com estrutura *monádica* projeta apenas um complemento. Esse tipo de verbo não tem a propriedade de projetar um especificador. No caso de um verbo transitivo, o complemento projetado pode ser um NP ou um DP. No caso do Karitiana, a projeção é sempre um NP, já que nessa língua não temos determinante como foi demonstrado por Müller, Storto e Coutinho-Silva (2006), tratando-se, portanto, de uma língua de nomes nus. Sabemos que a estrutura monádica para verbos inergativos, conforme a teoria adotada, prevê *conflation* da raiz R com o V que a seleciona como complemento. Entretanto, a língua Karitiana não apresenta evidências para uma classe de verbos inergativos. Apresentamos, em (52), exemplos de verbos transitivos em Karitiana:

- (52) a. Pedro \emptyset -naka-ot- \emptyset $\text{\textcircled{O}}\text{w\`a}$
Pedro 3-decl-pegar-nfut criança
'Pedro pegou a criança'
- b. yn \emptyset -na-opĩ-t him
eu 3-decl-cortar-nfut carne
'Eu cortei a carne'
- c. $\text{\textcircled{O}}\text{w\`a}$ \emptyset -na-ahoj- \emptyset y-pan'in
criança 3-decl-rir-nfut 1-irm\`a
'a criança riu da minha irm\`a'

Os exemplos dados em (52a - c) podem ser analisados com a estrutura apresentada em (53), onde os verbos *ot*, *opĩ* ou *ahoj* pegam um NP como seus complementos *õwã*, *him* ou *ypan'in*, respectivamente.



Mais uma vez, voltamos a repetir que o sujeito (argumento externo) nessa teoria está fora da estrutura argumental, sendo adicionado depois na sintaxe como mencionamos na seção (cf. 4.1).



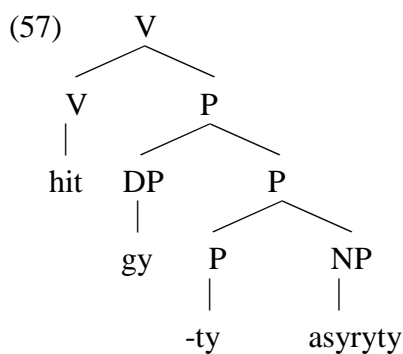
Considere, portanto, as estruturas em (54) e (55). Arbitrariamente, nós as utilizamos para retomar um ponto importante tanto no que diz respeito à teoria quanto às classes verbais da língua Karitiana, pois nessa língua, como apontamos anteriormente, não existem verbos intransitivos com estrutura monádica do tipo apresentada em (54) e (55). Sabemos que raízes R do tipo *terekterek* (que forma o verbo ‘dançar’), *taktak* (que forma o verbo ‘nadar’) e *tarak* (que forma o verbo ‘andar’) são raízes predicativas e requerem um especificador interno, cujas propriedades permitem a alternância transitiva-incoativa. Raízes desse tipo formam em muitas línguas verbos inergativos que não projetam um especificador interno e não realizam alternância do tipo apresentada em Karitiana.

4.2.3.2 VERBOS DE ESTRUTURA DIÁDICA BÁSICA

O verbo *hit* ‘dar’ (56), em Karitiana, bitransitivo, tem um único objeto direto com o qual o verbo concorda, mas parece não ter a mesma estrutura argumental monádica dos verbos transitivos devido à projeção argumental de outro complemento, nesse caso, a marca de oblíquo. O complemento oblíquo apresenta o papel semântico de tema, enquanto o argumento sem marca de oblíquo é o alvo/destinatário. Esse verbo assemelha-se derivacionalmente a ‘presentear’ em português, formado pela fusão dos núcleos N em P e este em V1 para formar o verbo. No núcleo N, teríamos a raiz ‘presente’, o que talvez possa ser

expresso através da estrutura diádica básica na qual teríamos ‘presentear’ parafraseado como “fazer alvo ficar com presente”.

- (56) Õwã nakahit asyrytyty gy
 òwã ø-naka-hit-ø asyryty-ty gy
 criança 3-DECL-dar-NFUT banana-OBL papagaio
 ‘A criança deu banana para o papagaio’



O exemplo descrito em (56) pode ser representado estruturalmente em (57). Podemos, portanto, parafraseá-lo como “presentear papagaio com banana”.

Ressaltamos que examinaremos, em trabalhos futuros, mais a fundo a semântica dos argumentos oblíquos na língua Karitiana porque parece que há um paralelo entre o argumento oblíquo dos verbos bitransitivos e o dos intransitivos com objeto oblíquo.

Esse tipo de paralelo parece existir devido à valência verbal e ao teor semântico dos verbos dessas duas classes: os verbos ‘intransitivos’ com objeto oblíquo são semanticamente transitivos e sintaticamente intransitivos, ao passo que os ‘bitransitivos’ são sintaticamente transitivos e semanticamente bitransitivos.

- (58) yn naka-hit-ø tí'y -ty Elivar
 1s NSAP-give-NFUT food-OBL Elivar
 ‘I give the food to Elivar.’

(EVERETT, 2006, p. 244)

- (59) an na-mso'oot-ø oom-ty Elivar
 2s NSAP-show-NFUT picture-OBL Elivar
 ‘You showed the picture to Elivar’

(EVERETT, 2006, p. 244)

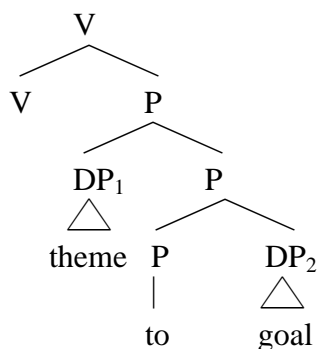
Observando os exemplos (58) e (59), fica claro que o verbo *so'oot* ‘ver’ ao ser transitivizado via {*m-*} é analisado como um verbo bitransitivo e colocado na mesma

categoria de valência do verbo *hit* ‘dar’. Sabemos que há motivo para Everett (2006) analisá-lo dessa forma, ou seja, de uma perspectiva puramente semântica. No entanto, o autor acaba perdendo algumas características previstas para o verbo *so’oot*. Este verbo, em nossa proposta, representante da classe dos intransitivos com objeto oblíquo, aparece em ambientes sintáticos crucialmente diferentes daqueles em que aparece o verbo bitransitivo *hit*. Assim, na análise de Everett (2006) seria necessário mais de uma entrada lexical para verbos do tipo *so’oot*, enquanto, em nossa análise, com apenas uma entrada lexical daríamos conta, estruturalmente, desse verbo. Em termos de economia, nossa análise, utilizando-se de processos de alternâncias sintáticas, é mais adequada, a nosso ver, do que a análise proposta por Everett.

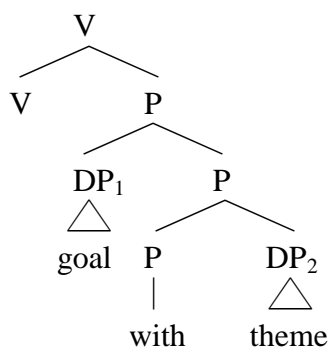
Os verbos da classe à qual *so’oot* pertence podem receber o morfema *{m-}* para transitivizar-se, e podem ocorrer no núcleo do complemento da cópula, podendo, portanto, realizar a coocorrência de *{m-}* e *{a-}*, ao passo que os bitransitivos não podem realizar tais alternâncias.

Hale e Keyser (2002; p. 160-168) discutem a configuração para a estrutura diádica básica, subdividindo-a em 2 tipos semânticos, a saber, aqueles que eles chamam de ‘*to-dative*’ em (60) e aquelas estruturas que eles chamam de ‘*with-construction*’ em (61).

(60) Estrutura ‘*to-dative*’



(61) Estrutura ‘*with-construction*’



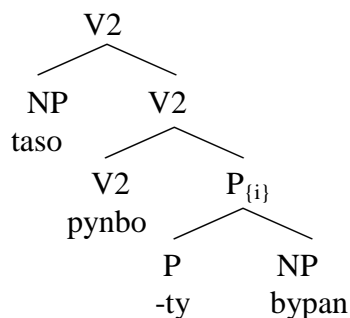
Os fatos observados são que (i) na estrutura em (60), o tema (theme) está acima do alvo (goal), enquanto (ii) na estrutura em (61), o alvo está acima do tema. Em Karitiana, a estrutura ‘*with-construction*’ se aplicaria aos verbos bitransitivos ou aos verbos de estrutura diádica básica, pois é fato que nessa língua o tema é que recebe a marca de oblíquo, ao passo que o alvo não.

4.2.4 VERBO LOCATIVO ALTERNANTE

Nesta seção, esboçaremos, de modo breve, uma proposta para o verbo locativo *pynbo* ‘pôr, colocar, deixar, largar’. Este verbo, como exposto na parte 1 (cf. 2.4.4), apresenta uma propriedade de permitir a alternância e passa, portanto, por todos os testes submetidos aos verbos intransitivos, tal como a transitivização por meio do prefixo {*m-*}, a coocorrência dos morfemas {*m-*} e {*a-*} causativo e passiva, respectivamente, além de verbos desse tipo poder ocorrer no núcleo do complemento da cópula, ambiente restrito aos verbos intransitivos. Entretanto, ele projeta um complemento-P em sua estrutura que sintaticamente é como a dos intransitivos com objeto oblíquo. Contudo, esse complemento-P do verbo *pynbo* apresenta uma semântica diferente daquela apresentada pelo complemento-P dos verbos intransitivos com objeto oblíquo. Essa diferença semântica é denotada pelos tipos de verbo, sendo que o verbo intransitivo *pynbo* tem semântica locativa, enquanto verbos do tipo *so’oot* ‘ver’ são verbos que apresentam papel semântico que requer um sujeito Experienciador, ou seja, um sujeito que denota o estado psicológico de ver.

Com isso, sendo a diferença apenas semântica, podemos propor a mesma estrutura utilizada para analisar os verbos do tipo *so’oot*:

(62) Estrutura Locativa alternante (contraparte intransitiva)

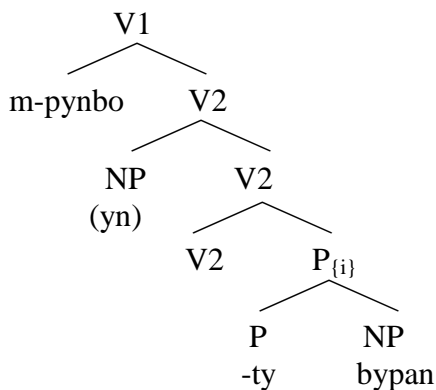


(63) Ø-py-pynbo-dn bypan-ty taso (ohynt)
 3-ASSERT-pôr-NFUT flecha-OBL homem (em cima)

‘O homem pôs a flecha (em cima)’

A estrutura (62) foi proposta para analisarmos a versão intransitiva do verbo locativo *pynbo*, exemplificada em (63). Utilizamos de um recurso já previsto na teoria, a saber, a indexação {i} para representar traços semânticos adverbiais de lugar, ou seja, locativos. Neste caso, a indexação aponta para traços semânticos de um elemento fora da estrutura tal como na estrutura (24) (cf. seção 4.1.4), locativa não-alternante, que tinha traços adverbiais no verbo apontados para um elemento fora da estrutura argumental, que, por ser um argumento externo não permite alternância. Contrariamente, para o verbo *pynbo*, estrutura em (62), a indexação de traços semânticos de locativo aponta para um argumento oblíquo. Assim, assumimos, hipoteticamente, que os traços semânticos locativos no complemento-P estejam indexados com a expressão locativa que frequentemente aparece nas sentenças elicítadas, mas não é obrigatória, por exemplo, *ohynt* ‘em cima’. Acreditamos que a informação de uma expressão locativa seja preenchida através do recurso da indexação, por exemplo, (i) *pynbodn bypanty_{i} taso ohynt_{i}* e (ii) *pynbodn bypanty_{i} taso pro_{i}*, quando a expressão locativa é fonologicamente vazia. Nossa proposta para dar conta do comportamento deste verbo locativo do Karitiana, fundamenta-se na proposta de Hale e Keyser (2002, p. 34-36) que se utiliza de recurso análogo para dar conta do comportamento dos verbos locativos do inglês, como *smear* e *splash*, dizendo que verbos como *smear* apontam para o agente (*agent-manner*), enquanto verbos como *splash* apontam para o paciente (*patient-manner*).

(64) Estrutura locativa alternante (contraparte transitiva)



(65) y-py-m-pynbo-dn bypan-ty taso (ohynt)
 1-ASSERT-CAUS-pôR-NFUT flecha-OBL homem (em cima)
 ‘O homem me fez pôr a flecha (em cima)’

Em (64), apresentamos a contraparte transitiva derivada via operação de *conflation*, ou seja, da fusão do núcleo V2 com o núcleo V1, surgindo, portanto, como previsto, o morfema

{m-} introdutor do agente causador que inicia o evento. A estrutura (64) é a representação da sentença exemplificada em (65).

CAPÍTULO V – SINTAXE E ESTRUTURA ARGUMENTAL

5.0 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

Neste capítulo, faremos uma breve discussão sobre a sintaxe da língua Karitiana. Adotaremos as análises de Storto (2010; 2003; 1999) como base. Discutiremos duas hipóteses com relação à construção passiva em Karitiana dentro da Teoria Gerativa (ver CHOMSKY, 1995; 1981; HALE; KEYSER, 2002; 1993; FOLLI; HARLEY, 2007; BAKER; JOHNSON; ROBERTS, 1989; JAEGGLI, 1986; NUNES, 2010; 2005).

5.1 BREVE NOTA SOBRE A SINTAXE DA LÍNGUA KARITIANA

Nesta seção, assumiremos a análise de Storto (2003; 1999) sobre a sintaxe sentencial da língua Karitiana. A autora descreve a língua como sendo originalmente verbo-final, com movimento verbal obrigatório para o núcleo C. Ela mostra que as cláusulas encaixadas têm o verbo sempre na posição final e que, nas sentenças matrizes, o verbo pode ocorrer em posição inicial ou medial, mas nunca final. Com isso, ela aponta que há um deslocamento verbal em todas as sentenças principais da língua, gerando uma distribuição complementar na ordem de palavras entre cláusulas matrizes e cláusulas encaixadas. Nas sentenças principais o verbo ou fica na segunda posição (SVO, OVS), ou na posição inicial (VSO, VOS), enquanto nas sentenças subordinadas a ordem é sempre verbo-final (SOV, OSV).

A ordem default para as sentenças transitivas é SVO e para as construções intransitivas é VS. Esses fatos são bastantes relevantes para a discussão das estruturas sintáticas da língua Karitiana, conforme Storto.

(67) Cláusula matriz (SVO)

taso	Ø-na-oky-t	boroja
homem	3-DECL-matar-NFUT	cobra

‘O homem matou a cobra’

(68) Cláusula matriz (VOS/ VSO)

Ø-pyr-oky-dn	boroja	taso/ taso	boroja
3-ASSERT-matar-NFUT	cobra	homem/ homem	cobra

‘O homem matou a cobra’

(69) Cláusula encaixada (OSV)

[borojataso oky tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
[cobra homem matar perfectivo] 3-DECL-chorar-NFUT criança
'Quando o homem matou a cobra a criança chorou' (coloquial)

(70) Cláusula encaixada (SOV)

[taso boroja oky tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
[homem cobra matar perfectivo] 3-DECL-chorar-NFUT criança
'Quando o homem matou a cobra a criança chorou' (arcaico)

(71) *[boroja taso i-oky tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
[cobra homem 3-matar perfectivo] 3-DECL-chorar-NFUT criança

(72) *[taso boroja i-oky tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
[homem cobra 3-matar perfectivo] 3-DECL-chorar-NFUT criança

(73) *[taso i-oky boroja tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
[homem 3-matar cobra perfectivo] 3-DECL-chorar-NFUT criança

(74) *[boroja i-oky taso tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
[cobra 3-matar homem perfectivo] 3-DECL-chorar-NFUT criança

(75) *[i-oky taso boroja tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
[3-matar homem cobra perfectivo] 3-DECL-chorar-NFUT criança

(76) *[i-oky boroja taso tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
[3-matar cobra homem perfectivo] 3-DECL-chorar-NFUT criança

Os exemplos de (67) a (79) – incluindo os que aparecem abaixo – e os argumentos apresentados a seguir, que são adotados na dissertação, são extraídos de Storto (2003; 1999). No exemplo (67), podemos checar a ocorrência do verbo na segunda posição verbal. Já no exemplo (68), observa-se o verbo na primeira posição. Nos exemplos (69) e (70), fica evidente que verbos na posição final não recebem marcas de concordância, tempo ou modo. Essas evidências são reforçadas com a agramaticalidade de (71) e (72), visto que verbos nesse ambiente sintático não aceitam a marca de concordância, tal como o prefixo de concordância {i-} de terceira pessoa. Nas sentenças agramaticais de (73) a (76), reforçam-se as evidências de que a ordem do verbo na posição final é obrigatória neste tipo de sentença.

Conforme Storto (2003; 1999), o padrão de concordância das sentenças intransitivas no mesmo contexto sintático é como o padrão nas sentenças transitivas, tendo concordância obrigatória nas sentenças matrizes, verbos na posição final em subordinadas e inicial nas sentenças matrizes. Todavia, na parte 1 do nosso trabalho há algumas ocorrências de verbos

intransitivos em posição final em orações matrizes. Isso não invalida a análise de Storto (2003; 1999) pelo fato de não ser este um contexto pragmático default, podendo, portanto, ser derivado via movimento focal do sujeito para a primeira posição.

(77) Cláusula encaixada intransitiva (SV)

[yn opiso] a-taka-kãrã-t an
 [eu ouvir] 2-DECL-pensar-NFUT você
 ‘Você pensou que eu ouvia’

(78) Cláusula encaixada intransitiva (VS), com concordância no verbo

*[y-opiso yn] a-taka-kãrã-t an
 [1-ouvir eu] 2-DECL-pensar-nft você

(79) Cláusula encaixada (SV), com concordância no verbo

*[yn y-opiso] a-taka-kãrã-t an
 [eu 1-ouvir] 2-DECL-pensar-NFUT você

Os exemplos em (77), (78) e (79) mostram que concordância não ocorre em cláusulas encaixadas conforme foi observado por Storto (2003; 1999).

A autora aponta para as evidências de que a ordem básica em Karitiana é verbo-final diacrônica e sincronicamente. Utilizando-se de fatos, ela mostra que a evidência diacrônica pode ser encontrada pela propriedade de núcleo final da língua:

PPs são nucleados à direita da sentença:

(80) ambyyk a-taka-karama-j ahe kyn Casa do Índio pi-p
 então 2-DECL- virar-irr direita direção Casa do Índio locativo-para/em
 "Então você vai virar à direita para (ir para/a) a Casa do Índio"

(81) Sete de Setembro tyym a-taka-tar-i hotel pi-p
 Sete de Setembro através 2-DECL-chegar-irr hotel locativo-para/em
 ‘Você vai chegar ao hotel através da avenida Sete de Setembro’

(STORTO, 2003)

Sentenças subordinadas são nucleadas à direita. A projeção aspectual núcleo final toma um VP como complemento.

Kiit: ‘pontual’ (coincidência temporal)

(82) [[Yn i-soko’i] kiit]] a-otam-am
 [[eu 3-amarrar] exatamente.quando]] 2-chegar-?
 ‘Quando eu o amarrei, você chegou (na hora exata)’

Takiit: antes

- (83) [[Ta-tat] takiit] Ø-naka-tat Porto Velho ta-sombak
[[3ANAF-ir[antes]] 3-DECL-ir Porto Velho 3ANAF-olhar-NFUT
'Antes de sair, (ele) quis olhar para Porto Velho'

Byyk: depois (subsequent perfective)

- (84) [[[Yn -na-soko'ĩ] byyk]] yn a-taka-hir-i
[[eu HAB-amarrar] depois]] eu 2-DECL-dar-irr
'Depois que eu amarrá-lo, eu o darei a você'

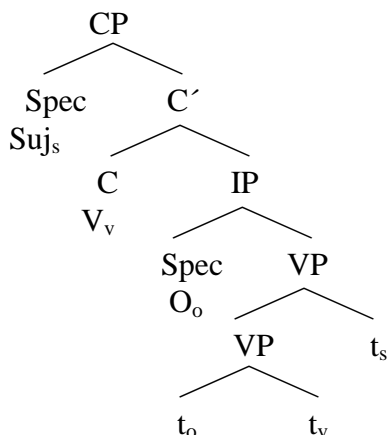
(STORTO, 2003)

Storto (2003) aponta que, diacronicamente, a hipótese de verbo-final se enquadra no padrão encontrado nas línguas Tupi geneticamente relacionadas. Todas as línguas desse grupo linguístico são estritamente OV e SOV. A hipótese é que SOV é a ordem das palavras reconstruída para o proto-tupi, língua ancestral das línguas do grupo Tupi (ver também descrição de outras línguas do grupo Tupi tal como Galucio (2001), Lima (2008), Nogueira (2010)) entre outras.

5.2 ESTRUTURA PARA VERBOS TRANSITIVOS E INTRANSITIVOS

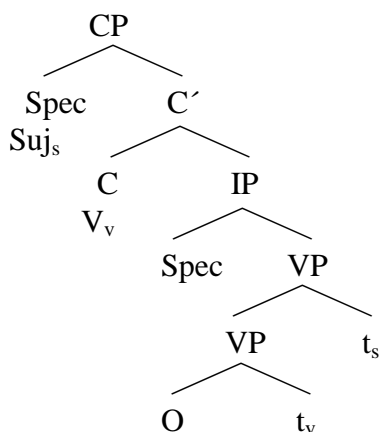
Adotamos a proposta de Storto (2003; 1999). A autora propõe duas hipóteses possíveis para dar conta das sentenças SVO, optando pela segunda. Nas duas estruturas, o sujeito ocupa a posição de especificador de CP. Ela assume que Karitiana é uma língua V2, ou seja, uma língua onde o verbo flexionado ocupa a segunda posição estrutural. Assim sendo, a posição estrutural acupada pelo verbo vai ser a do complementizador (C). Considerando as duas hipóteses, na primeira, o objeto ocuparia a posição de especificador de IP, já na segunda hipótese, o objeto ocuparia uma posição interna ao VP. Observe as duas possibilidades a seguir:

(85) Objeto na posição de Spec, IP



As estruturas (85) e (86) são retiradas de Storto (2003).

(86) Objeto interno ao VP



Os fatos observados por Storto (2003) nos levam a concordar que a estrutura verbal é desenhada como em (85) ou como em (86).

- (i) O sujeito e o verbo estão em uma configuração especificador-núcleo.
- (ii) Existe uma projeção máxima entre o verbo e o objeto.
- (iii) Advérbios que aparecem depois do objeto adjungem-se da esquerda para a projeção máxima ou adjungem-se à direita da cláusula.

Considerando (i), Storto apresenta fortes argumentos para justificar sua análise de que o verbo ocupa o núcleo da projeção máxima mais alto. Para que o sujeito se mova não é permitido advérbio entre S e V, ou seja, sentenças do tipo SAdvVO e SAdvV são agramaticais como nos exemplos (87) e (88).

- (87) *taso mynda Ø-na-m-potpora-j ese *S Adv VO
homem devagar 3-DECL-CAUS-ferver-FUT água
- (88) * gokyp omenda Ø-naka-hyryj̃-Ø *S Adv V
gokyp meio-dia 3-DECL-cantar-NFUT

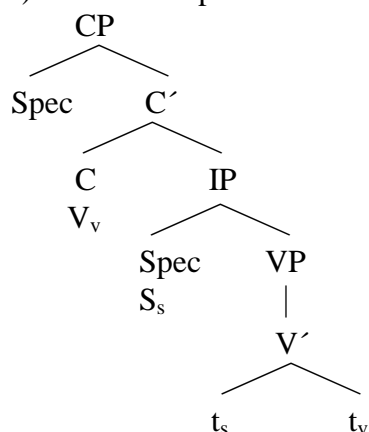
(STORTO, 2003)

O núcleo ao qual o verbo se move não é I, pois IP é núcleo final, já que os fatos mostraram que a posição nuclear do verbo é uma projeção de núcleo inicial. Assim, o especificador da projeção máxima na qual o verbo sobe é a posição de especificador de CP, e, movimento para essa posição é frequentemente interpretado como foco. Em contrapartida, quando o movimento é de objeto para a posição inicial da sentença, obrigatoriamente, em Karitiana, há uma marca morfológica de foco do objeto no verbo {*ti-*} como em (89). Nesse caso, a autora assume que o sujeito que foi movido para Spec de CP também é focalizado. Contudo, movimento de foco de sujeito não deixa marca morfológica no verbo como ocorre com movimento foco do objeto (STORTO, 2003).

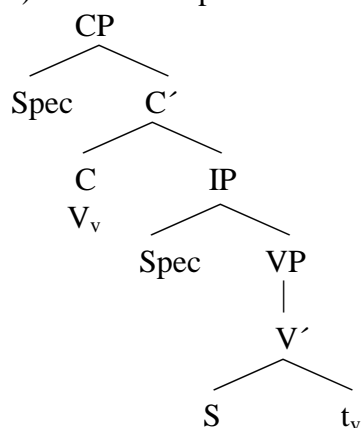
- (89) Y-py-so'oot-on yn [sosy ajxa ti-oky]-ty mynda
1-ASSERT-ver-NFUT eu [tatu você CFO-matar]-OBL gradualmente/devagar
‘Eu gradualmente vi vocês matarem o tatu’
‘Eu gradualmente vi o tatu vocês matarem’

A ordem default dos verbos intransitivos é VS em sentença matriz e em sentença encaixada é SV. A ordem básica nas construções intransitivas é aquela apresentada nas sentenças subordinadas, tal como foi sugerida por Storto (2003; 1999), ou seja, SV. Assim, assumimos que em sentenças matrizes intransitivas também há movimento do verbo para o núcleo C. Analogamente às possibilidades de análises assumidas por Storto para os verbos transitivos, sugerimos, por hipótese, duas estruturas para as sentenças intransitivas em Karitiana.

(90) Estrutura para intransitiva



(91) Estrutura para intransitiva



Em (90) e (91), a hipótese é que ocorra movimento de V para o núcleo C. Assim, estamos assumindo que em sentenças intransitivas VS, como nas sentenças transitivas SVO, o verbo-inicial se moveu para C. Neste caso, apenas o verbo sobe para a posição C, que, em Storto (2010), foi proposto como foco. No que diz respeito ao sujeito, sabemos que ele está situado em alguma posição abaixo de C e, por isso, sugerimos a hipótese de que ele fique interno ao VP, em (91), ou que ele se move para Spec de IP como representado em (90).

O único argumento das sentenças intransitivas em Karitiana é um argumento interno e esse argumento move-se para uma posição de núcleo funcional na qual assume a função de sujeito sentencial. Uma discussão interessante é oferecida por Storto (2010) sobre as construções de cópula e de foco. Quando falamos da estrutura de cópula no capítulo 4 (cf. 4.2.1) mostramos que a autora afirma que em construções de cópula o sujeito se move da posição interna ao VP para ser focalizado como sujeito da cópula. Sabemos que sentenças copulares são usadas no lugar de sentenças intransitivas declarativas. Storto (2010), portanto, argumenta que o único meio para focalizar o sujeito de uma sentença intransitiva é através da construção de cópula. Ela sugere que esta seja uma possível explicação para as sentenças

copulares ocorrerem em lugar das sentenças intransitivas comuns. Observe, portanto, os exemplos em (92) e em (93):

Sentença copular com verbo intransitivo

- (92) taso Ø-na-aka-t i-taraka-t
homem 3-DECL-COP-NFUT NMZ-andar-CONC.ABS.COP
'O homem andou'

Sentença intransitiva simples

- (93) Ø-pyry-tarak-a-n taso
3-ASSERT-andar-vt-NFUT homem
'O homem andou'

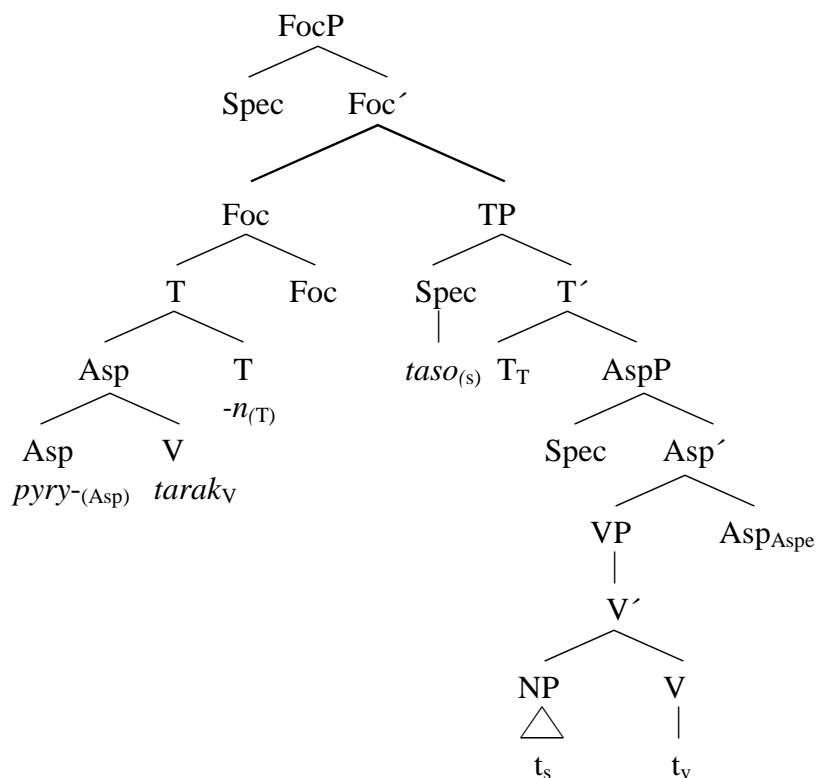
Teste de sujeito em posição inicial em sentenças assertivas

- (94) *taso Ø-pyry-tarak-a-n
homem3-ASSERT-andar-vt-NFUT

Os exemplos (92) e (93) são usados com os mesmos significados. As diferenças existentes entre eles são pragmáticas e estruturais. Em (92), há focalização do sujeito intransitivo, já em (93) não. Em nenhuma hipótese é possível, na língua, usar o verbo no modo assertivo em outra ordem que não o verbo na primeira posição como atestada em (94).

Em suma, optamos pela estrutura representada em (90) para análise das sentenças intransitivas, cuja estrutura é mostrada em (95).

(95) Estrutura para intransitiva com movimento verbal para Foc



Na estrutura (95), projetamos o núcleo Foc, conforme Storto (2010), ao invés de C, conforme Storto (1999). Projetamos os núcleos funcionais T e Asp, responsáveis pela flexão de Tempo e Aspecto, respectivamente. Neste caso, a leitura para a estrutura em (95) é que o verbo move-se de V para o núcleo Foc, passando pelos núcleos Asp (para adquirir aspecto) e T (para adquirir tempo), respectivamente. Assim, o verbo fica na posição do núcleo de focalização, formando um núcleo complexo com foco, tempo, modo e concordância. Assumimos que o sujeito é movido para Spec, T. Storto (1999) assume que o sujeito recebe caso in situ, e não precisa mover-se para Spec, T. Em ambas as análises é possível dar conta, com a estrutura sugerida, da ordem default em Karitiana que é VS.

5.3 PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO PASSIVA

5.3.0 INTRODUÇÃO À SUBSEÇÃO

Nesta parte do capítulo, faremos uma breve apresentação das análises de passivas de Jaeggli (1986), de Baker; Johnson; Roberts (1989) e de Nunes (2010).

Para Jaeggli (1986), construções passivas são o resultado da interação de certas operações morfológicas e sintáticas.

Jaeggli (1986) argumenta que um verbo passivo envolve a “*absorption*” (absorção) do argumento externo e, por isso, é impedido de assinalar caso objetivo (acusativo). O autor oferece uma caracterização restritiva do processo de “*absorption*”, posto que isso envolve consequências empíricas interessantes para as questões em relação à atribuição composicional de papel temático. A descrição explicitada pelo autor diz respeito à interpretação das “*by-phrases*” em sentenças passivas e passivas nominais, pontuando diferenças e similaridades entre essas duas construções.

Jaeggli aponta que a passiva nominal apresenta certa restrição, a restrição de afetação. Assim, para representar esta restrição encontrada em passivas nominais, a análise proposta pelo autor é que os supostos argumentos implícitos não são mapeados em posições de argumento NP. Jaeggli considera, portanto, que haja o fenômeno de controle, em cláusulas de finalidade, exercido pelo argumento implícito.

Jaeggli mostra que, em Chomsky (1981), uma sentença passiva do tipo mostrada em (i) exhibe as duas propriedades cruciais estipuladas em (ii):

- (i) The rat was killed by the cat.
O rato foi morto pelo gato.
- (ii)a. [NP, S] não recebe um papel temático.
- b. [NP, VP] não recebe caso dentro do VP

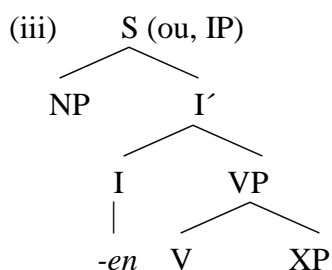
O argumento na posição [NP, S] suporta o papel temático que o verbo *kill* ‘matar’ atribui à posição [NP, VP], que é, em estrutura superficial, o sujeito da sentença passiva, que corresponde ao objeto lógico do verbo.

Em Baker; Johnson; Roberts (1989), o pressuposto teórico acerca da passiva é que o morfema de passiva (*-en*) é um argumento. A abordagem teórica a respeito da construção passiva para estes autores se utiliza das idéias originadas em Jaeggli (1986). Eles dizem que a construção passiva se resume no suposto fato do morfema de passiva ser um argumento, sendo que as várias propriedades de passivas são resultantes de uma interação de forças autônomas atuando em conjunto com a noção de que o morfema de passiva é realmente um argumento. As mais proeminentes entre essas forças são as condições de boa formação dos argumentos, ou seja, o Critério-Theta, a Condição de Visibilidade relacionada com o Princípio de Projeção e as condições relativas à Ligação.

Na S-estrutura, o morfema de passiva é um argumento adjungido ao verbo. Portanto, ele deve ter caso assinalado do verbo. Assim, Caso não pode estar assinalado a nenhum outro NP, e, dessa forma, os autores assumem que o Caso foi “absorvido” (grifo do autor).

Estes autores sugerem, com base na teoria de Ligação, que os supostos argumentos implícitos das passivas são sintaticamente “ativos” (grifo do autor), pois eles mostram que o comportamento no que diz respeito às propriedades de correferência são tipicamente de argumentos sintaticamente realizados.

Desta forma, Baker et al (1989) propõem que *-en*, o suposto argumento da passiva, é gerado em I e, portanto, a representação da D-estrutura da passiva tem a estrutura em (iii).



Neste caso, se *-en* for um argumento, então este argumento deve ser gerado em uma posição na qual ele receba papel temático em D-estrutura, conforme Chomsky (1981). Este requerimento implica que I é uma posição marcada tematicamente, conforme estrutura em (iii). Assim, *-en* só pode receber um papel semântico atribuído fora do VP, ou seja, o sujeito lógico. Isso é, portanto, uma consequência direta da representação em (iii). E, desta forma, os autores dizem que, assim, é possível explicar quatro propriedades manifestadas nas construções passivas:

- (iv) a. O fato de que o argumento lógico não é realizado no NP em passivas;
- b. O fenômeno de “argumentos implícitos” (grifo do autor) em passivas;
- c. Factualmente, a posição de sujeito é não-temática em passivas, permitindo movimento de NP para essa posição;
- d. A 1AEX (1-Advancement Exclusiveness Law)²⁷.

²⁷ 1AEX estipula que apenas um argumento pode adquirir o estatuto de sujeito na derivação de qualquer cláusula. Assim, os verbos que têm sujeitos derivados não podem ser passivizados (BAKER et al, 1989).

Complementando a exposição aqui apresentada, uma análise mais atual acerca das passivas é dada por Nunes (2011; Informação verbal)²⁸ que adapta a proposta de Baker; Johnson; e Roberts (1989), cujas idéias são de que o morfema passivo é um tipo de clítico que recebe o papel-Theta do argumento externo e é dobrado ou por um “by-phrase” ou por uma categoria vazia (IMP). Nunes (Informação verbal) analisa o morfema passivo como um tipo de verbo leve com a seguinte propriedade distintiva, a saber, o seu argumento externo pode ser nulo (IMP) ou realizado como um “*by-phrase*”. Na análise de Nunes, encontramos a aplicação da noção de vezinho, projetando um argumento externo nulo (IMP), enquanto nas propostas de Jaeggli (1986) e Baker et al (1989) não encontramos explicitamente ainda esta noção, posto que a noção de verbo leve (abstrato), o vezinho, surgiu apenas nos anos 90.

5.3.1 A CONSTRUÇÃO PASSIVA E A ESTRUTURA ARGUMENTAL EM KARITIANA

Nesta seção, discutiremos uma proposta de análise para a construção passiva em Karitiana. Ao analisar o comportamento da construção nesta língua, constatamos que ela apresenta um comportamento sintático parecido com aquele apresentado pelos verbos intransitivos. No capítulo I (cf. 1.1.3), mostramos evidências sintáticas para analisar a passiva como uma intransitivização. Vejamos os fatos apresentados nos exemplos listados abaixo:

Sentença transitiva na voz ativa no modo assertivo (VOS)

- (96) pyrokydn taso yn
 Ø-pyr-oky-dn taso yn
 3-ASSERT-matar-NFUT homem eu
 ‘Eu matei o homem’

Sentença na voz passiva no modo assertivo (VS)

- (97) pyraokydn taso
 ø-pyr-a-oky-dn taso
 3-ASSERT-PASV-matar-NFUT homem
 ‘Mataram o homem / o homem foi morto’

Em (96), apresentamos o exemplo de uma sentença no modo assertivo e na voz ativa com o verbo na posição inicial da oração. A concordância, neste caso, dá-se com o objeto (*taso*), pois trata-se de uma língua com sistema de caso ergativo-absolutivo. A sentença (97)

²⁸ NUNES, Jairo. Relativizando Minimalidade para Movimento-A: Relações-PHI e Relações-THETA. Handout de aula. Ministrada no dia 27 junho de 2011.

foi passivizada via prefixo de passiva impessoal {*a-*}, cuja sentença foi derivada do exemplo apresentado em (96). A concordância, agora, é feita com o único argumento presente na sentença, no caso, o sujeito. A ordem apresentada foi VOS para a versão transitiva e VS para a versão na voz passiva.

Sentença transitiva na voz ativa e no modo declarativo (SVO)

- (98) yn nakamĩt João
 yn Ø-naka-mĩ-t João
 eu 3-DECL-bater-NFUT João
 ‘Eu bati no João’

Sentença na voz passiva e no modo declarativo (VS)

- (99) naamĩt João
 ø-na-a-mĩ-t João
 3-DECL-PASV-bater-NFUT João
 ‘Bateram no João’

Em (98) e (99), o comportamento, em termos morfossintáticos, é semelhante àquele apresentado nos exemplos em (96) e (97). Todavia, podemos notar, nestes exemplos, que se trata do modo declarativo e, agora, o padrão na ordem default é diferente daquele apresentado no modo assertivo para a sentença transitiva na voz ativa, ou seja, a ordem é SVO, com o verbo na segunda posição. A voz passiva, mesmo no modo declarativo, apresenta a ordem VS como em (97), comportamento que pode ser observado também nos verbos intransitivos.

Verbos intransitivos não aceitam a passivização como atestado em (100). No entanto, após um verbo intransitivo ter sido causativizado como em (101), ele pode ser passivizado como atestado em (102).

Agramaticalidade atestada com verbo intransitivo com morfema de passiva {*a-*}

- (100) *Ø-pyr-a-tarak-a-dn taso
 3-ASSERT-PASV-andar-vt-NFUT homem

Verbo intransitivo transitivizado pelo morfema causativo {*m-*} (VOS)

- (101) y-pyry-m-tarak-a-dn yn taso
 1-ASSERT-CAUS-andar-vt-NFUT eu homem
 ‘O homem me fez andar’

Gramaticalidade atestada com verbo intransitivo transitivizado com o morfema de passiva (VS)

Verbo intransitivo ocorrendo no núcleo do complemento da cópula

- (106) yn Ø-na-aka-t i-kaj-Ø (an-ty)
eu 3-DECL-COP-NFUT NMZ-sonhar-CONC.ABS.COP (você-OBL)
'Eu sonhei (com você)'

Teste de agramaticalidade de verbo transitivo no núcleo do complemento da cópula

- (107) *ip Ø-na-aka-t i-ot-Ø
peixe 3-DECL-COP-NFUT NMZ-pegar-CONC.ABS.COP

Verbo transitivo com morfema de passiva {a-} ocorrendo no núcleo do complemento da cópula

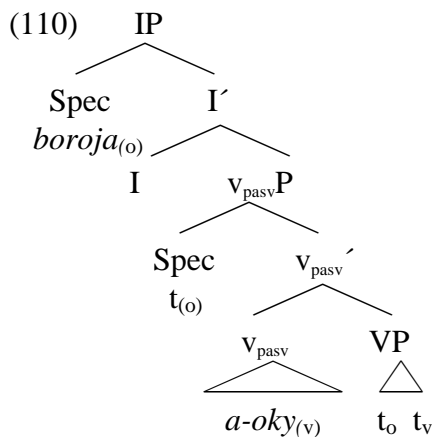
- (108) ip Ø-na-aka-t i-a-ot-Ø
peixe 3-DECL-COP-NFUT NMZ-PASV-pegar-CONC.ABS.COP
'pegaram o peixe (lit.: o peixe foi pegado)'

Para discutir uma proposta para a construção passiva em termos de estrutura argumental dos verbos em Karitiana, vamos hipotetizar uma projeção de 'vezinho' passivo $v_{\text{pasv}}P$. A hipótese de 'vezinho' foi introduzida na literatura da linguística formal no início dos anos 1990, primeiramente, por Hale e Keyser (1993), por Kratzer (1993; 1996) e depois por Chomsky (1995). Conforme essa hipótese, a noção de vezinho foi usada, além de Kratzer (1996), por Pylkkänen (2008) como operação para adicionar um argumento externo ao verbo, já que argumentos externos não são verdadeiros argumentos de seus verbos. Mas, pelo contrário, eles são argumentos de uma projeção verbal abstrata (um verbo leve (vezinho)) pela qual o VP é dominado. Na análise de causativos, o argumento agente do verbo causativizado é adicionado, neste caso, também, via um vP extra. Deste modo, a morfologia causativa é interpretada nesse núcleo v extra a qual é afixada no núcleo do verbo complexo (ver FOLLI; HARLEY, 2007, p. 197-238).

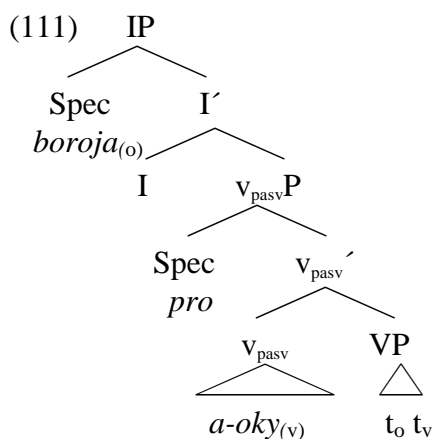
Quanto a estrutura argumental dos verbos na voz passiva em Karitiana, vamos assumir que o verbo (V) transitivo forma um núcleo complexo com o núcleo vezinho passivo. O morfema de passiva {a-}, que apresenta traço fixo de terceira pessoa, é, neste caso, reinterpretado no núcleo vezinho passivo que toma como complemento apenas o verbo transitivo e o objeto, formando um núcleo complexo, pois a passiva os seleciona como na estrutura apresentada em (110). Em alguma instância, o verbo transitivo é gramaticalizado e perde sua propriedade transitiva de introduzir um agente. Nesse processo, o objeto move-se

para Spec de IP para obter caso e concordância na sintaxe, passando, portanto, pelo Spec de vP para o SN checar traços funcionais (STORTO, 2011, comunicação pessoal)²⁹.

(109) *pyraokyd n boroja* ‘mataram a cobra’



Outra proposta para a estrutura passiva em Karitiana seria dizer que o núcleo de voz passiva projeta um ‘pro(zinho)’ com traços fixos de terceira pessoa no especificado do vP, o que daria o caráter impessoal às construções passivas em Karitiana. Essa proposta torna-se problemática porque, assim, estaríamos assumindo que a passiva é transitiva como nas propostas de Jaggli (1986), Baker et al (1989) e Nunes (2010) e não intransitiva (ver estrutura em (111)). Considerando a passiva transitiva, não poderíamos explicar o seu comportamento verbal intransitivo tal como a ordem VS e a possibilidade de ocorrência em um ambiente sintático reservado a verbo intransitivo (STORTO, 2011, comunicação pessoal)³⁰.



²⁹ STORTO, L. **Discussão sobre passiva**. Mensagem recebida por storto@usp.br em 31/05/2011.

³⁰ STORTO, L. **Discussão sobre passiva**. Mensagem recebida por storto@usp.br em 01/06/2011.

Há em Karitiana a construção de foco do objeto declarativa (CFOD), cuja marca morfológica é um prefixo homófono ao morfema de passiva {a-}. Na análise de Storto (2010), a autora mostra que toda vez que um objeto de uma sentença declarativa é movido para a periferia esquerda da sentença o verbo recebe um prefixo {a-} como apresentado em (113).

(112) Construção de foco do objeto em perguntas QU-
 mora-mon taso ti-ahoj (hỹ)?
 QU-cop homem CFO-rir (?)?
 ‘De quem o homem riu’

(113) Foco do objeto em sentença declarativa
 Joao Ø-a-ta-ahoj-Ø i
 Joao 3-CFOD-DECL-rir-NFUT ele
 ‘Ele rio DO JOÃO’

(STORTO, 2010)

Storto (2010) descreve que construções do tipo (113) são usadas para resposta às perguntas QU- como em (112). A autora ressalta que a construção de foco do objeto em sentenças declarativas tem a restrição de ocorrer apenas com sujeitos de terceira pessoa, existindo, portanto, traços fixos de terceira pessoa em CFOD. Deste modo, um objeto não pode ser focalizado se houver um sujeito, cujas marcas não sejam de terceira pessoa como atestadas nos exemplos (114), (115) e (116). Construções desse tipo disparam uma marca invariável de concordância zero com o sujeito transitivo, formando o que Storto (2010, 2008) chamou de anti-concordância e esta é a motivação da agramaticalidade em sentenças como (114-116).

(114) * João a-ta-ahoj-Ø yn(o)
 João CFOD-DECL-rir-nfur eu
 ‘Eu ri DO JOÃO’

(115) * João a-ta-ahoj-Ø an(o)
 João CFOD-DECL-rir-NFUT você
 ‘Você riu DO JOÃO’

(116) *Joao a-ta-ahoj-Ø ajxa
 João CFOD-DECL-rir-NFUT vocês
 ‘Vocês riram DO JOÃO’

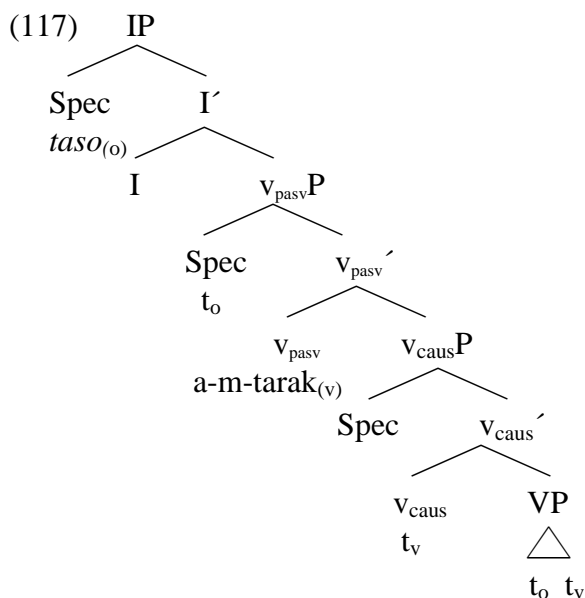
(STORTO, 2010)

Se o prefixo de marca de CFOD é homófono à marca de passiva, então, como saber diferenciar a construção de foco de uma construção passiva? Em Storto (2010), ficou claro que, em sentenças de foco, o verbo se mantém transitivo e a concordância é feita com o

agente, enquanto, em passivas, ele concorda com o (sujeito) paciente e, neste último caso, o verbo é intransitivizado. Diacronicamente, Storto (2011, comunicação pessoal)³¹ hipotetiza que, em algum momento na história da língua, houve uma relação entre as duas construções em questão. Assim, o prefixo em análise, na passiva, tornou-se intransitivo e, ao passo que, na construção de foco, ele marca apenas a voz inversa.

A isso, apontamos que a motivação de trazer à tona a discussão a respeito da construção de foco do objeto declarativo foi o fato de que, assim, podemos adicionar evidências para uma análise da passiva como intransitivização.

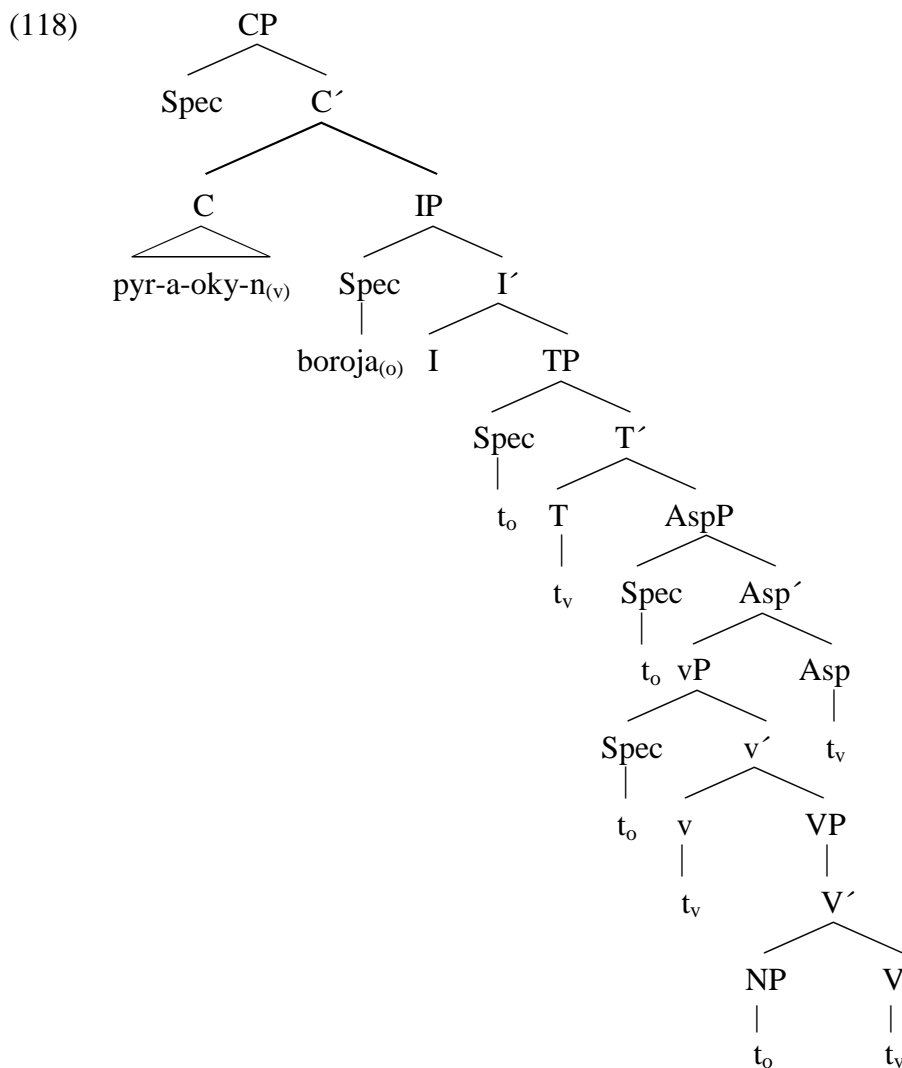
No decorrer de nosso trabalho, mostramos que o prefixo de passiva não seleciona, diretamente, um verbo intransitivo, a não ser que antes ele tenha sido transitivizado pelo morfema causativo. Neste caso, ao verbo intransitivo foi introduzido, através do prefixo {*m-*}, um agente ou uma causa que passa a funcionar como sujeito da oração. No processo de passivização, o sujeito, que tinha sido adicionado, é ‘demovido’ da construção para licenciar a operação. Assim, vamos assumir que o morfema causativo seleciona o verbo intransitivo, formando um núcleo complexo, cujo resultado é selecionado pelo núcleo de voz passiva que, por sua vez, forma um núcleo complexo maior. Considere, portanto, a estrutura apresentada, em (116), referente à sentença *pyramtarakadn taso* ‘fizeram o homem andar’.



Na proposta apresentada em (117), tentamos abranger a construção passiva derivada a partir de um predicado intransitivo, intermediada, nesse caso, pela construção causativa.

³¹ STORTO, L. Discussão sobre passiva. Mensagem recebida por storto@usp.br em 01/06/2011

Quanto à sintaxe das sentenças intransitivas, vamos considerar a análise de Storto (2010; 1999). Considere, deste modo, a estrutura mostrada em (118).



Primeiramente, o verbo, que forma um núcleo complexo com vezinho, move-se para o núcleo C. Consequentemente, ele passa pelos núcleos Asp para pegar traços funcionais de aspecto, depois ele sobe para T para adquirir traço de tempo, passando, em seguida, por I até chegar em C. Considerando que a ordem default é VS tanto para as sentenças passivas quanto para as sentenças intransitivas em Karitiana, o que nos motiva dizer que o sujeito, neste caso, está em qualquer posição abaixo de C em S-estrutura, ou seja, o sujeito pode estar no especificador de IP, no especificador de TP, no especificador de AspP ou no especificador de vP. Na árvore em (117), o S foi projetado no especificador de IP, mas não há evidências para constatar de fato se o sujeito foi movido para aquele núcleo ou se para algum outro núcleo mais abaixo.

No entanto, na análise de Storto (1999), o caso ergativo é assinalado por I e o caso nominativo (absolutivo) é assinalado por C, ambos assinalados *in situ*, dentro da teoria de caso e concordância de Bittner e Hale (1996a; 1996b). Em nossa proposta para a construção passiva, o caso nominativo é assinalado no especificador de IP por C via Marcação Excepcional de Caso (caso ECM) e o caso ergativo é assinalado por I ao sujeito de um verbo transitivo, também, via ECM. Deste modo, adotamos os mesmos núcleos propostos por Storto (1999) como assinaladores caso. Contudo, a diferença entre a análise de Storto (1999) e a nossa é que propomos movimento dos argumentos nominativos para obter caso em construções passivas, enquanto ela afirma que o que motiva o movimento não é o licenciamento para caso, já que Caso é assinalado *in situ*.

Sumariamente, neste capítulo, nós abordamos, de modo breve, aspectos sintáticos da língua Karitiana, principalmente o comportamento sintático das cláusulas intransitivas. Em seguida, apresentamos as propriedades da passiva em Karitiana, discutindo duas possíveis propostas de estrutura passivas nesta língua. Antes disso, oferecemos uma breve revisão da literatura sobre passivas tal como Jaeggli (1986), Baker et al (1989) e uma análise dentro da proposta Minimalista por Nunes (2010). Como resultado, optamos por assumir que a passiva em Karitiana tem o comportamento intransitivo ao invés de transitivo, como tem sido apresentado tradicionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos descrever, neste trabalho, as classes verbais na língua Karitiana com base nas informações contidas em suas estruturas argumentais. Adotamos critérios morfossintáticos inerentes à língua para identificar essas classes verbais. A busca por esses critérios foi fundamentada na teoria formal de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002). Identificamos, portanto, os critérios linguísticos aos quais nos referimos sumariamente:

- padrão de concordância ergativo-absolutivo;
- causativização pelo morfema causativo {*m-*} de verbos intransitivos, visto que na adição deste morfema a um verbo transitivo ou bitransitivo o resultado obtido é agramatical;
- passivização de verbos transitivos ou bitransitivos pelo morfema de passiva impessoal {*a-*}, posto que da adição de um morfema de passiva a um verbo intransitivo obtém-se uma sentença agramatical;
- a construção de cópula permite no núcleo do seu complemento apenas verbos intransitivos, de modo que a ocorrência com um verbo transitivo resulta em uma sentença agramatical. Por outro lado, a raiz de verbos transitivos pode ocorrer no núcleo do complemento da cópula se e somente se antes for passivizada para o licenciamento de tal ocorrência;
- verbos intransitivos podem ser passivizados pelo prefixo {*a-*} se e somente se antes tiverem sido transitivizados pelo prefixo {*m-*} e conseqüentemente resultam em sentenças transitivas que irão licenciar a passivização. Neste caso, há coocorrência dos prefixos {*a-*} e {*m-*}.

Com base nos critérios apresentados, descrevemos basicamente 3 classes verbais em termos de projeção argumental. Identificamos uma classe de verbos transitivos que, na sintaxe sentencial, projeta o objeto (argumento interno) e o sujeito (argumento externo), na sintaxe lexical, ou seja, na estrutura argumental projeta apenas o complemento, não projetando, portanto, um especificador; Analisamos este tipo de verbo como *monádico* dentro da teoria adotada. Descrevemos uma outra classe de verbos que, dentro dessa teoria, pode ser analisada como do tipo *diádico básico*, pois trata-se de verbos depreposicionais, onde um núcleo P projeta um complemento e um especificador. Este núcleo P é tomado como complemento de

um núcleo V transitivo para tornar-se um predicado verbal. Na terceira classe de verbos, a mais numerosa, descrevemos os verbos intransitivos alternantes, que têm uma estrutura *diádica complexa*.

Os verbos intransitivos apresentam claramente uma subclasse especial, cujas propriedades são de projetar, em sua estrutura, um objeto com marca de oblíquo e um sujeito experienciador. Em termos de estrutura argumental, conforme a teoria adotada, verbos desse tipo foram analisados como verbos de estrutura *diádica complexa com projeção de um complemento oblíquo* (complemento-P). Dentro da classe de verbos intransitivos, mostramos que há um terceiro tipo, o verbo *pynbo*, que analisamos com a estrutura diádica complexa com projeção de um argumento oblíquo. Mas, neste caso, as subespecificações do objeto oblíquo apresentam uma semântica de locativo projetada pelo verbo, e o sujeito, portanto, não apresenta papel semântico de experienciador como no outro caso. Tanto nesses dois casos apresentados de intransitivos quanto os intransitivos ‘comuns’, a estrutura básica para eles é a estrutura diádica complexa ou composta, que permite descrever verbos alternantes. As propriedades que permitem agrupar, basicamente, todos esses verbos intransitivos em uma única classe maior, considerando obviamente suas peculiaridades, são a sua possibilidade de passar nos testes e critérios morfossintáticos da língua, ou seja, eles são transitivizados pelo morfema causativo {*m-*}, eles não permitem a passivização direta e podem ocorrer no núcleo do complemento da cópula, conforme o que foi visto no decorrer desse trabalho.

Na seção (2.4), apresentamos explicações para os casos de irregularidades no padrão verbal. Os fatos observados mostraram que aqueles verbos que apresentavam desvios do padrão verbal eram casos de homofonia e bloqueio lexical. No capítulo III, mostramos a descrição do processo de causativização de verbos transitivos através do auxiliar *typoong*. Mostramos, ainda, que um verbo intransitivo após ter sido transitivizado pode ser sobreposto por uma causativização do mesmo tipo da causativização dos verbos transitivos.

Na parte 2 dessa dissertação, foram apresentadas análises, com base na teoria de Hale e Keyser, para os fatos descritos na parte 1. No capítulo V, nós apresentamos brevemente algumas propriedades sintáticas sob fundamentação da análise de Storto (2003, 1999) a fim de apresentar uma proposta de estrutura para as construções passivas. Analisamos, portanto, a passivização como um processo de intransitivização, já que as construções passivas apresentam um comportamento sintático das construções intransitivas. Assim, excetuamos o fato de um predicado passivizado não poder ser causativizado pelo prefixo {*m-*} novamente.

Nós consideramos, em nosso trabalho, o pressuposto teórico, conforme a teoria adotada, de que para ter melhor entendimento da sintaxe de uma língua faz-se necessário

compreender a estrutura argumental de seus verbos. Partimos desse pressuposto e lançamos mão de analisar teoricamente os fatos descritos morfossintaticamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKEMA, P; SCHOOLEMMER, Maaïke. Middles and nonmovement. In. **Linguistic Inquiry** **26**, pp. 173-197, 1995.
- BAKER, M. **Incorporation: A theory of grammatical function changing**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BAKER, M; JOHNSON, K; ROBERTS, I. Passive arguments raised. In. **Linguistic Inquiry** **20**, n. 2, pp. 219-251, 1989.
- BITTNER, M; HALE, K. The structural determination of case and agreement. In. **Linguistic Inquiry** **27** (4): 1-68, 1996a.
- BITTNER, M; HALE, K. Ergativity: toward a theory of a heterogeneous class. In. **Linguistic Inquiry** **27** (4): 531-604, 1996b.
- CANÇADO, M. Verbos psicológicos: análise descritiva dos dados do português brasileiro. In. **Revista de Estudos da Linguagem** **4**. 1: 89-114, 1996.
- CANÇADO, M. A teoria da proeminência de Grimshaw e os psico-verbos do português brasileiro. **D.E.L.T.A.****11.2**: 279-299, 1995.
- CARVALHO, A. M. **O auxiliar aspectual tyka do Karitiana**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris. 1981.
- CONDORAVDI, C. The Middle voice: Where semantics and morphology meet. In: Phil Branigan; Jill Gauding; Miori Kubo; Kumiko Murasugi (eds.). **Student Conference in Linguistics 1989**. MIT Working Papers in Linguistics 11. Cambridge: Mass.: MIT, Department of Linguistics and Philosophy, MITWPL, 1989.
- COUTINHO-SILVA, T. **Aspectos dos sintágramas nominais em Karitiana. a quantificação universal**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- EVERETT, C. **Gestural, perceptual and conceptual patterns in karitiana**. Ph.D. dissertation. Rice University, 2006.
- FAGAN, S. **The Syntax and semantics of middle constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- FAGAN, S. The English middle. In. **Linguistic Inquiry** **19**, pp. 181-203, 1988.

- FOLLI, Raffaella; HARLEY, Heidi. Causation, obligation, and argument structure: on the nature of little v. In: **Linguistic Inquiry** 38, n. 2, p. 197-238, 2007.
- GALUCIO, Ana Vilacy. **The morphosyntaxe of Mekéns (Tupi)**. Tese de doutorado. Chicago: The University of Chicago, 2001.
- GREEN, Melanie. **Focus in Hausa**. Publications of the Philological Society 40. Blackwell, 2007.
- HALE, K; KEYSER, S.J. **Prolegomenon to a theory of argument structure**. Cambridge: Mass: MIT Press, 2002.
- HALE, K; KEYSER, S.J. On argument and the lexical expression of syntactic relations. In: Hale, K; Keyser, S.J. (orgs.) **The View From Building 20. Essays in linguistics in honor of sylvain Bromberger**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.
- HÖHLE, T. Ueber verum-fokus im deutschen. **Linguistische Berichte** 4. 1992.
- HOPI DICTIONARY PROJECT (HDP). **Hopi Dictionary/Hopìikwa Lavàytutuveni**. Tucson: University of Arizona Press, 1998.
- ISA (Instituto Socioambiental). **Karitana**. Disponível em: <http://piib.socioambiental.org/pt/povo/karitiana/391>. Acesso em: 10 abril de 2011
- JAEGGLI, O. **Passive**. In: *Linguistic Inquiry* 17, n. 4, pp. 587-622, 1986.
- KEMMER, S. **The Middle voice**. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- KEYSER, S.J; ROEPER, Thomas. On the middle voice and ergative constructions in English. **Linguistic Inquiry** 15, 1984, pp. 381-416.
- KRATZER, A. Severing the External Argument from its verb. In: J. Rooryck and L. Zaring eds. **Phrase Structure and Lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.
- KRATZER, A. On external arguments. In: *Funcional Projections*, ed. by Elena Benedicto e Jeffrey Runner. **University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics** 17. Amherst: University of Massachusetts, GLSA, pp. 103-130, 1993.
- LANDIN, D; LANDIN, R. **A preliminary description of the Karitiana phonological structure**. Arquivo Linguístico no. 163. Brasília: SIL, 1973.
- LANDIN, D. **As orações Karitiana**. Série Linguística 9 (2). Brasília: SIL, 1988.
- LANDIN, D. 1984. **An outline of the syntactic structure of Karitiana sentences**. In *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*. Ed. R. Dooley. Brasília: SIL, 1984.
- LANDIN, D. **Dicionário e léxico Karitiana/Português**. Brasília: SIL, 1983 [revisado em 2005].
- LANDIN, R. Conjunções Karitiana de nível superior. **Série Linguística** 9 (1). Brasília: SIL, 1987.

- LANDIN, R. **Kinship and naming among the Karitiana of Northwestern Brazil**.
Dissertação de mestrado. U. Texas, Arlington, 1989.
- LANDIN, R. **Word order variation in Karitiana**. Arquivo Linguístico no. 149. Brasília: SIL, 1982.
- LEONETTI, M; V. E. VIDAL . **Focus and Background in Romance Languages**, Chapter Fronting and Verum- Focus in Romance. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- LEVIN, B. **English verb classes and alternations: A preliminary investigation**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LIMA, S. **A estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja): da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas**. Dissertação de mestrado, USP, 2008.
- LOPES, M. A. G. **Aspectos gramaticais da língua Ka'apor**. Tese Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.
- MARANTZ, A. **On the nature of grammatical relations**. MA, Cambridge: MIT Press, 1984.
- MÜLLER, A; STORTO, L; COUTINHO-SILVA, T. Number and the Count-Mass Distinction in Karitiana. **WSCLA Proceedings 11**. Vancouver, Canada, Pgs. 122-135, 2006.
- MÜLLER, A; NEGRÃO, E. V. **On Distributivity in Karitiana** .(submetido à publicação).
- MÜLLER, A. **Variação semântica: individuação e número na língua karitiana**. Revista Estudos Lingüísticos - GEL, 38 (1): 295, 308, 2009.
- MÜLLER, A; SANCHEZ-MENDES, Luciana. **O Significado da pluracionalidade em karitiana**. (Submetido à publicação).
- NOGUEIRA, A. F. **Wajoro: fonologia segmental e suprasegmental**. Relatório de exame de qualificação, USP, São Paulo, 2010.
- NOGUEIRA, A. F. **Wayoro ãmẽto: fonologia segmental e morfossintaxe verbal**. Dissertação de mestrado, USP, 2011.
- NUNES, J. Relativizing Minimality for A-movement: Phi- and Theta-relations. **Probus 22:1-25**. 2010.
- NUNES, J; HORNSTEIN, N; GROHMANN, K. **Understanding Minimalism**. Cambridge University Press, 2005.
- PYLKKÄNEN, L. Introducing arguments. In. **Linguistic Inquiry Monograph 49**, 2008.

- PYLKKÄNEN, L. Causation and External Arguments. IN: Pylkkänen, L., Van Hout and H. Harley (eds.). **Papers from the second Penn/MIT Roundtable on Argument Structure and the Lexicon. 35**, Cambridge, MA, 1999.
- RAPOPORT, T. **The English middle and agentivity**. Ms., Bem Gurion University of the Negev, 1997.
- ROCHA, I. **Estruturas argumentais Karitiana**. Relatório de exame de qualificação, USP, São Paulo, 2010.
- ROMERO, M; HAN, C. H Verum focus in negative yes/no questions. **Proceedings of Semantics and Linguistic Theory**, 2002.
- SANCHEZ-MENDEZ, L. **A quantificação adverbial em Karitiana**. Dissertação de destrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- SANDMANN, A. J. **Competência lexical, produtividade, restrições e bloqueio**. Curitiba: UFPR, 1991.
- SANTOS, G. M. F. **Morfologia Kuikuro: gerando nomes e verbos**. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007.
- STORTO, L. R. **Aspects of a Karitiana Grammar**. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, 1999.
- STORTO, L. R. **Concordância irregular em construções de foco do objeto em Karitiana**. ABRALIN, Florianópolis, 2000.
- STORTO, L. R. Duas Classes de Verbos Intransitivos em Karitiana. In **Des Noms et des Verbes en Tupi-Guarani: état de la question**. Queixalos (Ed.). Lincom-Europa, 2001.
- STORTO, L. R. **Algumas categorias funcionais em Karitiana**. Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, tomo I, Brasília, 2002.
- STORTO, L. R. Interactions between Verb Movement and Agreement in Karitiana (Tupi Stock). **Revista Letras v. 60**. Curitiba, Brazil, Pgs. 411-433, 2003.
- STORTO, L. R. Caso e concordância em línguas Tupi. In **Revista Estudos Lingüísticos XXXIV**. CD-Rom. Campinas: UNICAMP, 2005.
- STORTO, L. R. . Anáfora ta- em Karitiana: um argumento de terceira pessoa não especificado para número. In: **V Congresso Internacional da ABRALIN**, 2007, Belo Horizonte. Caderno de Resumos do V Congresso Intenacional da ABRALIN, 2007.

- STORTO, L. R. Marcação de Concordância Absolutiva em Algumas Construções Sintáticas em Karitiana. **Ameríndia** 32., 2008.
- STORTO, L. R. Estruturas argumentais do Karitiana. In: **Cadernos de resumos da ABRALIN**, 2009.
- STORTO, L. R. Copular constructions in Karitiana: a case against case movement. In University of Massachusetts Occasional Papers 41. **Proceedings of Semantics of Under-represented Languages in the Americas** 5. Amherst: GLSA. 2010. 205-226. 2010.
- STORTO, L; ROCHA, I. Strategies of Valence Change in Karitiana. In **Valence Increasing Processes in Amazonia**. Telles, Stella, Ana Carla Bruno and Francisco Queixalos (eds.). Bogota: Universidad Nacional de Colombia, 2011 (no prelo).
- UNESCO. **Atlas of the world' s languages in danger**. MOSELEY, Christopher (ed.), 3ª. edição, Paris, UNESCO Publishing, 2010. Disponível em:
<<http://www.unesco.org/culture/languages-atlas/en/atlasmap/language-id-614.html>.>
Acesso em: 10 abril de 2011.

ANEXO

LÉXICO VERBAL DA LÍNGUA KARITIANA

Apresentação:

O presente léxico é composto por 192 entradas lexicais. Essas entradas estão subdivididas basicamente em verbos transitivos (v. trans.), verbos bitransitivos (v. bitrans.), verbos intransitivos (v. intrans.), verbos intransitivos com sujeito experienciador e objeto oblíquo (v. intrans. suj. exp.), verbo intransitivo locativo (v. intrans. loc.) e verbo auxiliar (v. aux. pl(ural) e sing(ular)). Vale ressaltar que o método usado nesse léxico não é exatamente aquele utilizado na descrição da presente dissertação, apesar de considerarmos a classificação verbal feita nessa pesquisa. Por este motivo, podemos notar que o número de verbos descritos no corpo do trabalho não bate com o número de entradas lexicais distribuídas neste anexo.

A ferramenta utilizada para gerar o presente léxico foi o software Lexique Pro 3.3.1 (Copyright 2004-2010, SIL International). O início da inserção de dados nessa base deu-se a partir de outubro de 2010 e finalizada parcialmente em julho de 2011.

A - a

a'ak	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Transar, fazer amor. Pyra'akyn taso. O homem transou. Pyra'akyn taso ʔonsoty. O homem transou com a mulher. Taso naakat ia'ak ʔonsoty. O homem gostou (sexualmente) da mulher. Sypotagnga namba'ak taso ʔonsoty. O pajé fez o homem desejar a mulher.
ahoj	<i>v. trans.</i> Rir. Ypyrahojyn taso yn. O homem riu de mim. Ōwā naahoj taso. A criança riu do homem. Taso naakat iaahoj. Riram do homem.
ahoj	<i>v. trans.</i> Rir. Ypyrahojyn taso yn. O homem rio de mim. Ōwā naahoj taso. A criança riu do homem. Taso naakat iaahoj. Riram do homem.
ahy	<i>v. intrans.</i> Beber. Pyrahydñ ʔonso. A mulher bebeu. Pymbyhydñ taso ʔonso (mais velhos) . Pymbahydñ taso ʔonso (jóvens) . A mulher fez o homem beber. Naahyt taso. O homem bebeu. Taso nambyhyt ʔonso. O homem fez a mulher beber. ʔonso naakat iaht. A mulher bebeu.
aka	<i>v. aux. sing. ou pl.</i> Ser. Yn naakat iakat São Paulo pip. Eu estou em São Paulo. Ypyrakadñ yn aviãõ pip. Eu estou no aviãõ.
aka	<i>v. aux. sing. ou pl.</i> Estar. Naakat taso São Paulo pip. O homem está em São Paulo. Pyrakadñ Fernanda ʔonso hãrãj. A Fernanda é mulher bonita.
aka	<i>v. aux. sing. ou pl.</i> Ficar. Pyrakadñ i São Paulo Pip. Ele ficou em São Paulo. Yn naakat iambykat São Paulo pip. Me fizeram ficar em São Paulo.
akinda otidñ	<i>v. intrans.</i> Adoecer. Pyrakinda otidñan õwã. A criança adoeceu. Ōwã nambakinda otidñat ʔonso. A criança fez a mulher adoecer. Ōwã naakat iakinda otidñat. A criança adoeceu.
aky	<i>v. intrans.</i> Estourar. Pyrakydñ ejepo. A pedra estourou. Pymbakydñ ejepo taso. O homem estourou a pedra. Naakyt ejepo. A pedra estourou. Taso nambakyt ejepo. O homem estourou a pedra. Ejepo naakat iakyt. A pedra estourou.
ambo	<i>v. intrans.</i> Deitar para dormir. Ypyrambodñ yn. Eu me deitei (para dormir). Ypymambodñ taso. O homem me fez deitar (para dormir). Taso namambot õwã. O homem deitou a criança (para dormir). O homem fez a criança deitar (para dormir). Ōwã naakat iambot. A criança (se) deitou (para dormir).
andyj	<i>v. intrans.</i> Sorrir. Pyrandyjyn taso. O homem sorriu. ʔonso namandyj taso. A mulher fez o homem sorrir. Taso naakat iandyj. O homem sorriu.
angat	<i>v. intrans.</i> Levantar. Ypyrangatan yn. Eu (me) levantei. Pymangatan õwã taso. O homem levantou a criança. Taso namangat õwã. O homem levantou a criança. Taso naakat iangat. O homem (se) levantou.
anin	<i>v. intrans.</i> Acender. Pyraninyñ iiso. O fogo acendeu. Pymaninyñ iiso taso. O homem acendeu o fogo. Pyramaninyñ iiso. Acenderam o fogo. Naanint iiso. O fogo acendeu. Taso namanint iiso. O homem acendeu o fogo. liso naakat ianint. O fogo acendeu.
ata	<i>v. intrans.</i> Arrebentar. Tepy naakat iatat. O cipó está arrebentado. Pyratadñ tepy. O cipó arrebentou.
ata	<i>v. trans.</i> Arrebentar, quebrar. Pyratadñ tepy taso. O homem arrebentou o cipó. Yn naatat tepy. Eu arrebentei o cipó; eu quebrei o cipó.
atik	<i>v. trans.</i> Jogar (fora). Pyratikyn gopisop taso peet. O homem jogou o lixo fora. Taso naatik gopisop peet. O homem jogou o lixo fora.

B - b

boit	<i>v. trans.</i> Enfeitar (com pinturas e/ou adereços). Pyryboityn ãonso y'et . A mulher enfeitou a minha filha. Y'et naakat iaboit . Enfeitaram a minha filha; a minha filha foi enfeitada.
boryt	<i>v. intrans.</i> Sair. Pyborytyn taso . O homem saiu. Taso naakat imboryt . O homem saiu.
boryt	<i>v. irreg.</i> Brotar; nascer (planta). Pyborytyn pejhõ sap . A folha do feijão brotou. Pejhõ sap naakat imboryt . A folha do feijão nasceu.
botidna	<i>v. trans.</i> Abandonar. Pyrybotidnan ta'et'jonso . Pyrymbotidnan ta'et'jonso . A mulher abandonou seu filho. Taso nabotidnat õwã . Taso nambotidnat õwã . O homem abandonou a criança. Taso naakat iambotidnat . Abandonaram o homem.
boyt	<i>v. trans.</i> Curar. Pyboytyn õwã Sypotagngã . O pajé curou a criança. Pyrabyoytyn taso . Curaram o homem. O homem foi curado. Sypotagngã naboyt taso . O pajé curou o home. Taso naakat iaboyt . Curaram o homem. O homem foi curado.
byjydna	<i>v. trans.</i> Amassar. Pyrybyjydnan pão taso . O homem amassou o pão. Pyrabyjydnan pão . Amassaram o pão. Yn nabyjydnat pão . Eu amassei o pão. Pão naakat iabyjydnat . Amassaram o pão.

D - d

dibmina	<i>v. intrans.</i> Piorar; passar mal. Pyrydibminan taso . O homem passou mal. O homem piorou. Pyrydibminan taso ãonso . A mulher fez o homem passar mal. Atykiri nakadibminat ãonso . Então a mulher passou mal. Õwã naakat idibminat . A criança passou mal.
----------------	--

E - e

eem	<i>v. intrans.</i> Sujar. ypykyp naakat i'eemat . Minha roupa está suja. Naka'eemat ypykyp . A roupa sujou.
eem	<i>v. trans.</i> Sujar. Taso naka'eemat ypykyp . O homem sujou a minha roupa. Pyry'eemat ypykyp taso . O homem sujou a minha roupa.
engy	<i>v. intrans.</i> Vomitar. Pyrengydn taso kytopoty . O homem vomitou a chicha. Pyrymengydn ãonso taso kytopoty . O homem fez a mulher vomitar a chicha. Pyramengydn ãonso kytopoty . Fizeram a mulher vomitar a chicha. Atykiri naengyt taso kytopoty . Então o homem vomitou a chicha. Taso namengyt ãonso kytopoty . O homem fez a mulher vomitar a chicha. Taso naakat iengyt kytopoty . O homem vomitou a chicha.

G - g

geryt	<i>v. intrans.</i> Sangrar. Pygerytyn õwã . A criança sangrou. Pymgerytyn taokyyp taso . O homem fez o machucado dele sangrar. Atykiri nageryt taso . Então o homem sangrou. Atykiri nageryt yokyyp . Então meu machucado sangrou. Yokyyp naakat igeryt . Meu machucado sangrou.
--------------	---

H - h

haadna	<i>v. intrans.</i> Falar. Pyryhaadnan taso. O homem falou. Pyrymhaadnan ōwā taso ʔonsoty. O homem fez a criança falar para a mulher. Atykiri nakahaadnat taso. Então o homem falou. Taso nakamhaadnat ōwā ʔonsoty. O homem fez a criança falar com a mulher. Taso naakat ihaadnat tasoojoty. O homem falou para sua esposa.
haap	<i>v. intrans.</i> Amanhecer. Pyryhaapyn go. O dia amanheceu. Pyrymhaapyn go Botyʔ. Botyʔ amanheceu o dia. Go naakat ihaap. O dia amanheceu.
hadn okoki	<i>v. intrans.</i> Emudecer; ficar mudo. Pyryhadn okokidn taso. O homem emudeceu; o homem ficou mudo. Taso nakamhadn okokit ōwā. O homem emudeceu a criança. Taso naakat ihadn okokit. O homem emudeceu; o homem está mudo.
hej	<i>v. intrans.</i> Ir embora; abandonar; deixar. Pyryhejedn ynty yota. Meu amigo foi embora. Meu amigo me abandonou. Meu amigo me deixou. Pyryhejedn taso. O homem foi embora. Taso nakamhej yota. O homem mandou meu amigo ir embora. Yota naakat ihej. Meu amigo foi embora.
herena	<i>v. intrans.</i> Aparecer. Pyryherenan i. Ele apareceu. Pyrymherenan ʔonso taso. O homem fez a mulher aparecer. Taso nakamherenat ʔonso. O homem mandou a mulher aparecer. Taso naakat iherenat. O homem apareceu.
hey	<i>v. trans.</i> Assoprar, soprar. Pyheydn taso iiso. O homem soprou o fogo. Yn naheynt iiso. Eu assoprei o fogo. Iiso naakat iaheynt. Assopraram o fogo, o fogo foi assoprado.
hibmina	<i>v. intrans.</i> Assar. Pyryhibminan him. A carne assou. Pyrymhibminan him taso. O homem assou a carne. Taso nakamhibminat him. O homem assou a carne. Him naakat ihibminat. A carne assou.
hip	<i>v. intrans.</i> Cozinhar (comida com caldo). Pyryhipyn ti'y. A comida cozinhou. Pyrymhipyn ti'y taso. O cozinhou a comida. Ti'y naakat ihip. A comida cozinhou.
hit	<i>v. bitrans.</i> Dar, emprestar, presentear. Ypyryhityn boetety taso. O homem me deu colar. Taso nakahit ōwā boetety. O homem deu colar para a criança. Taso naakat iahit boetety. Deram colar para o homem.
hit'it	<i>v. bitrans.</i> Emprestar. Ypyryhit'ityn boetety taso. O homem me emprestou um colar. Taso nakahit'it ʔonso boetety. O homem emprestou o colar para a mulher. Taso naakat iahit'it boetety. Emprestaram colar para o homem.
hop	<i>v. intrans.</i> Quebrar (um ou mais objetos em vários pedaços). Pyryhop hobman byt. Os potes quebraram. Nakahop byt. O pote quebrou. Byt naakat ihop. O pote quebrou. Byt naakat ihop hobmat. Os potes quebraram.
horamkājā'ak	<i>v. trans.</i> Obedecer; respeitar. Pyryhoramkājā'akyn taso ōwā. A criança obedeceu ao homem.
hy'yt	<i>v. intrans.</i> Envelhecer. Pyryhy'ytyn ʔonso. A mulher envelheceu. Pyrymhy'ytyn ʔonso taso. O homem fez a mulher envelhecer. Nakahy'yt taso. O homem envelheceu. ʔonso nakamhy'yt taso. A mulher fez o homem envelhecer. Taso naakat ihy'yt. O homem envelheceu.
hydnyh hārāj	<i>v. intrans.</i> Cheirar (cheirar bem). Pyryhydnyh hārājyn ti'y. A comida cheirou. Pyrymhydnyh hārājyn ti'y. A mulher fez a comida cheirar. Nakahydnyh hārāj ʔonso ti'y. A comida da mulher cheirou. ʔonso nakamhydnyh hārāj tati'y. A mulher fez a sua comida cheirar. ʔonso ti'y naakat ihydnyh hārāj. A comida da mulher cheirou.

hydryn sara'it	<i>v. intrans.</i> Cheirar mal. Pyryhydryn sara'ityn ti'y. A comida cheira mal. Pyrymhydryn sara'ityn ti'y ṭonso. A mulher fez comida cheirar mal. Nakahydryn sara'it ṭonso ti'y. A comida da mulher cheira mal. Jonso nakamhydryn sara'it tati'y. A mulher fez sua comida cheirar mal. Jonso ti'y naakat ihydryn sara'it. A comida da mulher cheira mal.
hyrygnim	<i>v. intrans.</i> Engasgar (-se). Pyryhyrygnimyn ōwā. A criança engasgou. Pyryhyrygnimyn ōwā taso. O homem fez a criança engasgar. O homem engasgou a criança. Atykiri nakahyrygnim ōwā. Então a criança engasgou. Taso nakamhyrygnim ōwā. O homem fez a criança engasgar. O homem engasgou a criança. Ōwā naakat ihyrygnim. A criança engasgou.
hyryp	<i>v. intrans.</i> Chorar. Pyryhyrypyn ōwā. A criança chorou. Pyrymhyrypyn ōwā taso. O homem fez a criança chorar. Pyramhyrypyn ōwā. Fizeram a criança chorar. Atykiri nakahyryp ōwā. Então a criança chorou. Taso nakamhyryp ōwā. O homem fez a criança chorar. Ōwā naakat ihyryp. A criança chorou.
hywa	<i>v. intrans.</i> Brilhar. Pyryhywan oti yrypo. A estrela brilha. Pyrymhywan oti yrypo Botyṭ. Botyṭ fez a estrela brilhar. Botyṭ nakamhywat oti yrypo. Botyṭ fez a estrela brilhar. Oti yrypo naakat ihywat. A estrela brilhou.
hȳryṭ	<i>v. intrans.</i> Cantar. Ypyryhȳryṭan yn. Eu cantei. Pyrymhȳryṭan taso Botyṭ. Botyṭ fez o homem cantar. Pyramhȳryṭan taso. Fizeram o homem cantar. Atykiri nakahȳryṭ taso. Então o homem cantou. Botyṭ nakamhȳryṭ taso. Botyṭ fez o homem cantar. Yn naakat ihȳryṭ. Eu cantei.
hārāṭxa	<i>v. trans.</i> Enfeitar; consertar objetos. Pyryhārāṭxan y'et ṭonso. A mulher enfeitou a minha filha. Pyrahārāṭxan y'et. Enfeitaram a minha filha. Minha filha foi enfeitada. Jonso nakahārāṭxat y'et. A mulher enfeitou a minha filha. Y'et naakat ihārāṭxat. A minha filha foi enfeitada.
hōrōṭ	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Mentir. Pyryhōrōṭ taso tasoojoty. O homem mentiu para sua esposa. Ōwā naakat ihōrōṭ tati'y. A criança mentiu para sua mãe. Taso nakamhōrōṭ ōwā ṭonso. O homem fez a criança mentir para a mulher.

J - j

josegng	<i>v. intrans.</i> Apontar; fazer ponta. Taso namjosegng 'ep'it. O homem apontou o espeto. 'Ep'it naakat ijosek. O espeto está apontado.
jyngga	<i>v. intrans.</i> Ficar. Pyryjynggan taso akan pip. O homem ficou na aldeia. Pyrymbyjynggan ōwā taso akan pip. O homem fez a criança ficar na aldeia. Atykiri nakajynggat ōwā akan pip. Então a criança ficou na aldeia. Ōwā naakat ijynggat akan pip. A criança ficou na aldeia.
ṭja	<i>v. intrans.</i> Estar; ficar. Pyryṭjan taso ambip. O homem está em casa. Pyryṭjan bypan mesa pip. A flecha está na mesa. Pyrymṭjan ōwā taso ambip. O homem fez a criança ficar em casa. Atykiri nakāṭjat bypan y'tiyyt. A flecha está com meu pai. Taso nakamṭjat sepa bikipa okyp. O homem fez o pão ficar em cima da cadeira. O homem deixou o pão em cima da cadeira. Sepa naakat ṭjat bikipa okyp. O pão está em cima da cadeira.
ṭje'yn	<i>v. intrans.</i> Roncar. Pyryṭje'ynan taso ka'it. O homem roncou hoje. Pyrymṭje'ynan ṭonso taso. O homem fez a mulher roncar. Atykiri nāṭje'ynan taso. Então o homem ronca. Taso namṭje'ynat ṭonso. O homem fez a mulher roncar. Taso naakat ṭje'ynat. O homem roncou.

K - k

- kaj** *v. intrans.* Sonhar. **Ypyrykajan yn ĵonso hārāĵty.** Eu sonhei com uma mulher bonita. **Pyrymkajan ĵonso taso.** O homem fez a mulher sonhar. **Jonsoty nakakaj taso.** Com a mulher, o homem sonhou. **Nakakaj taso.** O homem sonhou. **Taso nakamkaj ĵonso.** O homem fez a mulher sonhar. **Yn naakat ikaj anty.** Eu sonhei com você.
- kapidy** *v. trans.* Perguntar, procurar. **Pykapidyryn taso ĵonso.** A mulher perguntou ao homem. **Pyrakapidyryn taso.** Perguntaram ao homem, foi perguntado ao homem. **Taso nakapidy ĵonso.** O homem perguntou à mulher. **Taso naakat iakapidy.** Perguntaram ao homem; foi perguntado ao homem.
- karana** *v. intrans.* Virar. **Pyrykaranan 'ep.** A árvore virou. **Pyrymkaranan 'ep taso.** O homem virou a árvore. **Nakakaranat 'ep.** A árvore virou. **Taso nakamkaranat 'ep.** O homem virou a árvore. O homem fez a árvore virar. **'Ep naakat ikaranat.** A árvore virou.
- ke'on** *v. intrans.* Esfriar. **Pyke'onyn ti'y.** A comida esfriou. **Pymke'onyn ti'y ĵonso.** A mulher esfriou a comida. **Pyramke'onyn ti'y.** Esfriaram a comida. **Nake'ont ti'y.** A comida esfriou. **Taso nakamke'ont ti'y.** O homem esfriou a comida. **Ti'y naakat ike'ont.** A comida esfriou.
- kerep** *v. intrans.* Crescer; criar; adotar. **Ypyrykerepyn yn.** Eu cresci. **Pyrymkerepyn ōwā taso.** O homem criou a criança. O homem adotou a criança. **Nakakerep ōwā.** A criança cresceu. **Nakakerep pat.** A arara cresceu. **Taso nakamkerep ōwā.** O homem criou a criança. **Pat naakat ikerep.** A arara cresceu.
- ki** *v. aux. pl.* Ser, estar, ficar. **Ypyrykidn yĵxa São Paulo pip.** Nós estamos em São Paulo. **Ajpyrykidn aĵxa São Paulo pip.** Vocês ficam em São Paulo. **Pyrykidn i São Paulo pip.** Eles ficaram em São Paulo.
- kim** *v. intrans.* **Atykiri nakakim gijosypo.** Então o milho torrou. **Taso nakamkim gijosypo.** O homem torrou o milho. **Gijosypo naakat ikimat.** O milho torrou; o milho está torrado. **Taso nakamkim typoong gijosypo ōwāty.** O homem fez a criança torrar o milho.
- kinda otidn** *v. intrans.* Adoecer. **Pyrykinda otidnan ōwā.** A criança adoeceu. **Ōwā namkinda otidnat ĵonso.** A criança fez a mulher adoecer. **Ōwā naakat ikinda otidnat.** A criança adoeceu.
- kirigng** *v. intrans.* Assustar (se). **Pyrykirigngan ōwā.** A criança se assustou. **Pyrymkirigngan ōwā taso.** O homem fez a criança se assustar. O homem assustou a criança. **Taso nakamkirigngat ōwā.** O homem fez a criança se assustar. O homem assustou a criança. **Taso naakat ikirigngat.** O homem se assustou.
- kikin** *v. intrans.* Gritar. **Pykikinyn ōwā.** A criança gritou. **Pykikinyn ōwā ta'ityyt.** A criança gritou com seu pai.. **Pymkikinyn ōwā taso.** O homem fez o menino gritar. **Atykiri nakakikinat ōwā.** Então a criança gritou. **Ōwā naakat ikikinat.** A criança gritou.
- ko** *v. trans.* Quebrar. **Ōwā nakakot kop.** O menino quebrou o copo. **Pyrakodn kop.** Quebraram o copo; o copo foi quebrado. **Pyrykodn kop taso.** O homem quebrou o copo. **Kop naakat iakot.** O copo foi quebrado; quebraram o copo.
- ko** *v. trans.* Quebrar. **Pyrykodn kop taso.** o homem quebrou o copo. **Pyrakodn kop.** O copo foi quebrado. **Ōwā nakakot kop.** A criança quebrou o copo. **Kop naakat iakot.** O copo foi quebrado.
- korō'op pasap** *v. intrans. suj. exp.* Ter saudade. **Ypykorō'op pasapan yn ĵonsoty.** Eu tenho saudade da mulher. **Taso naakat ikorō'op pasap.** O homem tem saudade. **Ypymkorō'op pasapan taso yn ĵonsoty.** O homem me fez ter saudade da mulher.
- kynō** *v. trans.* Fechar. **Pyrykynon ambi karamā taso.** O homem fechou a porta da casa. **Taso nakynōt ambi karamā.** O homem fechou a porta da casa. **Ambi karamā naakat iakynōt.** A porta da casa foi fechada; fecharam a porta da casa.

kyrot	<i>v. trans.</i> Responder. Pykyrotyn yhot taso. O homem respondeu para mim. Pyrakyrotyn taso. Responderam para o homem; foi respondido ao homem. Taso nakyrot jonso. O homem respondeu à mulher. Taso naakat iakyrot. Foi respondido ao homem; responderam ao homem.
kyrysira	<i>v. intrans.</i> Amarelar. Pyrykyrysiran kinda'o. A fruta amarelou. Gokyp namkyrysirat kinda'o. O sol amarelou a fruta. Kinda'o naakat ikyrysirat. A fruta amarelou.
kyydna	<i>v. intrans.</i> Derramar. Pyrykyydnan kytop. A chicha derramou. Pyrymkyydnan kytop taso. O homem derramou a chicha. Yn nakamkyydnat kytop. Eu derramei a chicha. Kytop naakat ikyydnat. A chicha derramou.
kārã	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Ter ciúme. Pyrykārãn ysooj anty. Minha esposa tem ciúme de mim. Pyrymkārãn ysooj jonso anty. A mulher fez minha esposa ter ciúme de mim.
kārã	<i>v. intrans.</i> Ter ciúme; estar com ciúme. Pyrykārãn ysooj anty. Minha esposa tem ciúme de você. Pyrymkārãn ysooj jonso anty. A mulher fez minha esposa ter ciúme de você. Pyramkārãn ysooj ynty. Fizera minha esposa ter ciúme de mim. Atykirĩ nakakārãt ysooj. Minha esposa tem ciúme. Ysooj naakat ikārãt. Minha esposa tem ciúme.

M - m

mana	<i>v. intrans.</i> Casar (sujeito feminino). Pyrymanan jonso. A mulher casou. Pymymanan jonso taso. O homem fez a mulher casar. Atykirĩ nakamanat jonso. Então a mulher casou. Jonso namynmanat ta'et. A mulher fez sua filha casar. Jonso naakat imanat. A mulher casou.
mĩ	<i>v. trans.</i> Bater (em alguém). Taso nakamĩt obakyby'edna. O homem bateu no cachorro. Ōwã nakamĩt typoong obakyby'edna tasoty. A criança fez o homem bater no cachorro. Obakyby'edna naakat iamĩt typoong tasoty. Fizera o homem bater no cachorro. Naamĩt typoong obakyby'edna tasoty. Fizera o homem bater no cachorro.
mōj	<i>v. intrans.</i> Anoitecer. Pyrymōjyn go. O dia anoiteceu. Pymymōjyn go Botyj. Botyj anoiteceu o dia. Botyj namymōj go. Botyj anoiteceu o dia. Go naakat imōj. O dia anoiteceu.
mōj tỹj	<i>v. intrans.</i> Entardecer. Pyrymōj tỹjan go. O dia entardeceu. Pymymōj tỹjan go Botyj. Botyj entardeceu o dia. Botyj namymōj tỹjat go. Botyj entardeceu o dia. Go naakat imōj tỹjat. O dia entardeceu.

N - n

nam	<i>v. intrans.</i> Feder. Pyrynamyn ese Tietê. O rio Tietê fede. Pymynamyn ese Tietê opok. O homem branco fez o rio Tietê feder. Nakanam ese Tietê. O rio Tietê fede. Opok namynam ese Tietê. O homem branco fez o rio Tietê feder. Ese Tietê naakat inam. O rio Tietê fede.
ndo	<i>v. intrans.</i> Ficar pronto. Pyryndodn ambi. A casa ficou pronta. Pymydodn ambi taso. O homem fez a casa ficar pronta. Pyrymydodn ambi. Fizera a casa ficar pronta. Atykirĩ nakandot ambi. Então a casa ficou pronta. Ambi naakat indot. A casa ficou pronta.
neng	<i>v. intrans.</i> Deitar (posição do corpo). Pyrynengan ōwã. A criança se deitou. Pyrymynengan ōwã taso. O homem deitou a criança. Taso namynengat ōwã. O homem deitou a criança. Ōwã naakat inengat. A criança se deitou.
nom'y	<i>v. intrans.</i> Mamar. Pyrynom'ydn ōwã. A criança mamou. Pymynom'ydn ōwã jonso. A mulher fez a criança mamar. Ōwã naakat inom'yt. A criança mamou.

- non** *v. intrans.* Entortar; contorcer. **Pyrynonyn 'ep.** A árvore entortou. **Pymynonyn 'ep taso.** O homem entortou a árvore. **Pyramynonyn 'ep.** Fizem a árvore entortar. **Atykiri nakanon 'ep.** Então a árvore entortou. **'Ep naakat inon.** A árvore entortou.
- nyryj** *v. intrans.* Acordar. **Ypyrynyryjan yn.** Eu acordei. **Yn nakamynryj taso.** Eu fiz o homem acordar. **Yn naakat inryjat.** Eu acordei. Eu estou acordado.

O - o

- ohit** *v. intrans.* Pescar. **Pyrohitin taso.** O homem pescou. **Ypyrohitin yn pojpokoty.** Eu pesquei uma jatuarana. **Ypymbohitin taso pojpokoty.** O homem me fez pescar uma jatuarana. **Taso nambohit Jonso.** O homem fez a mulher pescar. **Taso naakat iohit.** O homem pescou.
- ohok** *v. trans.* Descascar. **Pyrohokyn asyryty taso.** O homem descascou a banana. **Pikom naohokat asyryty.** O macaco descascou a banana. **Asyryty naakat iaohokat.** A banana foi descascada; descascaram a banana.
- oigng** *v. bitrans.* Presentear. **Ypyroigngan owā boetety.** A criança me presenteou com um colar. **Taso naoigngat owā boetety.** O homem presenteou a criança com colar. **Taso naakat iaigngat boetety.** O homem foi presenteado com um colar.
- okop** *v. trans.* Quebrar. **Ōwā naokop ot'ep.** A criança quebrou o arco. **Taso naokop typoong ot'ep owāty.** O homem fez a criança quebrar o arco.
- okop** *v. trans.* Quebrar. **Pyrokopyn bypan taso.** O homem quebrou a flecha. **Pyraokopyn bypan.** A flecha foi quebrada. Quebraram a flecha. **Taso naokop bypan.** O homem quebrou a flecha. **Bypan naakat iaokop.** A flecha foi quebrada.
- oky** *v. trans.* Matar. **Pyrokydn boroja taso.** O homem matou a cobra. **Naaokyt boroja.** Mataram a cobra; a cobra foi morta. **Taso naakat iaokyt.** Mataram o homem; o homem foi morto. **Yn naokyt ombaky.** Eu matei a onça.
- oky** *v. intrans.* Machucar-se. **Pyrokydn taso.** O homem se machucou. **Taso naakat iokyt.** O homem se machucou. **Pymbokyd n owā taso.** O homem fez a criança se machucar. **Naambokyt taso.** Fizem o homem se machucar.
- oky** *v. intrans.* Suicidar (-se). **Ypytaoky daki yn.** Eu vou me suicidar. **Tapyrokydn taso.** O homem se suicidou.
- oky** *v. trans.* Apagar (matar o fogo). **Pyrokydn iiso taso.** O homem apagou o fogo. **Pyraokyd n iiso.** Apagaram o fogo; o fogo foi apagado. **Taso naokyt iiso.** O homem apagou o fogo. **Iiso naakat iaokyt.** Apagaram o fogo; o fogo foi apagado.
- ongowot** *v. intrans.* Entristeecer; ficar triste. **Pyrongowoty n owā.** A criança entristeceu. **Koro'opasap namongowot owā.** A saudade entristeceu a criança. **Taso namongowot owā.** O homem entristeceu a criança. **Taso naakat iongowot.** O homem entristeceu.
- opi'owop** *v. intrans.* Ensurdecer; Ficar surdo. **Pyropi'owopyn taso.** O homem ensurdeceu. **Bypan aky nambopi'owop taso.** O barulho do tiro ensurdeceu o homem. **Taso naakat iopi'owop.** O homem ensurdeceu; o homem ficou surdo.
- opihok** *v. intrans. suj. exp.* Escutar. **Pyropihokad n hýryjaty owā.** A criança escutou (d)a música. **Pyropihokad n tasoty owā.** A criança escutou do homem. **owā naakat iopihokat hýryjaty.** A criança escutou (d)a música. **Pymbopihokad n owā taso hýryjaty.** O homem fez a criança escutar (d)a música.

opipydna	<i>v. intrans.</i> Ter fome. Pyropipydnan taso. O homem tem fome. O homem está com fome. Pyrymbopipydnaan ōwā jonso. A mulher fez a criança ter fome. Atykiri naopipydnat ōwā. Então a criança tem fome. Ōwā naakat iopipydnat. A criança tem fome.
opiso	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Ouvir. Pyropisodn taso ombaky hyrpyty. O homem ouviu o barulho da onça. Taso naakat iopisot ombaky hyrpyty. O homem ouviu o barulho da onça.
opyj	<i>v. trans.</i> Deixar, abandonar. Ypyropyjyn yti. Minha mãe me deixou. Pyraopyjyn ōwā. Deixaram a criança. Yn naakat iaopyj. Eu fui deixado; eu fui abandonado; me abandonaram.
osoposiika	<i>v. trans.</i> Pentear. Pyrosoposiikan ōwā taso. O homem penteou a criança. Pyraosoposiikan taso. Pentearam o homem. O homem foi penteado. Taso naosoposiikat ōwā. O homem penteou a criança. Taso naakat iaosoposiikat. Pentearam o homem.
ot	<i>v. trans.</i> Pegar (singular, ver: pii). Taso nakaot syryhoty. O homem pegou o tucunaré. Pyraotyn ip. Pegaram o peixe. Pyryotyn ip taso. O homem pegou o peixe. Ip naakat iaot. Pegaram o peixe; o peixe foi pego. Naaot ip. Pegaram o peixe.
otam	<i>v. intrans.</i> Chegar. Pyrotamyn siit harat taso taabip. O homem chegou rapidamente em sua casa. Pyrymbotamyn João taso. O homem fez João chegar. Atykiri naotam João. Então o João chegou. João naakaj iotam. João vai chegar.
otet	<i>v. trans.</i> Cozinhar (alimentos com caldos). Jonso naotet gok. A mulher cozinhou a macaxeira. Pyryotetyn ip taso. O homem cozinhou o peixe. yn naotet ti'y. Eu cozinhei a comida. Ip naakat iaotet. Cozinham o peixe.
otidn	<i>v. intrans.</i> Doer. Pyrotidnan yasykyp. A ferida de flecha doeu. Taso nambotidnat yasykyp. O homem fez a ferida de flecha doer. Yasykyp naakat iotidnat. A ferida de flecha doeu.
otidn	<i>v. intrans.</i> Arder; queimar. Pyrotidnan soj A pimenta ardeu; a pimenta queimou. Soj naakat iotidnat. A pimenta ardeu.
otigng	<i>v. trans.</i> Arder. Soj naotigng ti'y. A pimenta ardeu a comida. Pyraotigng soj. A pimenta está ardida. Soj naakat iaotigngat. A pimenta está ardendo.
owi	<i>v. intrans.</i> Morrer (plural). Pyrowidn I. Eles morreram. Ajpyrowidn ajxa. Vocês morreram. Atykiri naowit taso. Então os homens morreram. Taso naakat iowit. Os homens morreram.
ōgon	<i>v. intrans.</i> Engrossar. Pyrōgonyn mingau. O mingau engrossou. Mingau naakat iōgon O mingau está grosso.
ōgon ōgon	<i>v. intrans. (reduplicado).</i> Engrossar (mais de uma vez, de novo ou muito). Jonso naōgon ōgonat mingau. A mulher engrossou (muito, de novo) o mingau. Mingau naakat iōgon ōgonat. O mingau engrossou muito. Jonso namōgon ōgonat mingau. A mulher engrossou muito o mingau.

P - p

pa'ira	<i>v. intrans.</i> Brigar; ter raiva. Pypa'iradn ōwā. A criança brigou. A criança está com raiva. Pypma'iradn ōwā taso. O homem fez a criança brigar. O homem fez a criança ter raiva. Taso nampa'irat ōwā. O homem fez a criança brigar. Ōwā naakat ipa'rat. A criança brigou.
paket	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Ter nojo. Pypaketyn jonso gyyryjty. A mulher tem nojo de minhoca. Jonso naakat ipaket. A mulher tem nojo. Pympaketyn jonso taso gyyryjty. O homem fez a mulher ter nojo de minhoca.

pakōrong	<i>v. intrans.</i> Endurecer. Pypakōrongyn ekese'se. A cola endureceu. Pympakōrongyn yekese'se ykeet. Meu irmão fez a minha cola endurecer. Atykiri napakōrong yekese'se. Então a minha cola endureceu. Ykeet nampakōrong yekese'se. Meu irmão fez minha cola endurecer. Yekese'se naakat ipakōrong. A minha cola endureceu.
pasat	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Ter sentimento de amor por alguém. Pypasadnan taso tasoojoty. O homem ama a sua esposa. Taso naakat ipasadnat tasoojoty. O homem ama a sua esposa. Taso nampasadnat tasooj ōwāty. O homem fez a sua esposa amar a criança.
pesek	<i>v. trans.</i> Apertar. Yypesekadn ōwā. A criança me apertou. Yn napesekat ōwā. Eu apertei a criança. Taso naakat iapesekat. Apertaram o homem; o homem foi apertado.
pi	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Temer, ter medo. Pyrypidn ōwā tasoty. A criança teme o homem. Ōwā nakapit tasoty. A criança tem medo do homem. Pyrympidn ōwā taso. O homem fez a criança temer.
pīi	<i>v. trans.</i> Pegar (plural, ver: ot). Pyrypiidn ip taso. O homem pegou peixes. Taso nakapiit iri'ō. Iri'ō naakat iapiit. Pegaram muitos açafís.
pikowognga	<i>v. intrans.</i> Deslisar. Pypikowogngan taso. O homem deslisou. Pympikowogngan ōwā taso. O homem deslisou a criança. Napikowogngat ōwā. A criança deslisou. Taso naakat ipikowogngat. O homem deslisou.
pinit	<i>v. trans.</i> Beliscar com a unha. Jonso napinirit taman. A mulher beliscou seu marido. Jonso naakat iapinirat. A mulher foi beliscada; beliscaram a mulher.
pipogon	<i>v. intrans.</i> Clarear. Pypipogonan pampi. O céu clareou. Gokyp nampipogonat pampi. O sol clareou o céu. Pampi naakat ipipogonat. O céu clareou.
pipop	<i>v. intrans.</i> Queimar. Pypipopyn song. A lenha queimou. Iiso nampipop song. O fogo queimou a lenha. Song naakat ipipop. A lenha queimou.
pipāram	<i>v. trans.</i> Costurar. Pypipāraman ypykyp ysooj. Minha esposa costurou minha roupa. Pyrapipāraman ypykyp. Minha roupa foi costurada; Costuraram minha roupa. Ypykyp naakat iapipāramat. Minha roupa foi costurada.
pitik	<i>v. trans.</i> Esvaziar. Taso napitik ombi pi'yp. O homem esvaziou as coisas do cesto. Pyrapitikyn ombi pi'yp. As coisas do cesto foram esvaziadas.
pitik	<i>v. trans.</i> Esvaziar; tirar. Pyrapitikyn ombi pi'yp. Esvaziaram o cesto. Tiraram as coisas do cesto. Taso napitik ombi pi'yp. O homem esvaziou o cesto. O homem tirou as coisas do cesto. Ombi pi'yp naakat iapitik. Tiraram as coisas do cesto.
pok	<i>v. intrans.</i> Secar. Pyrypokyn pykyp. A roupa secou. Gokyp nakampok pykyp. O sol secou a roupa. Pykyp naakat ipok. A roupa secou.
poom	<i>v. intrans.</i> Brincar. Pyrypooman ōwā. A criança brincou. Pyrympooman ōwā taso. O homem fez a criança brincar. Taso nakampoomat ōwā. O homem fez a criança brincar. Ōwā naakat ipoomat. A criança brincou.
pop	<i>v. intrans. (irreg.).</i> Apagar (o fogo). Pyrypopyn iiso. O fogo apagou. Taso nakampop iiso. O homem apagou o fogo. Iiso naakat ipop. O fogo apagou.
pop	<i>v. intrans.</i> Morrer. Pyrypopyn taso. O homem morreu. Atykiri nakapop taso. Então o homem morreu. Taso naakat ipop. O homem morreu; o homem está morto.
pot	<i>v. intrans.</i> Quebrar (um objeto em dois pedaços). Pyrypotyn bypan. A flecha quebrou (em 2 pedaços). Nakapot bypan. A flecha quebrou. Bypan naakat ipot. A flecha quebrou.

py'ej	<i>v. intrans.</i> Estudar; ler; escrever. Pypy'ejyn ōwā. A criança estudou. Pypy'ejyn ōwā Karitiana hadnaty. A criança estudou a língua Karitiana. A criança escreveu na língua Karitiana. Ōwā napy'ejan Karitiana hadanaty. A criança estudou a língua Karitiana. Ōwā naakat ipy'ejat matematicaty. A criança estudou matemática.
py'ŷwyt'it	<i>v. intrans.</i> Desmaiar. Ppy'ŷwyt'ityn ŷonso. A mulher desmaiou. Pypmy'ŷwyt'ityn ŷonso obaky. A onça fez a mulher desmaiar. Atykiri napy'ŷwyt'it ŷonso. Então a mulher desmaiou. Jonso naakat ipy'ŷwyt'it. A mulher desmaiou.
pyhīriwa	<i>v. intrans.</i> Apontar. Ppyhīriwan taso bypanty. O homem apontou a flecha. Pypmyhīriwan ōwā bypanty taso. O homem fez a criança apontar a flecha. Taso nampyhīriwat ōwā bypanty. O homem fez a criança apontar a flecha. Taso naakat ipyhīriwat. O homem apontou a flecha.
pyke	<i>v. intrans.</i> Buscar. João napyket songty. João buscou lenha. João naakat ipyket bypanty. João buscou a flecha. Pyrampyket songty João. Fizeram o João buscar lenha.
pyki	<i>v. intrans.</i> Buscar. Ppykidn songty taso. O homem buscou lenha. pypmykidn gokoty ōwā taso. O homem fez a criança buscar a macaxeira.
pymyn	<i>v. intrans.</i> Ficar ocupado; estar ocupado. Pypmynyn taso. O homem está ocupado. Pypmynyn taso ŷonso. A mulher fez o homem ficar ocupado. Atykiri napmynat taso. Então o homem ficou ocupado. Taso naakat ipmynat. O homem está ocupado.
pynbō	<i>v. intrans. loc.</i> Pôr; colocar; deixar; largar. Pypynbodn bypanty taso ohynt. O homem pôs a flecha em cima. O homem colocou/deixou/largou a flecha em cima. Taso ytampynbot bypanty ohynt. O homem me fez pôr a flecha em cima.
pyndak	<i>v. intrans.</i> Pilar. Ypypyndakyn gijoty. Eu pilei o milho. Pypmyndakyn ŷonso taso. O homem fez a mulher pilar. Napyndak taso. O homem pilou. Taso nampyndak ŷonso. O homem fez a mulher pilar. Jonso naakat ipyndak. A mulher pilou.
pyotagng	<i>v. trans.</i> Ypypyotagngyn ōwā. O menino me ajudou. Taso ytapyotagngat yn. O homem me ajudou. Jonso naakat iapyotagngat. A mulher foi ajudada; ajudaram a mulher. Naapyotagngat ōwā. A criança foi ajudada; ajudaram a criança.
pypyyt	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Ter habilidade, saber. Pypypydnan matematicaty Claudio. Cláudio sabe matemática. Claudio naakat ipypyyt matematicaty. Cláudio sabe matemática. Cláudio nampypyyt ōwā matematicaty. Cláudio fez a criança saber matemática; Cláudio ensinou matemática para a criança.
pypã	<i>v. trans.</i> Tecer. Pypypan erymby ŷonso. A mulher teceu a rede. Taso napypāt sepa. O homem teceu o pano. Sepa naakat iapypāt. O pano foi tecido; teceram o pano.
pyso	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Pegar com a mão, tocar com a mão, sentir com a mão, tatear. Pypysodn ipyty taso. O homem tocou no peixe. Taso nampysot ōwā bypanty. O homem fez a criança tocar na flecha, sentir a flecha com a mão.
pyt'y	<i>v. intrans.</i> Comer. Ppyty'dn taso. O homem comeu. Ypymy'ty'dn taso. O homem me fez comer. Taso nampyt'yt ōwā. O homem fez a criança comer. Taso naakat ipyt'yt. O homem comeu.
pytim okoki	<i>v. intrans.</i> Enjoar. Ppytim okokidn taamanty ŷonso. A mulher enjoou do seu marido. Pyrapytim okokidn ŷonso tasoty. Fizeram a mulher enjoar do homem. Yti nampytim okokit ysooj ynty. Minha mãe fez a minha mulher enjoar de mim. Ysooj naakat ipyting okokit ynty. Minha esposa enjoou de mim.
pyting	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Querer. Ppytyngyn ŷonso opity. A mulher quer brinco. Taso naakat ipyting ŷonso hārājty. O homem quer uma mulher bonita. Jonso nampyting opity taso. A mulher fez o homem querer brinco.

pyyk	<i>v. intrans.</i> Acabar. Pyrypykydn pytim adna. O trabalho acabou. Pyrympyydn pytim adna taso. O homem fez o trabalho acabar. Café naakat ipyyk. O café acabou. Atykiri nakapyyk pytim adna. Então o trabalho acabou.
potpora	<i>v. intrans.</i> Ferver. Pypotporadna ese. A água ferveu. Pympotporadn ese taso. O homem ferveu a água. O homem fez a água ferver. Taso nampotporat ese. O homem ferveu a água. O homem fez a água ferver. Ese naakat ipotporat A água ferveu.
pakybma	<i>v. intrans.</i> Suar. Yypakybman yn. Eu suei. Pympakybman taso gokyp. O sol fez o homem suar. O sol suou o homem. Taso nampakybmat jonso. O homem suou a mulher. Napakybmat taso. O homem suou. Taso naakat ipakybmat. O homem suou.
pon	<i>v. intrans.</i> Atirar; caçar. Pyryponyn taso. O homem atirou. O homem caçou. Pyryponyn pikom kýt taso. O homem atirou no macaco. Pyrymponyn taso jonso pikom kýt. A mulher fez o homem atirar no macaco. Atykiri nakapont taso pikom kýt. Então o homem atirou no macaco. Taso nakapont owā pikom kýt. O homem fez acriança atirar no macaco. Taso naakat ipont pikom kýt. O homem atirou no macaco.

S - s

sara'idna	<i>v. intrans.</i> Cansar. Ypyrsara'idnan yn ypytim'adna sogng. Eu me cansei por causa do meu trabalho. Pyrymsara'idnan taso pytim'adna. O trabalho cansou o homem. Pyrymsara'idnan taso jonso. A mulher cansou o homem. Taso namsara'idnat jonso. O homem cansou a mulher. Yn naakat isara'idnat. Eu (me) cansei.
se'adna	<i>v. intrans.</i> Ser bonito; ser bonito; ser bom. Pyryse'adnan jonso. A mulher é bonita. A mulher ficou bonita. A mulher é boa. Pyrymse'adnan owā Botj. Botj fez a criança ser bonita. Botj fez a criança ser boa. Atykiri nase'adnat owā. Então a criança é boa. A criança é bonita. Owā naakat ise'adnat. A criança é bonita.
se'ak	<i>v. intrans.</i> Ter sede; estar com sede. Pyryse'akyn taso. O homem tem sede. O homem está com sede. Pymse'akyn taso pakyp. O calor fez o homem ter sede. Atykiri nase'ak taso. Então o homem tem sede. Taso naakat ise'ak. O homem está com sede.
se'y	<i>v. intrans.</i> Beber. Ypyryse'ydn yn kytopoty. Eu bebi chicha. Pyrymse'ydn taso jonso. A mulher fez o homem beber. Nase'yt taso. O homem bebeu. Taso namse'yt jonso. O homem fez a mulher beber. Jonso naakat ise'yt. A mulher bebeu.
seka	<i>v. trans.</i> Espremer. Pyrysekadn kinda'ó taso. O homem espremeu a fruta. Taso nakasekat kinda'ó. O homem espremeu a fruta. Kinda'ó naakat iasekat. Espremeram a fruta; a fruta foi espremida.
seng	<i>v. intrans.</i> Ficar de cócora. Pyrysensyn jonso. A mulher está de cócora. Pyrymsensyn jonso taso. O homem fez a mulher ficar de cócora. Atykiri nakaseng jonso. Então a mulher ficou de cócora. Jonso naakat iseng. A mulher está de cócora.
signga	<i>v. intrans.</i> Vencer. Pyrysigngan taso. O homem venceu. Ypyrysigngan tasoty. Eu venci o homem. Pyrymsigngan owā taso. O homem fez a criança vencer. Atykiri nakasigngat taso. Então o homem venceu. Taso naakat isigngat. O homem venceu.
siika	<i>v. trans.</i> Pentear. Pyrysiikan taosop owā. A criança penteou seu cabelo. Pyrysiikan osop. Pentearam o cabelo. Owā nakasiikat taosop. A criança penteou seu cabelo. Owā naakat iasiikat. A criança foi penteada.

sikirip	<i>v. intrans.</i> Enlouquecer. Ypypysikiripyn yn. Eu enlouqueci. Pyrymsikiripyn jonso taso. O homem enlouqueceu a mulher. Atykiri nakasikirip taso. Então o homem enlouqueceu. Taso nakamsikirip jonso. O homem fez a mulher enlouquecer. O homem enlouqueceu a mulher. Taso naakat isikirip. O homem enlouqueceu.
so	<i>v. intrans.</i> Ficar. Pyrysodn taso akan pip. O homem ficou na aldeia. Pyrysodn yambi akan pip. Minha casa fica na aldeia. Pyrymsodn owā akan pip taso. O homem fez a criança ficar na aldeia. Atykiri nakasot owā. Então a criança ficou. Ōwā naakat isot. A criança ficou.
so'oot	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Ver. Pyso'ootyn owā pikomty. A criança viu o macaco. Ōwā naakat iso'oot pikomty. A criança viu o macaco. João namso'oot owā pikomty. João fez a criança ver o macaco; João mostrou o macaco para a criança.
so'oot hārāj	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Gostar, amar (lit.: ver bem). pyso'oot hārājyn owā asyryty. A criança gosta de banana. Yn naakat iso'oot hārāj akanty. Eu gostei da aldeia. Taso namso'oot hārāj owā hŷnŷjaty. O homem fez a criança gostar de (amar) música.
so'oot sara'it	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Odiar (lit.: ver mal). Pyso'oot sara'ityn borojaty taso. O homem odeia (não gosta de) cobra. Naso'oot sara'ityn taso mejehyngty. O homem odeia rato. Taso naakat iso'oot sara'it. O homem odeia. Pymso'oot sara'ityn owā taso borojaty. O homem fez a criança odiar a cobra.
sokoĩ	<i>v. trans.</i> Apertar o nó, amarrar. Apyrysoko'in an owā. A criança te amarrou. Taso nasoko'it owā. O homem amarrou a criança. Taso naakat iasoko'it. O homem foi amarrado.
som	<i>v. intrans.</i> Avermelhar, torna-se vermelho. Pyrysomyn gokyp. O sol avermelhou. Taso nakamsom pykyp. O homem avermelhou a roupa.
som	<i>v. intrans.</i> Amadurecer. Pyrysom kinda'o. A fruta amadureceu. Asyryty naakat isom. A banana amadureceu.
sondyp	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Saber. Pysondypyn pikomty i. Ele sabe do macaco. Atykiri nasondyp taso. Então o homem sabe. Taso naakat isondyp pikomty. O homem sabe do macaco.
sooxa	<i>v. trans.</i> Casar. Pyrysooxan takeet João. O João casou o irmão dele. Pyrasooxan taso jonsoty. Fizeram o homem casar com a mulher. Taso naakat iasooxat. fizeram o homem casar.
syk	<i>v. intrans.</i> Azedar. Pyrysykyn kytop. A chicha azedou. Jonso nakamsyk kytop. A mulher fez a chicha azedar. Kytop naakat isyk. A chicha azedou.
syypowop	<i>v. intrans.</i> Cegar; ficar cego. Pysyypowopyn owā. A criança ficou cega; a criança cegou. Pymyypowopyn owā taso. O homem cegou a criança. Ōwā naakat isyypowop. A criança está cega; a criança ficou cega.
sembok	<i>v. intrans.</i> Molhar. Pysembokyn ypykyp. Minha roupa molhou. Pymsembokyn ypykyp owā. A criança molhou minha roupa. Pyramsembokyn ypykyp. Molharam a minha roupa. Atykiri nasembok ypykyp. Então minha roupa molhou. Ypykyp naakat isembok. Minha roupa molhou.
sooĵ	<i>v. intrans.</i> Casar (sujeito masculino). Pyrysooĵan taso ypant'inty. O homem casou com minha irmã. Atykiri nakasoĵ taso. Então o homem casou. Taso naakat isoĵ. O homem casou.

T - t

tak	<i>v. trans.</i> Pyrytakyn gijo taso. O homem pilou o milho. Taso nakatak gijo. O homem pilou o milho. Gijo naakat iatak. O milho foi pilado; pilaram o milho.
taktagnng	<i>v. intrans.</i> Nadar. Pyrytaktagnngyn owā sepip. A criança nadou no rio. Taso namtaktagnngat owā sepip. O homem fez a criança nadar no rio. Ōwā naakattagnng. A criança nadou.

tam	<i>v. intrans.</i> Voar. Pyrytamyn akryy. O urubú voou. Pyrymtamyn akryy ōwā. A criança fez o urubú voar. Nakatam akryy. O urubú voou. Taso nakamtam akryy. O homem fez o urubú voar. Akryy naakat itam. O urubú voou.
terekteregng	<i>v. intrans.</i> Dançar. Pyterekteregngan taso. O homem dançou. Taso namterekteregngat'jonso. O homem fez a mulher dançar. Taso naakat iterekerengngat. O homem dançou.
timtim	<i>v. intrans.</i> Tossir. Pyrytimtiman'jonso. A mulher tossiu. Jonso namtimtimat ōwā. A mulher fez a criança tossir. Jonso naakat itimtimat. A mulher tossiu.
tirira	<i>v. intrans. suj. exp.</i> Tremar de frio, tremar de febre, tremar de medo. Ōwā naakat itirirat tasoty. A criança tremeu de medo do homem.
top	<i>v. trans.</i> Soltar (soltar um animal de criação). Pyrytopyn myndo taso. O homem soltou a cotia. Myndo naakat iatop. A cotia foi solta; soltaram a cotia.
tarak	<i>v. intrans.</i> Andar. Pyrytarakan taso. O homem andou. ypyrymtarakan taso. O homem me fez andar. Taso nakamtarakat ōwā. O homem fez a criança andar. Taso naakat itarakat. O homem andou.
tinga	<i>v. trans.</i> Bater timbó. Yn nakatingat ese. Eu bati timbó na água. Ese naakat iatingat. Bateram timbó na água.
tat	<i>v. intrans.</i> Ir; ir embora. Pyrytatyn taso. O homem foi. O homem foi embora. Pyrymtatyn ōwā taso. O homem mandou a criança ir. O homem fez a criança ir embora. Nakatat taso. O homem foi. O homem foi embora. Taso nakamtat ōwā. O homem mandou a criança ir (embora). Taso naakat itat. O homem foi (embora).
tepyk	<i>v. intrans.</i> Mergulhar. Pytepykyn taso. O homem mergulhou. Pymtepykyn ōwā taso. O homem fez a criança mergulhar. Natepyk taso. O homem mergulhou. Taso namtepyk ōwā. O homem fez a criança mergulhar. Ōwā naakat itepyk. A criança mergulhou.
tej	<i>v. intrans.</i> Puxar; esticar. Pyrytejan taso ot'epety. O homem esticou o arco. Pyrymtejan ōwā bypanty taso. O homem fez a criança esticar a flecha. Atykiri nakatejat taso bypanty. Então o homem esticou a flecha.

Y - y

yjyt	<i>v. intrans.</i> Amassar.
yryt	<i>v. intrans.</i> Vir, chegar. Pyryrytyn João. João veio. Nayryt João ta'an. O João veio, eu vim. Naambyryt ōwā. Fizeram a criança vir.
yt	<i>v. trans.</i> Cavar. Pyryytyn emā taso. O homem cavou um buraco. Taso nakayt emā. O homem cavou o buraco. Emā naakat iayt. O buraco foi cavado; cavaram o buraco.
yt	<i>v. intrans.</i> Nascer. Pyry'ytyn ōwā. A criança nasceu. Nakayt ōwā. A criança nasceu. Jonso sota namby'yt ōwā. A parteira fez a criança nascer. Ōwā naakat iyt. A criança nasceu.

!

'a	<i>v. irreg.</i> Fazer. Pyryby'adn'jonso café. A mulher fez o café. Jonso namby'at café. A mulher fez café. Café naakat iamby'at. Fizeram o café.
'adja	<i>v. impessoal e existencial.</i> Ter, haver. Pyry'adjan taso ambi. O homem tem casa. Existe a casa do homem. Atykiri naka'adjat ambi. Então há casa. Então tem casa. Ambi naakat i'adjat. Há casa. Tem casa. Taso naakat i'adjat. Há homens.

- 'edna** *v. intrans.* Engravidar. **Pyry'ednan ʒonso.** A mulher engravidou. **Pyrym'ednan ʒonso Botyĵ.** Botyĵ fez a mulher engravidar. **Pyram'ednan ʒonso.** Fizeram a mulher engravidar. **Atykiri naka'ednat ʒonso.** Então a mulher engravidou. **Jonso naakat i'ednat.** A mulher engravidou.
- 'obm** *v. trans.* Furar. **Taso naka'obmat 'ep.** O homem furou a árvore. **Pyry'obman 'ep taso.** O homem furou a árvore.
- 'obm** *v. intrans.* Furar. **'Ep naakat i'obmat.** A árvore está furada. **Atykiri naka'obmat 'ep.** Então a árvore furou.
- 'ok** *v. intrans.* Incomodar. **pyrym'okyn taso televisão hok.** O barulho da televisão incomodou o homem. **Pyram'okyn taso televisão hokoty.** Incomodaram o homem com o barulho da televisão. **Yn nakam'ok yti televisão hokoty.** Eu incomodei minha mãe com o barulho da televisão. **Yti naakat i'ok televisão hokoty.** Minha mãe se incomoda com o barulho da televisão.
- 'ok** *v. intrans.* Ter preguiça. **Ypyry'okyn yn.** Eu tenho preguiça. **Pyrym'okyn ōwā taso.** O homem fez a criança ter preguiça. **Atykiri naka'ok ōwā.** Então a criança está com preguiça. **Ōwā naakat i'ok.** A criança está com preguiça.
- 'y** *v. trans.* Comer. **Taso naka'yt ti'y.** O homem comeu a comida. **pyry'ydn taso ti'y.** O homem comeu a comida. **gok naakat ia'yt.** Comeram a macaxeira; a macaxeira foi comida.
- 'y** *v. trans. irreg.* Gastar. **Pyrym'ydn ahoja taso.** O homem gastou o arroz. **Taso nakam'yt dinheiro.** O homem gastou o dinheiro.
- 'ynwyn** *v. intrans.* Desaparecer. **Pyry'ywynyn yhot yakinda.** As minhas coisas desapareceram. **Pyrym'ywynyn yhot yakinda taso.** O homem fez as minhas coisas desaparecerem. **Atykiri naka'ywynat yhot yakinda.** Então as minhas coisas desapareceram. **Taso nakam'ywynat yhot yakinda.** O homem fez minhas coisas desaparecerem. **Yhot yakinda naakat i'ywyn.** As minhas coisas desapareceram.